

3. A *terra sigillata* da Alcáçova de Santarém

3.1. Metodologia

3.1.1. Composição da amostra

A *terra sigillata* que se estuda no presente trabalho diz respeito à totalidade dos fragmentos provenientes das intervenções arqueológicas que tiveram lugar na Alcáçova de Santarém até 1999. A este conjunto, juntou-se cerca de 90% da *terra sigillata* com origem na área recentemente escavada (1999-2000), que corresponde ao sector 1 A, B e C situado no horto do Jardim das Portas do Sol. A necessidade do estudo da totalidade do conjunto deve-se ao facto de este tipo de material permitir, quando conjugado com os dados das outras cerâmicas, datar as unidades estratigráficas do período romano imperial, detectadas na Alcáçova. A selecção de apenas determinadas unidades estratigráficas foi, por isso, colocada de lado. Considerou-se que, de um modo geral, a *terra sigillata* recolhida até ao momento constituía uma boa amostragem da existente na cidade *Scallabitana*. É certo que a área escavada é ainda bastante reduzida, mas o que se constatou é que, em termos percentuais, as diferentes campanhas de escavação mostram sempre uma distribuição da *sigillata*, bastante idêntica pelos diferentes fabricos. Este dado é relevante, pois interessava poder comparar a informação obtida em Santarém com a de outros sítios, onde se tivessem estudado conjuntos importantes desta cerâmica, nomeadamente com Conímbriga e Belo.

Do conjunto da *terra sigillata*, fazem parte 3506 fragmentos correspondentes a 803 indivíduos que se puderam classificar de acordo com as tipologias existentes. O elevado grau de fragmentação deve-se ao facto de se tratar de um local de *habitat*, com condições de ocupação continuada desde a época romana até à actualidade.

Este trabalho incide, em particular, sobre os fragmentos que permitiram identificação morfológica. No entanto não descuro a classificação dos fragmentos sem forma, essencial para o estabelecimento de cronologias dos diferentes níveis arqueológicos romanos da Alcáçova.

3.1.2. Critérios de quantificação

Existem diversos métodos que têm sido adoptados para a quantificação das cerâmicas. A contagem dos fragmentos é importante para possibilitar não só a comparação das cerâmicas provenientes de diferentes Unidades Estratigráficas no seio de um determinado sítio arqueológico, mas, sobretudo, para poder comparar-se os dados com os de outros sítios. Os trabalhos mais recentes sobre *terra sigillata* que se debruçaram sobre conjuntos apreciáveis adoptaram diversos critérios. Em Belo, por exemplo, foram contabilizados apenas os fragmentos que permitiam integração nas tipologias (Bourgeois e Mayet, 1991), enquanto em Represas foram quantificados quer fragmentos de bordo de forma identificável, quer inúmeros fragmentos de pança indeterminados, como se verifica pela leitura do inventário (Lopes, 1994). Em S. Cucufate foram contabilizados apenas os bordos das peças que permitiam a identificação da forma (Alarcão, Étienne e Mayet, 1990). Para Monte Mozinho, optou-se igualmente pela contagem das peças cuja forma foi reconhecida de

modo a poder comparar-se os resultados com outros sítios e foram utilizados ainda outros factores, como a contagem do número de fragmentos quando se tornou necessário proceder à comparação dos diferentes sectores do povoado (Carvalho, 1998).

Não existe um sistema de quantificação unanimemente aceite para a contagem da cerâmica e da *sigillata*, em particular. Os métodos de quantificação são variados: contagem do número mínimo de indivíduos (NMI), número máximo de indivíduos (nmi), pesagem e contagem dos fragmentos, e o E.V.E. (*Estimated Equivalent Vessel*) (Raux, 1998, p. 13 e 14). Se para o caso de conjuntos anfóricos existem trabalhos que confrontam as diferentes hipóteses de quantificação, para justificarem a opção por um determinado método, tal não parece ter sucedido, ainda, relativamente à *sigillata*. Recentemente, na Mesa Redonda que teve lugar em 1998 em Mont Beuvray, diversos investigadores aí reunidos procuraram chegar a acordo acerca, não só do método de quantificação a aplicar em futuros trabalhos, mas também da forma de apresentar a documentação obtida.

Neste estudo, no que se refere à quantificação, seguiu-se o critério do Número Mínimo de Indivíduos (abreviado como NMI), tal como é apresentado por Arcelin e Tuffreau-Libre (Protocole Beuvray 1998). Numa primeira fase, dividiram-se as cerâmicas de acordo com o seu fabrico/origem. De seguida, identificaram-se todas as peças susceptíveis de permitir classificação tipológica, pois foram estas as seleccionadas para estudo mais detalhado. Os fragmentos que permitiam colagem foram considerados apenas como um indivíduo bem como os que, mesmo não possibilitando colagem, pertenciam seguramente à mesma peça.

Dentro de cada tipo, o NMI obteve-se pela contagem do elemento identificador da forma que surge com maior frequência. A forma Drag. 27, por exemplo, pode identificar-se quer pelo perfil do bordo quer pela parede com duplo semicírculo. Nestes casos, perante cinco bordos diferentes e sete fragmento da parede, foram contabilizados sete indivíduos. Esses bordos foram ou totalmente excluídos ou, se pertenciam a uma Unidade Estratigráfica diferente, foram também contabilizados. No caso das cerâmicas decoradas contabilizaram-se os bordos das formas decoradas e os fragmentos indeterminados que tinham decoração.

Este método permite reduzir a “inflação” exagerada no número de peças, cuja classificação é possível através de dois elementos identificadores, como é o caso das formas Drag. 27, Drag. 15/17 e Drag. 24/25, entre outras.

Como já se referiu, este método não foi criado propositadamente para a *sigillata*, que, por constituir um tipo de cerâmica com um repertório formal bem conhecido e standardizado, coloca outras questões. Efectivamente, perdeu-se alguma informação que não “encaixa” neste sistema como, por exemplo, um conjunto relativamente importante de peças de *sigillata* de tipo itálico que podiam pertencer quer à forma Consp. 18 quer à 20 ou à Consp. 22 e 23.

Também na apresentação final dos dados se seguiu o espírito do Protocolo de Beuvray 1998, pois nas tabelas finais apresenta-se a totalidade da informação recolhida, em dados brutos e percentagens, quer do NMI quer do número de fragmentos (nossa tradução do “nombre de restes” do referido protocolo).

Quadro da distribuição dos diferentes fabricos de *terra sigillata* com identificação formal

	N.º Frag.	N.º Frag. %	NMI	NMI %
TSOA	3	0,26	3	0,37
TSI	403	35,10	301	37,47
TSS	440	38,34	246	30,64
TSH	141	12,28	103	12,83
TSCIA	44	3,38	39	4,86
TSCIC	16	1,39	15	1,87
TSCID	77	6,71	75	9,34
TSHT	14	1,22	11	1,37
TSfoc	10	0,87	10	1,25
Total	1148	100,00	803	100,00

3.1.3. A base de dados e a descrição da sigillata

Alguns trabalhos recentes sobre coleções de *terra sigillata* optaram pela omissão de qualquer referência relativamente às características de pastas e engobes das mesmas. É certo que se trata de mercadorias em grande medida estandardizadas e que as diferenças de cor, de pasta e engobe têm um significado muito relativo. No entanto, considerei útil a sua descrição detalhada, pois encontram-se em Santarém fabricos bastante distintos, nomeadamente entre os materiais de tipo itálico e entre a *sigillata* hispânica de Andújar. Se, no futuro, puderem realizar-se análises químicas, estas terão por suporte os grupos ou fabricos agora identificados, baseados nas descrições feitas. De igual modo, e por mais subjectivas que possam ser, na consulta de alguns trabalhos, foi muito útil a leitura da descrição de peças, realizada por alguns autores.

A identificação dos diferentes fabricos de *sigillata* foi feita através da observação da pasta e engobe, recorrendo a uma lupa de 15 aumentos. Os fragmentos foram descritos tendo por base a ficha que se adaptou do recente trabalho sobre *Terra sigillata* de Monte Mozinho, da autoria de Teresa Pires de Carvalho (Carvalho, 1998, p. 19, fig. 1). Para maior facilidade no acesso, manipulação e organização da informação, os dados desta ficha foram informatizados numa base de dados criada para o efeito, no Programa FileMaker 4.0. A ficha-base foi concebida para todo o tipo de fragmentos de *sigillata* (fragmentos indeterminados, peças completas, formas lisas e decoradas) e ainda com campos para incluir informação sobre as marcas.

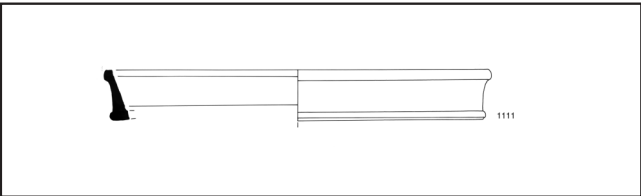
Layout 1 - Ficha descritiva de <i>terra sigillata</i>															
Nº Inventário	1111	Ano	87	Sector	C4	Quadrícula	J14	UE	006						
Fabrico e Origem	TSS	Forma	Drag. 17 b	Cronologia	30-50										
Fragmento	bordo/parede/fundo	Nº Fragmentos	1	Diâm. Bordo	190?	Alt.	26,5	Espess. Par.	4,4	Diâm. pé		Larg. máx.		Comp. máx.	
Pasta	Côr	2.5YR 6/6	Textura		Dureza		Fabrico								
Engobe	Côr	2.5YR 5-4.6	Brilho	brilhante	Espessura	espesso	Homogeneidade	homogéneo							
Marca		Oleiro		Leitura		Caixilho									
Grafito		Leitura		Localização na peça											
Declaração		Descrição													
Observações						Bibliografia									
															
Desenho XM. Nata															

FIG. 3 – Ficha utilizada na descrição e tratamento informático da *terra sigillata* de Santarém.

Assim, foram criados diferentes *Layouts* para a descrição dos diversos fabricos de *sigillata*. O *Layout #1* corresponde à ficha-base, com todos os campos existentes, o *Layout #2* corresponde à descrição da *sigillata* oriental, itálica, sudgálica e hispânica tardia, o *Layout #3* descreve o fabrico das marcas, o *Layout #4* descreve a *sigillata* clara africana e a foceense tardia, o *Layout #5* descreve a *sigillata* hispânica, *Layout #4 copy* corresponde ao inventário geral da *sigillata* da Alcáçova de Santarém. A informação relativa aos totais de determinados fabricos e formas foram retirados da base de dados e são apresentados em gráficos, obtidos através do programa EXCEL.

A descrição da *sigillata* é feita em tabelas ou quadros descritivos, que constituem o catálogo e que têm uma série de campos comuns a todos os fabricos. Assim, indica-se a proveniência dos materiais no interior da Alcáçova de Santarém (N.º de inventário; ano da campanha, sector, Quadrícula e Unidade Estratigráfica) e a forma ou tipo, seguindo as diferentes tipologias. O número de inventário sublinhado indica que a peça é representada graficamente. As características das peças e o número de fragmentos são também indicados, assim como as dimensões dos mesmos. Concretamente, mediu-se o diâmetro do bordo (D.B.), a altura do fragmento (Alt.) e a espessura da parede (E.P.) (sempre em mm).

As características físicas de cada fragmento foram também analisadas, quer quanto às pastas quer quanto ao engobe. Utilizo o termo engobe, apesar de reconhecer que pode não ser o mais correcto para referir ao revestimento da *sigillata*. A designação de verniz também não parece satisfatória, pois este revestimento não contém na sua composição qualquer substância oleosa (Arruda, 1993b, p. 309). É frequente, a este respeito, encontrar-se, na bibliografia de referência, o termo “*glanztonfilm*” para mencionar exactamente o engobe da *sigillata*.

Dado a textura das pastas da *sigillata* itálica ser sempre fina, apenas se destaca a sua cor, tendo-se recorrido ao código de cores *Munsell Soil Color Charts* (1994). A descrição da cor fez-se, tanto quanto possível, com condições de luz natural, o mais constantes possível. A descrição do engobe indica o brilho, espessura e homogeneidade do mesmo. No campo do brilho, o termo brilhante tem significados ligeiramente diversos quando aplicado à *sigillata* itálica ou sudgálica. Se no segundo caso devemos reter o significado que é comum atribuir a este termo, relativamente à *sigillata* de tipo itálico, quando se diz que o engobe é brilhante, o seu brilho é mais acetinado. Na *sigillata* tardia africana introduzem-se outros descritores para o brilho como: lustroso, mate e baço.

Características como a diferente aderência do engobe e a dureza da pasta foram igualmente tidas em consideração e surgem no campo geral das observações. A análise e classificação da cerâmica foi feita por observação macroscópica ou recorrendo a lupa de 15X.

O último campo das tabelas diz respeito à cronologia das formas apontada na bibliografia de referência e nas tipologias utilizadas. Esta foi a tabela utilizada para descrever a *sigillata* de tipo Oriental A.

Como já se referiu, houve a necessidade de proceder a ligeiras alterações na tabela base para a descrição dos diferentes fabricos de *sigillata*. Relativamente à *sigillata* de tipo itálico, dada a diversidade de características destas cerâmicas, houve necessidade de as agrupar em diferentes fabricos.

Destaco, em primeiro lugar, o fabrico mais comum, que designei por **fabrico 1**, que se caracteriza por apresentar pastas de textura fina de cor mais rosada 2.5YR 6/6 e 6/8, ou 5YR 7/6. O engobe é brilhante, homogéneo e aderente e apresenta tonalidades laranja acastanhadas escuras, normalmente entre os valores Munsell 2.5YR 5/8, 5-4/8 e 4/8, podendo ocorrer ainda inúmeras variações, sobretudo ao nível da cor da pasta e do engobe.

O **fabrico 2** ostenta, em termos gerais, as mesmas características que o anterior, mas o engobe é pouco aderente à pasta, deixando visível uma película esbranquiçada que se situa entre esta e o engobe. Este fabrico encontra paralelo no grupo B de Conímbriga.

A análise das cerâmicas de Santarém possibilitou a identificação de dois fabricos que se diferenciam claramente dos “habituais”. Trata-se do **fabrico 3**, que inclui cerâmicas com engobe laranja acastanhado escuro (10R 4/8 e 2.5YR 5-4/8), mas nos quais se nota que ainda não há um domínio perfeito da oxidação nos fornos e que apresentam, por isso, manchas castanhas escuras (2.5YR 3/3 e 2.5YR 3/4), isto apesar do engobe ter sofrido sinterização (“grésage”).

O **fabrico 4** corresponde a um conjunto de peças que apresentam engobes avermelhados 2.5YR 5-4/8 e acastanhados claros (10R 5/8), de muito má qualidade, de brilho mate, pouco espessos e homogéneos e pastas de textura fina, mas de dureza mais branda, de tonalidade bege rosado claro (10R 7/4 e 7.5YR 7/6). Neste caso, é a própria composição química do engobe que não foi bem conseguida, tendo por isso atingido a menor grau de sinterização. Não dei particular destaque a peças que apresentem pastas de colorações acinzentadas ou bege mais escurecidos, pois devem ter adquirido estas características como consequência de fenómenos pós-deposicionais.

Relativamente aos **fabricos 3 e 4**, tudo indica que se está na presença de *sigillata* que se encontra na transição das produções de engobes negros (campanienses e afins) para os vermelhos. A confirmá-lo, está o facto de as formas em que estes exemplares surgem, serem exactamente as mais antigas deste grupo de transição das campanienses para a *sigillata* (*Conspectus*, p. 4), isto é, as formas Consp. 1, 4, 10 e 30. Dando ainda mais peso a esta interpretação, refira-se a observação de Goudineau quando menciona que “ (...) les premières productions d’Arezzo, de La Graufessenque et des autres centres se signalent pas des defectuosités qui tiennent à la fois à la composition de la barbotine et à la technique de cuisson (...)” (Goudineau, 1980, p. 124). Fica assim demonstrado que nos primeiros momentos de produção de cerâmicas com revestimento com um engobe vermelho, se registam dificuldades quer na obtenção de uma composição química que possibilite a “vitri-ficação” (sinterização) do engobe, quer no aperfeiçoamento dos fornos com vista a um controlo do processo de cozedura oxidante.

Correndo alguns riscos de errar, penso que este fenómeno também está presente em Santarém numa série de lucernas de fabrico italiano (estudo em curso), nas quais se pode registar exactamente esta dificuldade na obtenção de engobes vermelhos, facto que ficará a dever-se a um mau controlo do processo de cozedura. Destacam-se a semelhança de pastas e vernizes destes exemplares de lucernas com as *sigillatas* de tipo itálico de Santarém do **fabrico 3**. O mesmo fenómeno foi observado por Dias Diogo, para uma lucerna tardo-republicana proveniente da 1ª campanha de escavações da Alcáçova de Santarém (Diogo, 1984b, p.116, est. I, n.º 5)

Por último, não posso deixar de destacar a presença de um exemplar de *sigillata* tardo-itálico (padana ?) que apresenta características de pasta e engobe que se distinguem dos restantes fabricos e que designei por **fabrico 5**.

Apesar da homogeneidade da *sigillata* sudgálica, por uma questão de coerência interna deste trabalho, manteve-se a descrição, peça a peça, deste tipo de *sigillata*, seguindo os mesmos parâmetros gerais que tinha definido para a *sigillata* de tipo itálico. Verifiquei que este fabrico é muito uniforme, apenas com ligeiras variações ao nível do brilho dos engobes ou nas tonalidades destes ou das suas pastas. Segundo Ariane Bourgeois, o brilho e homogeneidade do engobe assumem um papel bastante importante como elemento que permite uma maior aproximação cronológica, sobretudo em séries de peças de uma mesma forma

que tenha tido uma duração longa. A espessura da parede, o aspecto pesado dos perfis ou a maior dimensão do diâmetro de determinadas peças, constituem outros tantos indicadores cronológicos disponíveis. Apesar da necessária cautela na aplicação destes dados, considere, de uma maneira geral, que engobes imperfeitos de brilho mate e a estalar ou peças com diâmetros superiores fazem parte de conjuntos de materiais de fases mais tardias da produção (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 84).

Ora, em Santarém, as condições do solo permitiram a preservação perfeita das características de engobe e pasta. Os solos calcários não alteram os engobes, nem no brilho, nem no aspecto geral e são raras as peças com concreções calcárias. O principal obstáculo à análise macroscópica objectiva é o estado de conservação das peças (dimensão reduzida de muitos dos fragmentos), o que justifica nestes casos, a referência apenas quanto à sua proveniência, nos quadros. São os fragmentos apontados como diminutos. Também foi com dificuldade que se procurou verificar a presença ou não de perfis mais pesados, pois o carácter fragmentário do material raramente o permitiu.

De salientar, no entanto, que a presença de peças com marcas de oleiro cujo período de laboração é já conhecido, assim como o contexto estratigráfico das mesmas, devem constituir os elementos de precisão cronológica, por excelência, e devem prevalecer sobre todos os restantes.

Na análise dos fragmentos de *terra sigillata* hispânica, introduziram-se novos descritores nas tabelas. Efectivamente, ao contrário do que sucede com o fabrico de tipo itálico e sudgálico, em que a textura da pasta é sempre fina, os vasos de *sigillata* hispânica apresentam características bastante diferentes entre si, pelo que se introduziu o campo textura, distinguindo basicamente três opções: textura fina, média e grosseira. Para a correcta distinção destas características baseei-me nas indicações metodológicas apresentadas por Teresa Pires de Carvalho: "pastas finas (as que apresentam uma superfície lisa, cuja granulometria é difícil de ver a olho nú, ou com auxílio de lupa com 10 aumentos; pastas médias (a superfície de fractura já não se apresenta tão regular, conseguindo-se perceber à lupa, as variações de textura); pasta grosseira (aquela que não é preciso utilizar lupa para se verificar as irregularidades granulométricas)" (Carvalho, 1998, nota 21, p. 17).

A distinção dos dois fabricos hispânicos de Tricio e Andújar, não foi fácil. Em primeiro lugar, as peças de melhor qualidade de Tricio, que apresentam pastas de textura normalmente fina, fractura lisa e engobes espessos, brilhantes e homogéneos, podem confundir-se, com alguma facilidade, com exemplares provenientes do Sul da Gália. Em segundo lugar, nem sempre é clara a distinção dos fragmentos de melhor qualidade das produções de Andújar relativamente aos de Tricio. Efectivamente, se facilmente se distinguem os exemplares de texturas finas e boa qualidade das oficinas do vale do Ebro, dos fabricos grosseiros tardios da Bética, deve ser-se cauteloso e não enveredar por uma visão tão simplista em que a boa qualidade é sinónimo de Tricio e a má indícia Andújar. Na verdade, existe todo um leque de versões intermédias, não só de produtos de Andújar que apresentam características como pastas de textura média e engobes brilhantes espessos e homogéneos, mas também de peças com proveniência em Tricio que têm pastas menos finas, de fractura mais irregular e engobes que dificilmente se distinguem dos anteriores.

A análise detalhada do conjunto de pratos da forma Drag. 15/17 de *sigillata* hispânica permitiu distinguir, além do fabrico de Tricio com as características habituais, dois fabricos de Andújar bem diferenciados. Designei como fabrico **Andújar 1** um conjunto de peças caracterizado por pastas de textura média ou grosseira, de tonalidade alaranjada (Munsell 2.5YR 7/6 ou 5YR 6/6), apresentando engobes normalmente brilhantes, (por vezes mate) espessos e homogéneos de cor igualmente vermelha alaranjada (Munsell 2.5YR 5-4/8).

O fabrico **Andújar 2**, menos frequente, apresenta um engobe espesso e brilhante, de tonalidade acastanhada. A pasta é de textura grosseira, macia, sendo visíveis abundantes partículas argilo-calcárias, de cor amarela clara. A fractura é mais irregular que o fabrico **Andújar 1**, e a pasta é normalmente de cor amarela acastanhada próxima do valor Munsell 5YR 6/6. Além da observação que foi feita dos materiais, esta distinção apoia-se também nas descrições transmitidas pelos vários autores que se têm debruçado sobre a temática das produções hispânicas, como se verá *infra*.

Um único fragmento, com decoração de rosetas, filiável em Andújar, permitiu a distinguir ainda o fabrico **Andújar 3**, embora o motivo decorativo seja muito comum em toda a produção hispânica. Caracteriza-se por ter pasta de cor laranja acastanhada (Munsell 2.5YR 6/6), de textura média. São visíveis inúmeras partículas de micas, além das calcárias. O engobe, de espessura fina, é baço e pouco homogêneo de tonalidade acastanhada (Munsell 10R 5/6), mais parecendo uma aguada mais espessa.

Na descrição da *sigillata* tardia africana foram indicadas as variantes possíveis dos diferentes fabricos apontados por Hayes (1972 e 1980) e sistematizados por Carandini e Tortorella (Carandini et al., 1981): A 1, A 1/2, A 2, C 1, C 2, C 3, C 4 e C 5, D 1 (1ª e 2ª fase) e D 2. Estas variantes consideram, dentro de cada fabrico, diferentes espessuras dos engobes, o seu brilho e eventual polimento, conjugando estes dados com os das pastas de textura mais fina ou mais comum e granular. Os eventuais sinais de instrumentos que produziram o alisamento da superfície interna ou externa das peças também foram indicados no campo das observações. Também se considerou ser relevante a indicação da extensão da superfície engobada, sobretudo quando não era a habitual nesse fabrico. Se a diversidade de fabricos e variantes existentes na *sigillata* tardia africana podem causar alguma dificuldade à sua análise, a objectividade das descrições de Hayes em muito facilita esta tarefa (Hayes, 1972).

Representam-se graficamente as peças mais significativas de cada fabrico e forma, sempre à escala 1:2, excepto no caso de parte da *sigillata* clara Africana, a 1:3. Relativamente às peças decoradas, são representadas à escala 1:2, indicando-se a orientação do fragmento, sempre que tal é possível. As marcas apresentam-se à escala 1:1, seguindo-se o princípio de colocar a negro o que constitui o fundo, deixando a branco as letras, em relevo. As marcas e as peças decoradas foram fotografadas, e reproduzidas à escala 1.1.

3.1.4. *Classificação da sigillata e tipologias adoptadas*

Na realização deste estudo, utilizaram-se diversas tipologias, consoante os fabricos de *terra sigillata*. Algumas são obras de base da Arqueologia Clássica, mas foram também adoptados trabalhos mais recentes.

Para a identificação e classificação da *sigillata* oriental A utilizou-se a tipologia proposta por Hayes para as produções de *sigillata* antiga oriental publicados no Atlante (Hayes, 1985).

Para a classificação e enquadramento tipológico da *sigillata* de tipo itálico de Santarém adoptou-se a mais recente tipologia publicada, *Conspectus Formarum Terrae Sigillata italico modo Confectae* (= *Conspectus*). Trata-se de uma obra colectiva que reúne autores de diversas nacionalidades que têm vindo a debruçar-se sobre os vários aspectos da investigação deste material. Além de textos de síntese sobre a mais recente pesquisa, a tipologia propriamente dita organiza-se retomando, em grande medida, o esquema dos “serviços”, proposto há quase um século atrás por Loeschcke para Haltern, que é reabilitado, e que tem como base a noção de que a um prato estaria associada uma taça e eventualmente um grande

prato ou travessa, com características morfológicas idênticas. O *Conspectus* parte do pressuposto de que as diferentes formas de *sigillata* não tiveram uma evolução unilinear, e de que a sua sucessão nem sempre teve um significado cronológico claro. Neste contexto, os critérios na organização dos diferentes grupos formais seguem diferentes perspectivas que valorizam ora os aspectos morfológicos ora os cronológicos, assim como os funcionais. Os diversos pratos, grandes pratos e taças estão organizados por grandes grupos, e dentro destes por formas e subformas que designei como variantes.

Ainda bastante utilizada, a tipologia elaborada por Goudineau, diz respeito aos materiais encontrados em Bolsena e analisa uma colecção sobretudo centrada nas formas mais antigas. Divide as produções por 43 tipos que data de acordo com as informações da estratigrafia do próprio sítio de Bolsena, existindo actualmente algumas precisões a introduzir. São apontados quatro grandes períodos, ou fases, para a produção da *sigillata* de tipo itálico. O período precoce seria datado de antes de 40 a.C., o arcaico de cerca de 30 a 20 a.C., o clássico de 12 a 10 a.C. e o Tardio de 12 a.C. a 16 d.C. (Goudineau, 1968). Estudos recentes permitiram constatar que a grande maioria das peças encontradas em Bolsena são, efectivamente aretinas, o que implicou que esta tipologia tenha deixado de ser representativa da totalidade dos produtos itálicos.

Quanto à tipologia de Pucci (Pucci, 1980), ela parece trazer uma abordagem mais actualizada em relação aos conhecimentos de que dispomos, para este tipo de *sigillata*. O principal problema, prende-se, quanto a mim, com o facto de, no interior de cada forma, se poderem encontrar inúmeras variantes. Este facto é particularmente da visível na forma Pucci 10, que possui 36 variantes, não sendo apresentada qualquer proposta para a evolução das variantes, no interior de cada tipo, nem do ponto de vista formal, nem cronológico. Assim, os tipos são datados, sobretudo do ponto de vista do território actualmente italiano, apresentando-se balizas cronológicas demasiado amplas para que possam ser úteis para as províncias do Império. Estas dificuldades sentem-se, em concreto, para os tipos Pucci 10 e 25 que constituem as formas mais abundantes nos sítios que tive como referência neste trabalho, como Belo e Conímbriga, o que trouxe dificuldades acrescidas. A obra de Pucci atribui algum relevo às produções tardo-itálicas que se encontram pouco representadas no nosso território.

Sendo actualmente dos investigadores que mais se tem dedicado ao estudo da *terra sigillata*, Pucci segue uma perspectiva marxista, não só na análise que faz da organização da produção aretina, mas também relativamente às produções tardo-itálicas e início do domínio das oficinas do Sul da Gália (Pucci, 1980, p.135-145).

Apesar do *Conspectus* não ter a mesma qualidade de informação, relativamente ao tratamento dos cálices e restantes formas decoradas, foi também a sua tipologia que utilizei. Esta informação foi, para os raros e diminutos fragmentos decorados, complementada pela obra de referência de Dragendorff e Watzinger “Arretinische Reliefkeramik”, (Dragendorff e Watzinger, 1948) e por trabalhos de Stenico (Stenico, 1960a e 1960b).

No estudo das marcas utilizei a segunda edição (1ª edição electrónica) do suplemento ao *Corpus Vasorum Arretinorum* de 1968, completado por Kenrick. Foi esta publicação de Oxé, Comfort e Kenrick que serviu de base à identificação dos oleiros que abasteceram a Alcáçova (OCK) e a que só tive acesso em fase final da redacção. Esta consulta foi complementada com inúmeros trabalhos recentes relativos ao estudo de conjuntos de marcas de *sigillata* itálica, sobretudo com destaque para a Península Ibérica.

Para a classificação da *sigillata* sudgálica lisa de La Graufesenque adoptou-se a tipologia de base de Dragendorff, com as formas que posteriormente lhe foram adicionadas e que se encontra sistematizada na obra colectiva sobre a *sigillata* da Gália “La terre sigillée gallo-

romaine - Lieux de production du Haut Empire: implantations, produits, relations (Bémont e Jacob, dir., 1986). Quanto às formas decoradas, bastante escassas e com fragmentos de reduzidas dimensões, optou-se pela classificação com base na obra de Knorr (1912, 1952) e Hermet (1934). Os dados cronológicos sobre a *sigillata* sudgálicas foram retirados das tipologias tradicionais, juntando-se a estes as recentes descobertas que precisam algumas datações e que foram sistematizados para Belo por Ariane Bourgeois, como é o caso da chamada “Fossa 79” de La Graufesenque (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 140-143). Na classificação das marcas utilizou-se como referência a obra de F. Oswald “*Index of potter stamps on terra sigillata Samian ware*” editada em Londres pela primeira vez em 1923, e reeditada em 1964 e precisaram-se cronologias com a obra de Polak para o material de Vechten (Polak, 2000).

É abundante a bibliografia que se debruça sobre as áreas de produção e locais onde se consumiu *sigillata* hispânica. Destaco a obra de síntese de Mezquíriz, incluída em *Atlante delle forme ceramiche* (Mezquíriz, 1985), sendo igualmente muito útil o trabalho de Mayet (Mayet, 1984). Constituem pontos de referência para o estudo da *terra sigillata* hispânica, o resultado das mesas redondas sobre a *Terra Sigillata* Hispânica que decorreram em Madrid em 1982 (AAVV, 1983) e, posteriormente, em 1997, no encontro que teve lugar em Andújar e que resultou no conjunto de trabalhos sob a forma de Homenagem a Ángeles Mezquíriz intitulado “*Terra Sigillata Hispanica, Centros de fabricación y producciones altoimpe-*

na área de Pérgamo, designando-se por isso cerâmica de Çandarlı. Referimo-nos por último à *sigillata* pôntica, que apesar de ter a sua área de difusão sobretudo na Rússia meridional e em localidades em torno do Mar Negro, ainda hoje se discute se o seu local de origem não poderá localizar-se na região de Istambul.

As primeiras tipologias avançadas para a *sigillata* dita oriental são da autoria de Waagé (1948) e têm por base os materiais encontrados em Antioquia, na actual Turquia, sendo descritas também detalhadamente por Kenyon e Crawfoot (1957), no seu trabalho sobre Samaria-Sebaste, no território da actual Jordânia.

Mais recentemente, Hayes (1985), à luz do conjunto dos conhecimentos disponíveis, elaborou um ponto da situação acerca destes diferentes fabricos. Foi, a sua descrição que segui, quando procurei apresentar as características morfológicas da *sigillata* oriental A, detendo-me apenas nos aspectos mais característicos, e não atendendo tanto às variações, menos prováveis de surgir no nosso território. No que diz respeito à argila, ela apresenta uma tonalidade amarelada clara (Munsell 10YR 8/4 e 7.5YR 7/6-8/6), de consistência fina e dura. Quanto ao engobe, ele é constituído por uma argila de tonalidade laranja/vermelho acastanhado (Munsell 2.5YR 4/6-4/8), fino, liso e homogéneo.

Alguns dos traços distintivos deste fabrico dizem respeito às formas dos pés dos pratos que, de uma maneira geral, são bastante espessos e pesados, constituindo as pequenas variantes que se podem assinalar na sua morfologia, um bom indicador cronológico. Igualmente, pode observar-se no exterior de algumas formas, sobretudo nos pratos e menos nas taças ou nas formas fechadas, uma “risca de dupla imersão” (“*double dipping streak*”), que resulta do modo faseado com que é feita a aplicação do engobe na peça.

Para a análise deste tipo de cerâmica, adoptei a tipologia de Hayes (1985), por ser a mais recente e a que melhor parece conjugar as diferentes formas presentes, tendo em conta os dados cronológicos disponíveis. Os 116 tipos estão divididos por períodos, e dentro de cada período, por formas. Estão presentes 27 formas abertas do período Helenístico (de meados do século II a.C. até início do segundo quartel do século I d.C.), que englobam pratos (Forma 1-14), taças (Formas 16-25) e cráteras (Formas 15, 26-27). Na série do primeiro período romano (“*early Roman*”), de cerca de 22/23^o d.C. a inícios do século III, são apresentadas as 23 formas mais características entre pratos e tigelas (Formas 28-41), e taças (Formas 42-51), distinguindo-se ainda, no período médio-imperial (*Middle Roman*), uma série de outros pratos e taças (Formas 52-61). A tipologia engloba, ainda, as formas abertas, na sua série com engobe “*variegata*” (Formas 62-65), e a série mais tardia (Antonina). Quanto às formas fechadas, existe a série helenística e suas derivações, que integra as formas 101-105, seguindo-se as formas tardias (Forma 106-112) e as garrafas “*biansate*” (Forma 113-116). É ainda atribuído um capítulo às formas raras e de difícil atribuição/ classificação.

A decoração encontra-se presente em inúmeros exemplares deste tipo de *sigillata*, sob a forma de motivos impressos, que surgem na tradição dos motivos que ornaram a cerâmica helenística de engobe negro. Menos comuns parecem ser as impressões de óvulos e flechas, por vezes associados a pérolas, que decoram as formas 9 e 11 de Hayes. Estas são datadas do final do século I a.C. e apresentam, também, a aba do próprio bordo decorada com ramos e folhas. A decoração modelada surge ainda nas taças da série das “taças megáricas” ou em outras cujo pé já imita as formas aretinas (formas 24-25 e 26-27, respectivamente). A decoração roletada ou de guilhoché encontra-se, igualmente numa considerável variedade de formas e é comum nos diversos períodos de difusão deste tipo cerâmico. A técnica da barbotina é mais característica dos exemplares mais tardios, surgindo, essencialmente, em taças com motivos de folhas bastante semelhantes aos das suas congéneres de paredes finas.

Ainda é desconhecida a origem exacta desta *sigillata*, mas a área sírio-palestiniana é, no entanto, o lugar onde é habitualmente localizada a sua produção. Recentemente, Gunneweg, Perlman e Yellin baseados em análises laboratoriais efectuadas sobre os materiais (1983) propuseram uma origem cipriota para esta *sigillata*. Por seu turno, Hayes aponta uma origem para a *sigillata* Oriental A, no território a leste de Cilícia, a norte de Iskenderun (1997, p. 54) na actual Turquia. Desconhece-se, no entanto, quase totalmente, o modo como estaria organizada a sua produção.

O período de maior produção e exportação da *sigillata* Oriental A deve ter-se situado de 100 a.C. até à época de Adriano (Hayes, 1985, p. 12). A data do seu surgimento pode situar-se, genericamente, em meados do século II a.C., como o confirmam os achados de Chipre e Israel. A produção foi de longa duração, estendendo-se quase até ao final do século II d.C. A cronologia exacta de algumas das formas é ainda controversa, dada a falta de contextos seguros que permitam a atribuição de datas mais precisas. De uma maneira geral, pode dizer-se que sítios como Antioquia e Samaria, constituem ainda hoje, os melhores indicadores cronológicos para a grande maioria das formas da *sigillata* Oriental A, que escavações mais recentes têm confirmado.

A área de difusão, por excelência, desta *sigillata* foi a metade oriental do Mediterrâneo. Encontra-se também, mas em menor quantidade, a Ocidente, em locais como Pompeia e na Tripolitania, e ainda na costa do levante espanhol. Santarém constitui, portanto, o ponto mais Ocidental onde esta cerâmica faz a sua aparição, e o único no território nacional.

A exportação maciça parece ter-se processado durante o século I a.C., numa época em que a *sigillata* aretina ainda não se tinha generalizado.

A origem e desenvolvimento da *sigillata* Oriental A transporta-nos imediatamente para uma série de questões, ainda actualmente e em grande medida, em aberto, como a da origem da *sigillata* de tipo itálico, de qual teria sido o momento de transição da produção dos engobes negros para os vermelhos, e em que local é que se teria iniciado a produção das cerâmicas destes engobes vermelhos, a Itália ou o Oriente. Apesar dos materiais de Santarém não poderem esclarecer sobre este aspecto, apresentam-se as principais linhas de interpretação que diferentes autores sustentam.

Hayes aponta uma influência claramente itálica para a *sigillata* oriental, documentada pela presença das marcas de oficinas de origem itálica, como C. SENT, de Arezzo, e SERENI, possivelmente, de Pozzuoli. De assinalar ainda a existência de fragmentos de *sigillata* Oriental com a marca ARRE/TINA. Também ao nível das formas, a semelhança entre a *sigillata* Oriental e a de tipo itálico é consideravelmente maior do que entre estas e outras peças, com origem no Oriente.

Certo é que se encontra hoje colocada de lado a hipótese desenvolvida por Oxé (1933), segundo o qual a *sigillata* teria sido introduzida em Arezzo por M. Perennius Tigranus em 30 a.C. Bastante mais provável é que a produção de cerâmicas cobertas por engobes vermelhos se tenha inspirado nas importações orientais que chegaram a Itália, concretamente a *sigillata* oriental A. Verifica-se, por outro lado, que as primeiras formas de *sigillata* itálica apresentam semelhanças com as campanienses e não com a *sigillata* Oriental. “Why the red-gloss ware so rapidly drove the black off the market is however still an unsolved problem in the history of taste” (Wells, 1990, p. 24).

O que parece ter sucedido é que a *sigillata* oriental terá precedido, num lapso de tempo considerável (um século, segundo Hayes) a itálica. Mais do que estabelecer uma relação directa de causa-efeito, entre fabricos itálicos e orientais discutem-se, actualmente, quer as influências mútuas destas duas regiões, quer a eventual troca de artesãos a elas associadas e o seu papel no início da produção das cerâmicas de engobe vermelho.

3.2.2. A sigillata Oriental A da Alcáçova de Santarém

3.2.2.1. Introdução

A sigillata Oriental A constitui apenas 0,37% do total de peças em sigillata com forma identificada na Alcáçova de Santarém. Conhecem-se, actualmente, 16 fragmentos correspondentes a 3 exemplares, provenientes de diversas áreas da Alcáçova. As peças recolhidas registam uma diversidade formal considerável, apesar de corresponderem essencialmente a pratos, como as formas Hayes 7 e 9, e a taça da forma Hayes 19.

Distribuição das formas identificadas de terra sigillata Oriental A (TSOA)

TSOA	N.º Frag.	NMI
Hayes 7	1	1
Hayes 9	1	1
Hayes 19	1	1

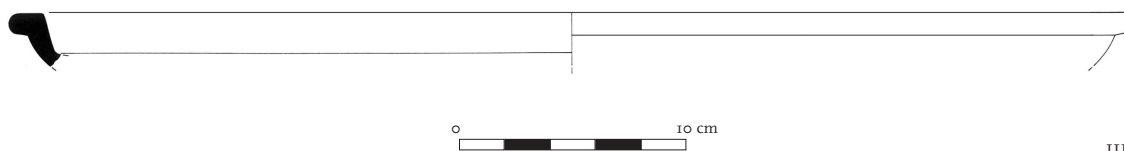
3.2.2.2. A Forma Hayes 7

Trata-se de um prato de grandes dimensões, com bordo em aba, espessado e voltado sobre o exterior e parede relativamente baixa. Não detemos o fundo desta peça, mas, segundo Hayes, deveria ser semelhante ao da forma 3, reduzido mas espesso e com pé. Trata-se de uma forma bastante comum da série helenística e a cronologia apontada são os meados do século I a.C., constituindo esta forma uma derivação, mais tardia, da forma Hayes 3.

O único exemplar de Santarém possui um diâmetro bastante amplo (cerca de 50 cm), o que não nos surpreende porque existe um bom paralelo para o prato de Santarém na Nubia (Hayes, 1997, p. 53, fig. 18), tendo nesse caso um diâmetro de bordo de 40 cm (Est. 1, n.º 1). O engobe do exemplar escalabitano é de boa qualidade e cobre, de forma regular, ambas as superfícies deste prato, encontrando-se desgastado (pelo uso ?) na extremidade exterior do bordo. A pasta apresenta uma textura fina e compacta e uma coloração beije amarelada.

Esta forma surge sobretudo em sítios do Mediterrâneo oriental, estando presente em Antioquia e Samaria em depósitos cesarinos e augustanos (Hayes, 1985, p. 18).

Hesitei em classificar como forma Hayes 7 uma série de fragmentos de um prato, do qual só existe o fundo e parte da parede. Efectivamente, estes fragmentos podem pertencer igualmente à forma Hayes 3, que corresponde a um dos pratos mais comuns nos depósitos de todo o Mediterrâneo oriental do século I a.C.



Quadro descritivo

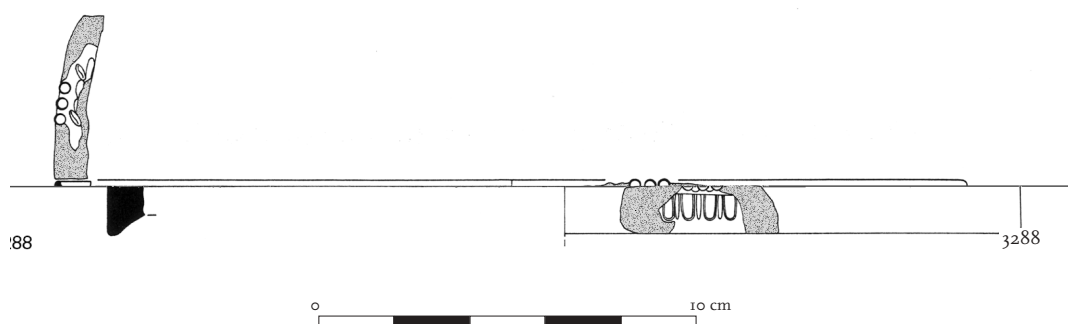
PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE						
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homogeneidade	Observações	Cronol.
1113	86	C 2	K 9	2	Hayes 7	1	bordo	500	23	7	10YR 8/4	10R 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	desgaste no ext. do bordo	c. 50 aC

3.2.2.3. A Forma Hayes 9

Esta forma é também a de um prato de grandes dimensões, embora neste caso, existam exemplares de dimensões mais reduzidas, que correspondem à forma Hayes 10 e 11. Apresenta um fundo reduzido mas espesso, paredes baixas e inclinadas e um bordo pendente que ostenta decoração estampada e pérolas (Hayes, 1985, p. 18). É contemporânea da forma Hayes 7, já não estando presente nos níveis augustanos.

Apesar de muito reduzido, o pequeno fragmento de Santarém permite descrever a sua decoração, que é composta por motivos impressos de óvulos e flechas na parte exterior do bordo pendente, sendo a moldura da aba constituída por pérolas (Est. 1, n.º 2). Na parte superior da aba é, ainda, possível observar a decoração estampada de uma série de ramos com folhas. Este tipo de decoração, que imita os protótipos em prata, não é dos mais comuns, e é datado do final do século I a.C., podendo atingir o seu último quartel. Em Antioquia, porém, não perdura até aos níveis augustanos. O engobe e a pasta do exemplar escalabitano são, em tudo idênticos, aos descritos para o exemplar da forma 7, estimando-se que a dimensão do diâmetro se situe perto dos 320 mm.

Este tipo de pratos está bem representado nas colecções provenientes do Mediterrâneo Oriental. Na Península Ibérica a peça descoberta no depósito do Anfiteatro em Cartagena, constitui um bom paralelo para o exemplar de Santarém (Pérez Ballester, 1983).



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO			FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE			Observações	Cronol.	
N.º Inv	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.			Homogeneidade
3288	94/95	—	Q 11	32 b	Hayes 9	1	bordo	320	15	90	10YR 8/4	2,5YR 4/6	mate	espesso	não homogéneo	Decoração impressa de óvulos e flechas	50-25 aC

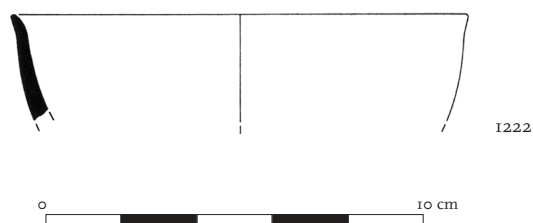
3.2.2.4. A forma Hayes 19

Esta forma corresponde a uma taça hemisférica que habitualmente ostenta no exterior uma canelura horizontal e apresenta duas variantes, A lisa e B com a parte superior lisa e sulcos verticais na base (Hayes, 1985, p. 22). Trata-se de um tipo bastante raro e a cronologia apontada é a primeira metade do século I a.C.

Na Alcáçova de Santarém apenas se encontrou um exemplar deste tipo de *sigillata* Oriental A. Trata-se de um fragmento de um bordo, de secção semicircular, e o início da parede de uma taça de forma hemisférica sem qualquer decoração na superfície exterior, enquadrando-se na variante A. Do ponto de vista da descrição da pasta, nada distingue este

exemplar dos anteriores, embora o engobe não pareça ter tão boa qualidade, pois no exterior encontra-se a estalar. O diâmetro habitual para esta taça situa-se entre os 120–130 mm, detendo o exemplar de Santarém 120 mm.

Não encontrei exemplares desta forma em solo peninsular, sendo, mais uma vez no Mediterrâneo Oriental a área de difusão, por excelência, desta forma.



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA				TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE			Observações	Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad. UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homogeneidade			
1222	89	C.7	—	3 a	Hayes 19	1	bordo	12 cm	29	4	10YR 8/4	10R 4/6	brilhante	fino	homogéneo	desgaste na parte superior do bordo	início séc. I aC

3.2.3. A sigillata Oriental A de Santarém no quadro das importações do mediterrâneo Oriental, no final da república e início do Império para o território peninsular

Apesar de ser a primeira vez que se encontra *sigillata* Oriental A no actual território português, este material era já conhecido em contextos espanhóis costeiros do Sudeste e Levante, sendo identificados seis fragmentos, pela primeira vez por Tarrats em 1975, nos materiais depositados no Museu de Badalona (Beltrán, 1990, p. 283).

O local onde o contexto de importação destes materiais se encontra melhor estudado actualmente é Cartagena, onde a *sigillata* deste tipo surge associada a outras produções com origem no Mediterrâneo Oriental. Efectivamente, segundo Pérez Ballester (1985a), uma série de cerâmicas designadas por helenísticas encontra-se bem documentada nesta cidade da costa do Levante peninsular, com uma cronologia que se situa entre os meados do século II e a primeira metade do século I a.C. Trata-se, concretamente, das cerâmicas helenísticas de relevos, ditas “megáricas” e os *lagynoi* de engobe branco que se encontram associados a fragmentos de *sigillata* Oriental. Neste quadro, podem igualmente incluir-se as ânforas de fabrico ródio, que chegam em número muito reduzido ao ocidente da Península (Pérez Ballester, 1995a, p. 354), desde inícios do século II a.C., estando relacionadas com a presença militar e a exploração mineira. A análise dos locais de aparecimento deste tipo de materiais associados (taças megáricas, *lagynoi* e ânforas ródias), quer em contextos terrestres quer em naufrágios, leva Pérez Ballester (1995a, p. 356) a estabelecer para eles uma origem comum com procedência no importante porto de Delos.

É neste contexto que vemos surgir, na área urbana de Cartagena, mais concretamente no chamado depósito do anfiteatro (Pérez Ballester, 1983), um conjunto reduzido de fragmentos de *sigillata* Oriental A da forma Hayes 9 (forma 8 de Kenyon, rara em Samaria e

datada neste sítio, através de um depósito anterior a 30 a.C.), com decoração de óvulos e flechas, sendo a parte superior do bordo decorada com motivos cruciformes (n.º 22) e ramos com folhas, que parecem semelhantes ao exemplar de Santarém (n.º 23). A cronologia apontada para estes materiais pode situar-se entre o final do século II a.C. e o início do século I a.C.

Em Pollentia, na actual ilha de Palma de Maiorca, no sector da chamada “Calle Porticada” (Arribas et al., 1973) surgem, igualmente, escassos fragmentos de *sigillata* dita “pré-*sigillata*”, associada a cerâmica Campaniense B e C ou imitação, juntamente com fragmentos de ânforas Dressel 1, bem como *sigillata* aretina. Estes materiais encontram-se no nível III, identificado pelos arqueólogos como sendo um nível de transição e de acumulação (Arribas et al., p. 105) que teria alcançado, em termos cronológicos, uma data entre 50 a.C. e 20 a.C., com o surgimento das primeiras formas de *sigillata* itálica. De salientar que não é atribuída qualquer identificação tipológica para a *sigillata* supostamente de origem Oriental, sendo os fragmentos, Inv. 94 e 95 deficientemente descritos, o que não permite extrair grandes conclusões acerca das suas características.

A *sigillata* Oriental A surge, igualmente, no conhecido sítio de Alcudia de Elche (Valência), encontrando-se no chamado nível D, de forte cariz ibero-romano, e que se situa cronologicamente entre os meados do século I a.C. e o momento de elevação a colónia (Ilici), em meados do século I d.C. Sem haver referência directa à *sigillata* Oriental A, penso que será a ela que Ramos Folques e Ramos Fernandez (1976) se referem quando caracterizam os materiais romanos que designam por pré-*sigillata* e *sigillata* primitiva. Tratam-se, neste caso de níveis que documentariam a transição da cerâmica campaniense para a *sigillata* de tipo italiano.

Igualmente em território espanhol, foi identificado um fragmento sem forma de *sigillata* Oriental A, proveniente do depósito do sector Ocidental do Povoado ibérico de Burriac (Cabrera de Mar) (Miró i Canals et al., 1988). Esta cerâmica surge em níveis tardo-republicanos, associada às Campanienses B, B-óide e campaniense A tardia, bem como C, cerâmicas de engobes vermelho designadas por pré-aretinas, cerâmicas de paredes finas e ânforas (Dressel 1, Apúlia-Calábria, Lamboglia 2, Dressel 26 e greco-itálicas).

O termo “*presigillata*” foi usado pela primeira vez por Nino Lamboglia (1951) para designar, exactamente, um fabrico anterior à *sigillata* dita aretina. Infelizmente, na obra de Goudineau, sob esta designação surgem uma série de formas cerâmicas, bastante incompletas, cujo ponto em comum parece ser a presença de pastas amareladas claras e de engobes avermelhados ou acastanhados. Algumas das formas apresentadas são ainda as da cerâmica campaniense, quer na forma, quer na decoração, o que levou este autor (Goudineau, 1968, p. 335) a afirmar que a passagem do engobe negro ao vermelho se teria dado em Itália e teria sido desenvolvida pelos ceramistas locais, cerca de meados do século I a.C. Desta forma, Goudineau ignorou a influência helenística – concretamente da *sigillata* Oriental A – influência essa que, actualmente, se tem vindo a relacionar com o aparecimento e desenvolvimento dos engobes vermelhos, nas oficinas itálicas.

Como se pode facilmente constatar pelo que se acaba de analisar, é extremamente difícil, sem observar os materiais, saber-se quando os diferentes autores se referem realmente à *sigillata* Oriental A. O termo “*presigillata*”, que deve aliás abandonar-se por não ser correcto, tem sido utilizado indiscriminadamente para descrever a *sigillata* oriental A e para se referir à *sigillata* itálica de transição dos engobes negros para os vermelhos.

Como se pode constatar, a *sigillata* Oriental A surge, na Península Ibérica, em contextos da costa Sudeste da actual Espanha, restringindo-se a um conjunto limitado de formas, com cronologias dos finais do século II a.C. e início do século I a.C. Encontrando-se este tipo de *sigillata* ausente do território hoje português, procurei outros sinais do comércio de pro-

dutos oriundos do Mediterrâneo Oriental, com o objectivo de enquadrar a importação deste tipo de materiais para Santarém.

A publicação dos materiais de *Balsa* inclui uma peça com origem no Mediterrâneo Oriental, mas já com uma cronologia Alto imperial. Trata-se de uma ânfora do tipo Ágora M-54 e segundo Fabião, este fragmento “...constitui o primeiro indício de uma importação de origem helénica, do Alto Império, registado no actual território português” (Fabião 1994b, p. 23). Ainda que seja surpreendente, a presença no Sul de Portugal deste tipo de ânfora, cuja área de difusão privilegiada seria o Mediterrâneo Oriental, não se deve deixar de mencionar que as relações deste sítio com a metade oriental daquele Mar se encontravam já bem documentadas através da onomástica pessoal conhecida em *Balsa*. Os dados contextuais são inexistentes para o exemplar de *Balsa*, depositado no Museu Nacional de Arqueologia, apontando-se o século II como o período de exportação, para o Ocidente, deste tipo de ânforas. Trata-se de um período cronológico já bastante distante daquele de que me ocupei relativamente à *sigillata* Oriental A, daí que os dados desta estação arqueológica da costa algarvia, não sejam de grande utilidade agora.

Na área urbana de Tomar, concretamente proveniente das escavações de *Seilium*, conhece-se um fragmento de um exemplar de uma ânfora de tipo ródio (Banha e Arsénio, 1998, p. 174). Não provem de um contexto arqueológico seguro, pelo que a sua cronologia geral, que abrange o período desde final do século I a.C. até ao início do século II d.C., não permite relacionar directamente, esta importação com a *sigillata* oriental de Santarém. Igualmente de *Seilium*, regista-se a presença de um exemplar de uma outra ânfora proveniente do Mediterrâneo Oriental (Banha e Arsénio, 1998, p. 175). Trata-se de um exemplar do tipo Ágora M54, com produção centrada nos séculos I e II d.C., tendo-se identificado o local da sua produção na Cilícia, o sul do território actualmente turco.

No estudo do conjunto de ânforas recolhido na zona das Carvalheiras, na cidade de *Bracara Augusta*, identificaram-se igualmente dois exemplares de ânforas de “tipo ródio” (Morais, 1998, p. 54, n.º 44 e 45). De ampla cronologia, a sua difusão parece ter ocorrido sobretudo no período pré-flaviano (Morais, 1998, p. 54).

Constata-se que, lentamente e à medida que a investigação avança, vão sendo revelados novos dados sobre as importações orientais republicanas e alto imperiais, do território actualmente português. Às informações trazidas pela arqueologia, podem juntar-se os dados da epigrafia. Nas principais cidades litorais da Lusitânia (Mantas, 1986, p. 149-205), e apesar de os sinais de uma romanização profunda estarem bem patentes na onomástica da população, são abundantes as referências a antropónimos de origem oriental, o que constitui mais um indício das relações entre o Mediterrâneo Oriental e Ocidental. Mantas refere que “Lisboa concorre com a maior concentração de antropónimos gregos do território português, facto que corresponde perfeitamente ao modelo de repartição observado noutras regiões da Península Ibérica.” (1986, p. 166). Esta situação repete-se em *Salacia* (Alcácer do Sal), onde a análise das etnias presentes nesta importante cidade portuária revela a existência de bastantes *cognonima* gregos (Mantas, 1986, p. 176). No actual Algarve, além de *Balsa*, também em Faro se conhece, a par da antroponímia maioritariamente latina, um significativo rol de nomes gregos (Mantas, 1986, p. 187). Apesar destes personagens serem libertos, é hoje reconhecido por todos o seu importante papel económico e social.

Apesar de escassos, os fragmentos de *sigillata* Oriental A presentes na Alcáçova de Santarém documentam a existência de trocas comerciais com a metade Oriental do Mediterrâneo, seguindo uma longa tradição que se regista neste sítio desde a Idade do Ferro (Arruda, 1993). No seu conjunto, este fabrico de *sigillata* situa-se, cronologicamente, entre

a primeira metade do século I a.C. e o final desse século, chegando a Santarém antes da *sigillata* de tipo itálico.

3.3. A *Sigillata* de tipo itálico

3.3.1. Caracterização do fabrico, origem e difusão

A primeira sistematização do repertório formal da terra *sigillata* itálica deve-se a Dragendorff (1895). Apesar de já não ser hoje seguida, é a designação que atribuiu a muitas formas que continuamos a utilizar, sobretudo para as produções do sul da Gália. Pioneira, foi igualmente a investigação de Loeschcke (1909) relativa aos materiais da base militar de Haltern, datados da época de Augusto. Nesta fase da investigação, o estudo da *sigillata* pressunha a existência de apenas um grande centro produtor, Arezzo, de onde seria proveniente a totalidade da *sigillata* de tipo itálico. O facto de o próprio Plínio mencionar o centro produtor de Arezzo, levou os autores dos finais do século XIX e inícios do século XX a julgarem ser este o único local, ou pelo menos o de maior importância, onde a produção deste tipo de cerâmicas teria ocorrido. Tal afirmação levou inclusivamente a que se generalizasse, sobretudo nos países francófonos, a designação de aretina para a *sigillata* de tipo itálico. Actualmente, continuam a considerar-se úteis as publicações quer de Haltern, quer de Oberaden, embora não possamos deixar de ter em consideração que elas dizem exclusivamente respeito a materiais do período de Augusto. Ora, o quadro das importações dos produtos de tipo itálico, para o nosso território actual, indica que o auge das importações se situa no final do reinado de Augusto e durante o reinado de Tibério, tendo-se mesmo prolongado até época Flávia, em outros locais.

Independentemente da designação atribuída a este tipo de cerâmica, os trabalhos efectuados nos campos militares do *limes* germânico cedo permitiram obter um enquadramento cronológico que, salvo algumas precisões, se mantém correcto.

Recentemente, a “reinterpretação” dos materiais de Haltern, recorrendo à análise química das pastas, demonstrou que apenas 10% desses materiais tiveram origem, efectivamente, na localidade de Arezzo, sendo largas percentagens destas cerâmicas provenientes de Pisa (também em Itália) e, sobretudo, do sítio de La Muette, em Lyon (cerca de 50%)(Lesfargues e Vertet, 1976).

Neste contexto, actualmente considera-se prudente que a precisão acerca da origem dos diferentes fabricos de *sigillata* itálica seja feita com base, não só no estudo das marcas de oleiro, mas também através do desenvolvimento dos estudos tipológicos e, sobretudo, numa forte componente baseada nas análises químicas das argilas (Pucci, 1985, p. 367 e ss.). Dado ter-se verificado que existem trocas das matrizes que são utilizadas para a produção das peças de *sigillata* decorada, são colocadas grandes reservas quanto à atribuição de uma origem, tendo exclusivamente por base os critérios estilísticos.

Além do desenvolvimento do estudo acerca dos diferentes locais de origem da *sigillata* de tipo itálico, a recente investigação tem-se debruçado igualmente sobre as formas de organização da produção. Discute-se o estatuto jurídico das chamadas “sucursais” das oficinas aretinas, como por exemplo da oficina de Ateius, chegando alguns autores como Pucci, a avançarem a hipótese destas diferentes “sucursais” constituírem uma verdadeira rede direccionada para diferentes mercados (Pucci, 1985, p. 369).

As peças decoradas são normalmente mais raras que as lisas, e terão sido fabricadas com um molde, uma matriz, que por vezes apresenta a marca do oleiro que a produziu.

Como já se mencionou, o facto de se saber que estes moldes eram também objecto de troca, não permite atribuir imediatamente a uma determinada oficina um tipo específico de decoração. Outros tipos de decoração mais simples e mais comuns incluem a presença de faixas de *guilhoché* no exterior das peças ou no fundo de pratos, ou a aplicação de motivos isolados, o que ocorre normalmente na parte exterior do bordo. Infelizmente, a presença ou não de decoração de *guilhoché* não parece constituir critério cronológico (Bourgeois e Mayet, 1991). Pelo contrário, os motivos aplicados difundem-se, sobretudo, durante o reinado de Tibério.

As peças de *sigillata* de tipo itálico apresentam, com alguma frequência, marca de oleiro, o que pode constituir um importante indicador cronológico. Como já foi referido *supra* o estudo de referência é a actualização da obra de Oxé e Comfort (OCK), juntando-se a este *Corpus Vasorum Arretinorum* os inúmeros trabalhos sobre colecções específicas que, entretanto, foram objecto de publicação. Como já referi, reconheço que só é possível atribuir, com certeza absoluta, uma determinada peça de *sigillata* a um determinado centro produtor, com base em análises laboratoriais. Mesmo assim, e dada a actual impossibilidade de se generalizarem as análises químicas, as marcas de oleiro continuam a servir como um indicador precioso na determinação da proveniência dos produtos importados num determinado local.

Inicialmente, estas marcas têm afinidades com os punções utilizados na decoração da cerâmica campaniense. Nesta fase pré-augustana, a marca apresenta apenas algumas letras e é colocada de forma radial, por exemplo, no fundo dos pratos. As marcas radiais constituem, por isso, um bom indicador cronológico, já que parece terem deixado de ser utilizadas cerca de 15-10 a.C. A introdução de apenas uma marca traduz-se na utilização de um caixilho, geralmente de forma rectangular, que é aplicado na parte central dos fundos, quer de pratos quer de taças (Kenrick, 1990).

Conhece-se uma grande diversidade de caixilhos rectangulares com tipos de decoração que, por vezes, se podem associar a determinadas oficinas. A partir dos finais do reinado de Augusto vão surgir outras formas de marcas (tri ou quadrifoliadas), sendo a marca em forma de um pé (“*in planta pedis*”) característica do reinado de Tibério, um bom indicador cronológico (Kenrick, 1990, p. 148-149).

Recentemente, alguns autores têm posto em causa os modelos explicativos sobre o funcionamento das oficinas de *sigillata* itálica, contrariando a noção de que se trataria de verdadeiras manufacturas. Com base no estudo das marcas de oleiro, e fazendo uma reanálise dos dados actualmente disponíveis sobre a produção da *sigillata* aretina, Gunnar Fulle, chama a atenção para o carácter não exclusivamente urbano da produção deste tipo de cerâmica, à semelhança do que sucede com as ânforas e a cerâmica de construção (Fulle, 1997, p. 111-115). Do mesmo modo, contraria a noção amplamente difundida, de que as oficinas funcionavam como verdadeiras “empresas” com mestres e seus dependentes e de que a produção de *sigillata* exigia uma elevada subdivisão e especialização do trabalho (Fulle, 1997, p. 133 e 141).

Concordo, tal como Fulle afirma “We should now revise the use of such terms as “establishment of branch workshops” “expansion of major firms” or “major firms” with branch workshops”, since behind these terms lies the idea of the organization of the production and trade which is the least probable one” (Fulle, 1997, p. 143). A produção de *terra sigillata* itálica teve, segundo este investigador, o mesmo carácter que a produção de ânforas, cerâmica de construção e a *sigillata* sudgálica. “In the centre of the organizational structure stood a comparatively small unit of production, namely the workshop (*officina*)” (Fulle, 1997, p. 145). Seguindo esta linha de raciocínio, o autor valoriza um processo de evolução econó-

Distribuição das formas identificadas de *terra sigillata* de tipo itálico (TSI)

TSI		N.º Frag.	NMI
Formas Lisas	Consp. 1	9	8
	Consp. 4	22	18
	Consp. 6	5	5
	Consp. 7	3	3
	Consp. 10	6	6
	Consp. 12	38	36
	Consp. 13	3	3
	Consp. 14	17	16
	Consp. 15	3	2
	Consp. 18	43	33
	Consp. 19	5	3
	Consp. 20	13	13
	Consp. 21	5	4
	Consp. 22	55	49
	Consp. 23	4	4
	Consp. 26	2	2
	Consp. 27	6	4
	Consp. 28	1	1
	Consp. 30	14	2
	Consp. 31	16	12
	Consp. 32	5	5
	Consp. 34	3	3
	Consp. 36	11	8
Consp. 39	2	2	
Consp. 50	12	6	
	formas indet.	15	2
Formas decor.	Consp. R 2	6	4
	Consp. R 3	2	2
	Consp. R 4	2	2
	Consp. R 8	1	1
	Consp. R 9	1	1
	Decor. indet.	22	19
Marcas Grafitos	Marcas	47	40
	Grafitos	4	4

Ao contrário do que se verifica em Conímbriga, em que se encontram ausentes formas anteriores a 10 a.C., em Santarém elas estão representadas, embora em reduzido número pelo prato da forma Consp. 1, pela taça de duas asas, Consp. 30, os pratos Consp. 4.2-4.5, e por uma marca radial cuja cronologia é anterior a 15 a.C. Significativo do ponto de vista quantitativo e cronológico, é o peso da representação dos pratos da forma Consp. 12 e suas equivalentes em taça, da forma Consp. 14, enquadráveis cronologicamente, entre a última década do século I a.C. e a primeira década do século I d.C.

Contudo e como é natural, o grande volume de materiais da Alcáçova de Santarém apresenta uma datação que corresponde exactamente ao grande período de produção e de difusão deste tipo de *sigillata*. A abundância dos pratos Consp. 18 e Consp. 20, e das taças correspondentes Consp. 22 e 22/23, com datação de finais do reinado de Augusto e inícios de Tibério, assim o indica. A cronologia das marcas confirma este dado e aponta, também, para uma preponderância das oficinas de Arezzo no aprovisionamento de *sigillata* de tipo itálico à *colonia Scallabitana*.

De um total de 301 peças individualizadas, são apenas 29 as decoradas, o que corresponde sensivelmente à proporção de 1 para 10 (mais exactamente 9,63%). Em Conímbriga, esta proporção é de 5% (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 7) e em Belo de cerca de 10%

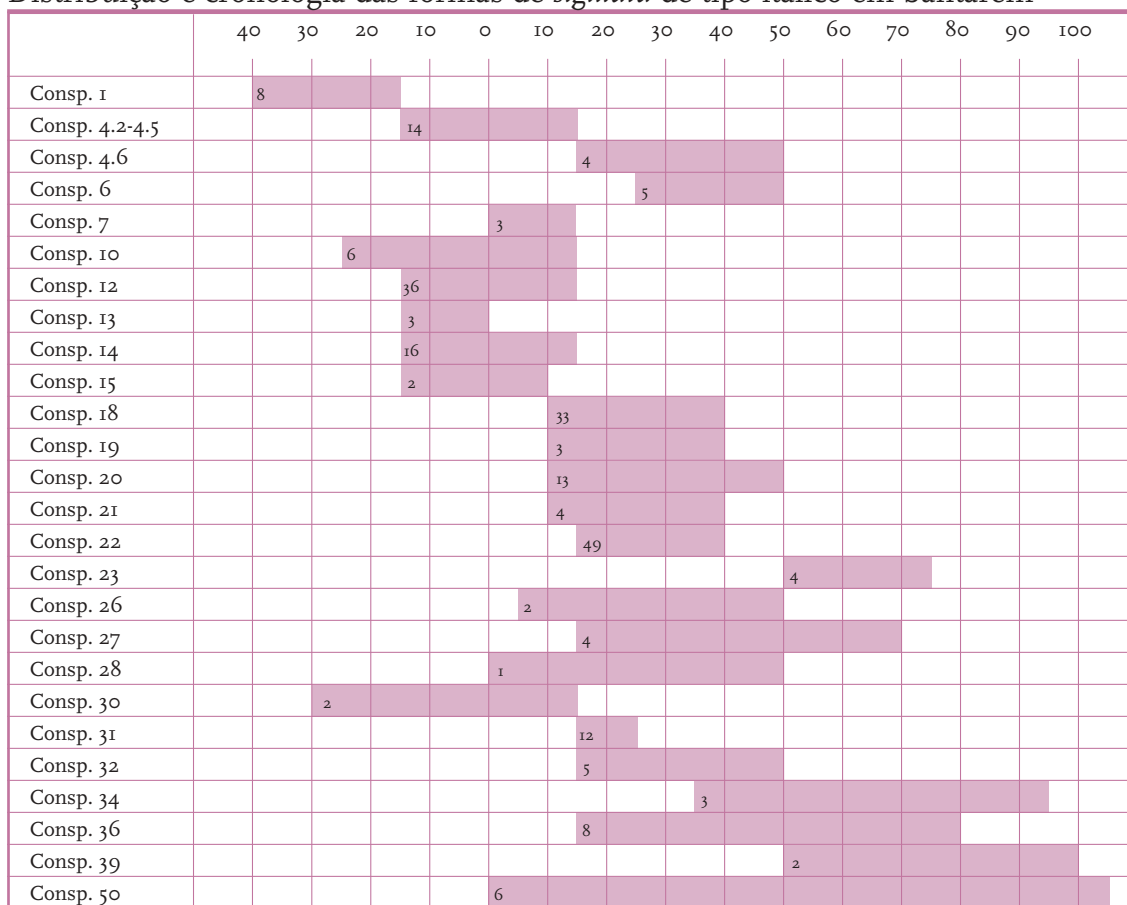
(Bourgeois e Mayet, 1991, p. 45). Infelizmente, a dimensão dos fragmentos quase nada permite saber acerca das oficinas em que as peças foram produzidas. Refira-se ainda que esta proporção poderá eventualmente ser mais baixa se se considerar que os fragmentos decorados de forma indeterminada podem ter pertencido aos cálices de que só restam os bordos.

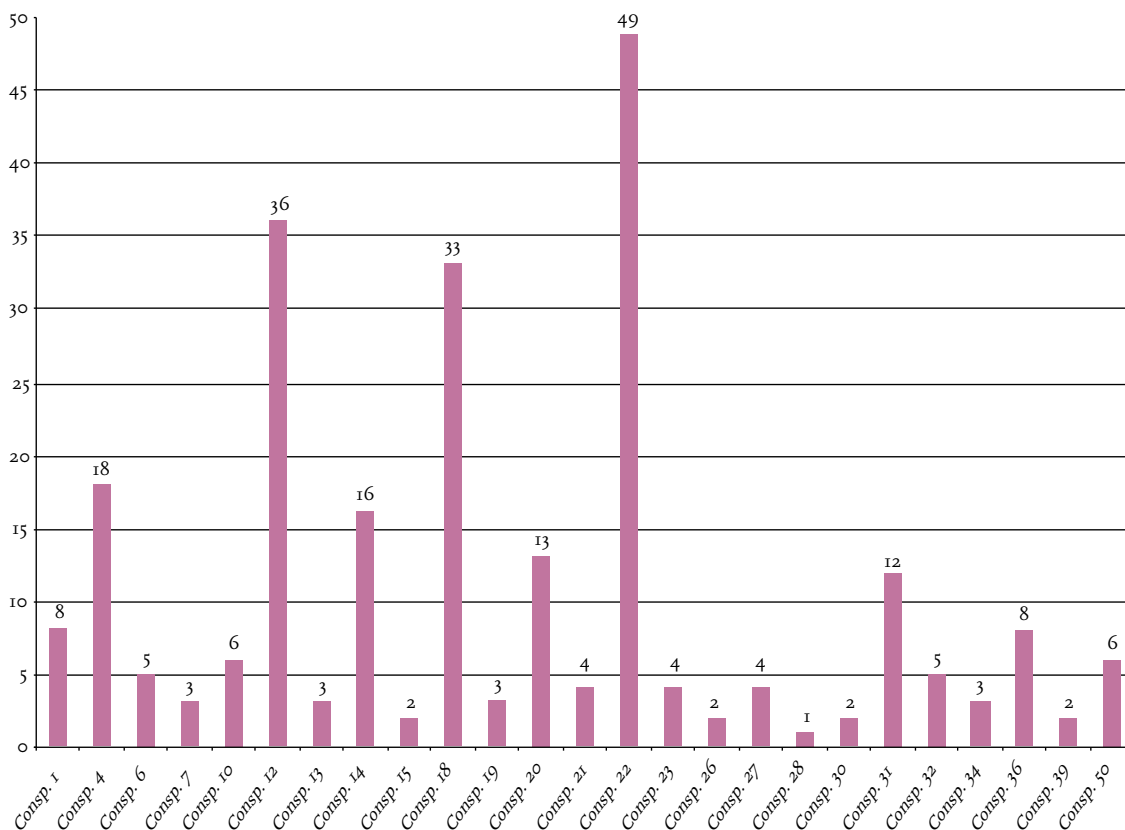
Apesar de muito escassa, não posso deixar de salientar a presença de *sigillata* tardo-italica (da região padana). Duas taças da forma Consp. 39, constituem prova de que Santarém ainda importava *sigillata* da península itálica em meados do século I/inícios do século II, numa altura em que as produções do Sul da Gália e da Hispânia dominavam já o mercado.

O estudo sistemático da *sigillata* de Santarém permitiu ainda a identificação, além dos dois fabricos habituais maioritários (**fabrico 1** e **2**), de outros que constituem testemunho significativo da presença naquela cidade das primeiras produções de *terra sigillata* de tipo itálico (**fabrico 3** e **4**), concretamente, da transição das cerâmicas campanienses de engobe negro, para a *sigillata* de engobe vermelho. O **fabrico 3** surge apenas na forma Consp. 1, enquanto que o **fabrico 4** se encontra presente em exemplares Consp. 1, 13, 30, 36 e numa forma fechada, desconhecida. Quanto ao **fabrico 5** (tardo-italico), apenas está representado uma vez na forma Consp. 39.

Após a conclusão do presente trabalho, o início do estudo sistemático da cerâmica campaniense (Arruda, em preparação) possibilitou a identificação de escassos fragmentos de *terra sigillata* de engobe negro da forma Consp. 8, Consp. 10.1, que serão estudados logo que possível. Este facto não é de estranhar já que se tinham identificado anteriormente em Santarém produções de *sigillata* de tipo itálica das mais antigas, não só quanto às formas mas também quanto aos fabricos.

Distribuição e cronologia das formas de *sigillata* de tipo itálico em Santarém





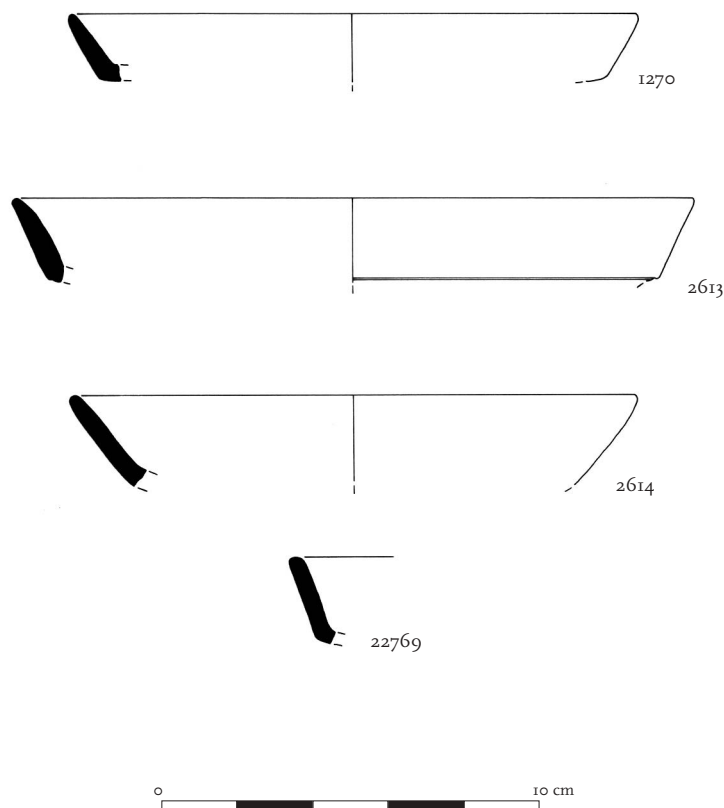
3.3.2.2. As formas lisas

3.3.2.3. A forma Consp. 1

Esta forma corresponde a um prato de parede esvasada, com bordo de secção semi circular ou levemente biselado, que pode surgir tanto em engobe negro, como em vermelho. É das formas mais antigas conhecidas, estando bem representada nos estratos mais antigos de Bolsena e Magdalensberg (40-15 a.C.) (*Conspectus*, p. 52).

Esta forma está presente em Santarém com oito exemplares da variante Consp. 1.1, de parede lisa no seu interior, apresentando uma grande variedade de fabricos. Assim, temos um exemplar com pasta e engobe já perfeitamente característicos da *sigillata* de tipo itálico (1270), encontrando-se igualmente presentes, nesta forma, o que considero serem exemplares representativos do fabrico de transição dos engobes negros (campanienses) para os vermelhos (**fabrico 3**). Destacam-se ainda neste conjunto fragmentos que se distinguem pela particularidade de apresentarem um engobe já de coloração alaranjada, mas pouco espesso e homogéneo, e que parece pouco aderente à pasta (**fabrico 4**). Quanto às dimensões dos diâmetros dos bordos, situam-se entre os 150 e os 180 mm.

As importações de *terra sigillata* de tipo itálico para Conímbriga iniciaram-se na época de Augusto e estão relacionadas com os momentos de fundação da cidade. Não existe, portanto, ali, qualquer fragmento desta forma, o mesmo sucedendo com o sítio de Belo.



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE			Fabrico		Observações	Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.			
1270	87	C 2		1	Consp. 1.1	1	bordo/ parede	150	220	45	2,5YR 6/8	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	40-15 aC
1279	88	C 7		7	Consp. 1.1	2	bordo/ parede	d.d.	220	50	7,5YR 4/8	2,5YR 4/8	mate	espesso	não homogéneo	4	fabrico antigo ?	40-15 aC
2613	85	C 1	G 16 bq O	3	Consp. 1.1	1	bordo/ parede	180	24	5	5YR 7/6	10R 4/8 e 2,5YR 3/3	brilhante	espesso	não homogéneo	3	transição da campaniense	40-15 aC
2614	87	C 4	J 13	10 a	Consp. 1.1	1	bordo/ parede	150	350	49	7,5YR 7/6	10R 5-4/8	brilhante	fino	não homogéneo	4	fabrico antigo ?	40-15 aC
14717	97		Q 1	5	Consp. 1.1	1	bordo/ parede	d.d.	21	40	5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	mate	fino	não homogéneo	4	fabrico antigo ?	40-15 aC
22769	99	1	C	sup	Consp. 1.1	1	bordo/ parede	d.d.	255	45	5YR 7/6	2,5YR 5-4/8 e 2,5YR 3/4	brilhante	espesso	homogéneo	3	transição da campaniense	40-15 aC
23893	99	1	B	135	Consp. 1	1	bordo/ parede	170	16	4	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	fino	não homogéneo	2	—	40-15 aC
3257	97		Q 18	7	Consp. 1	1	Bordo	d.d.	25,5	4	5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	Brilhante	espesso	homogéneo	1	—	40-15 aC

6.2.2.3. A forma Consp. 4

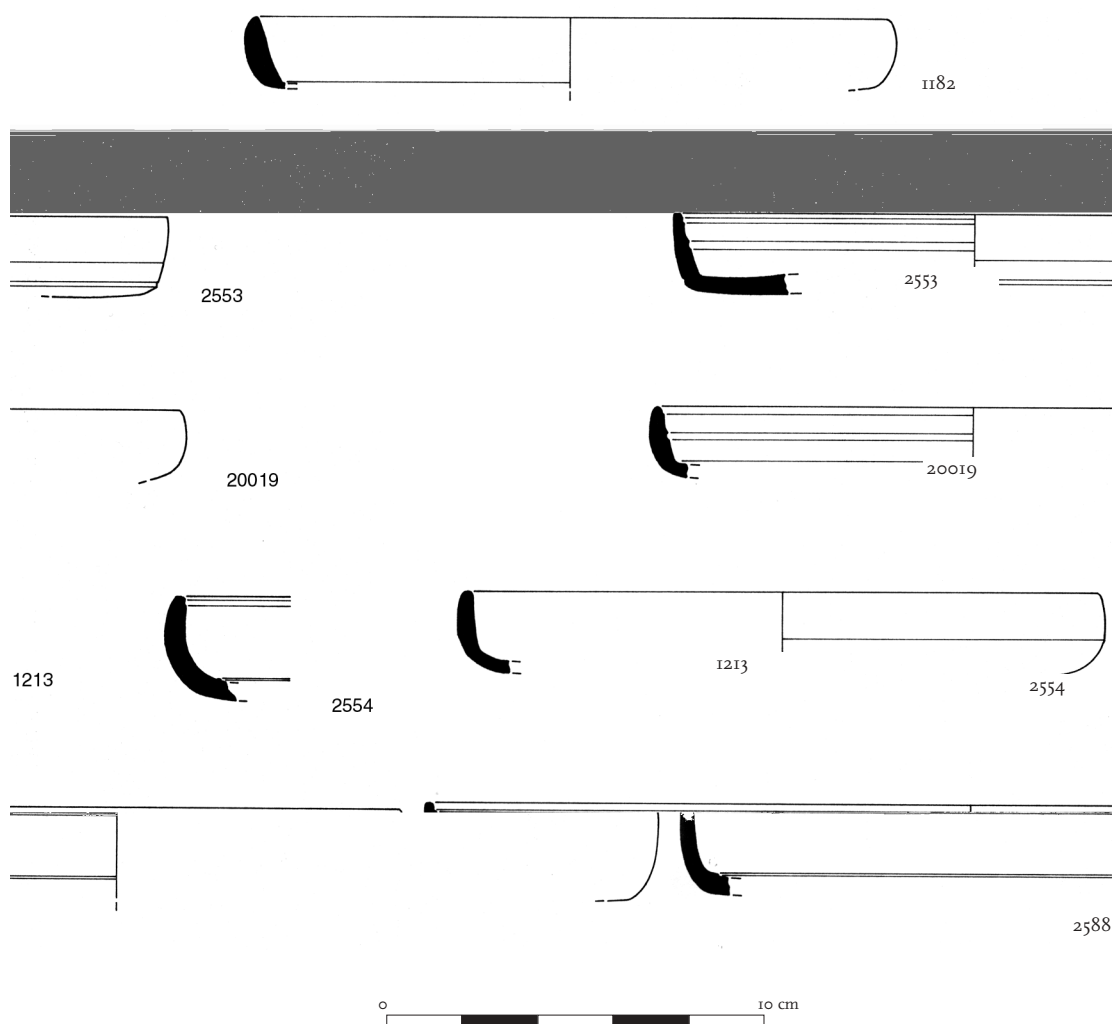
A forma Consp. 4 é um prato com bordo de lábio semicircular parede convexa, por vezes com ranhuras internas, e fundo plano. A cronologia apontada para esta forma abarca um período bastante longo, sendo as variantes Consp. 4.1 e 4.2 mais antigas datadas de um período anterior a Oberaden (antes de 11-9 a.C.), e atingindo as formas mais tardias, Consp. 4.6 e 4.7, os meados do século I d.C. As variantes Consp. 4.3 e 4.4 seriam representativas do período localizado entre a fundação de Oberaden e a primeira década do século I d.C. Por sua vez, a forma Consp. 4.5 seria pouco anterior ao acampamento militar de Haltern, chegando a atingir o final do reinado de Augusto (*Conspectus*, p. 58).

Em Santarém, encontramos dezoito peças desta forma que se distribuem pelo vasto período da sua produção. Os dois exemplares mais antigos enquadram-se na variante Consp. 4.2 e seguem as formas da cerâmica campaniense, nomeadamente Morel 2255, 2257 e 2286. As variantes Consp. 4.3, 4.4 e 4.5, com a parede interna repartida, totalizam doze exemplares em Santarém. Quanto à variante Consp. 4.6 reúne cinco exemplares. Pode assim afirmar-se que o conjunto de Santarém se centra nas cronologias mais antigas desta forma, entre meados e finais do reinado de Augusto.

Esta série apresenta as pastas e engobes habituais, excepto no caso de um exemplar em que o engobe é bastante acastanhado (**fabrico 1**), existindo dois exemplares do **fabrico 2**. Relativamente às dimensões do diâmetro da abertura, a grande maioria dos pratos situa-se entre os 160 e os 170 mm, medindo a altura da parede entre 24 e 17 mm.

Esta forma, com as suas variantes mais antigas, também está presente em Conímbriga sob o tipo Goudineau 19 a-c, existindo igualmente exemplares do tipo Goudineau 30 que correspondem às variantes Consp. 4.3, 4.5 e 4.6 (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 13-14, est. IV, n.ºs 61-68).

O conjunto das formas designado por Consp. 4 enquadra-se na forma Pucci 6 (Pucci, 1981, p.) com cronologia geral atribuída ao período do reinado de Augusto até Tibério, estando presentes em Belo sete das 15 variantes seriadas por Pucci (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 19-21).



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE				Fabrico	Observações	Cronol.	
N.º Inv.	Ano Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.				
3420	92/93	S.SMA	268-1	Consp. 4	1	bordo	150?	21,3	3,5	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	9/7 aC - 54 dC	
2585	94/95	—	Q 34	3	Consp. 4.2	1	bordo	170	14	40	5YR 7/6	10R 4-3/6	brilhante	espesso	homogéneo	1	engobe acastanhado	antes de 11-9 aC
1266	83	B	—	3	Consp. 4.2	1	bordo	170	17	40	5YR 7/4	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	2	—	antes de 11-9 aC
20622	99	1	B	10	Consp. 4.3	1	bordo/parede	150	18,8	5,8	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	11 aC - 9 dC
1182	89	C VIII 3	3	Consp. 4.4	2	bordo	170	17	60	2,5YR 7/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	11 aC - 9 dC	
23075	99	1	B	201	Consp. 4.4	1	bordo	d.d.	13	40	2,5YR 6/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	Fragmento diminuto	11 aC - 9 dC
23906	99	1	A	112	Consp. 4.4	1	bordo/parede	150	20,7	5,9	5YR 7/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	11 aC - 9 dC
2553	89	—	Q 3	4	Consp. 4.5	1	bordo/parede	160	20	5	2,5YR 7/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	9/7 aC - 14 dC
3230	97	—	Q 5	6	Consp. 4.5	1	bordo	d.d.	19	6	5YR 7/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	Fragmento diminuto	9/7 aC - 14 dC
20019	99	1	B	—	Consp. 4.5	1	bordo	170	70	50	5YR 7/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	pasta média	9/7 aC - 14 dC
23222	99	1	B	238	Consp. 4.5	1	bordo	d.d.	18	5	2,5YR 7/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	fragmento mínimo	9/7 aC - 14 dC
23370	99	1	B	238	Consp. 4.5	1	indet.	d.d.	15	5	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	fragmento diminuto	9/7 aC - 14 dC
23875	99	1	C	241	Consp. 4.5	2	bordo/parede	160	17	6	5YR 7/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	9/7 aC - 14 dC
23745	99	1	C	232	Consp. 4.5	1	bordo	d.d.	—	—	2,5YR 7/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	fragmento diminuto	9/7 aC - 14 dC
20224	99	1	B	sup	Consp. 4.5	1	bordo/parede	d.d.	15,3	7	5YR 7/6	2,5YR 5/8	brilhante	fino	homogéneo	1	desgaste do engobe no exterior	9/7 aC - 14 dC
2586	97	—	Q 1	5	Consp. 4.6	1	bordo	170	19	4,5	2,5YR 7/4	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	14-54 dC
2554	97	—	Q 3	4	Consp. 4.6	1	bordo	380	25	5	2,5YR 7-6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	14-54 dC
1213	89	C 6	—	9	Consp. 4.6	1	bordo/	170	20	5	5YR 6/6	2,5YR 5/8	brilhante	espesso	homogéneo	2	visível pel. esbranquiçada	14-54 dC
2588	94/95	—	Q 5	5	Consp. 4.6	1	bordo/parede	290	24	4	10R 6/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	14-54 dC

3.3.2.5. A forma Consp. 6

Esta forma corresponde a um prato de parede arredondada, convexa, com um ressalto ou degrau em meia-cana entre a parede e o fundo. A sua cronologia aponta para início da produção entre o final do reinado de Augusto até Tibério (Consp. 6.1), sendo as restantes variantes datáveis do período compreendido entre o segundo quartel do século I d.C. e os meados deste mesmo século (*Conspetus*, p. 62).

São cinco os exemplares da cidade *scallabitana* que se enquadram na forma Consp. 6.1 e 6.2, não se destacando do fabrico habitual da *sigillata* de tipo itálico. Apesar de se encontrar quase destruído, uma das peças ostenta decoração aplicada de um golfinho. Quanto aos diâmetros do bordo situam-se entre 160 e 170 mm.

Na tipologia de Goudineau, este prato corresponde ao tipo 31, presente em Conímbriga apenas com dois fragmentos, da variante mais antiga, apresentando guilhocé na superfície externa da parede convexa (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 16, est. X, n.º 137). Esta forma não se encontrou em Belo.

Quadro descritivo

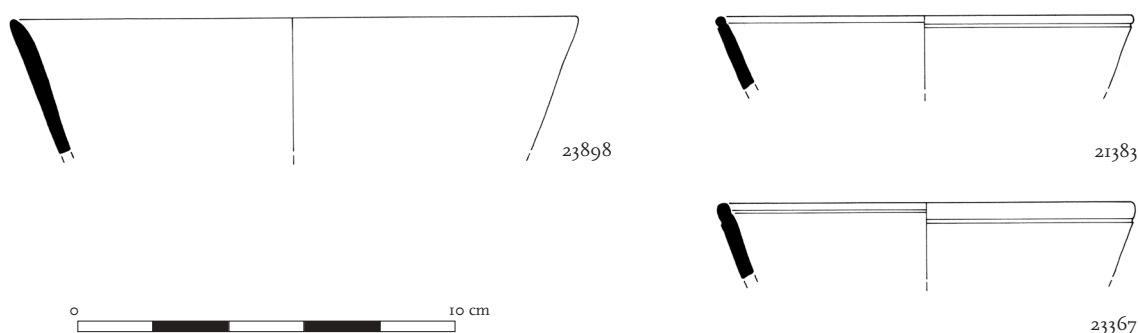
PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE							
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Observações	Cronol.
24376	99	I	C	160	Consp. 6.1	1	bordo/parede	190	24	5,5	2.5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	com guilhoché	25-50 dC
22860	99	I	B	Sup	Consp. 6.2	1	bordo	170	15	3	2.5YR 6/8	2.5YR 5/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	25-50 dC
23054	99	I	B	201	Consp. 6.2	1	bordo/parede	160	35	4	2.5YR 6/8	2.5YR 5/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	25-50 dC
23877	99	I	C	241	Consp. 6	1	bordo	d.d.	12	5,2	2.5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	golfinho parte destruído	25-50 dC
24250	99	I	C	189	Consp. 6	1	bordo	d.d.	16	5	2.5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	com guilhoché	25-50 dC

3.3.2.6. A forma Consp. 7

Trata-se de uma taça troncocónica com bordo de secção semicircular, parede oblíqua e rectilínea cujo perfil tem a sua origem nas formas de cerâmica campaniense, concretamente na forma Morel 2865, e cuja produção se prolonga por um longo período de tempo, continuando a ser produzida nas oficinas do Sul da Gália (formas Draggendorf 33 e Ritterling 10). A cronologia proposta pelos autores do *Conspetus* situa-a de meados a finais do reinado de Augusto (*Conspetus*, p. 64).

Em Santarém, encontramos apenas três exemplares desta forma, na variante Consp. 7.1. Relativamente ao seu fabrico, refira-se que um dos fragmentos possui a superfície exterior coberta com uma fina película esbranquiçada sob o engobe, do **fabrico 2**. Os diâmetros de abertura possíveis de determinar oscilam entre 110 e 150 mm.

Não se encontrou, em Conímbriga, qualquer fragmento desta forma, que corresponda ao tipo 2 de Goudineau. Não deve confundir-se com o prato n.º 224 (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 19, est. IX), apesar da inegável semelhança formal, pois é indicada pela autora que se trata de uma produção itálica tardia.



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE							
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Observações	Cronol.
21383	99	I	B	6	Consp. 7.1	1	bordo	d.d.	20	3,7	2.5YR 7/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	2	—	15 aC - 14 dC
23367	99	I	B	238	Consp. 7.1	1	bordo	d.d.	21	4	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	15 aC - 14 dC
23898	99	I	C	149	Consp. 7.1	1	bordo	150	29,8	4,3	2.5YR 6/8	2.5YR 5-4/8	brilhante	fino	não homogéneo	1	engobe pouco aderente, com desgaste no ext.	15 aC - 14 dC

3.3.2.7. A forma Consp. 10

Esta forma corresponde a um prato de bordo de secção triangular, pendente, parede pouco alta e fundo plano o qual inicia um conjunto de formas que se enquadram no serviço I de Haltern, com uma cronologia centrada entre os inícios e os meados do reinado de Augusto (*Conspetus*, p. 68).

Estão presentes, em Santarém, seis exemplares de pratos de grandes dimensões, com perfis que se podem enquadrar na variante Consp. 10.1, dos quais três são do **fabrico 2**. As formas dos bordos pendentes são bastante variadas, sendo igualmente diversificados os seus diâmetros entre 150 e 460 mm.

Esta forma corresponde ao tipo 6 de Goudineau e não está presente nem em Conímbriga nem em Belo.



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE							
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Observações	Cronol.
2556	94/95	—	Q 30	2	Consp. 10.1	1	bordo	260	18	3	5YR 7/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	2	—	27-15 aC
2592	94/95	—	Q 3	2	Consp. 10.1	1	bordo	d.d.	11	4	5YR 7/4-6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	não homogéneo	1	Pouco aderente	27-15 aC
2594	94/95	—	Q 5	2	Consp. 10.1	1	bordo	460	13,4	5	5YR 7/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	2	—	27-15 aC
2595	97	—	Q 1	6	Consp. 10.1	1	bordo	440	11	5	5YR 6/6	2.5YR 4/8 e 2.5YR 4/4	brilhante	espesso	homogéneo	1	Parte inferior do bordo escurecida	27-15 aC
2628	94/95	—	Q 29	4	Consp. 10.1	1	bordo	220	12,4	2,8	5YR 7/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	não homogéneo	2	—	27-15 aC
23762	99	1	C	246	Consp. 10.1	1	bordo	150	6	3,7	2.5YR 7/8	2.5YR 3/6	brilhante	espesso	homogéneo	1	Desgaste no exterior do bordo	27-15 aC

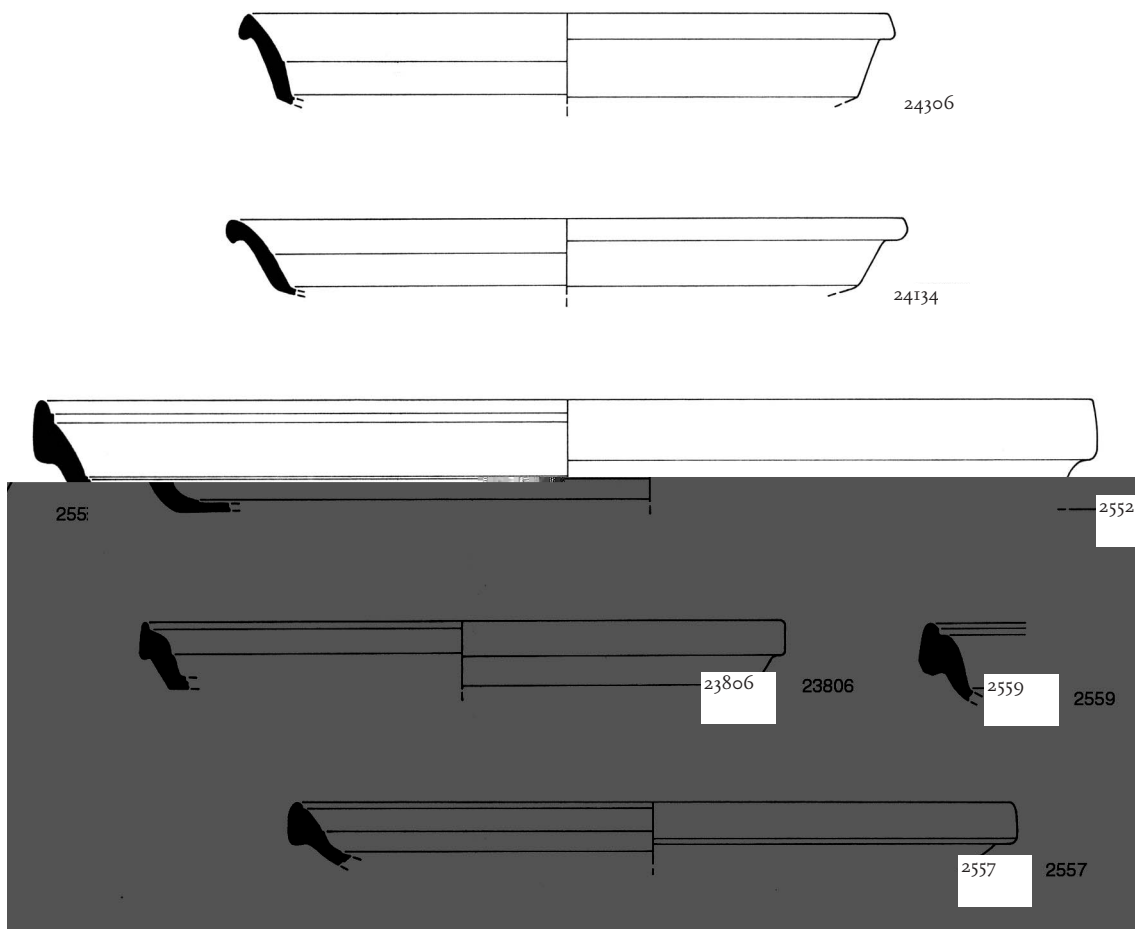
3.3.2.8. A forma Consp. 12

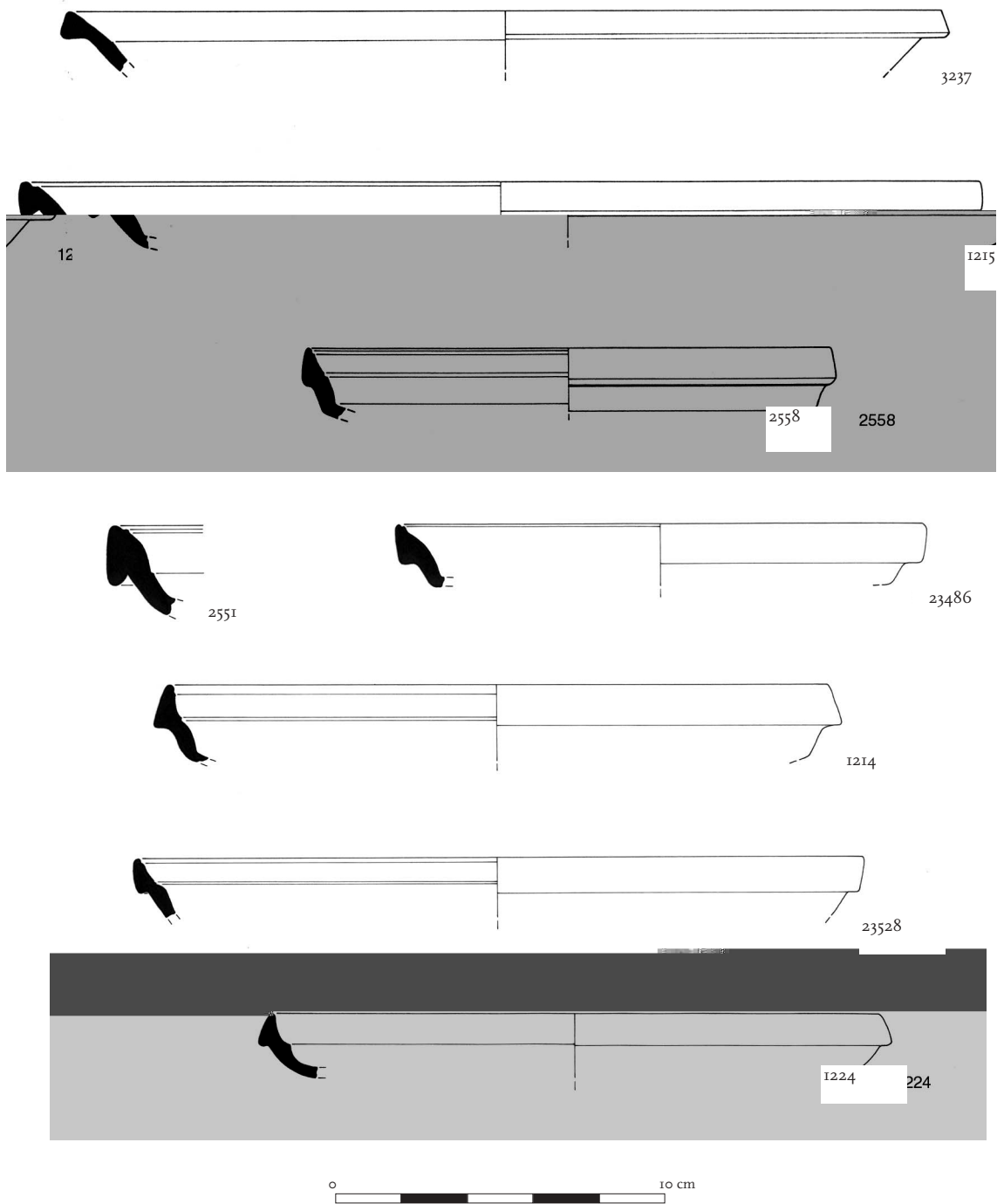
Esta forma corresponde a um prato de pequena ou grande dimensão de bordo pendente embora menos pronunciado que na forma anterior, uma vez que se destaca menos da parede. Trata-se da forma Ib e Ic do serviço I de Haltern e a cronologia proposta aponta para um período de produção relativamente curto, entre 15 e 10 a.C. É das formas mais comuns em Dangstetten e Oberaden (Consp. 12.1), embora haja variantes mais tardias (Consp. 12.4) que podem atingir os finais do reinado de Augusto (*Conspetus*, p. 72).

Esta forma totaliza trinta e seis exemplares e constitui, juntamente com as formas Consp. 14, 18, 20 e 22, um dos tipos mais comuns na Alcáçova de Santarém. Observa-se uma diversidade considerável, quer nas formas dos bordos quer nos diâmetros. A maioria dos exemplares de Santarém enquadra-se na variante Consp. 12.1, em que a ligação da parede interna e do bordo se apresenta arredondada, seguida de uma reentrância, existindo igualmente peças de parede mais perfilada (Consp. 12.2) e com tripartição interna da parede (Consp. 12.4).

Quanto aos diâmetros, verifica-se também alguma diversidade de dimensões que se distribuem do seguinte modo: diâmetros entre 150 e 190 mm -sete; entre os 200 e 280 mm - quatro; entre os 300 e 350 mm apenas dois; entre 440 e 460 mm são igualmente dois. Neste conjunto, não foi possível obter a dimensão do diâmetro para oito peças. De uma maneira geral, os engobes são brilhantes, espessos e homogêneos, característicos do **fabrico 1**. Em alguns casos há sinais de desgaste na superfície exterior do bordo e observa-se fraca aderência do engobe à pasta deixando ver uma fina película esbranquiçada (**fabrico 2**).

Esta forma, que corresponde ao tipo 15 e 17 de Goudineau, está entre a *sigillata* itálica mais antiga encontrada em Conímbriga e é também a mais abundante (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 13, est. III e IV, n.ºs 28-54). Em Belo, corresponde à forma Atlante VIII, e encontra-se bem representado, embora, tal como sucede para as peças de Santarém, tenha sido difícil a Bourgeois observar um padrão estandardizado (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 21 e 22).





Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO			FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE		Fabrico		Observações	Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.			
23187	99	1	B	238	Consp. 12	1	bordo	d.d.	20	6	2,5YR 7-6/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	Desgaste no exterior do bordo	15 aC-14 dC
3340	87	4	—	—	Consp. 12	1	bordo	d.d.	14	3	2,5YR 6/8	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	2	frag. diminuto	9 aC-14 dC
23926	99	1	B	111	Consp. 12	1	bordo/parede	d.d.	1	—	—	—	—	—	—	1	frag. diminuto	15 aC-14 dC
24126	99	1	B	193	Consp. 12	1	bordo	d.d.	—	—	—	—	—	—	—	1	frag. diminuto	15 aC-14 dC

Quadro descritivo [cont.]

PROVENIÊNCIA				TIPO	FRAGMENTO			DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE			Fabrico	Observações	Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.				
24667	99	I	B	200	Consp.	12	1	bordo	d.d.	—	—	—	—	—	—	1	frag. diminuto normal	15 aC-14 dC	
24099	99	I	B	125	Consp.	12.1	1	bordo/parede	d.d.	21	5	2.5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	2	—	15-9 aC
24306	99	I	C	172	Consp.	12.1	3	bordo/parede/fundo	170	22	4.4	5YR 7/6	2.5YR 5-4/8	mate	espesso	homogéneo	1	desgaste no bordo e fundo	15-9 aC
24145	99	I	B	193	Consp.	12.1	1	bordo/parede/fundo	160	16,1	2,9	5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	15-9 aC
24269	99	I	B	200	Consp.	12.1	1	bordo/parede/fundo	180	15,5	2,8	5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	2	—	15-9 aC
24134	99	I	B	193	Consp.	12.1	1	bordo/parede/fundo	190	18,6	3,5	5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	mate	fino	não homogéneo	1	engobe em muito mau estado	15-9 aC
2552	95	Mur	T 1	2 a	Consp.	12.1	1	bordo/parede	280	27	5	5YR 7/4	2.5YR 4/8	brilhante	fino	não homogéneo	2	—	15-9 aC
23031	99	I	B	201	Consp.	12.1	1	bordo	d.d.	19	3	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	2	—	15-9 aC
23053	99	I	B	201	Consp.	12.1	1	bordo	440	25	5	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	Ligeiro desgaste no ext. do bordo	15-9 aC
23217	99	I	B	238	Consp.	12.1	1	bordo/parede	d.d.	24	6	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	15-9 aC
23524	99	I	B	25	Consp.	12.1	1	bordo	240	13	3	2.5YR 5/6	2.5YR 4/6-8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	15-9 aC
2559	—	C VIII	17	Consp.	12.1.1	1	1	bordo/parede	350	14	5	2.5YR 7/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	15-9 aC
1268	84	G 16	2	Consp.	12.1.2	1	1	bordo	190	15	3	2.5YR 7/6	2.5YR 5/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	15-9 aC
2552	95	Mur	T 1	3 c	Consp.	12.1.2	1	bordo	190	15	3	5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	15-9 aC
24131	99	I	B	193	Consp.	12.1	1	bordo	d.d.	—	—	—	—	—	—	1	frag. diminuto	15-9 aC	
3237	94/95	—	Q 1	18	Consp.	12.1	1	bordo/parede	320 ?	16	4	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	Homogéneo	1	—	15-9 aC
23806	99	I	C	289	Consp.	12.1.2	1	bordo/parede	170	19	5	2.5YR 7/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	Ligeiro efeito de guilhoché no ext.	15-9 aC
1215	89	C 8	—	7	Consp.	12.1.3	1	bordo	270	24	5	5YR 7/4	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	15-9 aC
1217	—	C 8	—	13	Consp.	12.1.3	1	bordo/parede	d.d.	36	6	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	15-9 aC
2551	95	Mur	T 1	2 a	Consp.	12.1.3	1	bordo/parede	460	30	5	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	15-9 aC
3238	97	—	—	—	Consp.	12.1.3	1	bordo	Q 9	8	7	2.5YR 6/3 e 2.5YR 5/2	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	2	Pasta c/ manchas cinzentas.	15-9 aC
23030	99	I	B	201	Consp.	12.2	1	bordo	d.d.	20	4	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	2	—	15-9 aC
2558	97	—	Q 12/13	0	Consp.	12.2.1	1	bordo/parede	160	20	6	5YR 5/2	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	Pasta acinz. – pós-depos. ?	15-9 aC
2624	94/95	—	Q 2	3	Consp.	12.2.1	1	bordo	d.d.	17	4	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	15-9 aC
23486	99	I	C	88	Consp.	12.2.2	1	bordo/parede	160	19	5	2.5YR 5/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	fino	não homogéneo	1	Pouco aderente	15-9 aC
24216	99	I	B	195	Consp.	12.3	1	bordo/parede	d.d.	—	—	—	—	—	—	1	frag. diminuto	15 aC-14 dC	
1214	89	C VIII	3	17	Consp.	12.4	1	bordo/parede	200	18	4	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	15 aC-14 dC
23528	99	I	C	73	Consp.	12.4	1	bordo/parede	220	19	5	5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	15 aC-14 dC
23798	99	I	C	289	Consp.	12.4	1	bordo/parede	170	16	4	2.5YR 7/8	2.5YR 4/6	brilhante	espesso	homogéneo	2	—	15 aC-14 dC
1224	89	C 7	5	Consp.	12.5	1	1	bordo	190	30	4	2.5YR 6/6	10R 4/8	brilhante	espesso	não homogéneo	1	—	15 aC-14 dC
2629	—	C IX	17	4	Consp.	12.5	1	bordo	d.d.	17	4	5YR 7/6	2.5YR 5/8	brilhante	fino	não homogéneo	1	desgaste no ext. do bordo	15 aC-14 dC
3431	92/	S. SMA	—	229	Consp.	12.5	1	bordo	200?	11	4	7.5YR 7/4	10R 5/6 e 10R 4/8	baço	fino	não homogéneo	1	—	15 aC-14 dC

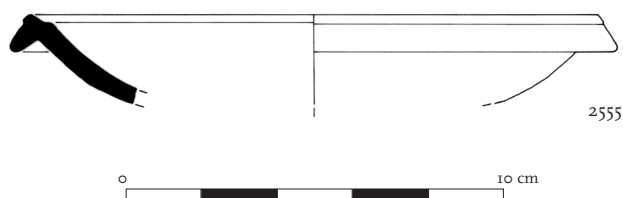
3.2.2.9. A forma Consp. 13

Esta taça de bordo pendente vertical, parede esvasada e com um ângulo acentuado na ligação ao fundo, possui uma cronologia que se situa em torno de 15 a 10 a.C. (*Conspectus*, p. 74).

Em Santarém, identificaram-se apenas três exemplares em Santarém, um deles claramente atribuível à forma 13.1, pois não apresenta qualquer repartição na parede interna, tenha uma parede mais hemisférica, não tão vertical. Quanto aos restantes fragmentos, a sua dimensão não possibilita maior precisão relativamente à forma.

Apenas um dos exemplares apresenta características que o diferenciam do conjunto da *sigillata* de tipo itálico. Além de possuir o engobe com brilho mate e pouco homogêneo, é de cor acastanhada. As restantes duas peças pertencem ao **fabrico 2**. Os diâmetros situam-se nos 160 mm.

Esta forma, correspondente ao tipo Goudineau 7 e Pucci 16, é inexistente em Conímbriga e Belo.



Quadro descritivo

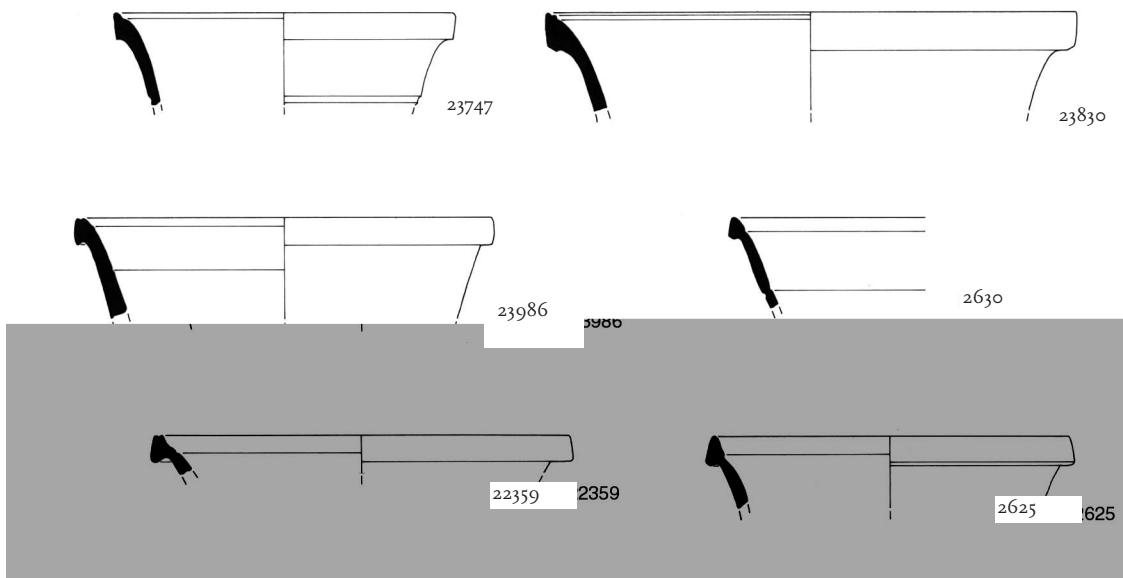
PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE							
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Observações	Cronol.
2555	94/95	—	Q 29	4	Consp. 13.1.1	1	bordo/parede	160	20	5	2,5YR 6/6	10YR 4/8	brilhante	espesso	homogêneo	2	—	15 aC
2626	94/95	—	Q 31	1	Consp. 13.1.1	1	bordo/parede	160	11	5	2,5YR 6/6	2,5YR 4/8 e 2,5YR 3/4	mate	espesso	não homogêneo	2	Sup. acastanh. na parte inf. do bordo	15 aC
1299	—	C IX	17	6	Consp. 13.2.1	1	bordo	d.d.	8	5	5YR 7/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogêneo	1	—	15 aC

3.3.2.10. A forma Consp. 14

A forma Consp. 14 é uma taça campaniforme com bordo pendente pouco pronunciado. Trata-se da forma que, juntamente com o prato Consp. 12, é a mais abundante em Dangstetten e Oberaden, com uma cronologia que se situa entre 15 a.C. e 10 d.C. (*Conspectus*, p. 76).

Identificaram-se dezasseis peças, sendo cinco pertencentes à variante Consp. 14.1, com a parede recta, e seis à forma Consp. 14.2, que apresenta tripartição da parede interna. Não se verificaram particularidades a assinalar, nem nas pastas nem nos engobes, excepto dois casos em que ele se apresenta pouco homogêneo e menos espesso. Apenas um fragmento pertence ao **fabrico 2**.

Esta forma está presente em Conímbriga, sobretudo na variante correspondente ao tipo Goudineau 18 (Consp. 14.2) (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, 14, est. II, fig. 55-59). Em Belo, os exemplares estão classificados como formas 20 e sobretudo a 21 de Pucci (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 29) e não se conta entre as formas mais abundantes.



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE			Fabrico		Observações	Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Observações	Cronol.
23505	99	I	B	42	Consp. 14	1	bordo/parede	160	19	4	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	2	Desgaste na sup. Ext. e pel. branca	15 aC-10 dC
24375	99	I	C	160	Consp. 14	1	bordo	d.d.	—	—	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	15 aC-10 dC
23747	99	I	C	232	Consp. 14.1	1	bordo	90	26	3	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	Ligeiro desgaste na parte sup. do bordo	10 aC-10 dC
23830	99	I	C	331	Consp. 14.1	1	bordo/parede	140	29	4	5YR 7/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	Ligeiro desgaste na sup. ext. do bordo	10 aC-10 dC
1303		B	—	5	Consp. 14.1.3	1	bordo/parede	d.d.	17	4	5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	não homogéneo	1	Ligeiro desgaste no ext. bordo	10 aC-10 dC
24294	99	I	B	200	Consp. 14.1	1	bordo/parede	90	20,5	3,5	2.5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	não homogéneo	1	—	10 aC-10 dC
23086	99	I	A	133	Consp. 14.1	1	bordo/parede	110	25	4	2.5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	10 aC-10 dC
2630	88	B	—	5	Consp. 14.1.3	1	bordo/parede	d.d.	26	3	5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	fino	não homogéneo	1	ligeiro desgaste na parte sup. do bordo	10 aC-10 dC
3419	92/93	S. SMA	—	250	Consp. 14.1.5	1	bordo	d.d.	12	4	2.5YR 7/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	10 aC-10 dC
22350	99	I	—	sup	Consp. 14.2	1	bordo	110	12	3	2.5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	15 aC-10 dC
23211	99	I	B	238	Consp. 14.2	1	bordo	130	15	4	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	15 aC-10 dC
23827	99	I	B	236	Consp. 14.2	2	bordo	150	9	3	5YR 7-6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	15 aC-10 dC
1273	83	B	—	3	Consp. 14.2.1	1	bordo	d.d.	12	3	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	15 aC-10 dC
1289		C IX	17	5	Consp. 14.2.2	1	bordo	90?	12	2	2.5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	ligeiro desgaste no ext. bordo	15 aC-10 dC
2625	94/95	—	Q 14/17E	14	Consp. 14.2.2	1	bordo/parede	100	20	3	2.5YR 6-5/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	15 aC-10 dC
22977	99	I	B	200	Consp. 14.3	1	bordo	d.d.	15	3	5YR 5/4	2.5YR 4-4/6	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	15 aC-10 dC

3.3.2.11. A forma Consp. 15

Tal como a forma anterior, esta taça apresenta o mesmo perfil em forma de campânula, ostentando um bordo convexo, normalmente com *guilhoché* no bordo. A cronologia apontada situa-a entre meados a finais do reinado de Augusto (*Conspectus*, p. 78).

Na Alcáçova de Santarém foram identificadas duas peças pertencentes a esta forma. À excepção da reduzida dimensão da abertura o exemplar escalabitano possui todas as características habituais nesta taça.

A forma corresponde ao tipo 29 de Goudineau e está presente em Conímbriga (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 16, est. VI, n.^{os} 125-129) com exemplares decorados ou não com *guilhoché*. Em Belo, esta forma está pouco representada e surge sob a designação de Atlante XXII (=Pucci 22)(Bourgeois e Mayet, 1991, p. 29-30).

Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO			FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE						
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Observações	Cronol.
23882	99	I	C	241	Consp. 15.1	2	bordo	70	14	3	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	Guilhoché	15 aC-15 dC
24788	99	I	B	200	Consp. 15	1	bordo	d.d.	—	—	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	15 aC-15 dC

3.3.2.12. A forma Consp. 18

Com esta forma inicia-se um novo ciclo da produção da *sigillata* de tipo itálico, quando se regista um maior incremento da produção e um mais elevado grau de standardização das formas. Trata-se de um conjunto de pratos de maior ou menor dimensão e taças de bordo vertical que se enquadram no serviço II de Haltern, anteriormente definido por Loeschcke, no qual também se incluem as formas Consp. 20, 21 e 22.

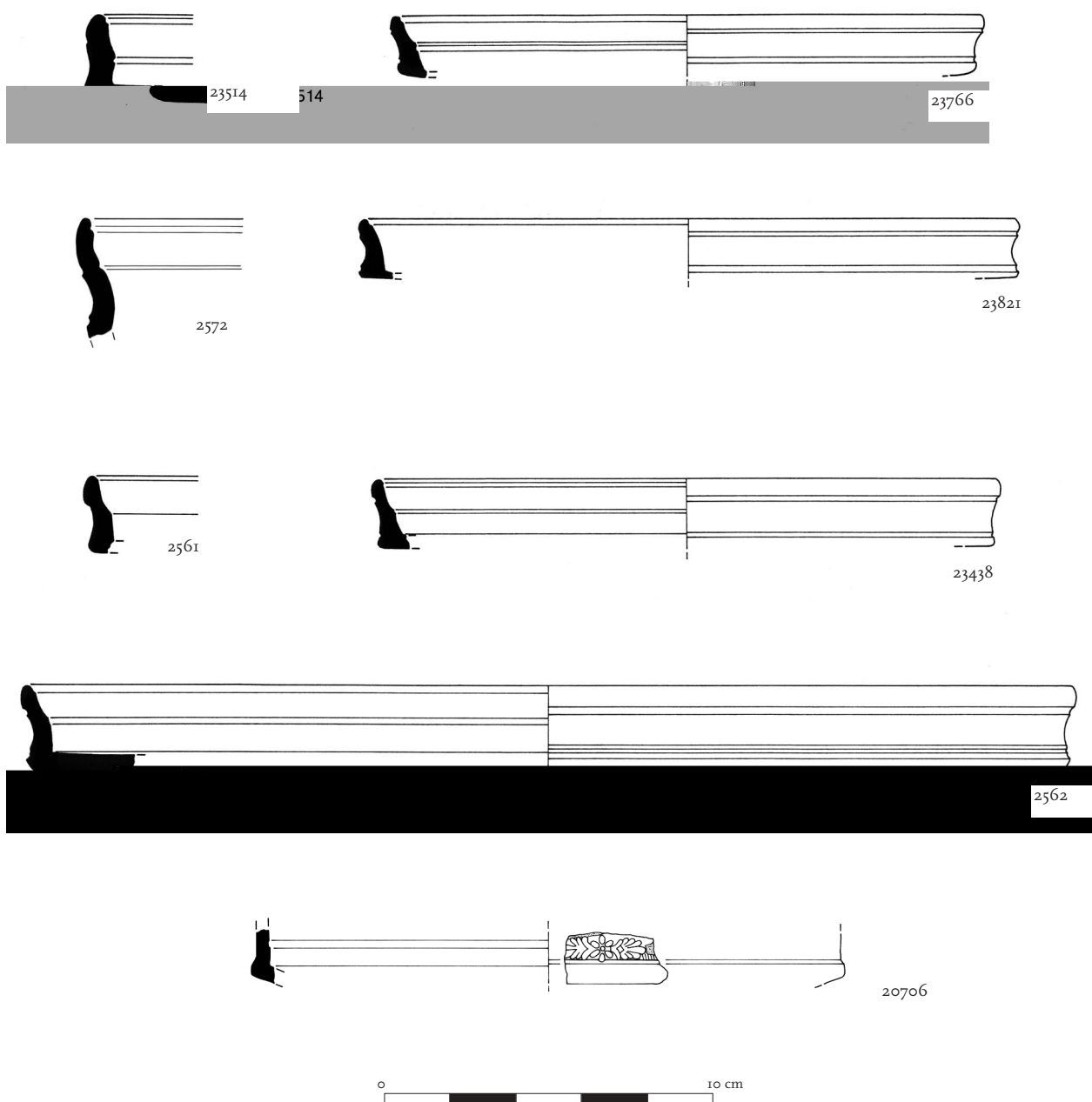
A forma Consp. 18 corresponde a um prato com base plana e bordo vertical côncavo. A subforma Consp. 18.2 é a mais comum, e distingue-se não só pelas molduras externas que o bordo apresenta, mas também pela sua repartição interna. (*Conspectus*, p. 82). A cronologia apontada situa-se em torno de 10 a.C. evoluindo para a forma Consp. 20, sobretudo a partir de Tibério, observando-se novamente uma simplificação do perfil e abandonando-se a divisão interna do bordo.

Esta forma, juntamente com a Consp 12, 20, 22 e 23, é das mais abundantes em Santarém atingindo um total de trinta e três exemplares. Entre os que possibilitam uma clara distinção quanto à subforma a que pertencem constata-se que a grande maioria se enquadra na variante Consp. 18.2, com bordo e parede divididos externa e internamente. Uma parte considerável deste conjunto apresenta sinais de fraca aderência do engobe em relação à pasta e alguns entre estes possuem uma fina película esbranquiçada sob o engobe – **fabrico 2**. Doze exemplares apresentam um diâmetro entre 140 e 170 mm, sete entre 180 e 200 mm e apenas se registam dois grandes pratos, com abertura de 310 e 360 mm. Destacamos neste conjunto uma peça (2572) que apresenta um diâmetro de abertura bastante elevado possivelmente superior a 440 mm e a parede igualmente mais espessa e alta que a dos restantes objectos. Um dos pratos ostenta decoração aplicada de um motivo vegetal com roseta que se pode atribuir à obra de ANNIVS (Dragendorff e Watzinger, 1948, p. 154, fig. 23, n.^{os} 6 e 7).

Vindo ainda reforçar mais o peso desta forma e da cronologia Augusto-tiberiana, existe um conjunto de nove bordos que não podemos distinguir se pertencem à forma Consp. 18 ou 19, pois não possuem o início do fundo plano ou em meia cana, respectivamente.

Em Conímbriga, é também com o conjunto de formas que corresponde ao serviço II de Haltern que as importações itálicas ganham maior relevo. Não é de estranhar por isso que este prato, que corresponde ao tipo 25 b de Goudineau (na variante Consp. 18.2), esteja bem representado naquele sítio (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 16, est. VII, n.ºs 88-98).

Em Belo, esta forma é também das mais abundantes, sendo ali classificada sob a forma Atlante X (=Pucci 10), reunindo assim quer exemplares da forma Consp. 18, quer da 20. De qualquer modo, trata-se de um prato que, nesta cidade do Sul de Espanha, se difunde sobretudo nos reinados de Tibério e Cláudio, apresentando uma variedade formal considerável, apesar da progressiva simplificação de perfis (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 23-26).



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO			FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE			Fabrico	Observações	Cronol.		
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.				Homog.	
23514	99	1	C	88	Consp.	18	1	bordo/ parede/ fundo	d.d.	27	8	2,5YR 7/6	2,5YR 4/8	brilhante	fino	homogéneo	2	—	10 aC- 37 dC
23654	99	1	C	44	Consp.	18	1	bordo/ parede/ fundo	160	18	4	5YR 7/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	10 aC- 37 dC
23766	99	1	C	246	Consp.	18	1	bordo/ parede/ fundo	180	17	5	2,5YR 7/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	10 aC- 37 dC
23812	99	1	C	271	Consp.	18	1	bordo/ parede	fundo 150	17	4	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	10 aC- 37 dC
1109		C IX	17	4	Consp.	18	1	bordo/ parede/ fundo	d.d.	29	5,3	2,5YR 7/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	sinais de desgaste na parte sup. bordo	10-50
23470	99	1	B	48	Consp.	18.1	1	bordo/ parede	d.d.	22	7	2,5YR 6/4	2,5YR 4/8	brilhante	fino	não homogéneo	2	—	10 aC- 37 dC
23821	99	1	C	314	Consp.	18.1	1	bordo/ parede/ fundo	200	18	4	10R 6/6	2,5YR 4/6?	brilhante	espesso	homogéneo	1	Guiloché na parte sup. do bordo	10 aC- 37 dC
1157	89	C 8	—	13	Consp.	18.2	1	bordo/ parede/ fundo	170	19	5	2,5YR 7-6/6	10R 4-5/8	brilhante	fino	não homogéneo	1	Desgaste na sup. ext. bordo	10 aC- 37 dC
1269		C IX	17	3	Consp.	18.2	1	bordo/ parede/ fundo	d.d.	23	4	2,5YR 6/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	não	2	— homogéneo	10 aC- 37 dC
2561	97	—	Q 11	0	Consp.	18.2	1	bordo/ parede/ fundo	d.d.	22	6	5YR 7/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	não homogéneo	1	pouco aderente	10 aC- 37 dC
2562	94/ 95	—	Q 5	0	Consp.	18.2	8	bordo/ parede/ fundo	320	26	6	5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	2	—	10 aC- 37 dC
2617	97	—	Q 2	2	Consp.	18.2	1	bordo/ parede/ fundo	170	19	5	5YR 7/4	2,5YR 4/8	brilhante	fino	não homogéneo	1	com aplicação irregular no ext.	10 aC- 37 dC
2619	87	C 4	I 14	4	Consp.	18.2	3	bordo/ parede/ fundo	190	21	3	5YR 6/6	2,5YR 4/6-8	brilhante	espesso	homogéneo	1	pasta acastanh. da cozedura? ou pós-dep.	10 aC- 37 dC
2622	87	—	I 14	4	Consp.	18.2	1	bordo/ parede/ fundo	170	21	4	5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	10 aC- 37 dC
3254	97	—	Q 5	8	Consp.	18.2	1	bordo/ parede	d.d.	17	4	5YR 7/4	2,5YR 4/8	brilhante	fino	não homogéneo	2	—	10 aC- 37 dC
20691	99	1	B	sup	Consp.	18.2	1	bordo/ parede/ fundo	190	18	5	2,5YR 7-6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	desgaste na parte sup. do bordo	10 aC- 37 dC
22985	99	1	B	210	Consp.	18.2	1	bordo/ parede/ fundo	150	16	4	5YR 6/4	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	10 aC- 37 dC
23026	99	1	B	201	Consp.	18.2	1	bordo/ parede/ fundo	d.d.	21	5	5YR 6/6	2,5YR 4/8	brilhante	fino	não homogéneo	2	—	10 aC- 37 dC
23050	99	1	B	201	Consp.	18.2	1	bordo/ parede/ fundo	d.d.	17	5	2,5YR 7/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	10 aC- 37 dC
23229	99	1	B	238	Consp.	18.2	1	bordo/ parede/ fundo	150	17	5	2,5YR 7/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	não homogéneo	1	ligeiro desgaste na sup ext.	10 aC- 37 dC
23356	99	1	—	sup	Consp.	18.2	1	bordo/ parede/ fundo	d.d.	16	3	5YR 7/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	não homogéneo	1	—	10 aC- 37 dC
23438	99	1	B	130/ 180	Consp.	18.2	1	bordo/ parede/ fundo	190	21	4	5YR 7/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	2	—	10 aC- 37 dC
20706	99	1	B	30	Consp.	18.2	1	parede/ fundo	190	14	4	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	aplicação de flor	10 aC- 37 dC
23936	99	1	B	120	Consp.	18.2	1	bordo/ parede/ fundo	170	21,2	4	7,5YR 7/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	fino	homogéneo	1	ligeiro desgaste	10 aC- 37 dC
24437	99	1	B	195	Consp.	18.2	1	bordo/ parede/ fundo	d.d.	17	4,6	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	10 aC- 37 dC

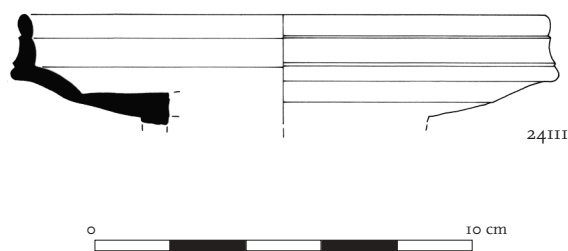
Quadro descritivo [cont.]

PROVENIÊNCIA				TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA	ENGOBE							
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Observações	Cronol.
24211	99	I	B	110	Consp. 18.2	1	bordo/ parede/ fundo	d.d.	21,6	5,5	2.5YR 7/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	fino	homogéneo	1	pouco aderente	10 aC- -37 dC
24238	99	I	C	181	Consp. 18.2	1	bordo/ parede/ fundo	150	16,2	5	2.5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	fino	não homogéneo	2	—	10 aC- -37 dC
24382	99	I	C	154	Consp. 18.2	1	bordo/ parede	d.d.	—	—	—	—	—	—	—	1	frag. diminuto	10 aC- -37 dC
24303	99	I	B	200	Consp. 18.2	1	bordo/ parede	d.d.	—	—	—	—	—	—	—	1	frag. diminuto	10 aC- -37 dC
2572	87	C 4	J 14	6	Consp. 18 var.	1	bordo	440 ?	35,6	6,5	2.5YR 6/6	2.5YR 5/8	brilhante	espesso	homogéneo	2	—	10 aC- -37 dC
3216	97	—	Q 18	3	Consp. 18.2	1	bordo/ parede/ fundo	d.d.	30	4,3	2.5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	2	—	10 aC- -37 dC
3277	97	—	Q 7	4	Consp. 18	1	bordo/ parede/ fundo	360 ?	28	5,5	2.5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	2	de 22.7.97	10 aC- -37 dC
23485	99	I	B	71	Consp. 18	1	bordo/ parede/ fundo	d.d.	30	4,5	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	2	—	10 aC- -37 dC
23252	99	I	B	238	Consp. 18	1	bordo/ parede/ fundo	d.d.	21	4,6	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	2	—	—

3.3.2.13. A forma Consp. 19

Esta forma tem a mesma cronologia e mostra uma evolução morfológica idêntica à da forma Consp. 18, portanto do período de finais de Augusto-Tibério (*Conspectus*, p. 84, est. 19). O perfil deste prato distingue-se da forma Consp. 18, por apresentar uma meia-cana na ligação da parede ao fundo.

Em Santarém existem apenas três exemplares desta forma, na sua versão mais reduzida pois o diâmetro dos seus bordos não excede os 170 mm.



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA				TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA	ENGOBE							
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Observações	Cronol.
24III	99	I	B	200 e 197	Consp. 19	2	bordo/ parede/ fundo	140	26,7	4,6	5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	Aug-Tib.
24210	99	I	B	110	Consp. 19	2	parede/ meia-cana/ fundo	f.170	16	4	2.5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	Aug-Tib.
23864	99	I	B	263	Consp. 19	1	parede/ meia-cana	—	—	—	—	—	—	—	—	1	Frag. diminuto	Aug-Tib.

3.3.2.14. A forma Consp. 20

Este prato apresenta as mesmas características gerais apontadas para o prato Consp. 18, embora a parede interna não registre, aqui, qualquer divisão. Este perfil apresenta uma cronologia que, embora raramente, pode remontar ao reinado de Augusto, e só conhece uma difusão verdadeiramente maior a partir do reinado de Tibério, altura em que tende mesmo a substituir a forma Consp. 18. As variantes mais tardias (Consp. 20.4 e 20.5) são igualmente raras, chegando a atingir os meados do século I d.C. (*Conspectus*, p. 86). Deve, no entanto referir-se que não é clara a distinção entre as últimas variantes da forma Consp. 18 e as variantes iniciais do tipo Consp. 20.

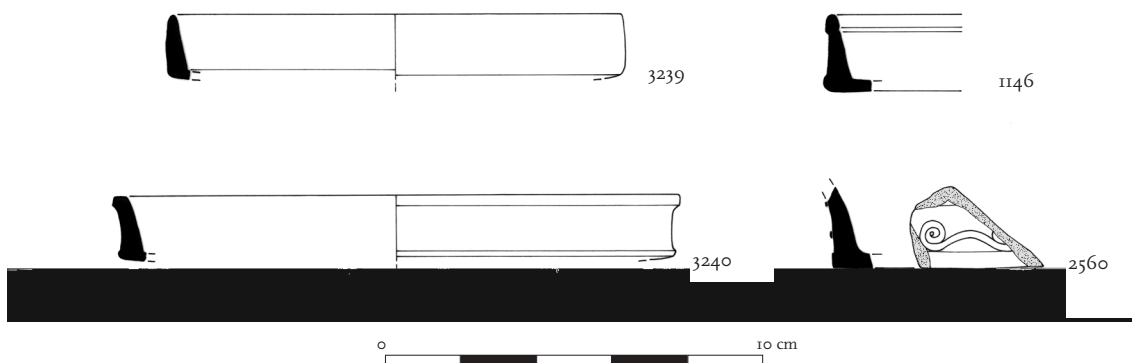
Em Santarém, registam-se treze exemplares desta forma, que se distribuem pela variante Consp. 20.1, com o bordo vertical e simples, e pela forma Consp. 20.4 que é mais abundante e é bastante comum em contextos de meados do século I. Para Santarém, é necessário matizar esta cronologia, pois a partir do final do reinado de Tibério-início de Cláudio, existe já uma quantidade significativa de exemplares de *terra sigillata* com origem no sul da Gália.

Não nos surpreende a abundância, em Santarém, de exemplares com decoração de relevos aplicada sobre o guilhoché, pois é uma das características desta produção. Infelizmente, na maior parte dos casos, ela está tão destruída que é praticamente ilegível. Mesmo assim é possível observar o motivo da dupla espiral em dois casos. De referir ainda que três peças são do **fabrico 2**. A sua dimensão não permite, na maioria dos casos, a determinação do diâmetro. Quando tal foi possível, ele situa-se entre os 100 e 160 mm.

Existem ainda dez fragmentos de fundos planos e arranque da parede de pratos que podem pertencer quer à forma Consp. 18, quer à 20. Não detêm altura de parede suficiente para que se possam distinguir, nem são contabilizados de acordo com a metodologia de quantificação que utilizámos. No entanto, não podem deixar de ser assinalados pois contribuem ainda mais para aumentar a concentração das importações de *sigillata* de tipo itálico neste período, entre meados do reinado de Augusto e o final do reinado de Tibério.

Em Conímbriga, é também a variante mais tardia (Consp. 20.4), sem repartição interna do bordo, que é a mais abundante. Corresponde ao tipo Goudineau 39 b, e surge frequentemente, com aplicação de motivos (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 18, est. 10, n.^{os} 180-192).

Tal como sucede com a forma 18, este prato é na tipologia de Pucci, assimilado ao tipo 10, sendo “(...)massivement présent avec 262 objects (...)” e o seu estudo possibilitou um melhor conhecimento do abastecimento deste tipo de materiais a Belo (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 24, est. I e II). Assim, verificou-se que a variante mais abundante deste tipo de pratos datava dos reinados de Tibério e Cláudio, apesar de também estarem bem representadas as formas correspondentes a uma primeira fase -augustana- e à segunda fase cuja cronologia se localiza entre 15 e 20 d.C.



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA				TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE					Cronol.
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Observações	
2618	89	C 5	—	3 a	Consp. 20	1	bordo/ parede/ fundo	d.d.	19	5	5YR 7-6/4	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	10 aC - 50 dC
2784	87	C 4	I 14	2 c	Consp. 20	1	bordo/ parede/ fundo	160	20	3,2	2.5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	2	—	10 aC - 50 dC
20704	99	I	B	30	Consp. 20	1	bordo/ parede/ fundo	d.d.	17	5	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	10 aC - 50 dC
2610	97	—	Q 3	3	Consp. 20.1	1	bordo	100 ?	19	4	2.5YR 5/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo e aplicação destruída.	1	com guilhoché	10 aC - 41 dC
3239	97	—	Q 5	1	Consp. 20.1	1	bordo/ parede/ bordo	120	16	4	5YR 7/6	2.5YR 5-4/8	mate	fino	não homogéneo	1	—	27 aC - 41 dC
<u>1146</u>	89	C VIII	—	3	Consp. 20.4	1	bordo/ parede/ bordo	d.d.	21	5	10R 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	fino	não homogéneo	2	—	30-50 dC
<u>2560</u>	97	—	Q 1	1	Consp. 20.4	1	parede/ fundo		22	5	10R 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	aplicação em barbotina dupla espiral	30-50 dC
2610	97	—	Q 3	3	Consp. 20.4	1	bordo	100 ?	16	4	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	aplicação ilegível sobre guilhoché	30-50 dC
2697	85	—	F 15	3 b	Consp. 20.4	1	parede/ fundo	d.d.	18	3	2.5YR 7-6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	decor. barb. dupla espiral destruída	30-50 dC
2785	94/ 95	—	Q 2	3	Consp. 20.4	1	bordo/ parede/ fundo	d.d.	19	4	10R 6-5/6	2.5YR 4/8	brilhante	fino	não homogéneo	2	—	30-50 dC
<u>3240</u>	94/ 95	—	Q 1	8	Consp. 20.4	1	bordo/ parede/ fundo	150	16	4	2.5YR 6/8	2.5YR 5-4/8	brilhante	fino	não homogéneo	1	—	30-50 dC
24160	99	I	B	134	Consp. 20.4	1	bordo/ parede	d.d.	—	—	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	30-50 dC
24390	99	I	C	160	Consp. 20.5	1	bordo/ parede	d.d.	—	—	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	30-50 dC

3.3.2.15. A forma Consp. 21

Este prato distingue-se dos anteriores por possuir um degrau ou meia cana entre a parede e o fundo, além do habitual bordo e parede vertical (que pode ser ou não bipartida). A sua cronologia é semelhante à proposta para a forma Consp. 20, sendo também idêntica a sua evolução. Abarca um período relativamente longo, desde meados do reinado de Augusto até Tibério-Cláudio (10 a.C.-41 d.C.). Além disso, sobreviverá noutros fabricos, sendo das formas mais produzidas e exportadas pelas oficinas do Sul da Gália (Dragendorff 15/17) (*Conspectus*, p. 88).

Em Santarém, existem quatro exemplares que identifiquei como pertencente a esta forma. Três pertencem à variante Consp. 21.1, outros dois são idênticos ao perfil da variante Consp. 21.2, e um exemplar da forma Consp. 21.3, com diâmetros entre os 140 e os 180 mm. Apenas um exemplar pertence ao **fabrico 2**.

Em Conímbriga, não há pratos que lhe correspondam. Os raros exemplares que aí se encontram pertencem à forma Goud. 28 e, por deterem repartição interna do bordo aproximam-se mais da forma Consp. 19, com uma cronologia também um pouco mais recuada (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 16, est. VII, n.ºs 99 e 100, 118-124).

Este prato não é igualmente muito abundante em Belo (Pucci 9), estando representado por exemplares de amplo espectro cronológico. Apesar de serem escassas identificaram-se peças que permitem atribuição de cronologia mais precisa. Existe um exemplar anterior a 15-10 a.C., situando-se, no entanto, a maioria já no reinado de Tibério (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 22-23, est. I).



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE			Fabrico		Observações	Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.			
21649	99	I	B	11	Consp. 21.1	1	bordo/ parede/ fundo	160	26	5	2,5YR 6/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	10 aC- -41 dC
23246	99	I	B	238	Consp. 21.1	1	bordo/ parede	180	18	4	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	10 aC- -41 dC
2593	97	—	Q 3	8	Consp. 21.2.1	1	bordo/ parede	140	21	3	5YR 7-6/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	10 aC- -41 dC
3266	97	—	Q 7	4	Consp. 21.3	1	bordo/ parede/ fundo	150	26	4,4	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	fino	homogéneo	2	—	15 aC- -30 dC

3.3.2.16. A forma Consp. 22

Com esta forma, inicia-se a sequência das taças correspondentes aos pratos anteriormente descritos (Consp. 18, 20 e 21), do chamado serviço II de Haltern.

A forma Consp. 22 é uma taça de corpo cónico e bordo vertical, côncavo, normalmente com decoração de *guilhoché*. As variantes distinguem-se pela presença, ou não, de repartições na parte interna ou externa do bordo. Tal como sucede nos pratos, assiste-se a uma evolução que tende para uma progressiva simplificação do bordo, que num dado momento deixa de apresentar a repartição interna. Estas peças estão presentes nos campos militares de Oberaden e Rödgen (cerca de 10 a.C.), sendo possível que seja um pouco anterior. O final da repartição interna do bordo está datado do reinado de Augusto, evoluindo o perfil desta forma para a taça Consp. 23, numa transição que se completa no final do reinado de Tibério. Considero, por este motivo, pouco clara a distinção entre as variantes mais tardias da forma Consp. 22 e as mais antigas da taça Consp. 23 (*Conspetus*, p. 90).

Esta taça é, de longe, a forma mais abundante na Alcáçova de Santarém, registando-se quarenta e nove exemplares, que se distribuem quase pela totalidade das variantes, embora sejam as formas Consp. 22.1 e 22.5 as mais representadas, remetendo a cronologia da maioria dos exemplares de Santarém para o período entre os meados do reinado de Augusto e Tibério. Como já foi mencionado, torna-se difícil a distinção entre alguns fragmentos da forma Consp. 22.5 e Consp. 23, por serem idênticas nas suas características morfológicas. Optei por uma integração na forma Consp. 22.5, em detrimento da forma Consp. 23.2, uma vez que esta última possui uma cronologia bastante tardia, do terceiro quartel do século I. Na Alcáçova de Santarém, tal como nos restantes sítios do território português, a partir do reinado de Tibério as importações são maioritariamente provenientes das oficinas do Sul da Gália, e já não da península itálica.

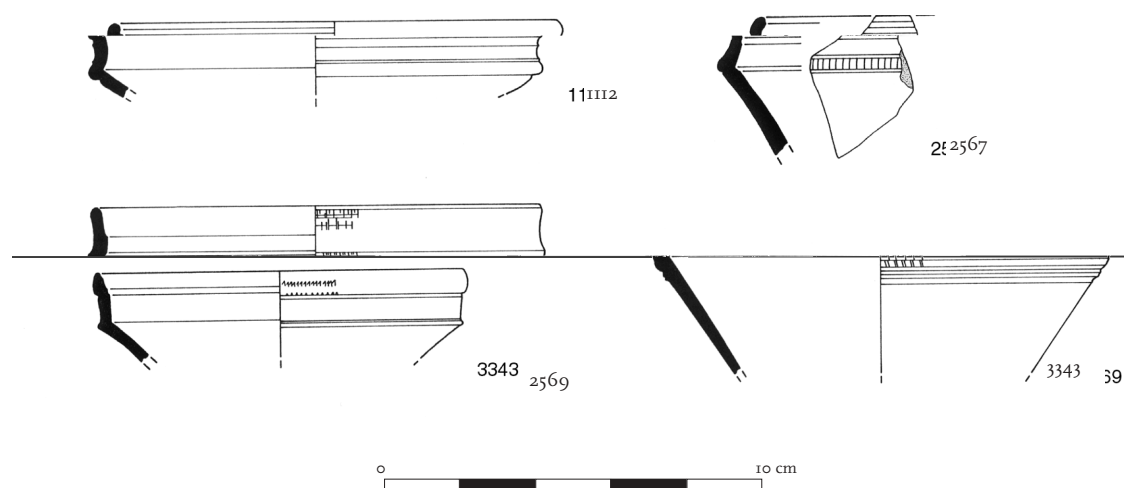
No conjunto, é significativa a quantidade destas taças que têm decoração de *guilhoché* no bordo, estando igualmente presentes peças que ostentam decoração aplicada com a forma de golfinho ou de dupla espiral, o que vai ao encontro da proposta de uma datação tiberiana para estes materiais. De destacar igualmente a presença de uma marca do oleiro C.TAPVRIVS de Pozzuoli (OCK, tipo 2036) no fundo interno de uma taça que será analisada, mais detalhadamente, no capítulo relativo às marcas.

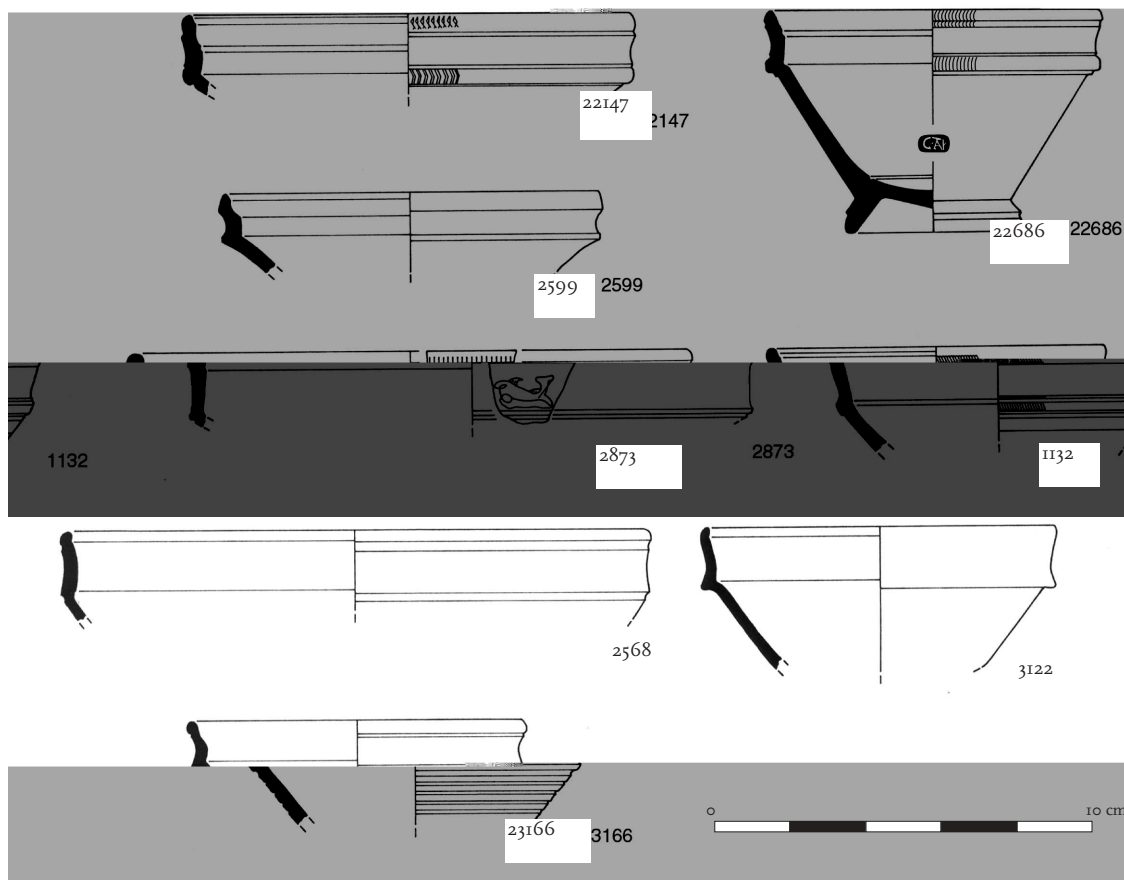
Observa-se já alguma standardização quer nas formas quer quanto ao diâmetro das aberturas que se deverá situar sobretudo entre 120 e 140 mm, ou entre 750 e 900 mm (*Conspectus*, p. 90). Em Santarém, a maioria das peças distribui-se, quase equitativamente, entre estes dois grupos, existindo igualmente algumas peças que possuem 100 mm de diâmetro. Estão ausentes, ao que tudo indica, as variantes que seriam produções das oficinas pisanas (diâmetros entre 180 e 200 mm). A esmagadora maioria das peças integra o **fabrico 1**, apenas se registando cinco exemplares do **fabrico 2**. Neste último caso, a fraca aderência do engobe é sobretudo visível na superfície exterior do vaso, registando-se um exemplar onde ambas as superfícies têm esta particularidade e outro em que praticamente todo o engobe da superfície interna desapareceu.

Existem dezanove fragmentos que apenas apresentam a parte inferior do bordo, quase sempre com *guilhoché*, e parte da parede, que não foi possível decidir se podiam incluir-se na forma Consp. 22 ou na 23. Trata-se, no entanto, de um conjunto numeroso que não pude ignorar, e que vem, em meu entender, reforçar a concentração dos materiais itálicos em cronologias em torno do reinado de Tibério, confirmando o que já se esboçava como o momento de maior quantidade de importações para *Scallabis*. Dada a grande quantidade de taças da forma Consp. 22 identificadas, não seria de estranhar que a maioria destes fragmentos se pudesse incluir naquela forma.

Em Conímbriga, a taça Consp. 22, que corresponde à forma 27 de Goudineau, é das mais comuns, associando-se ao prato que lhe é correspondente no serviço II de Haltern (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 16, est. V e VI, n.ºs 101-117).

Igualmente em Belo, a taça Pucci 25 surge em grande abundância, juntamente com o seu prato correspondente (Pucci 10), predominando as taças de menores diâmetros apesar das reservas que as autoras colocam na utilização do termo “standardização”. Refira-se igualmente que, em termos quantitativos, os pratos Pucci 10 correspondem a mais do dobro das taças Pucci 25. O conjunto de Belo destaca-se ainda pela quantidade considerável de marcas de oleiro, que apontam para um predomínio de materiais com cronologia do reinado de Tibério ou posteriores (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 31-32, est. III).





Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE							
N.º Inv.	Ano Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Observações	Cronol.	
2674	94/95	—	Q 12	7	Consp. 22	1	bordo/parede	—	14	4	2,5YR 6/6	2,5YR 4/8	brilhante	fino	homogéneo	2	—	15 aC -37 dC
22964	99	1	C	347	Consp. 22	1	bordo/parede	—	23	3	2,5YR 6/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guilhocé na parte inferior do bordo	15 aC -37 dC
23258	99	1	B	238	Consp. 22	1	bordo/parede	—	16	3	2,5YR 6/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guilhocé na parte inferior do bordo	15 aC -37 dC
24481	99	1	B	200	Consp. 22	1	bordo	80								frag. diminuto	15 aC -37 dC	
23881	99	1	C	241	Consp. 22	1	bordo	115	17	4,2	5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo		dupla espiral inc.	15 aC -37 dC
23787	99	1	B	238	Consp. 22	1	bordo	d.d.								frag. diminuto	15 aC -37 dC	
24033	99	1	B	119	Consp. 22	1	bordo/parede	135	15	4,5	5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	fino	homogéneo		c/ desgaste do engobe	15 aC -37 dC
1112		C IX	17	3	Consp. 22.1	1	bordo/parede	120	19	4	2,5YR 6/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	15 aC -14 dC
2567	87	C 3	—	—	Consp. 22.1	1	bordo/parede	100	36	3	2,5YR 6/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guilhocé na parte inferior do bordo	15 aC -14 dC
2569	88	B	—	5	Consp. 22.1	1	bordo/parede	120	44	4	5YR 7/4	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guilhocé na parte sup e inf. do bordo	15 aC -14 dC
2601	97	—	Q 14/17 E	14	Consp. 22.1	1	bordo	8	16	4	2,5YR 6/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guilhocé na parte sup. e inf. do bordo	15 aC -14 dC
2604	94/95	—	Q 12 bq E	10	Consp. 22.1	1	bordo	d.d.	14	3	2,5YR 6/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guilhocé na parte sup. e inf. do bordo	15 aC -37 dC
2606	97	—	Q 3	4	Consp. 22.1	1	bordo	d.d.	13	3	2,5YR 6/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	2	—	15 aC -37 dC
2609	94/95	—	Q 11	3	Consp. 22.1	1	bordo	70	12	3	2,5YR 6/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guilhocé na parte sup. do bordo	15 aC -37 dC
2633	94/95	—	Q 12 bq E	7	Consp. 22.1	1	bordo	120?	16	4	2,5YR 6/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	15 aC -37 dC
3250	97	—	Q 2	2	Consp. 22.1	1	bordo	d.d.	15	3	5YR 7/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	15 aC -37 dC

Quadro descritivo [cont.]

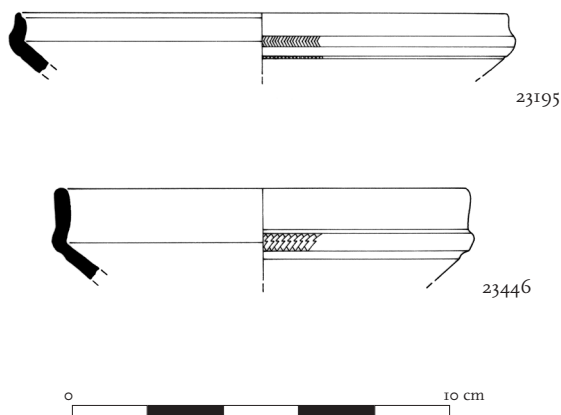
PROVENIÊNCIA				TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA	ENGOBE							
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Observações	Cronol.
3343		C 3	J 14	5	Consp. 22.1	2	bordo/parede	100 ?	21	3	2.5YR 7-6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guiloché na parte sup. do bordo	15 aC -14 dC
20697	99	1	B	19	Consp. 22.1	1	bordo	80	14	3	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guiloché parte sup. e inf. do bordo	15 aC -14 dC
22147	99	1	B	17	Consp. 22.1	1	bordo	120	20	4	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guiloché na parte sup. e inf. do bordo	15 aC -14 dC
22360	99	1	B	sup	Consp. 22.1	1	bordo/parede	90	22	3	2.5YR 7/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guiloché na parte sup. e inf. do bordo	15 aC -14 dC
22982	99	1	B	213	Consp. 22.1	1	bordo	120 ?	13	4	5YR 7/4	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guiloché na parte sup. do bordo	15 aC -14 dC
23044	99	1	B	201	Consp. 22.1	1	bordo	80 ?	13	3	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guiloché na parte sup. e inf. do bordo	15 aC -14 dC
23754	99	1	C	232	Consp. 22.1	1	bordo	150	17	4	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	fino	homogéneo	2	—	15 aC -14 dC
23810	99	1	C	351	Consp. 22.1	1	bordo	120	15	4	5YR 7/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guiloché na parte sup. do bordo	15 aC -14 dC
23865	99	1	B	263	Consp. 22.1	2	bordo	120	15	2	5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guiloché na parte sup. e inf. do bordo	15 aC -14 dC
24058	99	1	B	195	Consp. 22.1	1	bordo/parede	130	31,4	2,4	5YR 7/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo		guiloché na parte sup. e inf. do bordo	15 aC -14 dC
24235	99	1	B	200	Consp. 22.1	2	bordo/parede	120	22	3	5YR 6/6	2.5YR 5/8	brilhante	espesso	homogéneo		guiloché na parte sup. e inf. do bordo e dupla espiral aplicada.	15 aC -14 dC
22686	99	1	B - Amb II	204	Consp. 22.1.2	3	completa	90	59	4	5YR 7/6	2.5YR 4/8	brilhante	fino	não homogéneo	1	com marca TAPVRIVS	15 aC -14 dC
2599	—	—	—	—	Consp. 22.2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	15 aC -37 dC
23808	99	1	C	289	Consp. 22.2	1	bordo	70	11	2	2.5YR 7/6-8	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guiloché na parte sup. e inf. do bordo	15 aC -37 dC
2599	87	—	—	—	Consp. 22.2	1	bordo/parede	100	21,8	4,8	2.5YR 6/6	2.5YR 5/8	brilhante	espesso	homogéneo		—	15 aC -37 dC
1117		C IX	1	3	Consp. 22.5	1	bordo	100 ?	14	3	2.5YR 7-6/6	2.5YR 5/8	brilhante	fino	não homogéneo	1	algum desgaste no ext. bordo	15 aC -37 dC
1132	90	C VIII	8	4	Consp. 22.5	1	bordo/parede	90	27	3	2.5YR 7/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guiloché na parte sup. e inf. do bordo	15 aC -37 dC
1147	89	C VIII	—	3	Consp. 22.5	1	bordo	100 ?	12	2	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	parte sup. bordo c/ guiloché	15 aC -37 dC
2597	95	Mur T 1	1	siló	Consp. 22.5	1	bordo	d.d.	19	4	2.5YR 7-6/6	2.5YR 4/8	brilhante	fino	não homogéneo	2	—	15 aC -37 dC
2607	94/95	—	Q 11	2	Consp. 22.5	1	bordo	d.d.	15	3	2.5YR 7/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	aplicação de dupla espiral	15 aC -37 dC
2611	97	—	Q 5	0	Consp. 22.5	1	bordo	100	13	3	5YR 7/6	2.5YR 4/8	brilhante	fino	homogéneo	2	—	15 aC -37 dC
2714	94/95	—	Q 12 bq E	6	Consp. 22.5	1	bordo	90	13	3	2.5YR 6/3 e 2.5YR 5/1	2.5YR 4/6	brilhante	fino	não homogéneo	1	pasta e sup. queimadas	15 aC -37 dC
2873	94/95	—	Q 6 bq S	11	Consp. 22.5	1	bordo	150	19	4	2.5YR 7/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guiloché na parte sup. bordo e golfinho aplicado	15 aC -37 dC
21381	99	1	B	6	Consp. 22.5	1	bordo	120	4,5	14	7.5YR 7/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guiloché grosseiro	15 aC -37 dC
23172	99	1	B	238	Consp. 22.5	1	bordo	d.d.	14	4	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guiloché grosseiro, parte sup. bordo	15 aC -37 dC
2568	83	B	—	3	Consp. 22.6	1	bordo/parede	140	23	4	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	final Augusto
2598	97	—	Q 3	4	Consp. 22.6	1	bordo/parede	100	16	3	5YR 7/6	2.5YR 4/8	brilhante	fino	não homogéneo	1	pouco aderente em ambas superfícies	final Augusto
2600	97	—	Q 5	5	Consp. 22.6	1	bordo/parede	s.d.	28	3	5YR 7/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	final Augusto
3122	97	—	Q 3	5	Consp. 22.6	1	bordo/parede	95	37	3	7.5YR 7/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	fino	não homogéneo	1	pouco aderente. Inexistente no int.	final Augusto
23166	99	1	B	238	Consp. 22.6	1	bordo/parede	95	26	2,9	5YR 5/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo		c/ sulcos na parede	final Augusto
23788	99	1	B	238	Consp. 22	1	bordo/parede	120	19,3	3,4	10R 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo		guiloché no topo e na base da parede	
2566	97	—	Q 5	0	Consp. 22	2	bordo/parede	110	24,4	3,6	2.5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo		guiloché grosseiro na parte sup. e inf. do bordo	
3232	97	—	Q 19	10	Consp. 22	1	bordo/parede	d.d.	25	3	2.5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo		guiloché grosseiro na parte sup. e inf. do bordo. Fabrico idêntico ao itálico.	
3247	97	—	Q 5	0	Consp. 22	1	bordo/parede	120	21,3	3,8	5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo		guiloché grosseiro na parte sup. e inf. do bordo	

3.3.2.17. A forma Consp. 23

Esta forma corresponde a uma taça idêntica à anterior, mas com o bordo liso, ligeiramente voltado para o interior, estando habitualmente presente em contextos do segundo e terceiro quartéis do século I d.C. Muitas peças ostentam decoração aplicada, nomeadamente com o motivo da dupla espiral, o que centra sua cronologia em torno da segunda década do século I d.C. (*Conspectus*, p. 92).

Em Santarém, identificaram-se apenas quatro exemplares desta taça, duas das quais apresentam *guilhoché* na parte inferior do bordo, e em um dos casos possui aplicação de uma dupla espiral e noutro um golfinho incompleto.

Esta taça está presente em Conímbriga, correspondendo à forma 20 e 25 de Goudineau (Delgado, Mayet e Alarcão, p. 15, est.V, n.^{os} 70-74). Em Belo, também se conhecem exemplares desta forma específica, estando classificados como Goudineau 40, pois não estão correctamente integrados na tipologia de Pucci (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 38, est. V).



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE			Fabrico		Observações	Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.			
23195	99	1	B	238	Consp. 23.1	1	bordo	130	17	3	2,5YR 6/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	50-75 d.c.
23446	99	1	B	263	Consp. 23.1	1	bordo/ parede	110	26	4	7,5YR 7/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guilhoché na parte inferior do bordo	50-75 d.c.
24471	99	1	C	172	Consp. 23.2	1	bordo/ parede	d.d.	20,4	4,5	2,5YR 6/6	2,5YR 5/8	brilhante	espesso	homogéneo		com dupla espiral inc. aplicada	
23520	99	1	C	73	Consp. 23	1	bordo/ parede	s.d.									golfinho inc. aplicado	

3.3.2.18. A forma Consp. 26

Trata-se uma taça carenada, com a parte superior do bordo alto, por vezes ligeiramente esvasada. A sua cronologia centra-se na primeira metade do século I d.C., embora algumas variantes estejam presentes em Haltern (final do século I a.C.) (*Conspectus*, p. 98).

Na Alcáçova de Santarém, apenas se registam dois exemplares desta forma que conservam parte do bordo, a parede e o fundo. Um deles pertence à variante mais rara (Consp. 26.3), pois apresenta a particularidade de a carena ser muito pronunciada e encontrar-se des-

caída, tem o fundo de pé baixo, a carena acentuada e a parede, sendo de supor que o bordo teria um diâmetro que pouco excederia os 65 mm. Não se contabilizam aqui, outros dois bordos desta forma que tudo leva a crer, terem pertencido a outros indivíduos. Sabemos pela dimensão da abertura que não podem ter pertencido aos fundos, mas por uma questão de coerência na contagem do NMI, não são então incluídos na contagem.

Esta taça está presente em Conímbriga, (Goudineau 41), embora seja pouco frequente. Detectam-se neste sítio exemplares dos mais antigos, datados da viragem da era (presentes em Haltern), embora sejam mais comuns as formas datadas do reinado de Tibério (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 19, est. VIII, n.^{os} 197-200).

Em Belo, a forma está igualmente pouco representada (Pucci 29), registando-se nalguns casos decoração de *guilhoché*, no exterior, e a cronologia da maioria dos exemplares aponta para uma maior difusão já no reinado de Tibério, dada a presença de exemplares com marcas *in planta pedis* e de outros com decoração aplicada (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 32-34, est. IV). Alguns dos exemplares ilustrados em Belo e Conímbriga parecem enquadrar-se melhor na forma Consp. 27, nomeadamente os que possuem o bordo aplanado e voltado para o exterior.

Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA				TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA	ENGOBE						Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Observações	Cronol.
1130	—	—	—	—	Consp. 26.31	1	bordo/ parede/ fundo	65	19	4	5YR 7/4	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	não homogéneo	1	—	1.ª met. séc. I dC
24080	99	1	C	161	Consp. 26	1	parede/ fundo	70	11.4	2.4	2.5YR 6/6	2.5YR 5/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	1.ª met. séc. I dC

3.3.2.19. A forma Consp. 27

Esta forma corresponde a uma taça semelhante à anterior, embora neste caso o bordo se encontre aplanado e voltado para o exterior, chegando a atingir cronologias mais tardias que a forma Consp. 26, pois atinge o reinado de Nero (68 d.C.) (*Conspectus*, p. 100).

São quatro os exemplares desta forma em Santarém, todos do **fabrico 1**, com diâmetros de abertura com 80 mm.

Tal como já mencionei *supra*, esta forma está presente em Conímbriga e em Belo, sob a designação de forma Goudineau 41 e Pucci 29, pois não existe nestas tipologias uma clara diferenciação dos exemplares com bordos aplanados e voltados para o exterior.

Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA				TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA	ENGOBE						Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Observações	Cronol.
24534	99	1	C	172	Consp. 27	1	bordo	d.d.	—	—	—	—	—	—	—	1	frag. diminuto	14-68dC Tib Ner
22880	99	1	B	202	Consp. 27	1	bordo	d.d.	—	—	—	—	—	—	—	1	frag. diminuto	14-68dC Tib Ner
2645	85	—	F 15	3 b	Consp. 27.1.2	1	bordo/ parede	80	16	2	5YR 7/4	2.5YR 4/8	brilhante	fino	não homogéneo	1	—	14-68dC Tib Ner
22880	99	1	B	202	Consp. 27	1	bordo	d.d.	16	2.8	5YR 6/6	2.5YR 5/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	14-68dC Tib Ner

3.3.2.20. A forma Consp. 28

Esta forma corresponde a uma taça de paredes verticais não muito altas, e fundo plano. Apesar de ter tido uma vasta distribuição no mundo romano, é relativamente rara, apresentando uma cronologia da primeira metade do século I (*Conspectus*, p. 102).

Apenas existe um exemplar desta forma em Santarém, sendo rara em Belo (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 37, est. IV), e não estando presente em Conímbriga.

Quadro descritivo

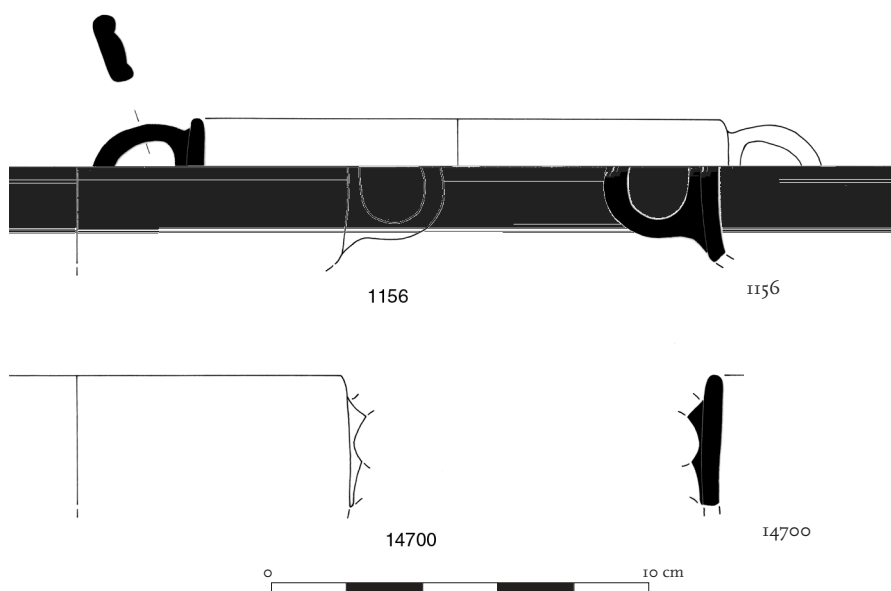
PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE					Observações	Cronol.	
N.º Inv.	Ano Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico			
22968	99	1	C	227	Consp. 28	1	parede/ fundo/pé	--	7,2	4	5YR 7/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	--	1-50 d.C.

3.3.2.21. A forma Consp. 30

Esta forma constitui uma sobrevivência da cerâmica campaniense. Trata-se de uma taça cilíndrica com duas asas circulares e fundo amplo plano. A cronologia apontada situa a sua produção no reinado de Augusto, embora a presença de uma marca *in planta pedis* num fundo que se supõe pertencer a esta forma, leve a prolongar o período da sua existência até Tibério (*Conspectus*, p. 104).

Em Santarém, identificámos duas taças muito semelhantes a este tipo, que se distinguem claramente do fabrico habitual da *terra sigillata* de tipo itálico. Trata-se de peças que apresentam engobes pouco espessos (quase aguadas), não homogéneos e de tonalidades entre os avermelhados e alaranjados, para a superfície interna, e acastanhados na superfície exterior (**fabrico 4**). Também a sua pasta se apresenta bastante mais branda que a dos restantes exemplares. Efectivamente, estas taças constituem, juntamente com outros fragmentos das formas Consp. 1 e 4, um fabrico diferente, no qual não se obteve uma boa qualidade do engobe, embora estes exemplares sejam já produzidos segundo a técnica de cozedura oxidante e não a redutora dos engobes negros da cerâmica campaniense.

Esta forma está ausente das colecções de Conímbriga e de Belo, o que pode estar relacionado com a sua cronologia mais antiga.



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA				TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA	ENGOBE							
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Observações	Cronol.
1156	89	C 8	—	13	Consp. 30	1	bordo/ parede/ asa	140	37	5	10R 7/4	2.5YR 5-4/8	mate.ext/ brilh.int.	fino	não homogéneo	4	engobe é quase uma aguada	Aug.
14700	88	B	—	5/7	Consp. 30	13	bordo/ parede/ asa	140	35	4	7.5YR 6/6	5YR 5/6 ext 10R 5/8 int	mate	fino	não homogéneo	4	engobe pouco aderente, muito desgastado	Aug.

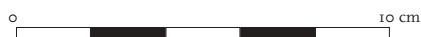
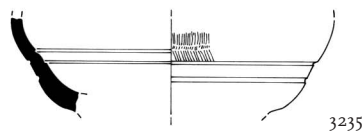
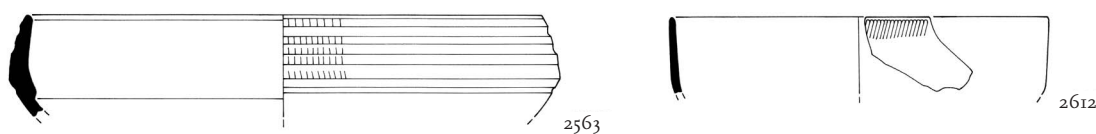
3.3.2.22. A forma Consp. 31

A forma Consp. 31 inicia um conjunto de taças (Consp. 31 à 38) com diferentes soluções de perfil para a parede e bordo. Trata-se de uma peça com a parede biconvexa, cuja forma evoluirá para a taça Drag. 27, constituindo dos perfis mais comuns nas produções sudgálicas. A decoração de *guilhoché* é característica dos exemplares de tipo itálico e a sua cronologia restringe-se aos finais do reinado de Augusto e inícios de Tibério (*Conspectus*, p. 106).

Na Alcáçova de Santarém, registou-se a presença de um número significativo de exemplares destas taças, doze, na sua grande maioria com decoração de *guilhoché*, apenas dois exemplares pertencem ao **fabrico 2**. Noutra peça, a tonalidade mais acastanhada da pasta e do engobe podem ter ficado a dever-se a fenómenos pós deposicionais. Os diâmetros dos bordos situam-se entre os 80 e 140 mm. A contagem fez-se com os fragmentos de bordo, embora se encontrem outros tantos fragmentos de parede, que podiam pertencer, pelo menos em parte a mais algumas taças. Ilustramos, a título excepcional, alguns destes fragmentos tão característicos desta forma.

Esta taça é relativamente comum em Conímbriga (Goudineau 32b), local em que se conhecem perfis e decorações bastante diversificados. A presença, em alguns exemplares, de um bordo aplanado e voltado para o exterior, é apontado como sinal de uma cronologia mais tardia, já de Tibério, pois pretende imitar a forma Goudineau 41 e 42, que corresponde às formas Consp. 26 e 27 (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 16 e 17, est. VI, n.ºs 138-149).

Surpreende não estarem identificadas taças com esta forma em Belo.



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE							
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Observações	Cronol.
2563	97	—	Q 3	1	Consp. 31.1	1	bordo/ parede	135	27	4	7,5YR 7/4	2,5YR 4/8	brilhante	fino	não homogéneo	2	guilhoché	14-20 dC
2582	87	C 3	—	—	Consp. 31	1	bordo/ parede	120	27,2	4	2,5YR 7/6	2,5YR 5/8	brilhante	fino	não homogéneo	2	—	14-20 dC
24459	99	1	C	172	Consp. 31	1	bordo	d.d.	16,4	3	2,5YR 6/6	2,5YR 5/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	14-20 dC
2612	97	—	Q 3	5	Consp. 31.1	1	bordo/ parede	100	19	2	2,5YR 6/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guilhoché	14-20 dC
23010	99	1	B	210	Consp. 31.1		bordo/ parede	110	15	4	2,5YR 6/8	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guilhoché	14-20 dC
23174	99	1	B	238	Consp. 31.1	1	bordo	80	13	2	5YR 6/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guilhoché	14-20 dC
23207	99	1	B	238	Consp. 31.1		bordo/ parede	d.d.	19	3	2,5YR 7/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guilhoché	14-20 dC
23471	99	1	B		Consp. 31.1		bordo/ parede	d.d.	17	3	5YR 6/6	2,5YR 4/48	brilhante	espesso	homogéneo	1	guilhoché. Pasta e engobe acastanhado	14-20 dC
2589	97	—	Q 3	4	Consp. 31.1	1	parede	—	c.30,5	4	5YR 7/4	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guilhoché na parte sup. da parede	14-20 dC
2817	97	—	Q 3	1 e 5	Consp. 31.1	2	parede	—	—	3	10R 6/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guilhoché	14-20 dC
3235	94/ 95	—	Q 2	18	Consp. 31.1	1	parede	—	c.26,6	3	2,5YR 6/6	2,5YR 4/8	brilhante	fino	não homogéneo	1	guilhoché na parte sup. da parede	14-20 dC
23176	99	1	B	238	Consp. 31.1	1	parede	—	—	3	2,5YR 6/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guilhoché	14-20 dC
23494	99	1	B	42	Consp. 31.1	1	parede	—	—	4	2,5YR 6/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guilhoché	14-20 dC
22998	99	1	B	210	Consp. 31	1	parede	—	—	3	2,5YR 6/8	2,5YR 5/8	brilhante	espesso	homogéneo	1		14-20 dC
24115	99	1	B	193	Consp. 31.1	1	parede	—	—	3,5	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guilhoché fino	14-20 dC

3.3.2.23. A forma Consp. 32

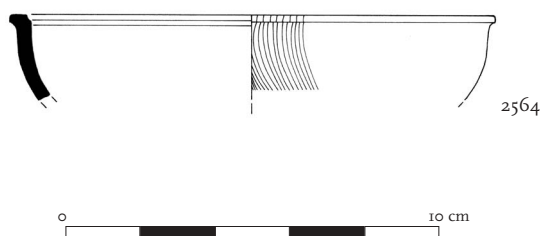
A taça Consp. 32 apresenta bastantes similitudes com a forma anterior, embora registe uma maior variedade de bordos que podem surgir aplanados, com ou sem decoração no topo e normalmente, voltados para o exterior. Quanto à cronologia, esta forma terá surgido juntamente com a taça Consp. 31, podendo ter continuado a ser produzida durante o reinado de Tibério, ou mesmo posteriormente (*Conspetus*, p. 108).

Foram encontrados na Alcáçova de Santarém, cinco peças desta forma, todas da variante Consp. 32.2, ostentando dois deles decoração de *guilhoché*. Apenas se pode medir a dimensão de dois bordos, cujos diâmetros medem 120 e 130 mm.

Esta forma corresponde ao tipo 42 de Goudineau, integrando-se, tal como a forma anterior, no tipo 23 de Pucci.

Em Conímbriga, registam-se peças desta forma, embora estejam classificadas, tal como a forma Consp. 31, como sendo pertencentes ao tipo Goudineau 42, estando presente num dos casos, o característico bordo em plataforma, com decoração.

Tal como a forma anterior, esta taça também não está presente em Belo.



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA					TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE					Cronol.
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Observações	Cronol.
1155	89	C VIII	3	5	Consp. 32.2	1	bordo	130	7.4	3	2.5YR 7/6	2.5YR 5/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	14-50 dC
2564	94/95	—	Q 12	6	Consp. 32.2	1	bordo	130	23	3	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	fino	homogéneo	1	guilhoché	14-50 dC
2596	—	—	I 14	4	Consp. 32.2	1	bordo	d.d.	13	4	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guilhoché	14-50 dC
2744	97	—	Q 3	4	Consp. 32.2	1	bordo	d.d.	7.7	3	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	fino	homogéneo	1	—	14-50 dC
23286	99	I B	238	238	Consp. 32.2	1	bordo	d.d.	12	4	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	14-50 dC

3.3.2.24. A forma Consp. 34

Esta taça apenas se distingue da anterior por deter uma moldura mais marcada na parede exterior, apresentando uma cronologia mais tardia, desde finais de Tibério aos Flávios (*Conspetus*, p. 112).

Na Alcáçova de Santarém, foram identificados três exemplares desta forma, que estão entre as peças mais tardias de *sigillata* de tipo itálico, encontradas em *Scallabis*. Apenas num dos casos foi possível obter a dimensão do diâmetro (90 mm), registando-se ao nível do fabrico alguma homogeneidade.

Esta forma não está presente nem em Conímbriga nem em Belo.

Quadro descritivo

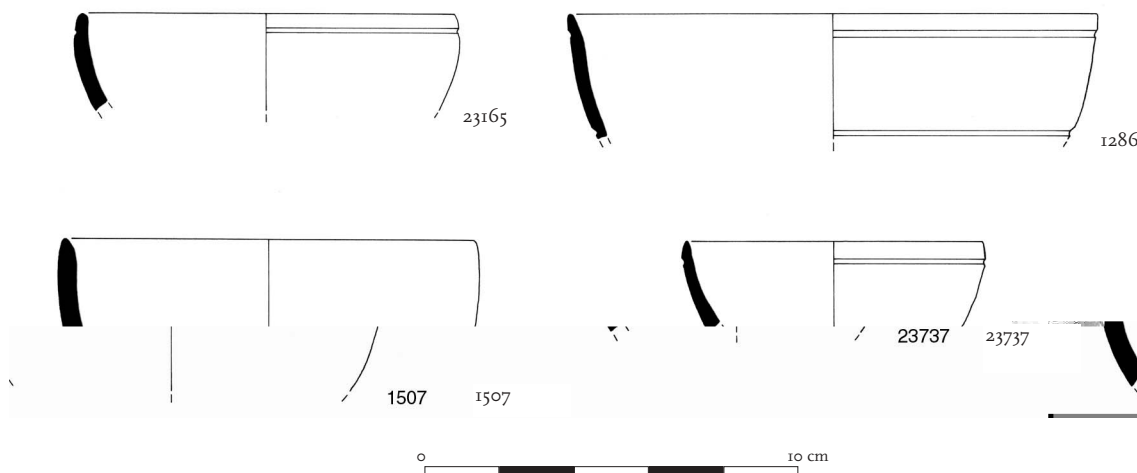
PROVENIÊNCIA					TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE					Cronol.
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Observações	Cronol.
2602	94/95	—	Q 12	7	Consp. 34	1	bordo/parede	d.d.	23	4	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	fino	não homogéneo	2	—	fim Tibério-Flávios
23170	99	I B	238	238	Consp. 34	1	bordo/parede	—	18	3	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	fim Tibério-Flávios
23235	99	I B	238	238	Consp. 34.1.1	1	bordo/parede	90	19	2	2.5YR 6/8	2.5YR 5/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	fim Tibério-Flávios

3.3.2.25. A forma Consp. 36

Esta forma corresponde a uma taça de perfil hemisférico, podendo registar-se decoração de *guilhoché*, na parte superior da parede exterior. As variantes mais antigas desta forma tem início com Augusto, embora a sua difusão se intensifique sobretudo durante o reinado de Tibério. Trata-se, igualmente, de um perfil que segue a tradição da cerâmica campaniense e que tem continuidade nas produções das oficinas de *sigillata* do Sul da Gália com as formas Drag. 40 e Ritt. 8. (*Conspetus*, p. 114)

É significativo o número de exemplares desta forma existente na Alcáçova de Santarém (oito), distribuindo-se pelas variantes Consp. 36.3 e 36.4, o que pode indicar uma cronologia geral do reinado de Tibério. De salientar que uma destas peças é característica do **fabrico 4**.

Em Conímbriga regista-se um exemplar desta forma (Goudineau 21)(Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 15, est. V, n.º 75). Em Belo, foi identificada com escassos exemplares (Pucci 31), chamando-se a atenção para a difícil distinção em relação à forma Pucci 34, pois, na maioria dos casos, os fragmentos não permitem saber se teriam ou não pé (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 34-35).



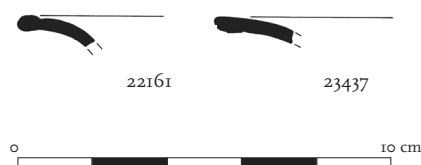
Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE					Fabrico	Observações	Cronol.
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.			
22978	99	I	C	227	Consp. 36.3	1	bordo	100	15	3	2,5YR 7/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guilhocché	20 aC-80 dC
23165	99	I	B	238	Consp. 36.3	1	bordo/parede	100	27	4	2,5YR 6/8	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guilhocché	20 aC-80 dC
1286	—	—	—	—	Consp. 36.4	3	bordo/parede	140	33	4	5YR 6/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	14-37 dC
1507	C VIII	9	8	8	Consp. 36.4	1	bordo/parede	110	39	5	5YR 7/4	5YR 5-5/4 exterior 10R 4/8 interior	mate	fino	não homogéneo	4	pouco aderente	14-37 dC
3236	97	—	Q 5	1	Consp. 36.4	1	bordo	70	12	3	2,5YR 7/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	14-37 dC
23230	99	I	B	238	Consp. 36.4	1	bordo	130 ?	14	4	5YR 6/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	14-37 dC
23737	99	I	C	232	Consp. 36.4	2	bordo/parede	80	24	3	7,5YR 7/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	14-37 dC
23832	99	I	A	318	Consp. 36.4	1	bordo	80	23	3	7,5YR 7/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	pode pertencer ao 23737	14-37 dC

3.3.2.26. A forma Consp. 39

Esta forma inicia um derradeiro momento da produção da *sigillata* de tipo itálico (formas Consp. 39 a 49), que se caracteriza pela presença de bordos em aba com ou sem decoração de barbotina, em pratos de parede convexa ou côncava. O prato Consp. 39 apresenta uma parede convexa e o bordo em aba curvado, voltado baixo e está datado da segunda metade do século I e início do século II d.C., com uma produção relacionada com as oficinas itálicas tardias (*Conspectus*, p. 120).

Esta forma está representada em Santarém por dois únicos exemplares, que são expressivos da existência das últimas produções itálicas em solo lusitano, quando já eram abundantes as importações de *sigillata* com origem no Sul da Gália. Um dos exemplares é o único representante do **fabrico 5**.



Quadro descritivo

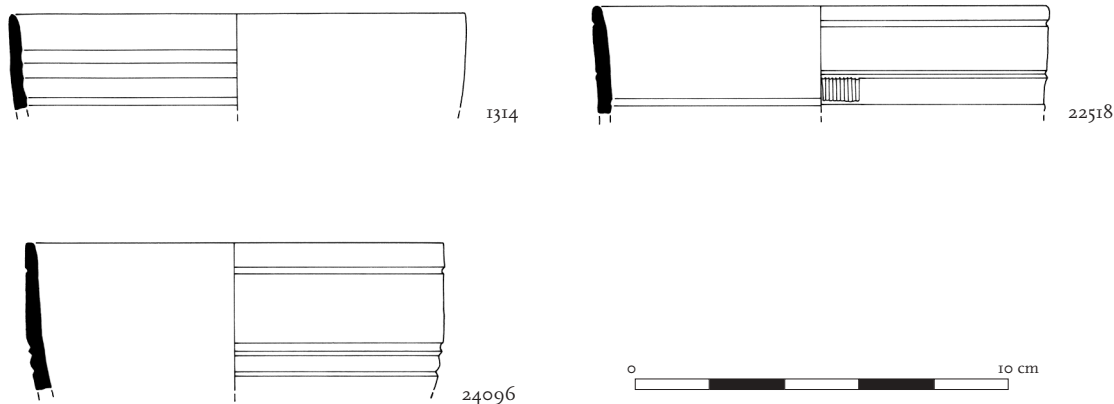
PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE							
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Observações	Cronol.
23437	99	I	A	263	Consp. 39.1.2	1	bordo	13 ?	6,5	4	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	mate	espesso	homogéneo	1	—	Flávios
22161	99	I	B	17	Consp. 39.1.3	1	bordo	d.d.	60	3	5YR 7/4	2.5YR 5-4/6	brilhante	fino	não homogéneo	5	engobe pouco aderente	Flávios

3.3.2.27. A forma Consp. 50

Esta forma inicia o conjunto de formas fechadas (Consp. 50 a 53) que corresponde a copos com perfis algo diversificados. Interessam particularmente as variantes Consp. 50.3, de copos cilíndricos, para os quais é apontada uma cronologia dos reinados de Augusto e Tibério (*Conspetus*, p. 138).

Em Santarém, existem seis copos, um deles com a parede exterior lisa, apenas com algumas caneluras na parte interna, e outro com decoração de *guilhoché* na superfície exterior, com 110 e 120 mm de diâmetro de abertura.

Uma forma idêntica está presente em Conímbriga (Goudineau 22), embora se assemelhe mais à variante Consp. 50.1. Provem de níveis de entulhamento trajânicos que apresentam uma grande quantidade de material augustano (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 15, est. V, n.ºs 76 e 77). Em Belo, não identificaram peças com esta forma.

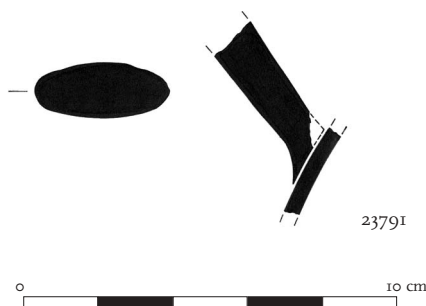


Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE							
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Observações	Cronol.
1314		C IX	17	6	Consp. 50.3	1	bordo/parede	120	25	3	2.5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	Aug-Tibério/Flávio
22518	99	I	B	1	Consp. 50.3	1	bordo/parede	120	28	3	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	2	guilhoché.	Aug-Tibério/Flávio
23950	99	I	C	127	Consp. 50.3	1	bordo/parede	110	20	3	2.5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	guilhoché grosseiro	Aug-Tibério
24191	99	I	C	140	Consp. 50.3	1	bordo/parede	d.d.	—	—	—	—	—	—	—	1	frag. diminuto	Aug-Tibério
24292	99	I	B	200	Consp. 50.3	1	bordo/parede	110	39,5	4	2.5YR 6/6	2.5YR 5/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	Aug-Tibério
24096	99	I	C	160 e 172	Consp. 50.3	7	bordo/parede	110	39	3,4	5YR 6/6	2.5YR 5/8	brilhante	fino	não homogéneo	1	—	Aug-Tibério

3.3.2.28. Forma indeterminada 1

Não encontramos, nas tipologias disponíveis, qualquer exemplar que se assemelhasse a esta forma. Trata-se de uma forma fechada da qual só resta parte do bojo e o que parece ser o arranque inferior de uma asa. Esta peça destaca-se ainda do conjunto por se incluir no **fabrico 4** idêntico ao que se descreveu para exemplares das formas Consp. 1. Apresenta uma pasta branda, bege amarelada, que parece ter ainda reduzidas partículas de micas, e um engobe de tonalidade avermelhada que, apesar de ser brilhante, é pouco espesso e irregular, não sendo a sua aplicação homogénea, e reduzindo-se à superfície externa. A superfície interna apresenta apenas alisamento sendo visíveis as estrias das mãos do oleiro e um pingo de escorrimento do engobe, o que indica que a aplicação do mesmo se fez por imersão da peça, como aliás era habitual.



Quadro descritivo

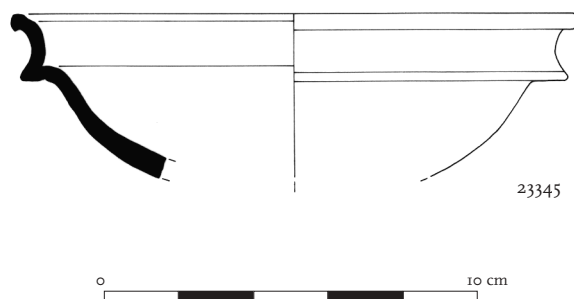
PROVENIÊNCIA					TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE				
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Observações	Cronol.
2379I	99	1	C	289	Indet.	8	parede/asa	—	—	5	7,5 YR 7/6	2,5 YR 5/8	brilhante	fino	não homogéneo	2	engobe/aguada só no ext. Pasta c/ micas ?	—

3.3.2.29. Forma indeterminada 2

Esta forma parece corresponder a um cálice ou uma taça, mas não apresenta qualquer decoração. Conserva-se um bordo bastante concavo e moldurado e o corpo hemisférico, não se tendo conservado a parte inferior, desconhecendo-se assim a forma da sua base e pé. Esta forma pertence ao **fabrico 1**.

Este vaso, para o qual não existe correspondente na tipologia do *Conspectus*, tem um bom paralelo numa forma decorada surgida em Belo (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 48, est. VIII, n.º 780), obra de um oleiro desconhecido. O seu perfil também tem algumas semelhanças com uma outra forma, igualmente de Belo, cuja marca está reduzida a um M (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 46, n.º 775). Encontramos um perfil que possui alguma semelhança com o vaso de Santarém na Forma 69 b de Isings, em vidro. A cronologia é, no entanto, bastante tardia, apontando-se o período Flávio para a sua produção (Isings, 1957, p. 89).

Esta forma recorda vagamente o cálice Dragendorff e Watzinger tipo Ie (Dragendorff e Watzinger, 1948, p. 21, est. 2), e também tem algumas parecenças com a taça helenística decorada atribuída a Popilius (Siebert, 1980, p. 82, fig. 6). O facto de se tratar, em ambos os casos, de formas que receberam decoração, afasta qualquer possibilidade de classificação.



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA				TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE						
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Observações	Cronol.	
23345	99	1	B	131	indet.	7	bordo/ parede	150	42	4	7.5YR 6/4	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	Homogéneo	1	—	?	

3.3.2.30. Formas decoradas

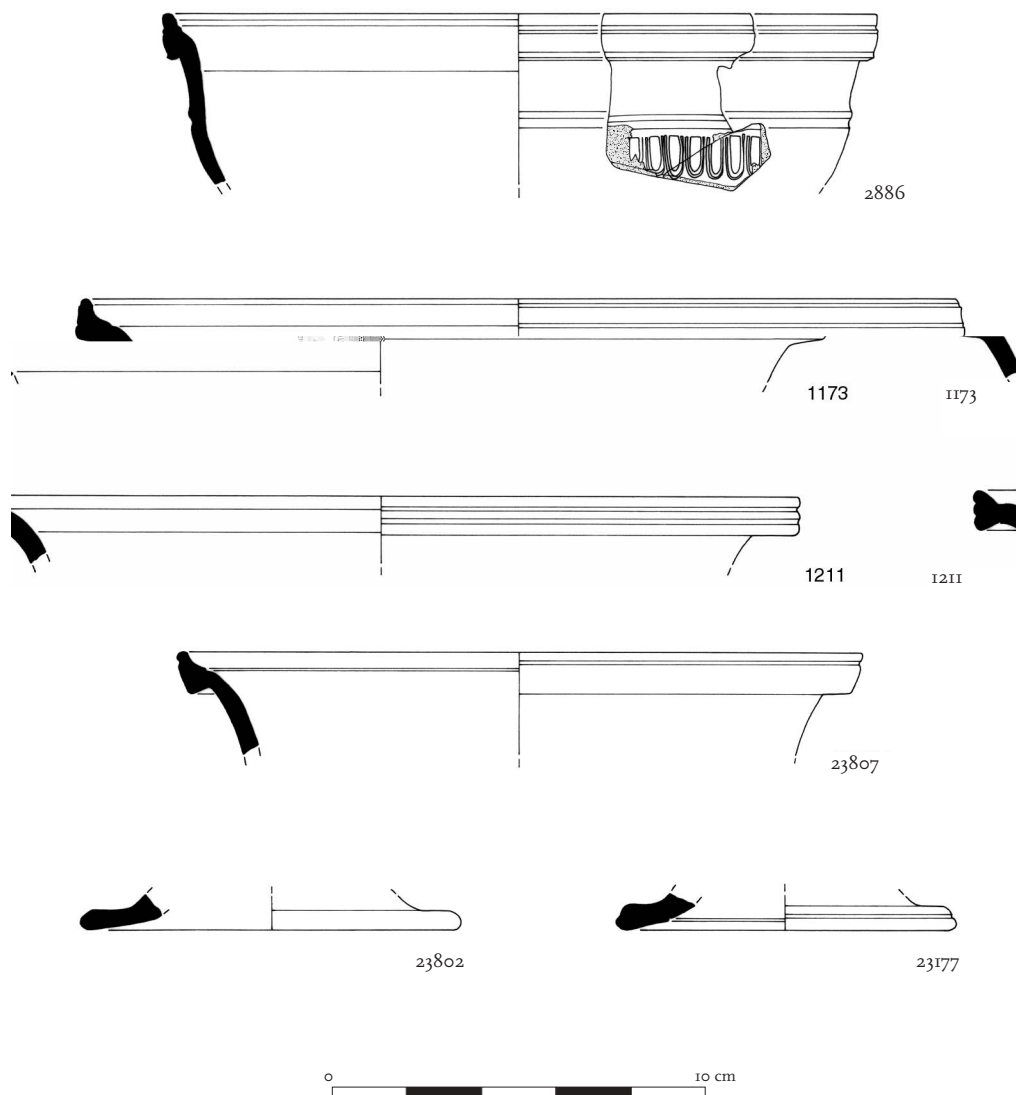
Do conjunto de 301 peças de *terra sigillata* de tipo itálico cuja forma foi identificada 29 pertenceram a peças decoradas. Trata-se ou de fragmentos de bordo de cálice, ou de fragmentos de parede de cálice ou copos. As peças decoradas correspondem a 9,63% do total de exemplares de *sigillata* itálica. O estado de conservação dos fragmentos dificulta uma correcta apreciação deste conjunto. A sua reduzida dimensão, ou não permite ver qualquer decoração, no caso dos fragmentos de bordo de cálice, ou não permite a leitura do padrão ou dos motivos que ornam estas peças, no caso de fragmentos de parede. Neste contexto, é com bastantes reservas que se ensaia a atribuição destas peças às diferentes oficinas.

3.3.2.31. A forma Consp. R.2

A forma Consp. R.2 é um cálice com o bordo pendente, destacado da parede. A cronologia apontada para esta peça indica uma datação de meados a finais do reinado de Augusto, sendo bastante típica em Haltern (*Conspectus*, p. 168).

Em Santarém, dispomos de quatro cálices que se enquadram neste tipo, merecendo um deles uma particular atenção (2886), pois pertence à variante Consp. R.2.2, sendo parte da parede exterior marcada por uma ranhura que demarca o início da área decorada, caracterizada por uma linha de óvulos duplos alongados (Est. I, n.º 4). Os restantes exemplares pertencem à forma Consp.R.2.3, na qual o bordo, projectado para o exterior e detendo diversas ranhuras na face externa, se destaca significativamente da parede. Incluem-se aqui os dois pés de cálices de Santarém, embora possam pertencer a qualquer uma das formas de cálice que se apresentam.

Em Conímbriga, encontra-se uma forma pertencente a este tipo de cálice Consp. R.2.3 que é apontado como uma possível produção da oficina de Bagarthes (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 7, est. I, n.º 1).



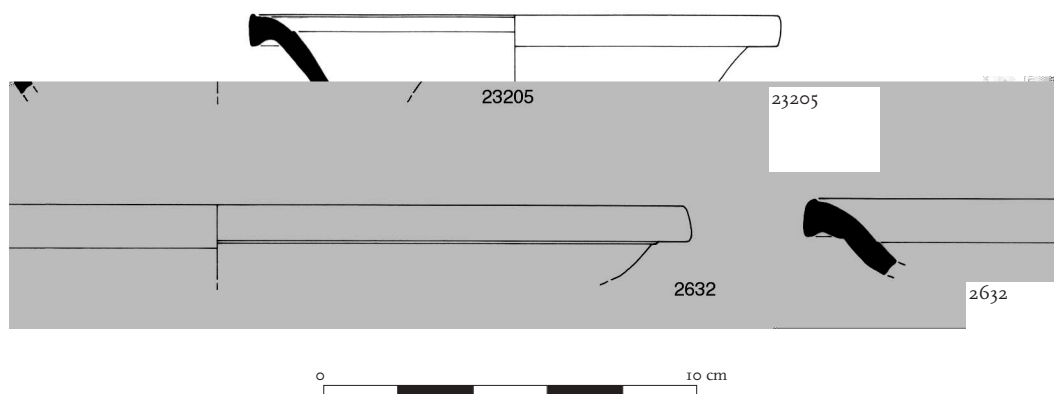
Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA	TIPO				FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE						
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Observações	Cronol.
23807	99	1	C	289	Consp. R.2.1.1	1	bordo/parede	180	18	4	2.5YR 6-5/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	engobe a escamar – pouco aderente ?	15 aC-14 dC
2886	95	Mur	T 1	3 c	Consp. R.2.2	3	bordo/parede	190	45	4	5YR 7/6	2.5YR 4/8	brilhante	fino	não homogéneo	1	decor. com óvulos	15 aC-14 dC
1173	89	C 7	—	5	Consp. R.2.3	1	bordo/parede	230	19	5	2.5YR 7/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	15 aC-14 dC
1211	89	C 7	—	3	Consp. R.2.3	1	bordo/parede	220 ?	21	5	2.5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	15 aC-14 dC
23802	99	C	sup		Cálice	1	pé	—	—	—	2.5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	—
23177	99	1	B	238	Cálice	1	pé	—	—	—	2.5YR 6-5/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	—

3.3.2.32. A forma Consp. R.3.3.1

Esta forma corresponde a uma taça, também designada por *modiolus*, com corpo cilíndrico, fundo plano, e que teria uma única asa vertical. O bordo é triangular e pendente e a cronologia apontada para esta forma situa-se no período inicial do reinado de Tibério (*Conspetus*, p. 170).

Das três peças de Santarém, das quais apenas se dispõe do bordo pendente de forma triangular, duas são muito semelhante à variante Consp. R.3.3.1. De salientar ainda que são provenientes de Arezzo, sendo a produção atribuída à oficina de M. Perenius Tigranus.



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE			Fabrico		Observações	Cronol.		
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Observações	Cronol.
23205	99	I	B	238	Consp. R.3.3	1	bordo/parede	140	27	5	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	14-20 dC início Tib.
2632	95	Mur	--	1 b	Consp. R.3.3.1	1	bordo/parede	250	16	7	5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	14-20 dC início Tib.

3.3.2.33. A forma Consp. R.4

Esta forma corresponde a um cálice que apresenta normalmente um bordo estreito e pendente. Na parede exterior, a separação da parte superior da mesma em relação à área decorada é feita por uma faixa alta lisa e por uma série de sulcos decorados com *guilhoché*. A cronologia proposta para os cálices com estas características atinge o reinado de Tibério (*Conspectus*, p. 172).

Os fragmentos desta forma da Alcáçova de Santarém apenas conservam esta faixa lisa de separação do bordo da área decorada e a série de sulcos decorados com *guilhoché*, que lhe são característicos. Não é possível, por isso, distinguir qual a variante a que pertenceriam.

Existe, em Conímbriga, um exemplar da variante do cálice Consp. R.4.2, identificado como pertencendo à oficina de Antiochus (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 7, est. I, n.º 2). Esta forma também se encontra na colecção de materiais de Belo.

Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE			Fabrico		Observações	Cronol.		
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Observações	Cronol.
2590	—	C 5	—	4 a	Consp. R.4.	1	parede	—	26	4	5YR 7/4	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	Faixa com guilhoché	até 14/37 dC ou +
2591	94/95	—	Q 12	6	Consp. R.4	1	parede	—	30	3	2.5YR 7/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	até 14/37 dC ou +

3.3.2.34. A forma Consp. R.8

Este cálice caracteriza-se por ter um perfil hemisférico, sendo o bordo e a parte superior da parede marcada por uma alternância de molduras côncavas e convexas decoradas com *guilhoché*. Do ponto de vista cronológico, existem algumas reservas em considerá-lo do período Austano-Tiberiano (*Conspetus*, p. 178)

Existe apenas um exemplar desta forma na Alcáçova de Santarém, para o qual não foi possível calcular o diâmetro do bordo.

Esta forma não está presente em Conímbriga, embora haja exemplares em Belo que apresentam um perfil idêntico, estando classificados dentro da diversidade de bordos da forma Drag. II (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 48, est. X).

Quadro descritivo

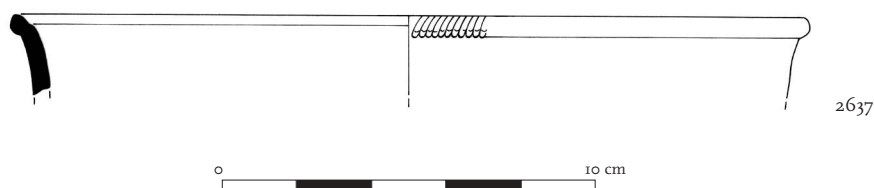
PROVENIÊNCIA		TIPO			FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE					Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico		Observações
2882	97	-	Q3	4	Consp. R.8.1.1	1	parede	-	6,7	5	2,5YR 6/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	Faixa com guilhoché	27 aC-37 dC Aug Tib

3.3.2.35. A forma Consp. R.9

Esta forma encontra-se entre as derradeiras produções de *sigillata* de tipo itálico com decoração de relevos, caracterizada por uma progressiva redução da faixa decorada, cuja cronologia final se pode situar já no período dos reinados de Tibério e Cláudio (*Conspetus*, p. 178).

Em Santarém, existe um vaso com esta forma, que apresenta *guilhoché* no bordo e que pertence à variante mais tardia, com um diâmetro de 210 mm, e dois fragmentos de pés de cálices, um dos quais pode pertencer à forma Consp. R.9, a que já me referi anteriormente.

Não existem formas com este perfil nem em Conímbriga nem em Belo.

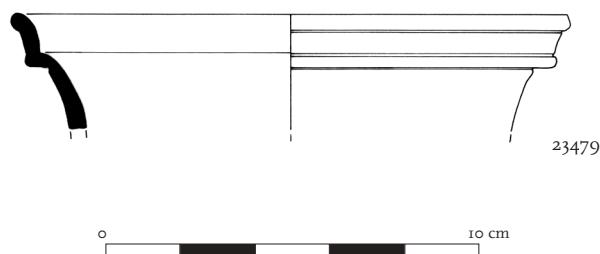


Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO			FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE					Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico		Observações
2637	95	Mur	-	2 b	Consp. R.9.3.1	1	bordo/parede	210	22	4	5YR 7/4	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo		c/ guilhoché no bordo	37-54 dC

3.3.2.36. Cálice de forma desconhecida

Não foi possível integrar esta forma, que julgo poder pertencer a um cálice, nas tipologias consultadas.



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA				TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE						
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Observações	Cronol.
23479	99	I	C	71	Cálice	1	bordo/ parede	140 ?	31	4	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	—	?

3.3.2.37. Fragmentos decorados de forma indeterminada

Como já referi *supra*, são extremamente reduzidos os fragmentos que ostentam decoração, não sendo possível, na maior parte dos casos, sequer compreender o motivo presente. Quando se obtém a leitura dos motivos, é a sua composição que não se vislumbra. Procurei, apesar de tudo, paralelos para os motivos decorados dos fragmentos de Santarém, na tentativa de conhecer não só os locais de produção, como os parâmetros cronológicos.

O n.º 23445 representa um pendente que está presente nos fragmentos ilustrados em Oxé, a propósito do material do Reno (Oxé, 1933, p. 50, est. VIII, n.º 24a e 24b), atribuído a C. Annius. A florzinha do n.º 2876 também pode pertencer a uma composição deste tipo, mas também a muitas outras, pois é um motivo bastante comum.

Parece que o n.º 22965 representa uma folha de videira e parte dos seus ramos (Est. I, n.º 11), motivo bastante frequente na decoração de *sigillata* de tipo itálico, e que pode ser utilizado, quer em composições geométricas, quer em cenas onde estão representados sátiros. (Oxé, 1933, n.º 12a e b, est. V, p. 46 e n.º 287, est. LXVI, p. 106)

As peças 23800 e 23801 são dois fragmentos que pertencem à mesma peça, embora não possibilitem colagem (Est. I, n.º 7). Trata-se de uma composição que combina flor de lotus, com pendentes e botões de flor tubular. Não encontramos paralelo exacto para esta composição, mas os diferentes motivos que a constituem estão bem patentes nas peças originárias da oficina aretina de Rasinius. Concretamente, o botão de flor tubular corresponde ao tipo 233, 234 ou 235 (Stenico, 1960a, p. 39, est. 27, n.º 134 e p. 51, est. 48, n.º 287). Igualmente, o motivo da flor de lotus e os pendentes surgem associados, mas em composições totalmente diferentes do exemplar de Santarém, correspondendo aos tipos 231 (flor de Lotus) e 167 (pendente) (Stenico, 1960a, p. 51, est. 47, n.º 278, 280, 282 e 284; est. 37, n.º 202, 203 e 204; est. 38, n.º 205, 206 e 207). As mesmas flores tubulares surgem em composições diferentes da nossa em dois fragmentos ilustrados na obra de Dragendorff e Watzinger, sendo igualmente atribuído a Rasinius, o mesmo sucedendo às flores de lis (Dragendorff e Watzinger, 1948, p. 214, n.ºs 405, 406 e 407, est. 29). Estão ainda representadas as flores tubulares juntamente com os pendentes, conjugando-se numa outra composição ilustrada no n.º 50 da Figura 6.

Não encontrei paralelo exacto para a peça 1251 (Est. I, n.º 6). Ao contrário dos restantes fragmentos que devem todos pertencer a cálices ou outras formas afins, este pertence a um copo e possui, além da linha de óvulos seguida de uma linha de folhas, um motivo principal que é uma ramagem estilizada, existindo igualmente uma pequena roseta. Infe-

lizmente, apenas o motivo da roseta, que corresponde ao tipo 201 se reconhece nos motivos de empregues pela oficina de Rasinius, embora, mais uma vez, este motivo surja em Arezzo, numa composição que em nada se identifica com a escalabitana (Dragendorff e Watzinger, 1948, p. 49-50, est. 44 e 45, n.ºs 258, 260, 262 e 268).

Ainda na linha de motivos de origem vegetal estilizados, foi sentida dificuldade de interpretação na análise da peça 3244, dada a dimensão do fragmento, apesar de ser associável ao tipo 238 de Stenico da oficina de Rasinius (Stenico, 1960a, p. 65).

Julgo que os motivos presentes nas peças 24116, 24130 e 23963 podem ser também incluídos no repertório rasiniano embora com alguma reserva, pois por serem motivos muito comuns, podem surgir igualmente noutras oficinas. Trata-se, no primeiro caso, de uma linha de rosetas que constitui o limite inferior de uma composição que julgo seria figurada, embora não seja possível observar os motivos que dela restam com clareza (Est. I, n.º 15). Por fim, da peça 23963 (Est. I, n.º 8), julgo poder ver uma roseta do tipo 201 (Stenico, 1960a, p. 65), e possivelmente um outro elemento vegetal com semelhanças com o tipo 283 (Stenico, 1960a, p. 68).

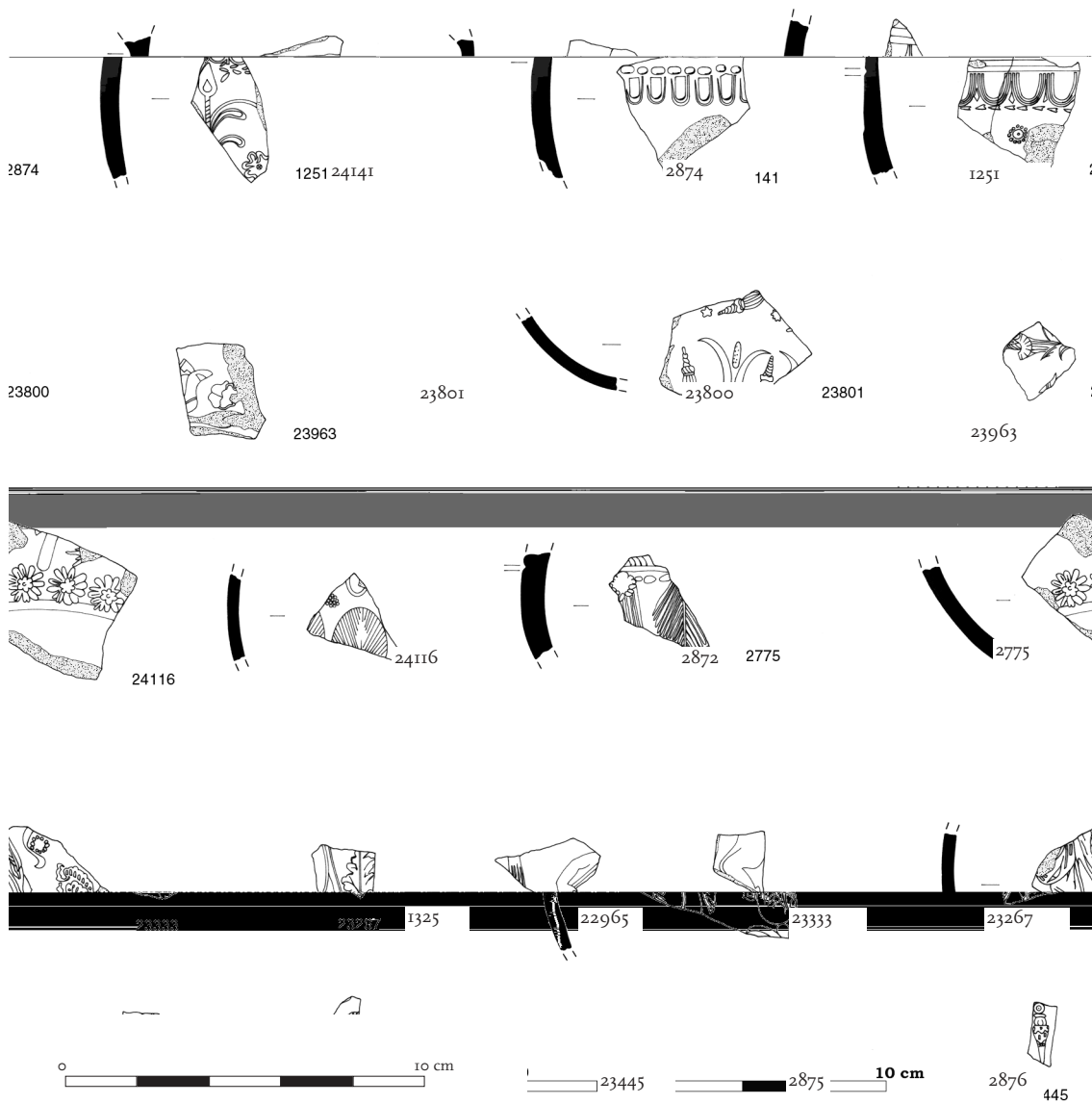
Embora não sejam idênticos, os motivos presentes nas peças 2872 e 2775 correspondem genericamente ao que alguns autores designam por folhas emplumadas ou folhas de palma (respectivamente Est. I, n.º 10 e 9). Mais uma vez apenas podemos indicar motivos que se aproximam dos de Santarém, sendo as composições em que surgem bastante diferentes das que ali se encontram. Assim, as peças de Santarém encontram paralelo num exemplar ilustrado por Oxé e que é atribuído à oficina de Ateius (Oxé, 1933, p. 57, est. XIII, n.º 55c). Stenico interroga-se se o mesmo não será antes da oficina de um Ateiano provincial (Stenico, 1960b, p. 42). Estas folhas de palma, sobretudo o n.º 2872, também encontra semelhanças no exemplar apresentado por Chase (Chase, 1908, p. 143, est. XIV, n.ºs 352 e 366). Na colecção do Antiquarium do Museu Nacional em Roma, existe um fragmento de matriz que apresenta o mesmo motivo deste exemplar escalabitano embora invertido e numa composição diversa (Porten Palange, 1966, p. 57, est. XV, n.º 80; p. 60-61, Est. XX, n.º 89 e 90). A matriz é atribuída a L. Pomponius Pisanus.

Apesar da reduzida dimensão, pode observar-se nos fragmentos 23267 e 23333 parte do corpo de dois personagens. Trata-se, no caso do n.º 23267, dos membros inferiores do que julgamos ser uma figura feminina, para a qual não encontrámos paralelos (Est. I, n.º 12). Na peça 23333 é visível o braço de um personagem masculino segurando uma lança (?), e, ao seu lado esquerdo, parece ver-se uma coluna (Est. I, n.º 13). Trata-se possivelmente de uma cena de caça, comum nas decorações das produções de *terra sigillata* de tipo itálico, mas, dada a dimensão do fragmento, não foi possível encontrar paralelos exactos.

Destacamos ainda a peça 1325 na qual se podem observar as roupagens de um personagem e, à sua direita, um motivo floral (Est. I, n.º 14). Trata-se de uma produção cuidada, para a qual, não encontrámos, qualquer paralelo.

A série de fragmentos decorados de *sigillata* de tipo itálico de Santarém inclui uma peça (2874) na qual se observa uma linha de óvulos duplos com lingueta lanceolada sob a qual existe uma linha de setas, estando igualmente presente uma florzinha e um motivo que temos dificuldade em interpretar. Em outro exemplar 24141, a linha de óvulos é encimada por uma linha de pérolas. Estes óvulos têm a particularidade de serem simples, muito alongados e encontram-se bastante afastados uns dos outros. Apresentam inegáveis semelhanças com o motivo 17 b de Dragendorff e Watzinger (Dragendorff e Watzinger, 1948, p. 18, fig. 1, n.º 17 b).

Quanto aos fragmentos n.ºs 1381, 2875 e 2779, é impossível reconhecer quais os motivos que estão presentes, dada a sua reduzida dimensão. Parece ver-se o corpo de um animal de grande porte na peça n.º 2779, lembrando os fragmentos n.ºs 1381 e 2875 parte das roupagens de personagens que não é possível precisar. A mesma dificuldade é sentida com o fragmento 24109.



Quadro descritivo dos fragmentos decorados de forma indeterminada de *sigillata* de tipo itálico

PROVENIÊNCIA		TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA	ENGOBE			DECORAÇÃO					
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Descrição
1251	—	C 8	—	2	Indet.	1	parede	—	45	5	2.5YR 7/6-8	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	não homogéneo	1	Decorado com linha de óvulos simples com lingueta e motivos florais estilizados
1325	83	B	—	3	Indet.	1	parede	—	37	4	2.5YR 7/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	não homogéneo	1	Decorado com roupagens de personagem indet. e motivo floral
1381	83	B	—	3	Indet.	1	parede	—	18	4	5YR 7/4-6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	Decorado c/ motivo indet.
2775	97	—	Q 6	o	Indet.	1	indet.	—	32	6	5YR 7-6/4	2.5YR 4/8	brilhante	fino	não homogéneo	1	Engobe pouco aderente. Decorado com motivos de folhas emplumadas.
2779	94/ 95	—	Q 14/ 17E	14	Indet.	1	parede	—	—	3	2.5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	Decorado c/ motivo indet., (animal ?)
2872	84	—	G 16	2	Indet.	1	parede	—	25	4	5YR 7/6	2.5YR 5/8	mate	espesso	homogéneo	1	Decorado c/ linhas de óvulos seguidas de folhas emplumadas e florzinhas
2874	97	—	Q 2	2	Indet.	2	parede	—	28	6	2.5YR 6/4-6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	Decorado com linha de óvulos duplos c/ lingueta lanceolada e outros motivos indet.

Quadro descritivo dos fragmentos decorados de forma indeterminada de *sigillata* de tipo itálico [cont.]

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE			DECORAÇÃO			
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Descrição
2875	94/95	—	Q 12	6	Indet.	1	parede	—	—	5	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	Decorado c/ motivo indet.
2876	97	—	Q 1	5	Indet.	1	parede	—	—	3	2,5YR 7/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	não homogéneo	1	Decorado com uma florzinha
3244	97	—	Q 18	1	Indet.	1	parede	—	13,5 ²	3	5YR 7/4	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	Decorado c/ motivo vegetal estilizado
22065	99	1	C	347	Indet.	1	parede	—	17	3	5YR 7/4-6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	Decorado com folha de vinha e ramagens
23267	99	1	B	1	Indet.	1	indet.	—	18	4	2,5YR 6/6-8	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	Decorado c/ membros inferiores de figura feminina
23333	99	1	B	1	Indet.	1	parede	—	19	3	2,5YR 7/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	Decorado com parte do membro sup. de personagem masc. com lança, e uma coluna à sua esq.
23445	99	1	C	1	Indet.	1	parede	—	18	4	2,5YR 7/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	Decorado com pendente
23800	99	1	C	289	Indet.	1	indet.	—	21	4	5YR 7/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	Decorado c/ composição indet. de botão de flor tubular, flor de lotus e pendentes
24130	99	1	B	193	Indet.	1	parede	—	23	5	5YR 6/6	2,5YR 5/8	brilhante	fino	não homogéneo	1	Linha de pérolas incompleta e motivos vegetais como folha de carvalho e bolota
24141	99	1	B	193	Indet.	1	parede	—	34,5	5	5YR 6/6	2,5YR 5/8	mate	espesso	homogéneo	1	Linha de pérolas seguida de linha de óvulos simples
24109	99	1	B	125	Indet.	1	parede	—	—	2,3	2,5YR 6/8	2,5YR 5/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	parte de um corpo (?) – membro inferior
24116	99	1	B	197	Indet.	1	parede	—	40	4,2	5YR 6/6	2,5YR 5/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	linha de rosetas junto ao fundo, que enquadra um motivo impossível de determinar
23963	99	1	C	127	Indet.	1	parede	—	28	3,7	5YR 7/6	2,5YR 5/8	brilhante	espesso	homogéneo	1	flor de Lotus e roseta

3.3.3. Marcas e grafitos

Na Alcáçova de Santarém existe um conjunto de quarenta marcas de oleiro, das quais se apresenta a leitura para vinte e nove (*Vide* respectivas Tabelas e Est. 5). Incluem-se aqui duas marcas anteriormente publicadas por Dias Diogo (Diogo, 1984b, p. III-141), por parecerem úteis para uma mais correcta apreciação desta série. Perante a documentação disponível, procurou analisar-se, essencialmente, a cronologia das marcas, os oleiros presentes em *Scallabis* e saber se são os mesmos que habitualmente exportavam para a Península, em particular para o território português. Confirmar se Arezzo (*Arretium*) constitui ou não o principal centro produtor e abastecedor de *Scallabis* é também um dos objectivos, assim como conhecer o peso da presença dos restantes centros produtores. As referências ao *Corpus Vasorum Arretinorum* de Oxé, Comfort e Kenrick (OCK) são constantes, apesar de estar consciente do facto que só a realização de análises químicas possibilitaria certezas absolutas quanto à proveniência dos materiais aqui mencionados.

As marcas de *terra sigillata* de tipo itálico da Alcáçova de Santarém formam um conjunto bastante diversificado, que contém uma marca radial, diversas marcas com caixilhos de formas rectangular, elíptica, circular, com ou sem folha de palma colocada na horizontal, bem como as características marcas em forma de pé (*in planta pedis*), e duas marcas anepígrafas: uma em forma de *quadrifolio* e outra, muito truncada, que parece ter a forma de um X. Dado a dimensão dos fragmentos, não é possível, na esmagadora maioria dos casos, enquadrar tipologicamente as peças em que se encontrariam as diferentes marcas, o que dificultou a atribuição cronológica. Existe apenas uma marca no fundo interno de uma taça

Consp 22.1, praticamente intacta. Consta-se que vinte e oito marcas se encontram no fundo interno de taças, e apenas cinco em pratos. Em seis não pode precisar-se sequer a forma. Apenas uma das marcas se encontra na parede exterior de um cálice, constituindo a única marca intradecorativa da Alcáçova (1335), sendo proveniente da oficina de PRIMVS escravo de N. NAEVIUS HILARUS (OCK, tipo 1530).

De uma maneira geral, a datação destas marcas aponta para um auge de importações localizado durante o período tardo-augustano e tiberiano, o que está de acordo com a cronologia das restantes formas identificadas, existindo escassos exemplares anteriores. Nesta situação, encontra-se a marca mais antiga da série, que está presente num prato (1316), cujo fundo se poderá integrar na forma Consp. B.1.4 (*Conspectus*), e que pertence à oficina de EROS A. AVIL(LI) (OCK, tipo 397.1) procedente do centro produtor de Arezzo. A presença desta marca radial indica que Santarém terá começado a receber *sigillata* do território itálico muito cedo, ainda antes de 15 a.C., tal como parece ter sucedido com Alcácer do Sal, e portanto antes de Conímbriga ou Mérida.

O centro oleiro que maior número de marcas forneceu a *Scallabis* foi o de Arezzo (doze exemplares), o que é comum nos outros sítios quer de Portugal quer da restante Península Ibérica (Alarcão, 1971, p. 430 e ss.). Pozzuoli (*Puteoli*) está representado apenas por três marcas, tendo-se identificado igualmente a presença de uma marca de uma oficina do Vale do Pó, e outras quatro do centro de Itália. Identificaram-se ainda marcas de Pisa (2) e Vasanello (1).

No conjunto que agora se estuda incluiu-se a marca “*in planta pedis*” anteriormente apresentada por Dias Diogo (Diogo, 1984b, p. 118, est. II, n.º 8). É de XANTHVS e provém de Arezzo, e está associada ao oleiro CN. ATEIVS, que se encontra bastante bem representado no nosso território actual e que constitui um dos oleiros que mais parece ter exportado, igualmente, para o território espanhol.

De mais complexa interpretação parece ser a marca constituída apenas por um A (Diogo, 1984b, p. 117-118, est. II, n.º 7), presente no fundo de uma taça Goudineau 32, e que surge normalmente associada a vasos ainda de engobe negro (Oxé e Comfort, 1968, p. 1). A mesma marca pode ainda surgir associada a oleiros possivelmente do Vale do Pó, embora neste caso a letra seja enquadrada por uma coroa de louros. Dias Diogo considera que esta marca poderá associar-se aos n.ºs 2 ou 3 de Oxé e Comfort, certamente pertencente a um oleiro exterior a Arezzo, e propõe uma cronologia de Augusto-Tibério.

De um conjunto de 40 marcas propõe-se a leitura para 29. Destas, apenas uma parte apresenta a sigla completa da assinatura do oleiro. É muito frequente as marcas estarem incompletas, não permitindo qualquer leitura, ou estarem mal impressas, o que obriga a justificar a opção por determinada interpretação. No estudo das assinaturas de oleiros da Alcáçova de Santarém, e tal como fez Bémont para *Glanum* (Bémont, 1976) procurou “medir-se” a importância de cada oficina pelo número de assinaturas presente no *Corpus Vasorum Arretinorum* (OCK), portanto, através da difusão que os oleiros conheceram. Os dados recolhidos baseiam-se nesta obra de referência e são completados com a actualização dessas informações para a Espanha na obra de síntese de Beltrán (1990, p. 74) e nos principais dados disponíveis para o território actualmente português. Apesar de antigos, foram de extrema utilidade os trabalhos de Adília Alarcão sobre a *terra sigillata* itálica em Portugal (A. Alarcão, 1971, p. 421-432) e os de Dias Diogo especificamente sobre as marcas itálicas (Diogo, 1980b) pois apresentam listagens dos oleiros conhecidos no território português que, salvo raras excepções, continuam ainda actuais.

Muitas marcas não colocam qualquer problema quanto à sua identificação. É o caso da primeira da série, 1317, do aretino SEXTVS ANNIVS, datado de 10 a.C.-10 d.C. (OCK, tipo 183.8). A sigla SEX/ ANN é típica nesta oficina, embora não seja habitual ocorrer num cai-

xilho elíptico. A julgar pelos exemplares presentes no *Corpus Vasorum Arretinorum*, teve uma ampla difusão, estando já bem representada em Espanha, concretamente em Tarragona, Ampurias, Elche, Adra, Celsa, Elda, *Corduba* e Segóbriga (Béltran, 1990, p. 68). Em Portugal, está presente em Alcácer do Sal, com duas marcas de SEX(TVS) ANNIVS AFER (Faria, Ferreira e Diogo, 1987, n.º 1, p. 66 e A. Alarcão, 1971, est. V, n.º 1, Diogo, 1980b, n.º 3) e na *Villa Romana da Tourega* (Pinto, Dias e Viegas, no prelo).

C. ARVIVS (23430), que surge em Santarém numa elipse com a sigla C.ARV (OCK, tipo 254.19), é um oleiro de Arezzo pouco frequente, e cuja produção se centra no período de 15 a.C. a 15 d.C. Foi já identificado em território espanhol, em Tarragona, Ampurias, Sevilha, Bilbilis, Italica, Córdoba e Celsa (Beltrán, 1990, p. 68). Em Portugal, existe um exemplar desta oficina, em Aljustrel (Valdoca) (Alarcão e Alarcão, 1966, p. 45, est. XI, sepultura n.º 137, Diogo, 1980b, n.º 7).

Possivelmente relacionado com o oleiro anterior, **SEX ARVIVS (1281)** surge em Santarém sob a sigla SEX.ARVI, numa elipse, encontrando-se, tal como sucede nos exemplos do *Corpus Vasorum Arretinorum* (OCK, tipo 259) as letras A e R em nexos. Esta parece ter sido uma oficina de dimensão reduzida, a julgar pela escassa representação nesta obra de referência, cujo período de laboração se centra no período de 1 a 15 d.C. Não encontrei marcas deste oleiro em território peninsular.

Das oficinas que provavelmente mais sucesso tiveram em Arezzo e que maior difusão conheceram, é proveniente o vaso com a sigla NA.EI (23985), com o N retrógrado em nexos com o A. Pertence, possivelmente, a **CN.ATEIVS**, cuja produção se centra no período de 15 a 5 a.C. (OCK, tipo 275). Ocorre num rectângulo, não sendo seguro se logo no início da assinatura está ou não presente um C, de maiores dimensões que os restantes caracteres. Outro exemplar de Santarém do mesmo oleiro surge *in planta pedis* (24113), e desta vez a sigla apresenta as letras bem desenhadas de CNEI (OCK, tipo 276). Como já tive oportunidade de referir *supra*, este oleiro tem uma vasta produção. As análises químicas revelaram que esta produção não se restringiu à região aretina. Efectivamente, hoje sabe-se que este oleiro estabeleceu no sul da Gália em La Muette, Lyon o que alguns autores consideram verdadeiras sucursais (Lesfargues e Vertet, 1976, p. 42) e em Pisa, como neste caso.

Muito frequente no território peninsular, os vasos por ele assinados ocorrem em inúmeros sítios do território espanhol, num total de mais de 40 marcas identificadas. Portugal não foge a esta tendência, conhecendo-se oito marcas suas em Conímbriga (Alarcão, 1971, p. 421-432 e Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, n.ºs 227 a 232, p. 42 e 43, est. XIII, Diogo, 1980b, n.ºs 9-15), uma em S. Pedro de Caldelas (Tomar) (Ponte, 1988, p. 72, n.º 3, fig. 43) uma em Miróbriga (A. Alarcão, 1971, p. 421-432, Diogo, 1980b, n.º 18), e uma em Manuel Galo (Mértola) (Maia, 1974 p. 163, fig. 7, est. II, Diogo, 1980b, n.º 17) uma na Comenda (Ferreira, 1969, p. 169, Diogo, 1980b, n.º 8), outra na Lobeira Grande e ainda outra em Vipasca (Ferreira, 1969, p. 169, Diogo, 1980b, n.º 23), quatro em Represas (Ribeiro, 1959, n.ºs 6 a 9, est. III, p. 77, Diogo, 1980b, n.ºs 19-22; Lopes, 1994, n.º 1599, 1622, 1629 e 6287), uma em Faro (Gamito e Maia, 1976, p. 149-159, Diogo, 1980b, n.º 16).

A marca anepígrafa em forma de quadrifólio (1123), corresponde ao círculo abstracto OCK, tipo 2549, com cronologia de finais do século I a.C. Esta marca tem um paralelo exacto em Represas (Ribeiro, 1959, n.º 76, est. VII, p. 87; Lopes, 1994, n.º 1609).

Como já se mencionou *supra*, a marca publicada por Dias Diogo (Diogo, 1984b, p. 118, est. II, n.º 8) pertencente ao oleiro **XANTHVS**, que normalmente, se associa à produção de **CN.ATEIVS**, é igualmente muito abundante contando com inúmeros exemplares em território nacional.

EROS A.AVILLI está representado em *Scallabis* com a assinatura EROS/A.AVIL (1316), (A e V em nexa), numa das raras marcas radiais existentes em território nacional (OCK, tipo 397.1) com cronologia anterior a 15 a.C. Este oleiro de Arezzo (?) parece ser bastante raro, e um dos exemplares descritos no *Corpus Vasorum Arretinorum* apresenta manchas vermelhas escuras: “(...) burnt purple above, spotted purple and red underneath”, no que pode constituir uma característica dos exemplares que se encontram na transição dos engobes negros para os vermelhos. Esta é a primeira vez que este oleiro ocorre em território peninsular, testemunhando as primeiras produções itálicas a atingirem a cidade de *Scallabis*. São raras as marcas radiais no nosso país, sendo duas provenientes de Alcácer do Sal (Diogo, 1980b, n.º 98; Sepúlveda, Faria e Faria, 2000, p. 142, fig. 1, n.º 3), uma de Manuel Galo (Maia, 197, p. 159, Est. 3, n.º 3) e, finalmente, uma de Bracara Augusta (Delgado e Santos, 1984, p. 52, n.º 1).

Um dos oleiros que mais exportou para Santarém foi **P.CORNELIVS**, (dois exemplares). Os seus trabalhadores ou associados assinam três vasos. Assim, a marca (1179), que apresenta a sigla P.COR em cartela rectangular com os ângulos arredondados, pertence à oficina deste oleiro aretino que tanto sucesso teve e cuja produção se centra no período compreendido entre 5 a.C. e 40 d.C. (OCK, tipo 624.40). Do mesmo oleiro, surge outro exemplar, desta vez em cartela circular com a sigla P.COR (20008) na primeira linha e uma palma horizontal na parte inferior (OCK, tipo 624.58). Tal como refere Dias Diogo, este oleiro é dos que maior número de marcas regista em território português, logo a seguir a CN. ATEIVS (Diogo, 1985, p. 142) se considerarmos não só a sua produção individual, mas também dos seus trabalhadores. P. CORNELIVS está presente em *Conimbriga* (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 40, n.º 235, est. XIII, Diogo, 1980b, n.º 52) com um exemplar idêntico ao n.º 20008 de Santarém. Está também representado no Montinho das Laranjeiras (Alcoutim) (Oleiro, 1951, p. 13, n.º 17 e A. Alarcão, 1971, p. 426, Diogo, 1980b, n.º 51), no Castelo das Guerras (Caeiro, 1977, p. 420, n.º 5, Diogo, 1980b, n.º 53), em Represas (Ribeiro, 1959, n.º 22, p. 79, est. III, Diogo, 1980b, n.º 54 e 55; Lopes, 1994, n.º 693, 1632, 1638 e 1643) e em Tróia (cemitério) (Alarcão, 1971, p. 426).

Julgo que a marca 24200 pertence a um dos trabalhadores de P. CORNELIVS. Está bastante truncada e apenas pode ver-se que a assinatura se desenvolve em duas linhas num retângulo (“double-framed rectangle”), sendo apenas perceptível na primeira um O que será já a segunda ou terceira letra, e o que julgo ser o limite inferior de um M; na segunda linha pode ler-se, claramente, P.CO, daí a associação a P.CORNELIVS. Penso tratar-se de uma marca de **P.CORNELIVS**, seu escravo **DIOME(DES)**, oleiro aretino cuja marca surge em retângulo duplo com a sigla DIOM/PCORN (OCK, tipo 638). Dado o estado de conservação desta peça deve entender-se esta leitura como uma proposta a ser considerada com bastante cautela. Esta marca, que tem a particularidade de não apresentar engobe na superfície exterior do fundo, o que pode constituir um sinal de antiguidade, é bastante rara e conheceu difusão sobretudo em território italiano. A marca de Diomedes P. Corneli, conhecida em Belo (Bourgeois e Mayet, 1991, n.º 32) em nada se assemelha ao exemplar escalabitano, não existindo outras assinaturas deste oleiro em Portugal.

Dos outros dois trabalhadores de P.CORNELIVS existentes na Alcáçova de Santarém, apenas um deles não coloca tantos problemas de interpretação. Não parece haver dúvidas que a marca HERAC/(...)COR (23043) constitui um exemplar da oficina de **P. CORNELIVS**, seu escravo **HERACLA** (OCK tipo 651.4). A assinatura da peça (24072) em cartela circular, que se desenvolve em duas linhas com efeito de espelho e palma horizontal ao centro, pode pertencer a **P.CORNELIVS**, seu escravo **APOLLO** ()?(OCK, tipo 630). Efectivamente, da sigla existente em *Scallabis* apenas resta, numa das linhas, AP e, na outra COR(?), o que não ajuda na opção a tomar. Para dificultar ainda mais a tarefa, nenhuma destas marcas surge

no *Corpus Vasorum Arretinorum* em caixinho circular com duas linhas e folha de palma na horizontal ao centro. Trata-se, em ambos os casos, de marcas raras, com exemplares conhecidos apenas no centro de Itália, sendo HERACLA P.CORNELI conhecido apenas por um exemplar de Espanha (Beltrán, 1990, p. 69).

HER() é um oleiro que surge numa marca de Santarém onde se lê HER (23895), inserido em caixinho rectangular com os ângulos arredondados (OCK, tipo 916.1). Exportou para Haltern, para o Norte de África, Alexandria, e está também bem documentada na Península Ibérica, em sítios como Pollentia, *Elda*, *Corduba*, *Italica*, Herrera de Pisuerga, Segobriga (Beltrán, 1990, p. 69). O período de laboração deste oleiro situa-se em torno a 10 a.C. cronologia baseada no facto de não existirem marcas suas radiais e não se conhecerem assinaturas *in planta pedis*. Não existem outras marcas deste oleiro em território nacional.

Com origem no centro produtor do Centro de Itália, os oleiros relacionados com C. MEMMIVS, estão representados por duas oficinas diferentes. É o caso de C. MEMMIVS, seu escravo ANTHVS presente na sigla ANTHV/CMEM (23332), na qual o T e o H se encontram em nexos e que está representado em Roma, Alexandria e, no território espanhol, em Tarragona e Ampúrias (OCK, tipo 1139.1). Possui cartela com duas linhas, de forma elipsoidal. O outro oleiro é C. MEMMIVS, seu escravo PRIMVS, aretino, cuja difusão parece ter sido reduzida, dados os escassos exemplares ilustrados no *Corpus Vasorum Arretinorum* (OCK, tipo 1156.5). A marca de Santarém não oferece dificuldade na sua identificação, pois a sigla C.ME/PRI, em que M e E se encontram em nexos, apesar de truncada, não possibilita outras hipóteses de leitura. Tal como sucede em Espanha também em Portugal são conhecidos inúmeros casos de C. MEMMIVS, mas apenas uma assinatura de Málaga pertence ao escravo de PRIMVS C. MEMMIVS (Beltrán, 1990, p. 69).

Os produtos da grande oficina do oleiro aretino RASINIVS estão representados em Santarém, não só através de uma série de motivos vegetais identificados nas formas decoradas, mas também nas formas lisas, como o documenta a marca da peça 23941 (OCK, tipo 1623.9). Esta assinatura encontra-se muito truncada, apenas se podendo dela ler a sigla RAS e a parte inferior do que julgo ser um I, numa cartela rectangular. É extensa a lista de sítios peninsulares que receberam produtos deste oleiro, que produziu entre 15 a.C. e 10 d.C., destacando-se no território português a sua presença em locais como Braga (Delgado, 1985, p. 13, n.º 2), citânia de Briteiros (Oleiro, 1951, p. 23, n.º 44, Diogo, 1980b, n.º 130), Conímbriga (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 41-42, n.º 258), Alcácer do Sal (Diogo, 1980b, p. 9, n.º 11), Represas (Ribeiro, 1959, p. 83, est. V, n.º 52, Diogo, 1980b, n.º 131; Lopes, 1994, n.º 1635), Castelo das Guerras (Moura) (Caeiro, 1977, p. 421, n.º 8, Diogo, 1980b, n.º 132).

A lista de marcas com origem em Arezzo existentes em Santarém conclui-se com a marca de um oleiro cuja produção gozou também de alguma popularidade. Refiro-me a L.TETTIVS SAMIA, que terá produzido de 20 a.C. até à viragem da era, com marca em caixinho rectangular de ângulos arredondados (OCK, tipo 2109). A sigla presente em Santarém está completa, podendo ler-se LETI/SAMIA (23918), constituindo apenas motivo de dúvida saber se pode ver-se um A em nexos com o M, ou não. Este oleiro exportou para inúmeros locais em Espanha: Ampúrias, Tarragona, Ibiza, Herrera de Pisuerga, *Iuliobriga*, El Poyo del Cid, *Segobriga*, *Celsa*, Cerro de los Castilejos, *Pollentia* e Nucli (Beltrán, 1990, p. 70). Em Portugal, este oleiro conheceu alguma difusão, sendo conhecido em sítios como Alcácer do Sal, através de três marcas, uma referenciada por Leite Vasconcelos (Vasconcelos, p. 108, n.º 3; Oleiro, 1951, p. 24, n.º 46; A. Alarcão, 1971, p. 425, Diogo, 1980b, n.º 152) e as outras duas por Dias Diogo (Diogo, 1980b, p. 20, n.º 14, Diogo, 1980b, n.ºs 153 e 154). No sítio de Manuel Galo (Maia, 1974, p. 159, n.º 3, est. II) este oleiro foi também identificado numa das raras marcas radiais encontradas em Portugal.

Como se pode constatar, os oleiros aretinos representam mais de metade do total de marcas cuja proveniência se conhece, facto que é habitual nos diversos sítios peninsulares que consumiram *sigillata* de tipo itálico. Contudo, Santarém importou *terra sigillata* de outros centros produtores itálicos como Pozzuoli (na Campania), região do Vale do Pó e Centro de Itália, além de Pisa e Vasanello sendo desconhecida a origem de sete marcas.

Os oleiros de Pozzuoli estão representados por três assinaturas de ENNIVS, C. TAP(VRIVS) e PRIMVS NAEVI. Efectivamente, a marca completa em caixilho rectangular com ângulos arredondados com a sigla .ENN.I (23886) pertence ao oleiro de ENNIVS, da oficina de QVINTVS ENNIVS SVAVIS de Pozzuoli (OCK, tipo 761.4). A julgar pelos registos presentes no CVA, este oleiro teve uma produção média, com uma reduzida difusão, apenas se conhecendo, na Península Ibérica, uma marca em Elche. Não havia, até hoje, registo de marcas idênticas em Portugal.

Com origem em Vasanello, a assinatura de EROS foi facilmente identificada em Santarém. Apesar de só se dispor da parte final da sigla OS (3242), o caixilho em que se insere é bastante característico e está ilustrado no *Corpus Vasorum Arretinorum*, como sendo o do oleiro, que produziu de 10 a 1 a.C. (OCK, tipo 778.8). São conhecidas marcas deste oleiro em território espanhol, em Ampúrias e Tarragona e Elche (Beltrán, 1990, p. 71). Este oleiro estava já representado no nosso território por um exemplar proveniente de Represas tendo aqui uma configuração totalmente diferente da marca escalabitana, pois encontra-se em caixilho circular e tem a particularidade do primeiro E da sigla estar deitado (Ribeiro, 1959, p. 87, est. VII, n.º 75; Alarcão, 1971, Lopes, 1994, n.º 1617).

Existe em Santarém uma marca de MARIVS (20699), oleiro que está documentado em Pozzuoli com a mesma fórmula presente na Alcáçova: com as letras A e R em nexa (OCK, tipo 1125.2). Além de Itália, esta marca surge em Espanha em Ampúrias e Tarragona, não estando documentada no território português (Beltrán, 1990, p. 71)

O oleiro C. TAP(VRIVS?) de Pozzuoli está presente em Santarém (OCK, tipo 2036). Possui cartela elíptica e na sigla pode ler-se C.TAP (22686). As letras T, A e P estão em nexa. Esta é a única marca de *Scallabis* a surgir numa forma identificável: a taça Consp. 22.1.2. Esta mesma marca foi já anteriormente identificada em Conímbriga, num exemplar bastante idêntico ao da Alcáçova (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 43, n.º 233, est. XIII, Diogo, 1980b, n.º 150), e em Miróbriga (Dias, 1978, p. 367, est. I, n.º 18, Diogo, 1980b, n.º 151).

A única marca exterior da colecção da Alcáçova de Santarém pertence a PRIMVS escravo de N. NAEVIVS de Pozzuoli (OCK, tipo 1530). Trata-se de uma marca intradecorativa com caixilho *in tabella ansata* (1335) na qual se lê PRIM(...). É única no país.

Provenientes de centros oleiros da região do Centro de Itália(?) e do Vale do Pó (região padana), conhecem-se em Santarém respectivamente, as marcas de HILARVS e de PRIMVS. No caso de HILARVS, trata-se de uma marca circular com a sigla a desenvolver-se em duas linhas HILA/RVS (22973) com os caracteres perfeitamente visíveis (OCK, tipo 953.3). Este oleiro, que tem como período de laboração de 20 a.C. a 10 d.C. e existe em Espanha em Tarragona, Ampúrias, Cádiz, Churriana e Nuestra Sra del Pueyo (Belchite) (Beltrán, 1990), está também documentado em Portugal concretamente, em Represas, num círculo, parecendo assemelhar-se à marca escalabitana (Alarcão, 1971, est. V, n.º 27, p. 425, Diogo, 1980b, n.º 106; Lopes, 1994, n.º 1594). Dias Diogo atribui esta marca a um oleiro de ATEIVS de Lyon (Diogo, 1980b, n.º 106) e C. Bémont chama a atenção para o seu exemplar de *Glanum*, que parece apresentar também uma argila diferente da de Arezzo. Embora a autora não tenha podido confirmar uma origem gálica para este último exemplar não restam dúvidas sobre a rápida influência de La Graufesenque em *Glanum*, a partir de 15/20 d.C. (Bémont, 1976, p. 142, n.º 89). Efectivamente, HILARVS está entre os oleiros que estão atestados em Lyon (La Muette), mas as marcas daí provenientes não têm a grafia semelhante à da marca de Santa-

rém, pelo que permanece a dúvida se se trata, ou não, de um produto da Gália (Lasfargues e Vertet, 1976, n.º XIX 1 e 2, p. 58 e 59).

Pertencente ao oleiro **PRIMVS**, único em Santarém, originário do Vale do Pó, e com uma difusão reduzida, regista-se a marca *in planta pedis*, que apenas apresenta a fórmula PRIMV[...] (23843)(OCK tipo 1535.5). Não se conhecem assinaturas deste oleiro em Espanha, mas em Portugal, o único exemplar que se conhece é idêntico ao de Santarém, quer na forma do caixilho, quer na grafia. Trata-se de uma marca que se encontra entre o espólio das escavações antigas de Conímbriga (Alarcão, 1971, est. V, n.º 42, Diogo, 1980b, n.º 126).

Julgo poder atribuir, sem problemas, à oficina de **C.CHRESTIVS** de origem desconhecida (OCK, tipo 550) a marca de que apenas se conservam as letras C.CH (1122). Esta marca é relativamente rara fora de Itália, mas encontra-se entre os materiais de Tarragona e Ampúrias, sendo a primeira vez que se regista em Portugal. Não deve confundir-se com as marcas do oleiro aretino trabalhador de ATEIVS, CHRESTVS ou CRESTVS, presente em inúmeros sítios portugueses.

Considero bastante segura a interpretação que se faz da sigla que apresenta a parte final de três linhas, nas quais apenas é possível ler-se [...]SE/[...]ME/[...]NVS (2878) originária do Centro de Itália, pois está documentado no *Corpus Vasorum Arretinorum* uma marca em tudo idêntica à de Santarém que corresponde ao oleiro **P. MESSENVS MENOP(H)ILVS** (OCK, tipo 1171.4). Percorrendo esta mesma obra, não se encontram marcas de outros oleiros que apresentem a mesma configuração. São conhecidas as exportações deste oleiro para a Península Ibérica, nomeadamente para Ampúrias e Tarragona, mas não em Portugal.

Igualmente do Centro de Itália é o oleiro **FAVSTVS**, presente na Alcáçova com uma marca em caixilho rectangular, com a sigla em duas linhas FAVS/TVS (2883). Bem legível encontram-se apenas ligeiramente danificadas as letras A e T (OCK, tipo 815.4). Trata-se de uma marca pouco comum que, no entanto, já estava documentada no território actualmente português, em Alcácer do Sal (Alarcão, 1971, p. 425, Diogo, 1980b, n.º 103), com um caixilho circular imperfeito, datado de 1 a 20 d.C. Além deste exemplar, regista-se igualmente uma outra marca deste oleiro em Herrera de Pisuerga, merecendo a assinatura de Córdova uma particular atenção pois, quer o caixilho quer a grafia, são em tudo idênticos à de Santarém (Marcos Pous, 1976, p. 89, n.º 36 bis). O oleiro FAVSTVS está entre os identificados em Lyon (La Murette), mas a marca de Santarém é bastante diferente da que foi aí registada, o que nos leva a tratar este dado com alguma prudência (Lasfargues e Vertet, 1976, n.º XII 1, p. 52 e 53).

Reservo para último lugar algumas observações sobre marcas cuja leitura levanta alguns problemas na interpretação, como é o caso da assinatura n.º 22158, para a qual se propõem duas hipóteses de leitura, embora nenhuma nos satisfaça completamente. Efectivamente, apenas é possível ver-se FICVI, mas como a parte superior da primeira letra está fracturada, pode colocar-se igualmente a hipótese de leitura HCVI. Infelizmente não encontramos no CVA nenhum oleiro designado por esta sigla, sendo os mais aproximados FIC... (OCK, tipo 830) ou C.VI.

Da marca n.º 24249 apenas resta o que julgo ser a parte final da inscrição X e I, em duas linhas ou na mesma linha, sendo por isso impossível propor qualquer leitura. O caixilho é circular e a parte superior da inscrição possui o que parece ser uma linha de “chevrons”.

A série de Santarém completa-se ainda com um conjunto de quatro outras marcas *in planta pedis*, que não conseguem ler-se dadas as dimensões dos fragmentos (2776, 2879, 3233 e 23690).

Relativamente aos grafitos, apenas se pode constatar a sua reduzida presença. Ocorrem no fundo exterior de cinco exemplares, sem que seja possível propor qualquer leitura para dois deles. No caso da peça 3377, julgo que o que pode ler-se são as letras VS do meio da sigla, sendo impossível indicar qual o nome a que se refere. O mesmo sucede com a peça 24113 da qual só restam as letras (...)PA(...).

Em síntese, e confirmando a ideia já transmitida pelo estudo das formas lisas, pode afirmar-se que Santarém recebe a maior parte das marcas de oleiro em *sigillata* de tipo itálico entre 20/15 a.C. até 10 d.C. As exportações da península itálica fizeram-se, sobretudo, a partir de Arezzo, existindo igualmente oleiros com origem em Pozzuoli, o “segundo” centro produtor de *sigillata* itálica, a região padana, do Centro de Itália e de Vasanello. Não pode confirmar-se ou excluir a hipótese de existirem em Santarém produtos das oficinas de Lyon (La Muette), eventualmente documentada pelo oleiro FAVSTVS e HILARVS, pois só o recurso a análises laboratoriais o poderia confirmar. De qualquer modo, está provado que estas oficinas exportaram, preferencialmente, para abastecer os campos militares do *limes* germânico, o que afasta a sua área de difusão privilegiada da região que analiso. Existem igualmente em Santarém marcas de oleiros de Pisa. A produção pisana está comprovada, pelo menos, por um fragmento de *sigillata* tardo-itálica e, certamente, por outros exemplos de formas lisas. Neste caso não é de estranhar a presença destes oleiros em Santarém, pois já foram atestados em outros locais do território nacional, como Conímbriga, Tróia, Alcácer do Sal e Represas (Sepúlveda, 1996, p. 14). A relativa uniformidade que se observa nas características físicas dos diversos fragmentos que ostentam marca não possibilitou qualquer diferenciação ao nível dos fabricos da *sigillata* de tipo itálico. Assim, mesmo sabendo, por exemplo, que a marca de C.TAPVRIVS tem origem em Pozzuoli nada distingue esta peça de outras, tendo sido, de um modo geral, todas as marcas associadas ao **fabrico 1**, que é o mais habitual. Este dado não é novo, pois já se conhecia a impossibilidade de, a olho nú, distinguir fabricos com diferentes origens no solo italiano.

Arezzo constitui o centro de produção que maior volume de peças terá fornecido, não só aos mercados da Península Ibérica, mas também ao norte de África: ao território hoje argelino (Guéry, 1972, p. 175-218) e ao marroquino (Boube, 1981-82, p. 135-167).

Quadro dos oleiros representados em Santarém em comparação com Conímbriga, Alcácer do Sal, Represas e Espanha

Oleiro	Santarém	Conímbriga	Alcácer do Sal	Represas	Espanha
SEX(TVS) ANNIVS	x		2 x		
C.ARIVVS	x				x
SEX.ARIVVS	x				x
CN. ATEIVS	4 x	x		x	x
EROS A.AVI(LLI)	x		x		
C. CHRESTIVS	x				x
P.CORNELIVS	2 x	x		x	
DIOMEDES P.CORNELIVS	x				
APOLLO(NIVS) P. CORNELI	x				
HERACLA P.CORNELI	x				x
PRIMVS P. CORNELIVS	x				
ENNIVS	x				
EROS	x			x	x
FAVSTVS	x		x		x
HERTORIVS	x				x
HILARVS	x			x	x
MARI	x				x
ANTHVS C. MEM(MI)	x				x
PRIMVS C.MEM(MI)	x				x
P. MESSENVS MENOP(H)ILVS	x				x
PRIMVS NAEVI	x				
PRIMVS	x	x			
RASINIVS	x	x	x	x	x
C. TAPVRIVS	x	x			
L. TETTIVS SAMIA	x		x		x

O oleiro que mais exportou para *Scallabis* foi P. CORNELIVS que, em nome individual ou com os seus trabalhadores, soma um total de cinco marcas. Em segundo lugar está CN. ATEIVS com duas assinaturas suas e uma marca de um seu trabalhador XANTHVS, anteriormente publicada, num total de quatro marcas (Diogo, 1985). Com dois registos, temos os oleiros ARVIVS (C.ARVIVS e SEX.ARVIVS) e MEMMIVS (ANTHVS C. MEM(MI) e PRIMVS C. MEM(MI)). Dias Diogo tinha já chamado a atenção para o facto de serem estes os oleiros mais representados nas coleções nacionais, juntamente com L. TETTIVS SAMIA que ocorre uma única vez na Alcáçova de Santarém.

Os restantes oleiros estão representados por apenas uma marca, destacando-se destes as oficinas, cujo registo surge pela primeira vez no território hoje português, com os exemplares de Santarém.

Quadro descritivo das marcas de *terra sigillata* tipo itálico

N.º Inv.	Proveniência Ano/Sector/ Q/UE	Oleiro	Leitura	OCK	Origem	Forma	Local na peça	Caixilho	Cronol	Observações	Desenho (escala 1/1)
1317	C IX, 17, c.3	SEX(TVS) ANNIVS	SEX/ANN	tipo 183.8	Arezzo	Taça	fundo interno	elipse/rectang. tipo 99	20 a.C. - 10 d.C.	—	
23430	99, 1A, [440]	C.ARIVS	C.ARV	tipo 254.19	Arezzo	Taça	fundo interno	elipse tipo 109	15 a.C.- 15 d.C.	—	
1281	87, I 14, c.4	SEX.ARIVS	SEX.ĀRVI	tipo 259	?	Taça	fundo interno	elipse/rectang tipo 99	1-15 d.C.	—	
23985	99, 1A, [133]	CN. ATEIVS?	CNĀ.EI	tipo 275	Arezzo	Taça	fundo interno	rectang. tipo 8	15-5 a.C.	—	
24113	99, 1B [197]	CN. ATEIVS	C.NEI	tipo 276	Pisa	Prato	fundo interno	in planta pedis tipo 162	5 a.C.- 40 d.C.	Grafito (...)PA(...) no exterior	
1316	—	EROS A.AVI(LLI)	EROS / A.ĀVIL	tipo 397.1	Arezzo?	Prato Consp. B.1.4	fundo interno	rectang. tipo 8	20-10 a.C.	Radial	
1122	94/95, Q 5, 2	C. CHRESTIVS	C.CH [...]	tipo 550	?	Taça	fundo interno	rectang. lado menor redondo tipo 99	15 a.C.- 5 d.C.	—	
1179	97, Q5, c.8	P.CORNELIVS	P.COR	tipo 624.40	Arezzo	Taça	fundo interno	rectang. tipo 8	5 a.C.- 40 d.C.	—	
20008	99, 1, sup.	P.CORNELIVS	P.COR	tipo 624.58	Arezzo	Taça	fundo interno	circular variante tipo 121	5 a.C.- 40 d.C.	—	
24200	99, 1 C, [181]	DIOMEDES P.CORNELIVS	[...]JOM/ P.CO	tipo 638	Arezzo	Indet	fundo interno	rectang.	?	Sem engobe ext. do fundo (leitura com reservas)	
24072	99, 1B, [195]	APOLLO(NIVS) P. CORNELI	APOL/COR	tipo 630	Arezzo	Taça	fundo interno	circular c/ divisão de folha de palma tipo n.º 118 e 111 var.	?	Oleiro de P. CORNELI	
23043	99, 1B, [201]	HERACLA P. CORNELI	HERAC/ [...]. COR	tipo 651.4	Arezzo	Taça	fundo interno	rectang. tipo 8	15 d.C. +	—	
23886	99, 1C, [241]	ENNIVS	.ENN.I	tipo 761.4	Pozzuoli	Indet.	fundo interno	rectang. tipo 8	1 d.C. +	De QUINTVS ENNIVS SVAVIS DE	

Quadro descritivo das marcas de terra sigillata tipo itálico [cont.]

N.º Inv.	Proveniência Ano/Sector/Q/UE	Oleiro	Leitura	OCK	Origem	Forma	Local na peça	Caixilho	Cronol	Observações	Desenho (escala 1/1)
3242	97, Q 5, c.1	EROS	[...]OS	tipo 778.8	Vasanello	Indet.	fundo interno	rectang. tipo 53 (?)	10-1 a.C.	—	
2885	88, C 2, J 10 bq O	FAVSTVS	FAVS/TVS	tipo 815.4	Centro de Itália	Taça	fundo interno	quadrado tipo 1	1-20 d.C.	—	
23895	99, 1B, [132]	HER()	HER	tipo 916.1	?	Taça Forma desconh?	fundo interno	rectangular/ arredondada variante do tipo 99	10 a.C.	A associar ao oleiro HER(TORIVS) de Arezzo	
22973	99, 1B, [210]	HILARVS	HILA/RVS	tipo 953.3	Centro de Itália?	Taça	fundo interno	circular tipo 118	20 a.C.-10 d.C.	—	
20699	99, 1B, [26]	MARI	MARIVS	tipo 1125.2	?	Prato	fundo interno	rectang. tipo 8	?	—	
2332	99, 1B, [131]	ANTHVS C. MEM(MI)	ANHVS/ [...]MEM	tipo 1139.1	Centro de Itália?	Prato	fundo interno	dois rectang. tipo 104	Augustane?	—	
3377	85, F 16, c.3b	PRIMVS C.MEM(MI)	C.MEM/[...] PRI [...]	tipo 1156.5	Arezzo	Taça	fundo interno	rectang. com linha central tipo 52 var.	15 a.C.-5d.C.	tem grafito	
2878	87, C 3	P.MESSENVS MENOP(H)ILVS	[...]SE/ [...] ME / [...] VS	tipo 1171.4	Centro de Itália	Indet.	fundo interno	quadrang. tipo 1	40-1 a.C.	—	
1335	83, G18, c.3	PRIMVS NAEVI	PRIM[...]	tipo 1530	Pozzuoli	Cálice	parede exterior	In tabela ansata	1 d.C. +	—	
23843	99, 1C, [246]	PRIMVS	PRIMV[...]	tipo 1535.5	Vale do Pó	Taça	fundo interno	in planta pedis tipo 162	15 a.C.-10 d.C.	—	
23941	99, 1C, [147]	RASINIVS	RASI[...]	tipo 1623.9	Arezzo	Indet.	fundo interno	rectang. tipo 8	15 a.C.-10 d.C.	—	
22686	99, 1B, [204] amb II	C. TAPVRIVS	C.TAP	tipo 2036	Pozzuoli	Taça Consp. 22.1.2.	fundo interno	elipse/ rectang. tipo 99	10 a.C.-10 d.C.	—	
23918	99, 1B, [162]	L. TETTIVS SAMIA	LETI/ SAMIA	tipo 2109	Arezzo	—	—	rectag. de lados arredond. n.º 8 var.	20 a.C.-5 d.C.	—	
1123	C IX, 17, c.3	Abstracta: círculo	quadrifólio	tipo 2549.9	8	Taça	fundo interno	quadrifólio	10 a.C. +	—	
22158	99, 1B, [17]	FIC...?	C.VI ()HCVI ou FICVI	tipo indet.	—	Indet.	fundo interno	elipse tipo 111 variante	—	—	

Quadro descritivo das marcas de *terra sigillata* tipo itálico [cont.]

N.º

Quadro descritivo do fabrico das marcas de *sigillata* de tipo itálico

PROVENIÊNCIA				TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM				PASTA		ENGOBE			
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.P.	L.M.	C.M.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico
1123	—	C IX	17	3	Taça	1	fundo/parede	40	37,9	53,8	3,4	5YR 7/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
1179	97	—	Q 5	8	indet.	1	fundo	45	45,5	47,8	2,2	5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
1281	87	—	I 14	4	indet.	1	fundo	—	20,3	32,8	4	2,5YR 6/6	2,5YR 5/8	brilhante	fino	homogéneo	1
1316	—	—	—	—	Gde prato	1	fundo	160	65,5	136	7,7	5YR 7/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
1317	—	C IX	17	3	Taça	1	fundo	—	17,6	20	3,5	5YR 6/6	2,5YR 5/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
1335	83	B	—	3	Cálice	1	parede	—	13	18	2,9	5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
1505	—	C VIII	9	6	Taça	1	fundo	40	28	40,6	4,5	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
2726	—	—	I 14	4	Taça	1	fundo	—	14,5	17,5	4,4	2,5YR 7/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
2877	95	Mur	T 1	3 c	indet.	1	fundo	45	51	53,5	5,7	2,5YR 7/6	10R 5-4/8	brilhante	espesso	não homogéneo	1
2878	87	C 3	—	—	indet.	1	fundo	—	27	28,3	5,5	2,5YR 7/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	não homogéneo	1
2879	94/ 95	—	Q 13	5	Prato	1	fundo	—	27,8	28	5	5YR 7/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
2880	—	—	—	o	Taça	1	fundo	40	15	23,5	2	2,5YR 7/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
2883	88	C 2	J 10 bq O	—	Taça	1	fundo	50	26,1	32,6	4,2	5YR 7-6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
2885	95	Mur	T 1	4	indet.	1	fundo	—	15	23	3,4	2,5YR 7/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
3233	97	—	Q 7	3	Prato	1	fundo	—	19	25,3	7	5YR 7/4-6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
3242	97	—	Q 5	1	indet.	1	fundo	—	23,6	25	6,5	5YR 7/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
3377	85	—	F 16	3 b	indet.	1	fundo	—	15,8	21,8	3,5	7,5YR 6/4	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
20008	99	1	—	Sup	Taça	1	fundo/pé	45	25,5	36,7	5,4	2,5YR 5/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
20699	99	1	B	26	Prato	3	fundo	90	46,3	68,8	3,4	5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
21556	99	1	B	Sup	Taça	2	fundo	60	31,8	41	3,3	2,5YR 7/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
22158	99	1	B	17	Indet.	1	fundo	—	19	32	3,3	5YR 6/4	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
22686	99	1	B - Amb II	204 22.1.2	Consp.	3	completa	48	—	—	3,9	5YR 7/6	2,5YR 4/8	brilhante	fino	não homogéneo	1
22973	99	1	B	210	Taça	1	fundo	40 ?	18,4	26,5	3,7	5YR 6/6	2,5YR 5/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
23043	99	1	B	201	Taça ?	1	fundo	—	21	39	3,9	2,5YR 6-5/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
23332	99	1	B	131	Prato	5	fundo/pé	95	100	123	4,5	5YR 7/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	não homogéneo	1
23430	99	1	A	440	Taça	1	fundo	45	31,5	41,5	4,8	5YR 7/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
23690	99	1	B	43	Taça	1	fundo	40	18	23,3	5,9	5YR 8/4	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
23843	99	1	C	246	taça	1	fundo	60 ?	23,7	47,5	5,6	5YR 7/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
23886	99	1	C	241	indet.	1	fundo	—	13	22	3,5	5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
24200	99	1	C	181	indet.	1	fundo	—	15,8	32	4	2,5YR 6/6	2,5YR 5/8	brilhante	espesso	homogéneo	1

Quadro descritivo do fabrico das marcas de *sigillata* de tipo itálico

PROVENIÊNCIA				TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM				PASTA		ENGOBE			
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.P.	L.M.	C.M.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico
24113	99	1	B	197	Prato	3	fundo	90	50	56	4	5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
23941	99	1	B	147	Taça	1	fundo	—	7,5	22,4	7	5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
23985	99	1	A	133	Taça	1	fundo/pé	40	30,2	47	4,5	5YR 6/6	2,5YR 5/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
24105	99	1	B	125	Taça	1	fundo	—	23	30	4	2,5YR 6/6	2,5YR 5/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
1122	94/ 95	—	Q 5	2	indet.	1	fundo	—	24	36	4,5	5YR 6-5/6	2,5YR 5/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
23918	99	1	B	162	Taça	1	fundo	—	20,5	21	3	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
23895	99	1	B	132	Taça ??	1	fundo	60	49,9	62	6	7,5YR 8/86	2,5YR 5/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
24072	99	1	B	195	Indet.	1	fundo	—	23	29,5	4	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
24249	99	1	B	200	Indet.	1	fundo	—	14,5	24,7	4,9	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1
24185	99	1	C	181	Taça	1	fundo/pé	35	17	29	2	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	1

3.3.4. A sigillata de tipo itálico de Santarém no quadro das importações para o território actualmente Português e para a Lusitânia

Tudo indica que a *sigillata* de tipo itálico terá começado a chegar a Santarém ainda antes de 15 a.C., possivelmente em torno a 20 a.C., embora em quantidade relativamente reduzida como se pode demonstrar pela presença de uma marca radial e das formas lisas Consp. 1, Consp. 4.2 a 4.5 e Consp. 30. De facto, o momento a partir do qual se começam a avolumar as importações deve situar-se em torno de 10 a.C., como o prova a quantidade significativa de exemplares das formas de bordo pendente Consp. 10, Consp. 12, Consp. 13, Consp. 14. Tal como sucede genericamente noutras estações arqueológicas do território actualmente português, a época em que se atinge um maior volume de importações centra-se nas décadas de 20 e 30, já da nossa era. Em Santarém, este quadro é confirmado quer pela distribuição cronológica das formas lisas, quer pelas marcas. Nas formas lisas, destacam-se, pela sua quantidade, os pratos correspondentes às formas Consp. 18 e 20 e as taças que serviriam juntamente com eles: as forma Consp. 22 e 23. Nesse período áureo das importações, verifica-se que, de uma maneira geral, a distribuição das formas se assemelha à que é apresentada para Conímbriga, em que se destacam as formas do período clássico. Em Belo, o panorama não terá sido muito distinto, concentrando-se o maior número de peças nas formas Pucci 10 (Consp. 18 e 20) e Pucci 25 (Consp. 22). Comparativamente com estes sítios, a originalidade de Santarém reside não só na proporção mais elevada de *terra sigillata* de tipo itálico em relação aos outros fabricos, mas também na presença de peças das formas mais antigas e na existência de *sigillata* com fabricos ainda mal conseguidos quer do ponto de vista da oxidação dos fornos, quer da composição dos engobes. A presença, ainda que escassa, de *sigillata* tardo-itálica em Santarém, que ocorre certamente num momento em que as produções do sul da Gália já dominavam os mercados da cidade, é também um facto digno de menção.

Se nos detivermos apenas nas indicações fornecidas pelas marcas, elas confirmam, do ponto de vista da cronologia, os dados que a distribuição das formas lisas já tinham revelado. Santarém recebe a primeira *sigillata* de tipo itálico em 20-15 a.C. e até 20 d.C. Aqui, existe uma das únicas cinco marcas radiais encontradas em Portugal até ao momento, o que permite recuar o início das importações de *Scallabis*, para uma época anterior a 15 a.C. A abundância das marcas *in planta pedis* é outro dos dados que permite propor uma cronologia para o ponto máximo das importações centrado na década de 20 d.C. Efectivamente, estas marcas somam oito exemplares, ilustrando-se apenas duas, uma vez que as restantes cinco se encontram muito incompletas. Também não se ilustra a marca anteriormente publicada por Dias Diogo.

Na impossibilidade de se efectuarem análises químicas para se conhecer a proveniência exacta da *sigillata* de Santarém, a indicação das marcas continua a funcionar como um indicador importante. Tal como se regista na maior parte dos sítios que receberam *sigillata* de tipo itálico, verifica-se a preponderância dos oleiros aretinos, seguidos dos de Pozzuoli, da região do Vale do Pó, de Pisa, de Vasanello e do Centro de Itália. Não se exclui a hipótese de, em Santarém, existirem materiais de La Murette (Lyon), que necessita de confirmação em futuros estudos. Confirmado está um testemunho da produção pisana tardo-itálica, não tendo sido possível, no entanto, identificar outros materiais deste centro oleiro.

Os oleiros mais representados nos sítios portugueses são os que se encontram também em Santarém, contribuindo o presente trabalho para alargar a mancha de difusão de inúmeros oleiros que não conheciam, até ao momento, outros testemunhos no extremo ocidental da Península.

Relativamente aos materiais decorados de Santarém, o seu estado de conservação não permite, na maior parte das vezes, que se retire grande informação. Parece-me, no entanto clara a

presença de peças com motivos vegetais do repertório rasiniano, assim como cálices cuja morfologia é tradicionalmente atribuída às oficinas de M. Perenius Tigranus e de Bagarthes. Uma marca intradecorativa com assinatura de Primus Naevius indica que também este oleiro de Pozzuoli exportou para a capital do *conventus scallabitanus*. De uma maneira geral, verifica-se que os oleiros referidos já tinham sido anteriormente identificados no território nacional, em Conímbriga (Delgado, Mayet e Alarcão, 1976, p. 7 e 8), em Alcácer do Sal (Alarcão, 1974, p. 38) e Tróia, numa produção de Pharnaces, oleiro de Rasinius (Pereira, 1974, p. 41-43). De C. Annus, conhece-se um cálice proveniente do Castelo da Lousa (Mourão) (Alarcão, 1970, p. 1-6).

Adília Alarcão chama a atenção para a presença de cálices decorados com origem também em Pozzuoli, em Conímbriga e Represas, no que parece constituir uma prova da introdução de oficinas de menor importância no vasto mercado da Lusitania (Alarcão, 1974, p. 39). A difusão de produtos decorados para Santarém fez-se quase exclusivamente a partir de Arezzo, estando Pozzuoli aí representada sobretudo através das formas lisas, mas sempre com carácter minoritário.

A produção ateiana e de oleiros como Rasinius ou M. Perennius é das melhor representadas em outros locais da Península Ibérica, como o provam também os materiais de Valência, *Ilici* e Sagunto (Montesinos i Martinez, 1988, p. 263 e ss.)

Os dados disponíveis para a *sigillata* de tipo itálico de Mérida referem-se às marcas de oleiro recentemente estudadas por Perez Outeiriño (Perez Outeiriño, 1990), que indicam o pico máximo das importações em torno da década de 20 d.C. Já anteriormente, F. Mayet dera a conhecer vinte e seis assinaturas de oleiros itálicos provenientes da capital da Lusitania (Mayet, 1978, p. 80-100). Não pode deixar de causar alguma estranheza a época tardia em que se iniciam as importações de *sigillata* de tipo itálico para a colónia de *Emerita Augusta*. De facto, a fundação da *colonia* é tradicionalmente datada de 25 a.C., mas, na verdade, Mérida só começa a receber produtos itálicos, em torno de 12/10 a.C., não existindo aqui, até ao momento, qualquer marca radial (Perez Outeiriño, 1990).

Como já referi e contrariamente ao que sucede em Mérida, Santarém recebe *sigillata* de tipo itálico, em data anterior a 15 a.C., ainda que no início em quantidades mais reduzidas, aspecto documentado não só pela presença de uma marca radial, mas também por diversas peças da forma Consp. 1, Consp. 4.2-4.5 e Consp. 30, que cronologicamente se situam entre 40 e 15 a.C. A chegada mais tardia de *sigillata* de tipo itálico a Mérida pode eventualmente ter ficado a dever-se ao facto do comércio destes produtos se ter feito, no início preferencialmente por via marítima, sendo por isso mais difícil de atingir os circuitos terrestres do interior, onde se localiza Mérida. A este respeito, é significativo que três das outras marcas radiais encontradas em território actualmente português sejam provenientes de Alcácer do Sal, sítio que, segundo Dias Diogo regista uma decadência precoce no final do reinado de Augusto (Diogo, 1985, p. 142).

O grande volume que a *sigillata* de tipo itálico atinge, no conjunto dos diversos tipos de *sigillata* de Santarém, e em comparação com outros sítios arqueológicos do território peninsular é um dado que merece destaque. De facto, este é um dos pontos de originalidade da Alcáçova face aos restantes conjuntos estudados. Consta-se que, em termos percentuais, Santarém apresenta cerca de 37% de *sigillata* de tipo itálico, enquanto que em sítios como Conímbriga correspondem a 14,08%, em Represas 12,80%, sendo essa percentagem ainda inferior em Belo onde regista 6,90% e S. Cucufate e Tróia com valores quase insignificantes (0,55% e 0,32% respectivamente).

Como já se referiu na Introdução, a natureza destes diferentes sítios e o seu percurso histórico aconselha alguma cautela na interpretação das proporções dos diferentes tipos de *sigillata*, mas não pode retirar significado ao conjunto existente na *colonia scallabitanana*.

Efectivamente, só a existência de uma abundante população e mesmo uma elite administrativa, relacionada certamente com as funções que *Scallabis* exerceu enquanto sede do *Conventus*, justificaria o consumo tão significativo deste tipo de produtos.

São escassos os elementos de comparação para uma análise quantitativa da *sigillata* de Santarém, mas pode fazer-se uma abordagem qualitativa em relação aos restantes sítios romanos da Lusitânia e do território português, que consumiram este tipo de produtos. Interesse sobretudo conhecer os ritmos das importações, saber quais são as formas mais frequentes e estabelecer as cronologias dessas importações.

A informação disponível é muito desigual. Trata-se de estudos elaborados nas décadas de 60 e 70 sobre materiais romanos depositados nas colecções de Museus e provenientes de escavações antigas ou simples recolhas de superfície efectuadas em alguns dos principais sítios romanos do nosso território. Alguns destes dados tinham já sido sistematizados por Adília Alarcão, na síntese sobre a *terra sigillata* em Portugal, já mencionada *supra* (Alarcão, 1971, p. 421-431). Em muitos casos, são, infelizmente as únicas informações disponíveis. As restantes informações provêm de escavações recentes que não tratam a totalidade do espólio. Acresce a esta dificuldade o facto dos autores das informações de que se dispõe terem utilizado três tipologias distintas: a de Goudineau sobre o material de Bolsena, a de Pucci e a mais recente, compilada na obra colectiva *Conspectus Formarum Terrae Sigillatae Italico Modo Confectae*. Para o estabelecimento das correspondências utilizámos as tabelas de concordância publicadas justamente nesta última obra, conscientes das eventuais imprecisões que daí podem advir (*Conspectus*, p. 191-193).

Da *terra sigillata* de *Bracara Augusta* apenas se conhecem as marcas publicadas por M. Delgado e L. dos Santos relativamente às escavações anteriores a 1976 e por M. Delgado referentes às restantes campanhas (Delgado e Santos, 1984, p. 49-70 e Delgado, 1985, p. 9-40). Verifica-se que, de um total de setenta e quatro marcas, apenas nove são itálicas distribuindo-se pelos vários momentos da produção deste fabrico. Regista-se uma marca radial de A. TITVS, portanto anterior a 15 a.C., mas também uma assinatura de outro oleiro *in planta pedis*, datada de 15-20 d.C. (Delgado e Santos, 1984, p. 52 e 53).

Outro sítio nortenho com que é possível compararmos os dados de Santarém é Monte Mozinho. Como já referi considero o trabalho efectuado por Teresa Pires de Carvalho como modelar e, apesar de ter consciência da dificuldade de utilização destes dados, não só pela localização geográfica, mas também porque corresponde a uma realidade de povoamento totalmente diversa da que se trata para Santarém, não posso deixar de o mencionar. A *sigillata* de tipo itálico constitui apenas 3% do total da *sigillata* de Mozinho, e as formas identificadas concentram-se na forma de prato de bordo pendente Pucci 8 (Consp. 12) seguindo-se o prato de parede recta Pucci 10 (Consp. 20.1 e 20.4), e a taça correspondente Pucci 25 (Consp. 22) (Carvalho, 1998, p. 21-29). A forma Pucci 9 (Consp. 21.2 e 21.3), um prato de parede recta e meia cana na ligação da parede e do fundo, encontra-se igualmente entre as formas mais abundantes. É importante referir que neste sítio, e apesar do conjunto de *sigillata* de tipo itálico ser reduzido, verifica-se uma diversidade considerável de formas cuja cronologia coincide com o momento inicial da ocupação deste povoado, do final do reinado de Augusto e início de Tibério (Carvalho, 1998, p. 33).

De Coimbra, foi recentemente dada a conhecer a *terra sigillata* proveniente das escavações levadas a cabo no criptopórtico de *Aeminium* (Carvalho, 1998). Trata-se do estudo de contextos estratigráficos anteriores e do período de construção do criptopórtico num total de duzentos exemplares que se dividem, quase em partes iguais, entre o fabrico de tipo itálico e o sudgálico. Relativamente às formas e cronologias que ocorrem com mais frequência, verifica-se que dominam os tipos Goud. 27 (Consp. 22/23) e Goud. 39 (Consp. 20), do

período dito “clássico” e outras do “tardio”, sendo escassos os testemunhos anteriores, como os característicos pratos de bordo pendente (Consp. 12) e os de parede convexa da forma Consp. 4 (Carvalho, 1998, p. 59-62). Não fazem parte desta série itálica quaisquer formas decoradas ou peças que ostentem a assinatura do oleiro, estando o conjunto das formas lisas datado do período entre Augusto e Cláudio (Carvalho, 1998, p. 60).

Outros testemunhos desta cidade tinham sido anteriormente publicados e diziam respeito sobretudo a materiais depositados no Museu Machado de Castro, provenientes de recolhas efectuadas no chamado núcleo do pátio da Universidade de Coimbra em 1949, de Milreu e dos entulhos do criptopórtico (Alarcão, 1971, p. 45-78). São apenas sete os fragmentos de *sigillata* itálica deste grupo pertencendo a formas Goud 37 e 39 (Consp. 22 e Consp. 20), além de fundos de taças com marca de oleiros de oficinas aretinas (Alarcão, 1971, p. 46-48).

São ainda bastante escassos os dados sobre os materiais provenientes da *villa* romana de Cardílio (Torres Novas). Foi recentemente dado a conhecer um conjunto de material anfórico (Diogo, Monteiro, 1999, p. 201-214), sendo ainda a publicação dos anos sessenta que dá a conhecer a *sigillata* da primeira escavação aí efectuada (Alarcão e Alarcão, 1967, p. 292-320). O conjunto é composto por escassas peças de *sigillata* itálica, genericamente datado do período de Tibério e Cláudio (Alarcão e Alarcão, 1967, p. 297)

Não se conhece ainda a *sigillata* proveniente das intervenções na área urbana de Tomar, tendo a investigação mais recente privilegiado o estudo do material anfórico (Banha e Arsénio, 1998, p. 165-190). Contudo, desta região, concretamente da *villa* rústica de S. Pedro de Caldelas, foi publicado o espólio do qual fazem parte uns escassos três fragmentos de *terra sigillata* itálica. (Ponte et al., 1988, p. 72-78). Trata-se de taças que se enquadram nos tipos Goud. 28 (Consp. 22) Goud. 18 (Consp. 14) e uma marca de Cn. Ateius das primeiras décadas do século I.

Também na região do Vale do Tejo, o sítio da Azeitada (Almeirim) foi objecto de intervenção de emergência, após a sua identificação em 1981 (Quinteira, 1998, p. 151-183). Entre os materiais daí provenientes, conta-se uma centena de fragmentos, dos quais apenas quatro são de *sigillata* itálica, concretamente das formas Goud. 36, com marca do oleiro TITVS (Consp. 18 ou 20), Goud. 32 e um outro bordo sem classificação, bem como um fragmento com decoração de motivos vegetais (Quinteira, 1998, p. 161).

São apenas oito os exemplares de *terra sigillata* itálica de Tróia, publicados recentemente, com uma cronologia dos inícios do século I (Étienne, Makaroun e Mayet, 1994, p. 25 e 26). Justifica-se este facto com a ausência de escavações em profundidade e dada a cronologia de ocupação do sítio. Tróia revelou, no entanto, um conjunto significativo de formas decoradas de *sigillata* tardo-itálica, demonstrando que a presença deste fabrico do norte de Itália teve algum significado na economia deste sítio, entre a segunda metade do século I e a primeira metade do século II (Sepúlveda, 1996, p. 13-17). São ainda conhecidas duas marcas itálicas anteriormente publicadas (Baltazar, 1985, p. 14-15)

Ainda da área do estuário do Sado, existe um conjunto de *sigillata* itálica que data da época de Tibério, o início do funcionamento dos fornos de ânforas detectados no Largo da Misericórdia, em Setúbal (Silva, 1996, p. 43-54). Contempla as formas Goud. 19 (Consp. 4.4), Goud. 26 (Consp. 18), Goud. 27 (Consp. 22), Goud. 32 (Consp. 15 ou 31), Goud. 39 (Consp. 20), e Goud. 40 (Consp. 23) (Silva, 1996).

É significativa a ausência de *terra sigillata* de tipo itálico na Ilha do Pessegueiro, pois a fundação do entreposto comercial que este sítio constituiu está datada de meados do século I, como o documenta a *sigillata* sudgálica (Silva e Soares, 1993, p. 85). Também não existe *sigillata* itálica na *villa* de Povos, embora o sítio tenha ocupação antiga como é testemunhado pela presença de ânforas (Banha, 1993, p. 49-90). Em Setúbal, é de esperar a ausência de *terra sigillata* itá-

lica na fábrica de salga de peixe da Travessa de Frei Gaspar, com ocupação documentada a partir de meados e terceiro quartel do século I d.C. (Silva, Soares e Soares, 1986, p. 155-160).

Da cidade romana de Miróbriga, conhecem-se os materiais depositados no Museu Municipal de Santiago de Cacém, sendo a *sigillata* itálica pouco abundante (Dias, 1977, p. 362). Entre as 21 peças seleccionadas de um total de 47, as formas mais comuns estão representadas, como o prato Goudineau 39 (Consp. 20) e a taça correspondente, Goudineau 27 (Consp. 22/23), que constitui o tipo mais frequente. Com cronologia idêntica Augusto-tiberiana, existe apenas uma peça da forma Goud. 28 (Consp. 19). As formas mais antigas são relativamente raras, e apenas um exemplar de prato de bordo pendente Goud. 17 b (Consp. 12) e dois da forma Goud. 19 (Consp. 4). O conjunto de formas lisas de *sigillata* itálica de Miróbriga completa-se com três exemplares do tipo Goud. 41 (Consp. 27), com cronologia do período de Tibério e Nero (Dias, 1977, p. 362-363). Destaca-se a presença de três marcas: uma é anepígrafe, e a outra é da oficina de Tapurius de Pozzuoli. A terceira pertence à oficina de Xanthus (Dias, 1977, p. 367, n.^{os} 19, 18 e 20). Existem apenas dois fragmentos decorados com motivos atribuídos às oficinas de Rasinius e Cornelius (Dias, p. 363, n.^{os} 1 e 2).

No conjunto, verifica-se que esta colecção, apesar de reduzida, apresenta uma cronologia que se centra entre os meados/finais do reinado de Augusto e Tibério, situação que parece repetir-se na maioria dos sítios do nosso território. Estão ausentes as formas mais antigas, como a Consp. 1, e as formas Consp. 4 e 12 são muito raras.

Os dados sobre a antiga cidade de *Salacia* (Alcácer do Sal) são também escassos, quando se procura fazer a comparação entre as importações da *sigillata* itálica naquele sítio e em Santarém. Um dos trabalhos diz respeito a marcas de *terra sigillata* recolhidas na crivagem de terras retiradas para a construção de um depósito de água (Dias, 1978, p. 145-154). Aponta-se a existência de um conjunto de fragmentos de *terra sigillata* itálica que constituem 24% do total. Apesar de, nas formas lisas, se documentarem bastantes pratos de bordo pendente do serviço I de Haltern (Consp. 12), as taças Goud. 27 (Consp. 22/23) e o respectivo prato (Consp. 18/20) são, uma vez mais as formas mais frequentes. Do mesmo modo, as marcas identificadas apontam para uma cronologia centrada no reinado de Augusto e Tibério (Dias, 1978, p. 146).

Na recolha efectuada por Dias Diogo relativamente às marcas de oleiro itálicas este considerou que Alcácer do Sal constituía “o mais importante ponto importador de *terra sigillata* itálica para a época de Augusto”, dada a abundância de materiais datados de 20 a.C. (Diogo, 1985, p. 141). Actualmente considero que esta afirmação deve ser redimensionada à luz dos resultados obtidos para Santarém.

A este estudo juntam-se os resultados dos primeiros trabalhos arqueológicos realizados no Castelo de Alcácer do Sal, que pouco adiantam relativamente à *sigillata* de tipo itálico, referindo-se apenas a existência de um bordo da forma Drag. VII (Silva et al., 1981, p. 149-218, sobretudo p. 189). Posteriormente, no artigo “Marcas de *terra sigillata* de Alcácer do Sal” (Faria, Ferreira e Diogo, 1987, p. 61-76) foram compiladas as marcas deste sítio, o que inclui trinta e nove marcas inéditas, a que se juntam as anteriormente publicadas, quer por Luisa Ferrer Dias, quer por Adília Alarcão. No conjunto das marcas existentes, constata-se o domínio da *terra sigillata* itálica – 67 em 97 (ou seja 69,07%) – que chegaram a este sítio, sobretudo, entre 10 a.C. e 15 d.C. (Silva et al., 1981, p. 61). Dominaram as importações com proveniência em Arezzo, embora estejam igualmente representados oleiros de Roma e Itália Central e Pozzuoli.

Se para períodos mais avançados da época romana, sobretudo a partir dos meados do século I, podem aproveitar-se as informações de sítios rurais próximos de centros urbanos para obter uma aproximação ao perfil das importações que essas cidades conheceram, parece

difícil conseguir os mesmos objectivos para o período de importação da *sigillata* itálica. Assim, julgo não poder esperar-se que sítios como Represas ou S. Cucufate constituam bons indicadores do abastecimento a *Pax Iulia*. Efectivamente, em S. Cucufate só se conhecem dezanove peças de *sigillata* itálica que constituem apenas 0,55% do total (Alarcão, Étienne e Mayet, 1990, p. 248-249). Relativamente ao sítio de Represas, o fluxo de importação ganha significado a partir da última década do século I a.C. e constitui uma percentagem significativa do conjunto dos materiais daí provenientes (12,80%) (Lopes, 1994, p. 32-36). As formas mais frequentes são a taça Haltern II.2, a Goud. 27 (Consp. 22) e Goud. 39 (Consp. 20), seguidas de muito perto pelas formas Goud. 40 (Consp. 23) e Goud. 41 (Consp. 26 ou 27). Trata-se de um conjunto onde ocorrem, com grande frequência, as formas clássicas e tardias, genericamente datadas de 12 a.C. e 16 d.C., e o abundante conjunto de marcas de oleiro aponta também para uma cronologia centrada no período de Augusto e Tibério (Lopes, 1994, p. 33).

No Algarve, existem informações relativas à *sigillata* proveniente do sítio de Lezírias resultantes de recolhas de superfície (Arruda e Dias, 1985, p. 111-124). Num conjunto de 102 fragmentos, apenas 24 são de *terra sigillata* itálica representadas por um leque bastante diversificado de formas. Dez peças permitem identificação tipológica. As formas mais comuns são as Goud. 21 (Consp. 36), Goud. 26 (2) (Consp. 18), Goud. 28 (Consp. 19), Goud. 27 (Consp. 22), Goud. 39 (Consp. 20), Goud. 43 (Consp. 3), Goud. 38 (Consp. 33 e 34). Esta série inclui duas marcas de oleiro: *Crestus* ou *Chrestus* e *Stabilis*.

Da cidade romana de *Balsa*, conhece-se também uma série reduzida de peças de *sigillata* de tipo itálico (Nolen, 1994, p. 65-69). Estão representados os pratos Consp. 12 e as formas mais comuns como o prato Consp. 18. A forma Consp. 6 é rara e a Consp. 20 está presente, bem como as taças Consp. 22 e 23 – de perfil simplificado já do período de Cláudio. Nas marcas, destacam-se os oleiros pisanos (Nolen, 1994, p. 66).

A longa diacronia de ocupação da Alcaçova de Santarém permite que se integre a importação, de cerâmicas de serviço de mesa de engobe vermelho (a partir das últimas décadas do século I a.C.) numa corrente comercial mais antiga, com origem na Península itálica, que abasteceu Santarém de outra louça de mesa de engobe negro (cerâmica campaniense) e de produtos alimentares (vinho) através das ânforas Dressel 1 A, Dressel 1B, Dressel 1 C, Lamboglia 2, e Dressel 2-4.

Os dados da investigação das cerâmicas campaniense (em curso) e das importações de vinho itálico (Arruda e Almeida, 1999, p. 307-337) parecem confirmar não ter havido interrupção no fornecimento de cerâmicas finas de serviço de mesa italianas desde o século II a.C. até à época de Tibério-Cláudio. Tudo leva a crer que, sucedendo às cerâmicas de engobe negro, campanienses dos fabricos A, B e *B-óide*, se terá seguido a importação de cerâmicas de engobe vermelho. O fluxo comercial não foi, no entanto, contínuo e se é impossível tentar avaliar o volume das importações, podem procurar-se parâmetros para o ritmo e para as flutuações do mercado. Como se constata através do estudo do conjunto de cerâmicas de Santarém, no período entre o início do último quartel do século I a.C. e o final do reinado de Augusto existe um decréscimo do abastecimento de produtos italianos de mesa a Santarém. Esta “quebra” é superada em finais do reinado de Augusto e inícios do reinado de Tibério, com a chegada de quantidades significativas de *sigillata* de tipo itálico. Os contextos destas importações são também diferentes e devem ser equacionados tendo em conta a evolução histórica de *Scallabis* (Arruda e Viegas, 1999, p. 185-190). No caso das importações de campaniense A e B, elas resultam essencialmente do abastecimento aos efectivos militares e estão directamente relacionadas com o aprovisionamento de produtos vinários. A recente investigação demonstra que as importações de ânforas vinárias itálicas para o território hoje português se inicia num momento avançado da época republicana e que atinge um fluxo considerável “entre os inícios do segundo

quartel do século I a.C. e os meados do terceiro” (Arruda e Almeida, 1999, p. 333). A partir desse momento, apesar de se continuar a receber cerâmica fina de mesa da península itálica, os produtos vinários itálicos são substituídos pelos da Bética.

Apesar de distante, e com um padrão e ritmo de importações diferente do que existe em Santarém, em Ibiza está documentada uma situação idêntica, pois parece existir (...)”un vacío de las importaciones de vasijas que concluirá com la aparición de las primeras sigillatas en torno a los años 20 y 15 a. de C.”(Fernández, Granados e González, 1992, p. 34). Em meu entender devem procurar-se as causas destas oscilações nas importações das cerâmicas de mesa itálicas, não só nos ritmos dos locais de consumo, mas também e sobretudo, nas oscilações ao nível dos centros produtores.

Em síntese, pode afirmar-se que, de um modo geral, a presença da *sigillata* de tipo itálico funciona como um importante indicador cronológico do início da ocupação romana de muitos sítios portugueses e marca a entrada da Península num sistema comercial baseado em trocas regulares de produtos, no seio do Império romano. O quadro cronológico das importações deste fabrico de *sigillata* para os vários sítios referidos é bastante monótono, iniciando-se o abastecimento entre 10 a.C. e 20 d.C., com um pico no período do final de Augusto e Tibério. Apesar da variedade que a produção oferece, outro facto constante nos sítios portugueses parece ser o domínio de um conjunto relativamente reduzido de formas do chamado serviço II de Haltern, composto pela taça Consp. 22 e 23 e os respectivos pratos (Consp. 18 e 20). Mais difícil será procurar uma explicação para estes dados. Serão fruto da preferência dos consumidores ou “imposição” de oleiros e *negotiatores*?

3.4. A *Sigillata* sudgálica

3.4.1. Caracterização do fabrico, origem e difusão

Ainda durante o período áureo de laboração dos fornos de *sigillata* de tipo itálico, as oficinas de Lyon (La Murette) produziam cerâmicas em tudo idênticas às itálicas, no que se julga ter sido uma “sucursal” das oficinas aretinas. Verificou-se também que os produtos originários deste local foram exportados sobretudo para os mercados do *limes* germânico.

A produção de *sigillata* do Sul da Gália adquiriu importância a partir do final do reinado de Tibério e início de Cláudio, num processo onde intervêm diversos factores e que parece estar relacionado com a queda das produções itálicas. Existiram, na Gália, diversos centros produtores, mas é o fabrico de La Graufesenque que maior difusão irá conhecer, atingindo vastas áreas do império e a Península Ibérica. Conhecido na bibliografia como La Graufesenque, Millau, ou Condatomagus, o conjunto de oficinas da região dos Rutenos, no limite Sul da Aquitânia, foi identificado no século XIX, e a investigação sobre este centro produtor, permitiu reunir uma caracterização bastante completa desta produção nas suas diferentes vertentes. São diversos os factores que favoreceram a instalação de inúmeras oficinas de *sigillata* em La Graufesenque, tais como a sua localização junto a um rio e a importantes vias de comunicação, ou a abundância de matéria-prima e de combustível (Vernhet, 1986, p. 96).

Foi ainda no final do século XIX que Dragendorff estabeleceu a tipologia geral das formas lisas da *sigillata* itálica e sudgálica, no que constitui, ainda hoje, a base para a classificação desta cerâmica (Dragendorff, 1895). É neste contexto que Tyers afirma que a evolução do estudo da *terra sigillata* se confunde com os alicerces da própria investigação, de carácter científico, da cerâmica romana (Tyers, 1996, p. 9). Actualmente, para a *sigillata* de La Graufesenque são abundantes os dados cronológicos, quer de locais de consumo (Pompeia, cam-

pos e fortificações militares do *limes*), quer dos próprios depósitos dos centros oleiros. Deste modo, à tipologia inicial vieram juntar-se formas identificadas por Dechelette, Ritterling, e Curle entre outros (Tyers, 1996).

As formas produzidas em La Graufesenque são uma evolução directa dos perfis de tipo itálico, a que se vêm juntar, sobretudo a partir de 60 ou 70, um conjunto de tipos verdadeiramente sudgálicos, conhecidos como os serviços Flavianos (Vernhet, 1986, p. 100). Quanto às formas decoradas, pode afirmar-se que as mais comuns são a taça carenada Drag. 29 e a taça cilíndrica Drag. 30, à qual se junta, a partir de 60, a taça hemisférica, Drag. 37.

Em 1934, na obra *La Graufesenque (Condatomago) I. Vases sigillés- II. Grafites*, Hermet estuda exaustivamente os motivos e composições decorativas das produções de *terra sigillata* sudgálica, debruçando-se igualmente sobre as marcas e grafitos então conhecidos (Hermet, 1934). O faseamento da produção é sintetizado por Vernhet que indica um primeiro momento experimental datável de 10-20, a que se segue uma fase primitiva entre 20 e 40. Do ponto de vista dos locais de consumo para os quais estas cerâmicas foram exportadas, interessa sobretudo a fase dita de “esplendor”, com cronologia entre 40 e 60; a fase de “transição” de 60 a 80; e o momento de “decadência” deste fabrico que se situa entre 80 e 120 (Vernhet, 1979, p. 18). Vernhet assinala ainda a existência de um fabrico dito tardio, com uma cronologia entre os inícios e os meados do século II, e mesmo de uma produção de *sigillata* clara, de meados do século II a meados do século III (Vernhet, 1979, p. 19)

Apesar de se saber que os mesmos punções foram utilizados por diferentes oleiros, na descrição das formas decoradas continua a ser de grande utilidade a obra de Knorr que se baseia na recolha das diferentes composições e estilos decorativos que ostentem marca de oleiro (Knorr, 1952).

No estudo da organização do que muitos autores consideram como uma verdadeira indústria que constituiu a produção de *sigillata* da Gália, tem-se analisado a presença ou não de trabalho escravo e o grau de especialização de cada oficina, sendo as marcas de oleiro um dos principais dados a considerar nesta problemática. Quando se conhece o período de laboração de uma determinada oficina, as assinaturas dos oleiros são também excelentes indicadores cronológicos.

Além das produções de La Graufesenque, com clara supremacia no território hoje português, foi identificada também *sigillata* característica das produções de Montans na *villa* do Monte da Cegonha e em Represas (Lopes, 1989, p. 223-228; Lopes, 1994, p. 37), em Monte Mozinho (Carvalho, 1998, p. 66) e na Tourega (Pinto, Dias e Viegas, no prelo), além de *sigillata* de Banasac em *Balsa* (Nolen, 1994, p. 71). Estão ausentes os restantes centros produtores que, ao que tudo indica, terão tido uma difusão dos seus produtos sobretudo na Gália, à escala regional.

A breve descrição de Vernhet para este fabrico indica que “la pâte de La Graufesenque est fine, dure, de couleur beige-rosé, avec des fines particules de calcaire blanc. La couverte est rouge corail, semi vitrifiée, très adhérent” (Vernhet, 1986, p. 100). Tyers introduz mais alguns elementos úteis como os códigos Munsell para a pasta de tonalidade rosa acastanhada Munsell 10R 5-6/8 ou 10R 5/10, e do engobe, que é normalmente muito brilhante e tem uma cor avermelhada 10R 5/8 ou um pouco mais escura 2.5YR 4/6. A indicação da fractura concoidal, ligeiramente laminar, é um outro dado importante quando se pretende distinguir a *sigillata* de La Graufesenque dos restantes fabricos (Tyers, 1996, p. 112). Esta produção tem ainda exemplares marmoreados de cor amarelada (Munsell 2.5Y 7/4) com veios avermelhados, que é datada de 40 a 70 d.C.

A investigação recente utiliza as ferramentas estatísticas para estudar a relação entre vários oleiros no interior de uma oficina como refere Paul Tyers (1996, p. 112) quando

indica um trabalho de Rivett, e como fez Polak, (Polak, 1998, p.115-121). Totalmente ausentes dos registos escritos da época, os vestígios das produções de La Grafesenque continuam a constituir a única fonte para o seu estudo. A transferência de moldes, operada entre os oleiros dos diversos centros produtores, tem também sido investigada, tendo em grande medida, por base as análises químicas para detectar a sua proveniência exacta (Vernhet, 1986, p. 100). Outros dados, como o estatuto jurídico dos oleiros, continuam a ser avaliados na investigação mais recente sobre este centro produtor (Vernhet, 1986, p.102).

3.4.2. A sigillata sudgálica da Alcáçova de Santarém

3.4.2.1. Introdução

Na Alcáçova de Santarém existem 246 peças de *terra sigillata* sudgálica (NMI), o que constitui 30,64% do total de *sigillata* com forma identificada existente na Alcáçova de Santarém. O único fabrico presente em Santarém é proveniente do centro produtor de La Graufesenque, embora seja de admitir a presença de *sigillata* de Montans, já identificada noutros sítios portugueses e cujo fabrico se distingue dificilmente do de La Graufesenque.

Distribuição das formas identificadas de *terra sigillata* sudgálica (TSS)

TSS		N.º Frag.	NMI
Formas Lisas	Ritt. 9	4	3
	Ritt. 8	4	4
	Drag. 24/25	48	39
	Drag. 17 b	9	4
	Drag. 2/21	2	1
	Drag. 4/22	6	1
	Drag. 15/17	78	35
	Ritt. 1	1	1
	Drag. 18/31	68	51
	Herm. 2/12 c	2	1
	Drag. 27	131	58
	Drag. 33	3	3
	Drag. 35/36	6	6
	Curle 15	1	1
	Ritt. 12	1	1
Formas decor.	Drag. 29 a b	14	9
	Drag. 30	11	7
	Hermet 7 ou 15 b	2	2
	Decor. indet.	12	12
Marcas	Marcas	34	21
Grafitos	Grafitos	3	3

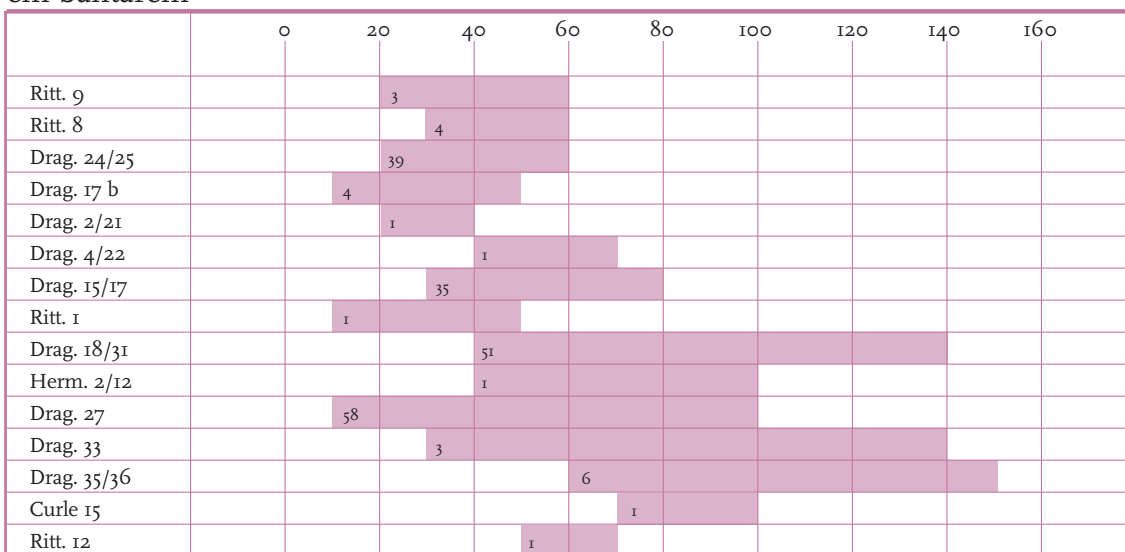
Identifiquei quinze formas lisas e três decoradas, concentrando-se a maioria dos exemplares nos tipos mais comuns e mais difundidos desta produção: Drag. 24/25, Drag. 15/17, Drag. 18/31 e Drag. 27. Deste modo, verifica-se que o maior volume das importações de *sigillata* sudgálica se situa num período entre 30/40 até ao final do século I. Apesar de se registarem exemplares de *terra sigillata* tardo itálica em Santarém, eles são em número reduzido

e não contrariam a tendência de substituição da *sigillata* itálica pela sudgálica, durante o reinado de Cláudio, no mercado da cidade escalabitana. De referir ainda que a escassez dos exemplares de *sigillata* sudgálica das formas que constituem os “serviços flavianos”, aponta claramente para um decréscimo das importações antes do final do século I, numa altura em que a cidade recebe igualmente *sigillata* hispânica.

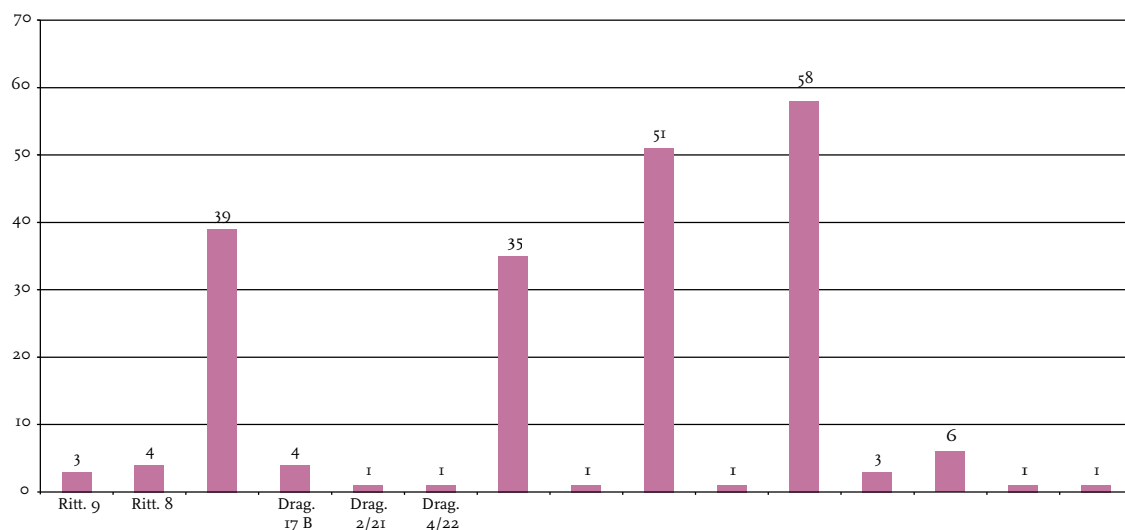
São escassas as formas decoradas, estando apenas representadas as formas mais comuns, Drag. 29 e 30, com esquemas decorativos que apontam para as fases ditas de transição e decadência das oficinas de La Graufesenque, portanto da segunda metade do século I e inícios do século II.

A colecção de marcas de *terra sigillata* sudgálica é relativamente extensa, com um total de vinte e um exemplares, dos quais foi possível obter leitura para quinze. São bastante elucidativas as cronologias que dizem respeito ao período de laboração dos oleiros que exportaram para Santarém, pois centram-se sobretudo entre 40 e 80.

Distribuição e cronologia das formas de *sigillata* do sul da Gália (La Graufesenque) em Santarém



Distribuição das formas lisas de *sigillata* sudgálica

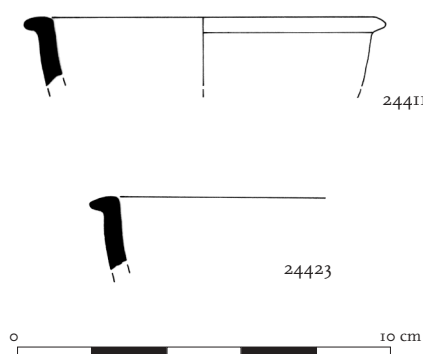


3.4.2.2. *As formas lisas*
 3.4.2.2.1. *A forma Ritt. 9*

Trata-se de uma taça de bordo saliente, com a parede vertical e fundo cónico, estando datada desde a época tiberiana até meados do século I.

Existem, em Santarém, apenas três exemplares desta forma, sendo apenas possível apresentar a dimensão da abertura para um caso: 95 mm. Os engobes e as pastas são os usuais no fabrico de La Graufesenque.

Esta forma é muito rara em Conímbriga (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 91, est. XXI, n.º 108-110) e em Belo é representada por escassos dez exemplares, de boa qualidade (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 87, est. XIV).



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM				PASTA		ENGOBE			Observações	Cronol.
N.º Inv.	Ano Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homogeneidade		
24368	99 1	C	160	Ritt. 9	1	bordo	d.d.	—	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	20-60
24411	99 1	C	160	Ritt. 9	2	bordo/ parede	95	17,8	4,2	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	—	20-60
24423	99 1	C	160	Ritt. 9	1	bordo/ parede	d.d.	17,7	4,4	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	—	20-60

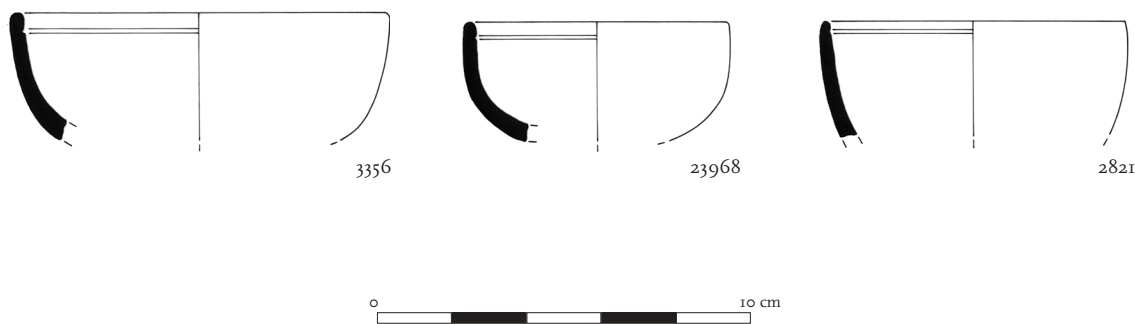
3.4.2.4. *A forma Ritt. 8*

Esta forma corresponde a uma taça hemisférica que deriva directamente das formas itálicas, concretamente do tipo Consp. 36. É normalmente datada entre 30 e 50/60.

Em Santarém existem apenas quatro fragmentos desta forma, que apresentam diâmetros de 100 e 70/80 mm o que corresponde aos exemplares mais reduzidos dos dois tamanhos identificados em Belo. Apresentam um fabrico cuidado, são visíveis linhas muito finas na parede exterior e um dos exemplares distingue-se por ter um brilho muito intenso (23968) o que pode constituir um sinal de antiguidade.

Em Conímbriga, esta forma é relativamente mais abundante que a anterior, surgindo com perfis bastante diversificados (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 91-92, Est. XXII, n.ºs III-116).

Esta taça encontra-se bem representada em Belo, tendo sido possível precisar a sua cronologia com base em determinados detalhes do pé (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 86, est. XIV).



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM			PASTA		ENGOBE			Observações	Cronol.		
N.º Inv.	Ano Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.			Homogeneidade	
2789	97	Q 10	2	Ritt. 8	1	bordo	100	19	3,6	2.5YR 6/8	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	desgaste do engobe no topo do bordo	30-60	
2821	—	—	—	Sup Ritt. 8	1	bordo/parede	80	31	3,6	2.5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	ligeiras estrias na parede exterior	30-60	
3356	—	C 1	F 15	3	Ritt. 8	1	bordo/parede	100	32	4,3	2.5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	mate/baço	espesso	homogéneo	ligeiras estrias na parede exterior	30-60
23968	99	1	B	182	Ritt. 8	1	bordo/	70	32,5	4,7	2.5YR 6-5/6	2.5YR 5-4/8	muito brilhante	espesso	homogéneo	ligeiras estrias na parede exterior	30-60

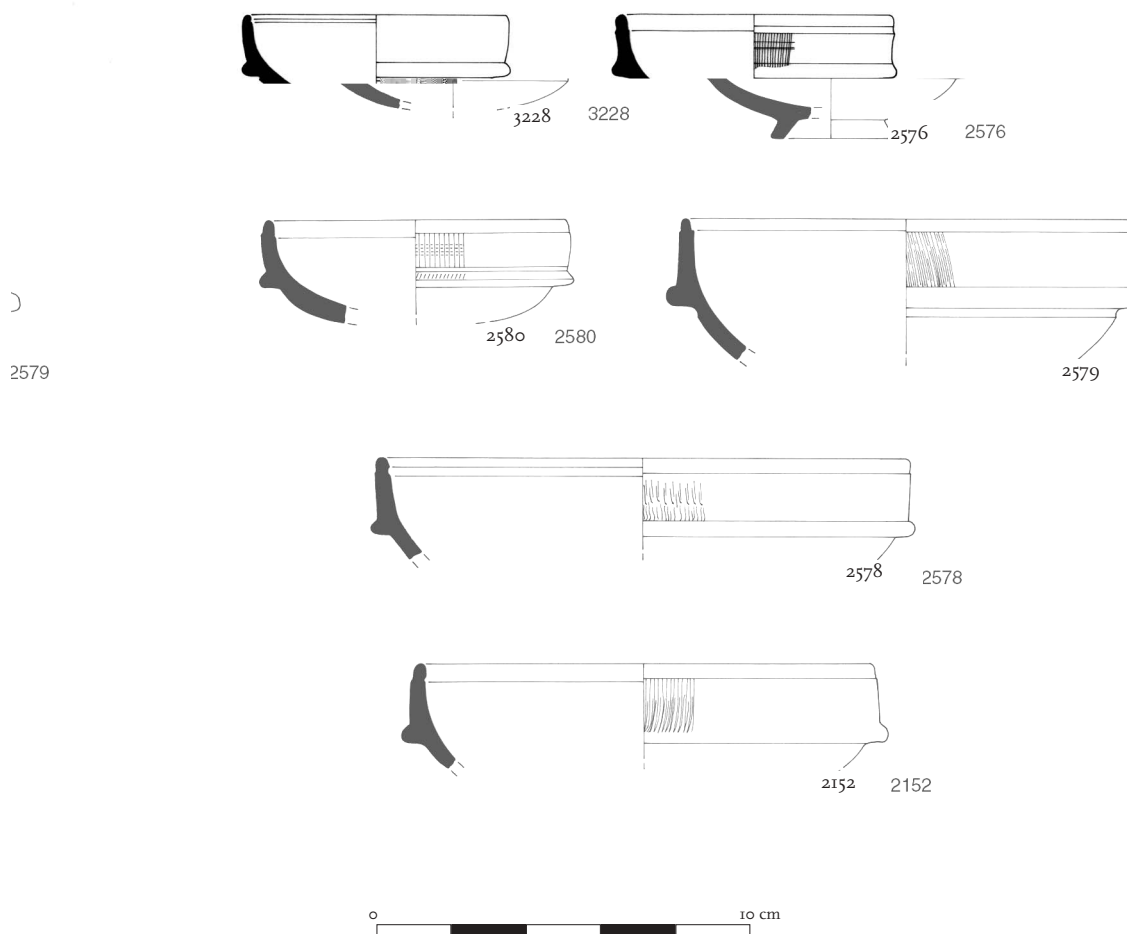
3.4.2.5. A forma Drag. 24/25

Esta taça hemisférica tem igualmente a sua origem em modelos itálicos e possui o bordo vertical e uma moldura externa bem marcada na parede. A sua cronologia geral centra-se no período de Tibério/Cláudio a 60.

Em Santarém, existem trinta e nove peças desta forma, na sua quase totalidade com *guilhoché*, mais ou menos grosseiro, no exterior do bordo. De uma maneira geral parece existir uma relação entre engobes menos brilhantes e guilhoché mais grosseiros, que segundo os dados mais recentes corresponderia a peças mais tardias (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 87). São também estas peças que mostram perfis mais pesados. Não pode falar-se de verdadeiros casos de engobe a estalar, nas peças desta forma de Santarém, embora se note, nalguns casos, uma certa acumulação de engobe na parte superior ou inferior da moldura externa do bordo, o que pode indicar que o conjunto de Santarém seja relativamente mais tardio. Existe praticamente o mesmo número de exemplares com diâmetro entre 120/130 mm e com a medida mais reduzida, entre os 70/80 mm, o que revela um grau de standardização significativo, tal como foi constatado para Belo.

Esta forma está presente em Conímbriga, onde é igualmente bastante numerosa, registando-se uma série de fragmentos com marca, o que possibilita uma atribuição cronológica mais fina para estes exemplares. Para além destes, a maioria das peças surge ou em níveis de entulho ou nas camadas de preenchimento do *forum* flaviano, sem um contexto que permita situá-las num momento cronológico mais preciso (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 92, est. XXIV e XXV, n.ºs 144-171).

Em Belo, o modelo Cláudio neroniano é seguido para a quase totalidade dos exemplares. Registaram-se dois conjuntos diferentes quanto às dimensões da abertura (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 87-88).

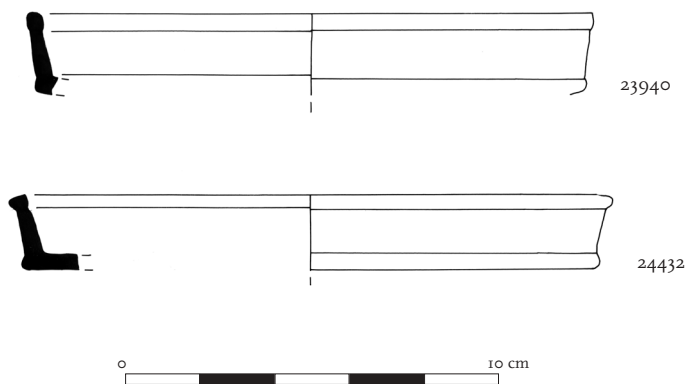


Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO			FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM				PASTA		ENGOBE			Observações	Cronol.
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homogeneidade		
1110	87	C 4	K 13	5	Drag. 24/25	1	bordo/ parede	d.d.	29,5	4	10R 5/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	guiloché fino	20-60
1136	89	C 8	—	10	Drag. 24/25	1	bordo/ carena	d.d.	21,5	4	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	guiloché grosseiro	20-60
1151	89	C 7	—	4	Drag. 24/25	1	bordo	d.d.	—	—	—	—	—	—	—	guiloché fino. Frag. diminuto	20-60
2152	85	—	G 16	1	Drag. 24/25	1	bordo/ parede	120	28,6	4	2,5YR 6/8	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	guiloché fino	20-60
2576	87	C 4	J 13	10	Drag. 24/25	2	bordo/ parede/pé	70	35	3,2	2,5YR 7/8	2,5YR 4/8	mate	fino	não homogéneo	guiloché fino	20-60
2578	94/ 95	—	Q 6 bq S	11	Drag. 24/25	1	bordo/ parede	140	26,5	4,8	5YR 6/6	2,5YR 4/8	mate	fino	homogéneo	guiloché	20-60
2579	94/ 95	—	—	0	Drag. 24/25	1	bordo/ parede	120	38	4,9	2,5YR 6/6	2,5YR 4/8	mate	espesso	não homogéneo	guiloché fino e engobe a estalar sob a carena	20-60
2580	84	—	G 17	1 b ?	Drag. 24/25	2	bordo/ parede	80	29,7	4	2,5YR 5/8	2,5YR 4/8	mate	espesso	homogéneo	guiloché grosseiro	20-60
2795	87	—	I 14	4	Drag. 24/25	1	bordo/ carena/ parede	85	23,7	4,2	2,5YR 5-4/8	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	guiloché fino	20-60
2796	87	—	J 13	5	Drag. 24/25	1	bordo	80	20	3,5	2,5YR 7/8	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	guiloché fino	20-60
2797	87	C 3	—	—	Drag. 24/25	1	bordo	80	27,5	4,5	2,5YR 6-5/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	guiloché grosseiro, engobe a estalar sob carena- perfil pesado ?	20-60
2799	87	—	I 10	4	Drag. 24/25	1	bordo	120 ?	25	4	2,5YR 6/6	2,5YR 4/8	mate	espesso	homogéneo	guiloché fino	20-60
2800	88	C 3	J 14 bq O	3	Drag. 24/25	1	bordo	120	23,2	4,9	2,5YR 6/8	2,5YR 5-4/8	mate	fino	homogéneo	guiloché grosseiro	20-60

Quadro descritivo [cont.]

PROVENIÊNCIA				TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM				PASTA		ENGOBE			Observações	Cronol.
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homogeneidade		
2801	89	C 6	—	4	Drag. 24/25	1	bordo/ parede	d.d.	24	4	2.5YR 6/6	2.5YR 5/8	brilhante	espesso	homogéneo	guilhoché fino, engobe a estalar ligeira/ sobre a carena	20-60
2802	83	B	—	3	Drag. 24/25	1	bordo/ parede	80	31	3,3	2.5YR 5/8	2.5YR 5/8	mate	espesso	não homogéneo	guilhoché fino. Pasta c/ vácuolos	20-60



Quadro descritivo

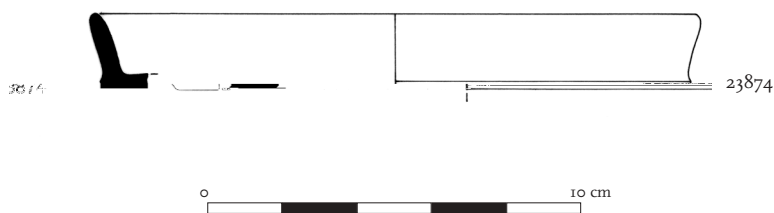
PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM				PASTA		ENGOBE			Observações	Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.			Homogeneidade
III	87	C.4	J.14	6	Drag. 17 b	1	bordo/ parede/ fundo	200	26,5	4,4	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	—	30-50
2783	94/ 95	—	Q.6 bq S	12	Drag. 17 b	1	bordo/ parede	120	18	3,6	2,5YR 6-5/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	—	30-50
23940	99	1	B	115	Drag. 17 b	1	bordo/ parede	150?	21,5	3,7	2,5YR 5/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	—	30-50
24432	99	1	C	172	Drag. 17 b	3	bordo	160	19	4,3	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	—	30-50

3.4.2.7. A forma Drag. 2/21

Esta forma corresponde a um prato que se distingue das formas anteriores pela parede mais rectilínea, com uma cronologia tiberiana.

Em Santarém, existe um único exemplar que, embora com algumas reservas, classifico com esta forma. O exemplar escalabitano não apresenta na parte superior do bordo qualquer moldura mas, tem uma ligeira saliência na ligação da parede ao fundo. O engobe é mate e a dimensão da abertura de 160 mm.

Na cidade de Conímbriga não se registaram peças desta forma e em Belo é pouco abundante (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 97).



Quadro descritivo

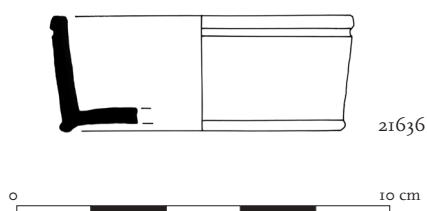
PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM				PASTA		ENGOBE			Observações	Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.			Homogeneidade
23874	99	1	B	263	Drag. 2/21	2	bordo/ parede/ fundo	160	20	4,5	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	mate	espesso	homogéneo	—	20-40

3.4.2.8. A Forma Drag. 4/ 22

Esta taça, de parede perfeitamente vertical, apenas com uma moldura no topo do bordo e na ligação da parede ao fundo, apresenta uma cronologia relativamente curta de 40 a 70.

Em Santarém, existe apenas um exemplar desta forma que tem o perfil completo, estando revestida com engobe de brilho mate. O diâmetro do bordo é de 80 mm.

Quer em Conímbriga quer em Belo, a forma é rara, embora na cidade da Bética ela registre diferentes dimensões de abertura, o que indicia que poderiam funcionar como um “serviço” (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 99, est. XVI, n.º 1260).



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO	FRAGMENTO	DIMENSÕES/ MM			PASTA	ENGOBE		Observações	Cronol.						
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.			E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homogeneidade
21636	99	I	C	159	Drag. 4/22	6	bordo/ parede/ fundo	80	30	4	2.5YR 6-5/6	2.5YR 5-4/8	brilhante/ mate	espesso	homogéneo	int. menos brilhante	40-70

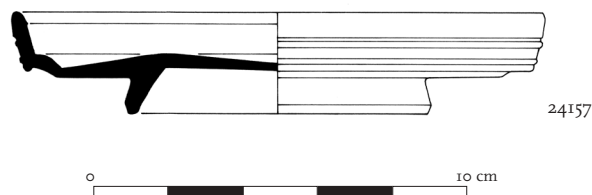
3.4.2.9. A forma Drag. 15/17

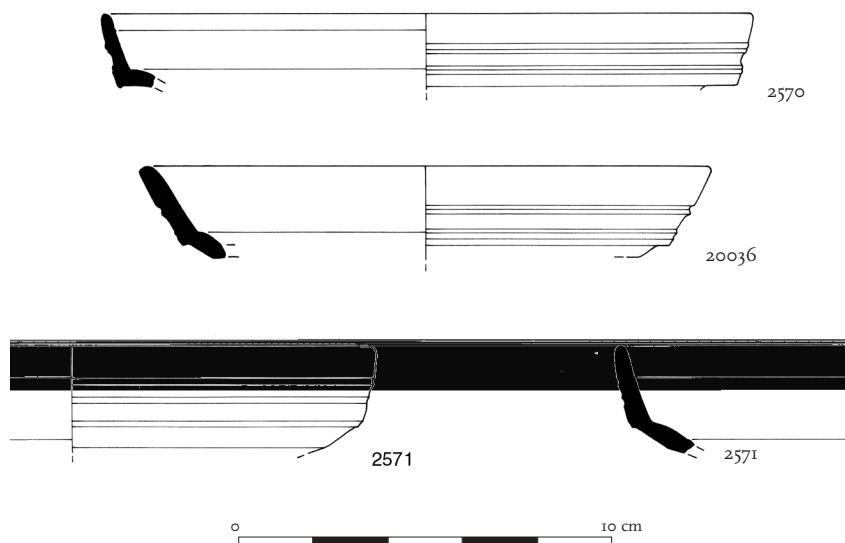
Este prato apresenta o bordo e a parede verticais com intensa e repetida molduração exterior e moldura em quarto de círculo (meia cana), na ligação entre a parede e o fundo. Segue o perfil da forma de tipo itálico Consp. 21 e a sua duração foi bastante longa num período que se situa entre a década de 30 e o final do século I d.C.

Na Alcáçova de Santarém, existem trinta e cinco pratos com esta forma, dos quais descrevo os mais representativos. Em bastantes exemplares o engobe é mate e pouco homogéneo, sendo de assinalar um exemplar com o revestimento a estalar. Serão estes dados indicadores suficientes para considerarmos estes pratos da fase mais tardia desta produção? Esta forma surge, em *Scallabis*, com diâmetros de abertura sobretudo entre os 140 e 160 mm.

Em Conímbriga encontraram-se mais de trezentos exemplares deste prato, alguns deles com uma cronologia mais precisa quer por deterem marca, quer pela posição estratigráfica em que se encontravam, pois estavam sob um pavimento flaviano (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 93, est. XXVI e XXVII).

Esta forma está igualmente bem representada em Belo, sendo difícil precisar a sua cronologia dada a escassez de exemplares com marcas. A standardização observada não diz respeito às dimensões do diâmetro, mas sim à forma que este prato adquiriu (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 100-101, est. XVI).





Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM				PASTA		ENGOBE			Observações	Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.			Homogeneidade
1304	87	C 4	J 13	10	Drag. 15/17	1	bordo	—	—	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	30-100
1311	—	—	—	—	Drag. 15/17	3	bordo/ parede	d.d.	17	4,8	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	mate	fino	homogéneo	—	30-100
2570	83	B 3	—	—	Drag. 15/17	1	bordo/ parede/ meia-cana	170 ?	20	3,7	2,5YR 6/8	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	—	30-100
2571	97	—	—	0	Drag. 15/17	1	bordo	160	27,6	4,4	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	mate	espesso	homogéneo	—	30-100
2812	97	—	Q 2	2	Drag. 15/17	1	bordo/ parede	150 ?	20	4,7	2,5YR 6/8	2,5YR 5-4/8	brilhante/ mate	espesso	homogéneo	—	30-100
2815	97	—	Q 1	1	Drag. 15/17	1	bordo/ parede	d.d.	17,8	4	2,5YR 6/8	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	—	30-100
2902	—	C IX	—	12	Drag. 15/17	1	meia cana/ fundo	—	—	6	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	engobe a estalar junto à meia cana	30-100
3150	85	—	F 15	3 b	Drag. 15/17	1	bordo	—	—	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	30-100
5339	85	C 1	E 16	2	Drag. 15/17	1	bordo/ parede/ meia-cana	160	21,1	4	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante/ mate	fino	não homogéneo	desgaste na parte sup. do bordo	30-100
20036	99	—	—	sup	Drag. 15/17	1	bordo/ parede/ meia-cana	150	24,6	4,7	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	mate	espesso	não homogéneo	desgaste na parte sup. do bordo	30-100
24046	99	1	C	141	Drag. 15/17	1	bordo/ parede	150 ?	18,8	4,8	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	ligeiro desgaste da parte interna do bordo	30-100
24070	99	1	B	195	Drag. 15/17	1	bordo/ parede	—	—	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	30-100
24157	99	1	C	160	Drag. 15/17	31	bordo/ parede/ fundo	140	28,3	3,7	2,5YR 6-5/6	2,5YR 4/8	brilhante/ mate	espesso	homogéneo	—	30-100
24242	99	1	C	181	Drag. 15/17	1	bordo/ parede	d.d.	19,3	4,1	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante/ mate	fino	não homogéneo	ligeiro desgaste da parte interna do bordo	30-100
24326	99	1	C	160	Drag. 15/17	3	bordo/ parede/ meia-cana	160	20,8	4	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	não homogéneo	engobe a estalar e desgaste na base da parede e bordo	30-100
24335	99	1	C	160	Drag. 15/17	1	bordo/ parede	190	21,8	5,6	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	baço	espesso	não homogéneo	Engobe a estalar em ambas as sup.	30-100xxx
24347	99	1	C	160	Drag. 15/17	1	bordo	d.d.	15,3	3,6	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	fino	homogéneo	—	30-100
24425	99	1	C	172	Drag. 15/17	2	bordo/ parede/ meia-cana	d.d.	22,3	4,3	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante/ mate	fino	não homogéneo	sinais de desgaste do engobe no interior	30-100
24443	99	1	C	172	Drag. 15/17	1	bordo	—	—	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	30-100
24875	99	1	C	172	Drag. 15/17	2	bordo/ parede	d.d.	18,6	4,3	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	com desgaste na sup. externa	30-100

3.4.2.10. A forma Ritt. 1

Este prato possui um perfil que remonta às produções itálicas de verniz negro (da cerâmica campaniense), e caracteriza-se por possuir parede côncava e bordo de lábio semi circular. A sua cronologia aponta para os momentos iniciais da produção sudgálica, concretamente o período de Tibério a Cláudio.

Em Santarém existe apenas um exemplar desta forma com fabrico característico de La Graufesenque, registando-se uma ligeira acumulação de engobe no sulco que separa o bordo da parede, apresentando-se a estalar ligeiramente.

É raro em Conímbriga, onde surge apenas com seis exemplares (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 93, est. XXVIII, n.^{os} 205-207). Na cidade da Bética, esta forma apresenta grande diversidade de perfis, embora esteja também escassamente representada (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 96-97, est. XV).



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM			PASTA		ENGOBE			Observações	Cronol.		
N.º Inv.	Ano Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.			Homogeneidade	
24338	99	I	C	160	Ritt. 1	1	bordo/ parede/ fundo	140	16,6	4	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Engobe a estalar ligeiramente no sulco ext. do bordo	10-50

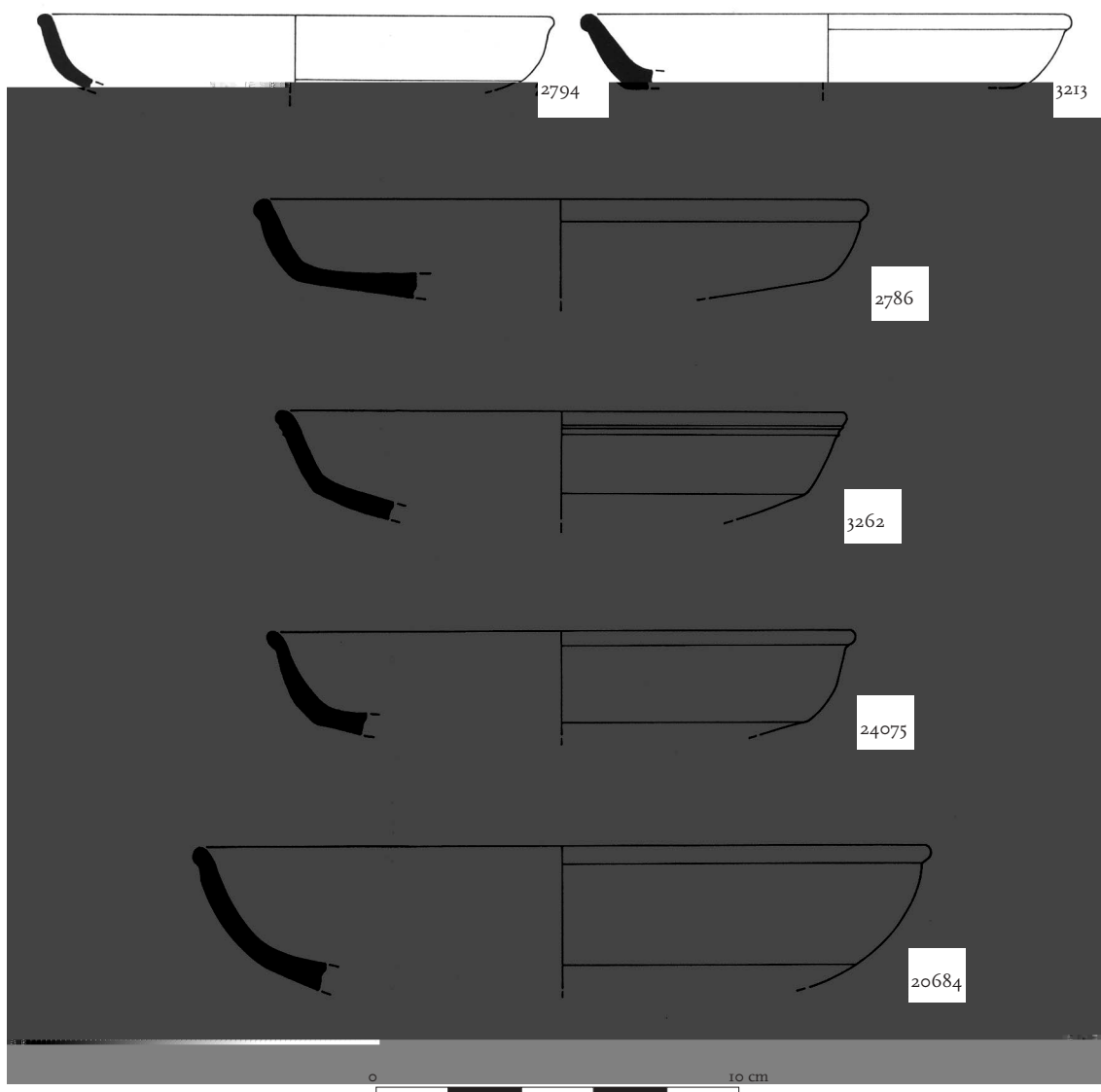
3.4.2.11. A forma Drag. 18/31

Este prato possui um perfil simples, de parede côncava e o bordo de perfil semi circular. A sua cronologia tem uma longa duração, situando-se entre o reinado de Cláudio, praticamente até aos meados do século I d.C.

Tal como sucede na maioria dos sítios, esta é das formas mais numerosas na Alcáçova de Santarém, com cinquenta e um pratos. Tenho dificuldade em identificar os chamados perfis pesados apontados para Belo, dado não dispor de peças com perfis completos (faltam grande parte dos fundos). Relativamente às dimensões, os diâmetros da abertura destes pratos situam-se entre os 130 e os 200 mm, mas, a grande maioria, tem entre 140 e 170 mm, o que parece estar de acordo com a tendência registada para a cidade bética de Belo. A acreditar que vernizes brilhantes corresponderiam a peças mais antigas e que vernizes de pior qualidade estariam relacionados com as fases mais tardias da produção, em Santarém apenas registamos dois casos de engobe de má qualidade e a estalar (1152 e 24327). No restante, as peças de Santarém distribuem-se, quase de forma idêntica, entre as que apresentam vernizes mais brilhantes e as que os têm mais mate, embora sejam sempre de boa qualidade (homogéneos, espessos e bem aderentes).

Em Conímbriga, esta forma é quase tão abundante como a Drag. 15/17, encontrando-se algumas peças cuja cronologia é possível precisar ou pela posição estratigráfica ou pela existência de marcas de oleiro (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 93, Est. XXVIII, n.^{os} 208-229).

O prato Drag. 18/31 é a forma mais abundante em Belo, registando uma quantidade considerável de exemplares que possuem marca de oleiro. Destas, a maioria diz respeito a oleiros que trabalharam sob os reinados de Cláudio e Nero, registando-se relativamente menos peças produzidas nos períodos seguintes até ao reinado de Flávio e Trajano (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 101-102, est. XVI).



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM				PASTA		ENGOBE			Observações	Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.			Homogeneidade
1118	86	C 3	—	3	Drag. 18/31	1	bordo/ parede/ fundo	d.d.	20,7	5	2,5YR 6/8	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	desgaste engobe parte sup. do bordo	40-140
1152	90	C VIII	8	17	Drag. 18/31	1	bordo/ parede	200	21,5	5,9	2,5YR 6/6 ?	10R 4/8	mate	espesso	homogéneo	engobe a estalar	40-140
1186	—	C IX	1	5	Drag. 18/31	1	bordo	—	—	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	40-140
1218	89	C 6	9	9	Drag. 18/31	1	bordo/ parede	160	22,2	4,1	2,5YR 6/8	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	não homogéneo	Sob engobe da parte sup. bordo, pel. esbranq.	40-140
1274	83	B	3	3	Drag. 18/31	1	bordo/ parede	170 ?	22,7	5,1	2,5YR 5/8	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	—	40-140

Quadro descritivo [cont.]

PROVENIÊNCIA				TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM				PASTA		ENGOBE			Observações	Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Essesp.	Homogeneidade			
1288	85		F 15	2	Drag. 18/31	1	bordo	d.d.	—	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	40-140	
1306	86		F 16	2 d ?	Drag. 18/31	1	bordo/ parede	d.d.	22,7	4	2,5YR 6/8	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	—	40-140	
1307	87	C 4	I 14	2 c	Drag. 18/31	1	bordo	d.d.	—	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	40-140	
1315		C IX	17	7	Drag. 18/31	1	bordo	—	—	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	40-140	
1338	87	C 4	I 14	2 c	Drag. 18/31	1	bordo/ parede	d.d.	25	5	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	—	40-140	
1430	83	B	—	3	Drag. 18/31	1	bordo	—	—	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	40-140	
1431	83	B	—	3	Drag. 18/31	1	bordo	d.d.	24	4,9	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	—	40-140	
2786	97	—	Q 2	o	Drag. 18/31	1	bordo/ parede/ fundo	d.d.	170	29,2	5	2,5YR 6/8	2,5YR 5-4/8	mate	espesso	homogéneo	—	40-140
2793	97	—	Q 1	2	Drag. 18/31	1	bordo/ parede/ fundo	d.d.	21,5	5	10R 5/6	10R 4/8	mate	espesso	homogéneo	—	40-140	
2794	94/ 95	—	Q 9	4	Drag. 18/31	1	bordo/ parede/ fundo	d.d.	140	20,5	4,7	2,5YR 6/8 e 2,5YR 3/1	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	metade do frag. queimado, so a pasta (?)	40-140
2819	—	—	I 14	4	Drag. 18/31	1	bordo	—	—	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	40-140	
2893	83	A	—	4	Drag. 18/31	1	bordo/ parede	d.d.	190	23	5	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	—	40-140
2895	94/ 95	—	Q 14/ 170	6	Drag. 18/31	1	bordo/ parede	d.d.	170	26,1	5,7	2,5YR 6-5/6	2,5YR 4/8	brilhante	fino	não homogéneo	Engobe pouco aderente na parte superior do bordo	40-140
2897	—	—	I 14	4	Drag. 18/31	1	bordo	d.d.	—	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	40-140	
3134	—	—	I 14	4	Drag. 18/31	1	bordo	—	—	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	40-140	
3145	94/ 95	—	Q 2	2	Drag. 18/31	1	bordo/ parede	d.d.	150	19,9	9,8	2,5YR 5/6	2,5YR 4/8	mate	espesso	homogéneo	frag. com fractura rolada	40-140
3193	97	—	Q 2	2	Drag. 18/31	1	bordo/ parede/ fundo	d.d.	140	24,5	6	2,5YR 5/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	ligeiro desgaste no bordo	40-140
3200	97	—	Q 18	11	Drag. 18/31	1	bordo	—	—	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	40-140	
3213	97	—	Q 19	2	Drag. 18/31	1	bordo/ parede/ fundo	d.d.	130	21	5,8	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	—	40-140
3223	95	Mur	—	1 b	Drag. 18/31	1	bordo	d.d.	—	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	40-140	
3262	97	—	Q 7	4	Drag. 18/31	4	bordo/ parede/ fundo	d.d.	155	26,6	4,5	2,5YR 5/6	2,5YR 5-4/8	mate	espesso	não homogéneo	—	40-140
3314	87	—	I 14	2 a	Drag. 18/31	1	bordo/ parede/ fundo	d.d.	26	4,4	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante/ mate	espesso	homogéneo	ligeiro desgaste no bordo	40-140	
3328	87	—	F 16	3	Drag. 18/31	1	bordo/ parede/ fundo	d.d.	24,2	4	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	mate	espesso	homogéneo	—	40-140	
3826	—	—	—	—	Drag. 18/31	1	bordo	d.d.	—	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	40-140	
5343	85	C 1	F 16 bS	2	Drag. 18/31	1	bordo/ parede/ fundo	d.d.	140	18,5	5	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	—	40-140
14719	87	—	I 14	4	Drag. 18/31	1	bordo/ parede	d.d.	—	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	40-140	
20034	99	1	—	sup	Drag. 18/31	1	bordo/ parede/ fundo	d.d.	22,7	4,7	2,5YR 5/8	2,5YR 5-4/8	brilhante/ mate	espesso	homogéneo	—	40-140	
20683	99	1	B	sup	Drag. 18/31	1	bordo/ parede	—	—	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	40-140	
20684	99	1	B	sup	Drag. 18/31	2	bordo/ parede/ fundo	d.d.	200	32,2	5	2,5YR 5/8	2,5YR 4/8	mate	espesso	homogéneo	engobe a estalar	40-140
23591	99	1	B	72	Drag. 18/31	1	bordo/ parede	d.d.	160	26,8	4,3	2,5YR 6/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	—	40-140
23598	99	1	C	88	Drag. 18/31	1	bordo	—	—	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	40-140	
23600	99	1	C	88	Drag. 18/31	1	bordo/ parede/ fundo	d.d.	140 ?	30	5	2,5YR 5/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	—	40-140
23658	99	1	C	67	Drag. 18/31	1	bordo/ parede	d.d.	26,5	5,8	2,5YR 5/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	—	40-140	

Quadro descritivo [cont.]

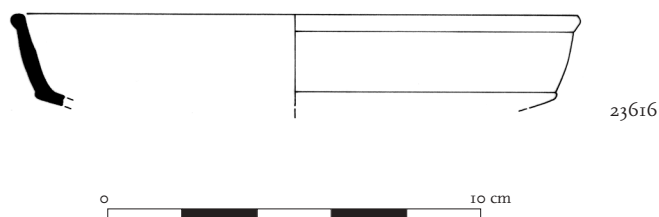
PROVENIÊNCIA					TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM				PASTA		ENGOBE			Observações	Cronol.
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homogeneidade			
23894	99	I	C	63	Drag. 18/31	1	bordo/parede	160	20	4	2,5YR 6-5/8	2,5YR 5-4/8	mate	espesso	homogéneo	—	40-140	
24005	99	I	C	91	Drag. 18/31	1	bordo/parede	140 ?	22,4	5	2,5YR 5/6	2,5YR 5-4/8	brilhante/mate	espesso	homogéneo	—	40-140	
24075	99	I	C	161	Drag. 18/31	1	bordo/parede/fundo	160	30,5	5	2,5YR 6/8	2,5YR 5-4/8	mate	espesso	homogéneo	—	40-140	
24209	99	I	B	110	Drag. 18/31	1	bordo/parede/fundo	d.d.	38,2	4,9	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	—	40-140	
24327	99	I	C	160	Drag. 18/31	1	bordo/parede/fundo	170 ?	21,4	4,6	2,5YR 7/6	2,5YR 5-4/8	mate	espesso	não homogéneo	Engobe má qualidade – a estalar. Pasta muito clara	40-140	
24331	99	I	C	159	Drag. 18/31	1	bordo	—	—	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	40-140	
24346	99	I	C	160	Drag. 18/31	1	bordo	—	—	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	40-140	
24442	99	I	C	172	Drag. 18/31	1	bordo/parede/fundo	d.d.	27,3	4,8	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	—	40-140	
24524	99	I	C	172	Drag. 18/31	1	bordo	—	—	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	40-140	
24553	99	I	C	159	Drag. 18/31	1	bordo	—	—	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	40-140	
24794	99	I	C	159	Drag. 18/31	1	bordo	—	—	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	40-140	

3.4.2.12. A forma Hermet 2/12c

Esta forma corresponde a um prato que apresenta o bordo com caneluras externa e uma ligeira canelura na ligação da parede ao fundo. Possui uma cronologia longa, entre 40 e o final do século I d.C.

Em Santarém, esta forma conta com apenas um exemplar que em nada se destaca das características que se indicam para as produções de La Graufesenque.

Esta forma não existe em Conímbriga e é rara em Belo, onde está representada por apenas dois exemplares (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 99, est. XVI, n.º 1254).



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA					TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM				PASTA		ENGOBE			Observações	Cronol.
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homogeneidade			
23616	99	I	B	81	Herm. 2/12 c	2	bordo/parede/fundo	150	25,8	4,6	2,5YR 6/8	2,5YR 5/8	brilhante	espesso	homogéneo	—	40-100	

3.4.2.13. A forma Drag. 27

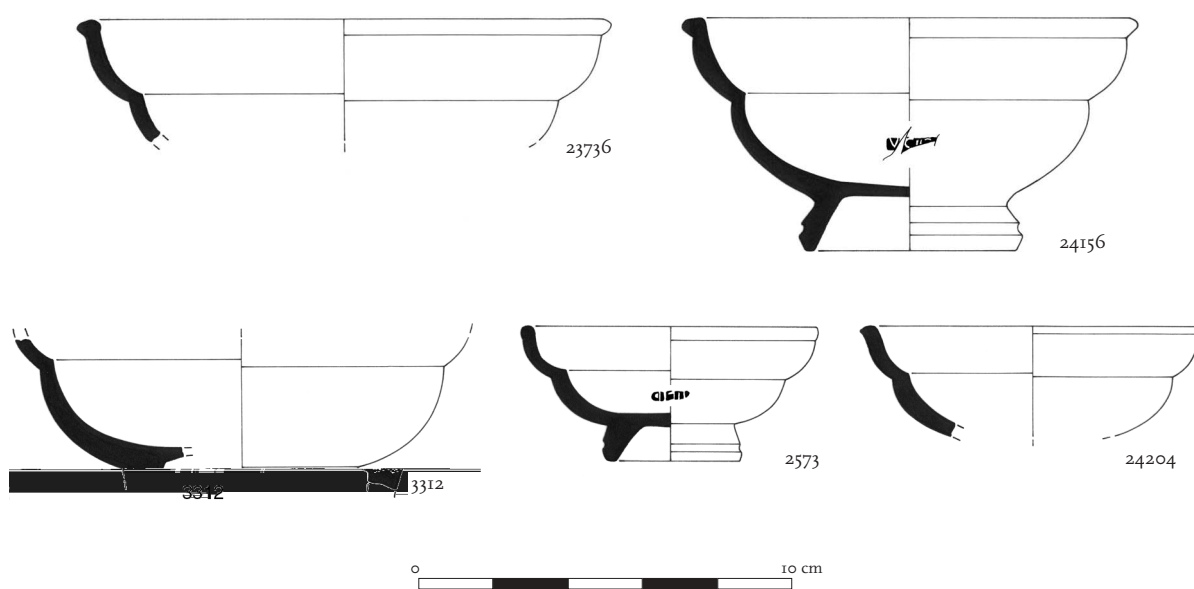
Esta forma corresponde a uma taça de parede biconvexa, e bordo de lábio semicircular, podendo datar-se do longo período desde Tibério até aos finais do século I.

Tal como sucede em outros locais com ocupação romana alto imperial, também em Santarém esta forma é bastante abundante, estando representada por cinquenta e oito peças. De uma maneira geral, os engobes são brilhantes e de boa qualidade, registando-se quanto às dimensões um claro domínio das taças com diâmetros entre os 120 e os 130 mm. Mais uma vez, assinalo a dificuldade em distinguir perfis pesados, dado quase não dispor de peças completas. Relativamente à morfologia, abundam as taças que têm o bordo de perfil semi circular, embora se registem igualmente bordos de perfil triangular, mas em menor quantidade. Nenhum exemplar ostenta ainda o *guilhoché*, que constitui uma reminiscência da forma itálica. Duas taças apresentam marca (24156 e 2573), mas não foi possível obter a sua leitura. A peça 3312 apresenta engobe marmoreado, a sua cronologia situa-se portanto entre 40 e 60, e constitui dos únicos exemplares com esta característica presentes em Santarém.

Um dos exemplares escalabitanos apresenta engobe marmoreado, que foi produzido no centro oleiro de La Graufesenque, no curto período entre 40 e 70.

Em Conímbriga, parte das taças Drag. 27 contam com marca de oleiro, com cronologias maioritariamente de um período que não ultrapassa o reinado de Vespasiano, atingindo outras a época de Domiciano. Os exemplares mais antigos desta forma, que ainda ostentam decoração de *guilhoché*, são mais raros (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 92, Est. XXIII, n.^{os} 129-141).

Em Belo, estas taças apresentam alguma variedade no que diz respeito ao perfil do lábio, embora não tenha sido possível às autoras verificar qual a sua evolução, pois nem a estratigrafia, nem as marcas o permitem. Outros detalhes morfológicos, como o perfil do pé, também se revelam pouco fiáveis quando se pretende assimilar um determinado detalhe, a um período cronológico mais específico (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 89). Também neste caso, são necessárias algumas reservas quando se pretende associar exemplares com vernizes de pior qualidade e peças com perfis mais pesados a cronologias mais tardias. O que efectivamente se verifica, é que as marcas continuam a ser o que melhor define a cronologia destes vasos. Assim, das marcas encontradas em Belo, cerca de metade diz respeito a oleiros que trabalharam entre 40 e 70, estando igualmente representados oleiros dos restantes períodos, com uma duração relativamente curta até ao final do século II, embora com menos exemplares (quatro ou cinco peças). Os oleiros com actividade entre Cláudio-Nero estão também bem representados com 17 peças. É também significativo o número de exemplares marmoreados (Bourgeois e Mayet, 1991, p.90).



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA				TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM			PASTA		ENGOBE			Observações	Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.			Homogeneidade
1181	89	C 7		4	Drag. 27	1	bordo	d.d.	17,2	4,3	2,5YR 6/8	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	bordo de perfil semi circular	10-100
1272	87	C 4	J 13	10	Drag. 27	1	bordo/ parede	120 ?	17,4	4	10R 6/8	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	bordo perfil triangular	10-100
1312		B	—	3	Drag. 27	1	bordo/ parede	80	16	3	2,5YR 6/8	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	bordo perfil semi circular	10-100
2573	94/ 95	—	Q 14/ 17O	4	Drag. 27	4	bordo/ parede/ pé	80	35	4,9	10R 5/8	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	não homogéneo	engobe a estalar um pouco por toda a peça. Bordo semi circular. Marca	10-100
2788	95	Mur	silogde	—	Drag. 27	1	bordo/ parede	140 ?	24	4,4	2,5YR 6/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	bordo perfil semi circular	10-100
2803		C IX	1	13	Drag. 27	1	bordo/ parede	130 ?	18	4	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	bordo de perfil triangular	10-100
2891	97		Q 3	4	Drag. 27	1	bordo/ parede	110	21,3	4	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	bordo de perfil quadrangular	10-100
3130	97		Q 7	3	Drag. 27	1	bordo/ parede	d.d.	—	—	—	—	—	—	—	bordo de perfil semi circular. Frag. diminuto	10-100
3191	94/ 95	—	Q 4	6	Drag. 27	1	bordo	—	—	—	—	—	—	—	—	bordo perfil semi circular. Fragmento diminuto	10-100
3312	97	—	Q 07	4	Drag. 27	1	parede/ fundo	s.d.	44,2	5,1	10R 6-5/6	2,5Y 7-6/8	brilhante	espesso	não homogéneo	marmoreada	40-60
3337	87	C 4	—	—	Drag. 27	1	bordo/ parede	d.d.	22,3	4,7	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	bordo perfil semi circular	10-100
3379	85		F 16	3 b	Drag. 27	1	bordo	d.d.	—	—	—	—	—	—	—	bordo de perfil triangular. Frag. diminuto	10-100
20040	99	1	B	1	Drag. 27		bordo/ parede	—	—	—	—	—	—	—	—	bordo de perfil quadrangular. Frag. diminuto	10-100
23499	99	1	B	24	Drag. 27	1	bordo/ parede	120	19,5	3,7	10R 5/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	bordo perfil semi circular	10-100
23702	99	1	B	26	Drag. 27	1	bordo/ parede	110 ?	21,6	4,3	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	engobe c/ desgate parte sup. bordo. Perfil semi circular	10-100
23734	99	1	A	451	Drag. 27	1	bordo/ parede	130	21,6	4,2	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	bordo perfil semi circular	10-100
23736	99	1	C	232	Drag. 27	9	bordo/ parede	140	32	4	2,5YR 5/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	bordo perfil triangular	10-100
23921	99	1	B	115	Drag. 27	1	bordo/ parede	120	19,8	4,5	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	bordo perfil semicircular	10-100
24083	99	1	C	161	Drag. 27	1	bordo/ parede	110 ?	21,8	4,3	2,5YR 6/8	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	bordo perfil semicircular	10-100
24156	99	1	C	142	Drag. 27	28	bordo/ parede/ fundo	120 ?		4	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	algumas concreções calcárias. Bordo perfil triangular. Marca	10-100
24202	99	1	C	150	Drag. 27	4	bordo/ parede	80	19	2,3	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	bordo perfil semi circular	10-100
24204	99	1	C	160	Drag. 27	1	bordo/ parede	90	28,2	4,4	2,5YR 6/6	10R 4/8	brilhante	espesso	não homogéneo	desgaste do engobe no bordo perfil semi circular	10-100
24324	99	1	C	160	Drag. 27	2	bordo	d.d.	12,5	4,5	2,5YR 6/6	10R 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	bordo perfil triangular	10-100
24329	99	1	C	160 e 181	Drag. 27	3	bordo/ parede	120	21,6	4,5	10R 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	bordo perfil triangular	10-100
24337	99	1	C	160	Drag. 27	1	bordo/ parede	140 ?	19,5	4	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	mate	espesso	homogéneo	bordo perfil triangular	10-100
24372	99	1	C	159	Drag. 27	1	bordo	—	—	—	—	—	—	—	—	bordo perfil triangular frag. diminuto	10-100
24449	99	1	C	63	Drag. 27	1	bordo/ parede	80 ?	14,5	3,8	2,5YR 6/8	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	bordo perfil triangular	10-100
24451	99	1	C	172	Drag. 27	1	bordo/ parede	110	15	3	2,5YR 6/8	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	bordo perfil triangular	10-100
24453	99	1	C	172	Drag. 27	1	bordo/ parede	d.d.	19	4,3	2,5YR 5/8	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	bordo de perfil semi circular	10-100

Quadro descritivo [cont.]

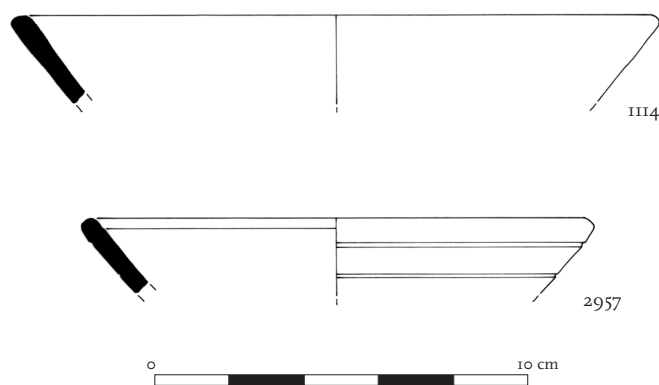
PROVENIÊNCIA				TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM				PASTA		ENGOBE			Observações	Cronol.
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homogeneidade			
24521	99	I	C	172	Drag. 27	1	bordo/parede	d.d.	20,6	4,8	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	bordo perfil triangular	10-100	
24556	99	I	C	159	Drag. 27	1	bordo	—	—	—	—	—	—	—	—	bordo perfil semi circular.Fragmento diminuto	10-100	
24639	99	I	C	172	Drag. 27	1	bordo	—	—	—	—	—	—	—	—	bordo perfil circular.Fragmento diminuto	10-100	
24707	99	I	C	159	Drag. 27	1	bordo/parede	120	19,7	3,8	2.5YR 5/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	bordo perfil semicircular	10-100	
24722	99	I	C	159	Drag. 27	1	bordo/parede	d.d.	14	2,9	2.5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	bordo perfil semicircular	10-100	
24727	99	I	C	159	Drag. 27	1	bordo/parede	d.d.	17,3	4	2.5YR 6-5/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	bordo perfil semicircular	10-100	
24731	99	I	C	159	Drag. 27	1	bordo	d.d.	15,8	4,3	2.5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	bordo perfil semi circular	10-100	
24769	99	I	C	172	Drag. 27	1	bordo	—	—	—	—	—	—	—	—	bordo perfil semi circular. Frag. diminuto	10-100	
24856	99	I	B	110	Drag. 27	1	bordo	—	—	—	—	—	—	—	—	bordo perfil semi circular. Frag. diminuto	10-100	

3.4.2.14. A forma Drag. 33

Esta taça de perfil troncocónico tem uma duração bastante longa, de finais do período de Tibério até o primeiro quartel do século II.

Em Santarém, existem três exemplares desta taça com finas linhas visíveis na parede exterior e engobes de boa qualidade.

Esta forma teve algum sucesso em Conímbriga, onde se registaram vinte vasos (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 92, est. XXII, n.ºs 120-128). Pelo contrário, em Belo encontra-se, representada apenas por dois exemplares (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 94).



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA				TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM				PASTA		ENGOBE			Observações	Cronol.
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homogeneidade			
1114	86	C 2	K 9	2	Drag. 33	1	bordo/parede	170	26	4,6	2.5YR 6/8	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	estrias na parede exterior	30-140	
2957 95	94/	—	Q 1	8	Drag. 33 ??	1	bordo	130	23	4,6	2.5YR 5/8	10R 4/6	mate	espesso	homogéneo	—	30-140	
23728	99	I	A	317	Drag. 33	1	bordo/parede	d.d.	23	4	2.5YR 6/8	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	uma única estria na parede exterior	30-140	

3.4.2.15. A forma Drag. 35/36

Estas formas fazem já parte de um conjunto de perfis que seriam utilizados como “serviço”, criados em La Graufesenque em época flaviana ou um pouco anteriormente, tendo uma duração até meados do século II (Vernhet, 1976). A sua principal característica é o bordo de aba larga arredondado, que pode ostentar decoração de barbotina de folhas de água.

Existem seis exemplares da forma Drag. 36, na Alcáçova de Santarém, dos quais três teriam decoração de folha de água, e um da forma Drag. 35, liso. Apesar desta forma constituir um exemplo do período final da produção de La Graufesenque, os fabricos são de boa qualidade, apenas existindo dois casos em que o engobe está estalado.

Em Conímbriga, a raridade desta forma é explicada pela redução que as importações sudgálicas registam a partir de Vespasiano (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 93, est. XXV, n.ºs 174-177). Já em Belo não se terá verificado o mesmo fenómeno, sendo significativo o número de peças com estas formas (348), muitas delas com engobe marmoreado. Apenas uma minoria do conjunto é lisa e, detendo portanto, uma cronologia anterior a 100 (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 92-93).

Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM			PASTA		ENGOBE			Observações	Cronol.		
N.º Inv.	Ano Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.			Homogeneidade	
1433	84	I	J 9	siló 2	Drag. 35/36	I	parede	—	—	5	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	mate	espesso	não homogéneo	com sinais de engobe a estalar	60-150
23526	99	I	B	81	Drag. 35/36	I	bordo	140	—	4,6	2,5YR 5/6	2,5YR 5/8	brilhante	espesso	homogéneo		60-150
23919	99	I	B	162	Drag. 35/36	I	parede/fundo	—	—	5	10R 5/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo		60-150
23987	99	I	B	133	Drag. 35/36	I	parede	—	—	4,2	10R 5/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	não homogéneo	engobe a estalar	60-150
24079	99	I	C	161	Drag. 35/36	I	parede	—	—	3,6	10R 5/8	2,5YR 5-4/8	mate	espesso	homogéneo		60-150
24336	99	I	C	160	Drag. 35/36	I	parede	—	—	5	10R 5/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	decoração de folha de água incompleta	60-150

3.4.2.16. A forma Curle 15

Esta forma corresponde a um prato de parede côncava e bordo vertical, e faz parte do chamado “serviço” C, que segundo Vernhet, terá sido criado em La Graufesenque, em época Flavianiana ou um pouco anteriormente (Vernhet, 1976).

Em Santarém, apenas registamos, embora com algumas reservas, um único exemplar desta forma que apresenta exactamente uma das características da fase mais tardia da produção sudgálica, concretamente o engobe a estalar.

Esta forma não está presente entre os raros exemplares mais tardios de Belo ou de Conímbriga.



Quadro descritivo

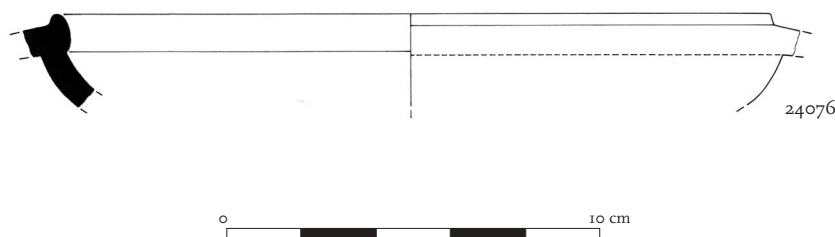
PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM			PASTA		ENGOBE			Observações	Cronol.		
N.º Inv.	Ano Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.			Homogeneidade	
2623	87	—	I 14	4	Curle 15	I	bordo	d.d.	18,5	3,8	2,5YR 5/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	não homogéneo	engobe a estalar	70-100

3.4.2.17. A forma Ritt. 12

Esta forma corresponde a uma tigela de perfil hemisférico, distinguindo-se pela particularidade de ostentar uma aba horizontal na parede, imediatamente sob o bordo semi-circular. A duração da sua produção não foi muito longa e centra-se de 40 a 70.

Em Santarém, existe apenas um exemplar desta forma que deve corresponder também à fase final da produção sudgálica, pois o engobe está estalado.

Esta forma é rara tanto em Conímbriga, onde só se conhece um exemplar (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 94, est. XXIX, n.º 231), como em Belo (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 94).



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM				PASTA		ENGOBE			Observações	Cronol.	
N.º Inv.	Ano Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homogeneidade			
24076	99	1	C	161	Ritt. 12	1	parede/ bordo	180	24	6,3	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	não homogéneo	engobe a estalar	50-70

3.4.2.18. As formas decoradas

Do conjunto de 246 peças cuja forma foi identificada, 30 são decoradas e correspondem sobretudo às formas mais comuns das produções de La Graufesenque: a taça carenada Drag. 29 e a taça de perfil cilíndrico Drag. 30. Correspondem a uma percentagem de 12,19% relativamente ao total. Apesar de actualmente se saber que era relativamente comum a troca de moldes e punções entre oleiros, procura-se a atribuição, sempre que possível, dos motivos decorativos a uma oficina.

3.4.2.19. A forma Drag. 29 A e B

Esta forma corresponde a um dos perfis de taças decoradas mais comuns nas produções sudgálicas. Divide-se em duas variantes, sendo a A de perfil hemisférico e detendo a B uma carena mais acentuada.

Em Santarém, existe um exemplar que, embora com algumas reservas, atribuímos à forma Drag. 29 A (1129) (Est. 2, n.º 1). Apresenta bordo de dupla canelura decorado a *guilhoché*, seguido de uma linha de pérolas e de uma faixa com ornatos de folhagens ondulados que se pode atribuir à oficina de PONTIVS, (Knorr, 1952, est. 50), sendo apontada uma cronologia de Vespasiano. O ornato de folhagem combina o elemento vegetal da *granités* do tipo A 37 (Hermet, 1934, est. 13) e flor de *mystica* do tipo 2 (Hermet, est. 11). Os grãos do

ornato são do tipo 3 (Hermet, est. 35) e estão igualmente presentes os pequenos círculos concêntricos/*oeilleteons* do tipo 8 (Hermet, est. 17).

Existem dois exemplares da forma Drag. 29 B. O facto de apenas se ter conservado uma parte mínima da carena, não permite perceber qual a decoração que detinha (23725). É visível uma linha de pérolas horizontal e linhas verticais onduladas que enquadram um coelho deitado, voltado para a direita, não podendo saber se se trata, ou não, de uma cena de caça (23454) que, segundo Hermet, é bastante comum no período de esplendor e de transição (Hermet, 1934, p. 36).

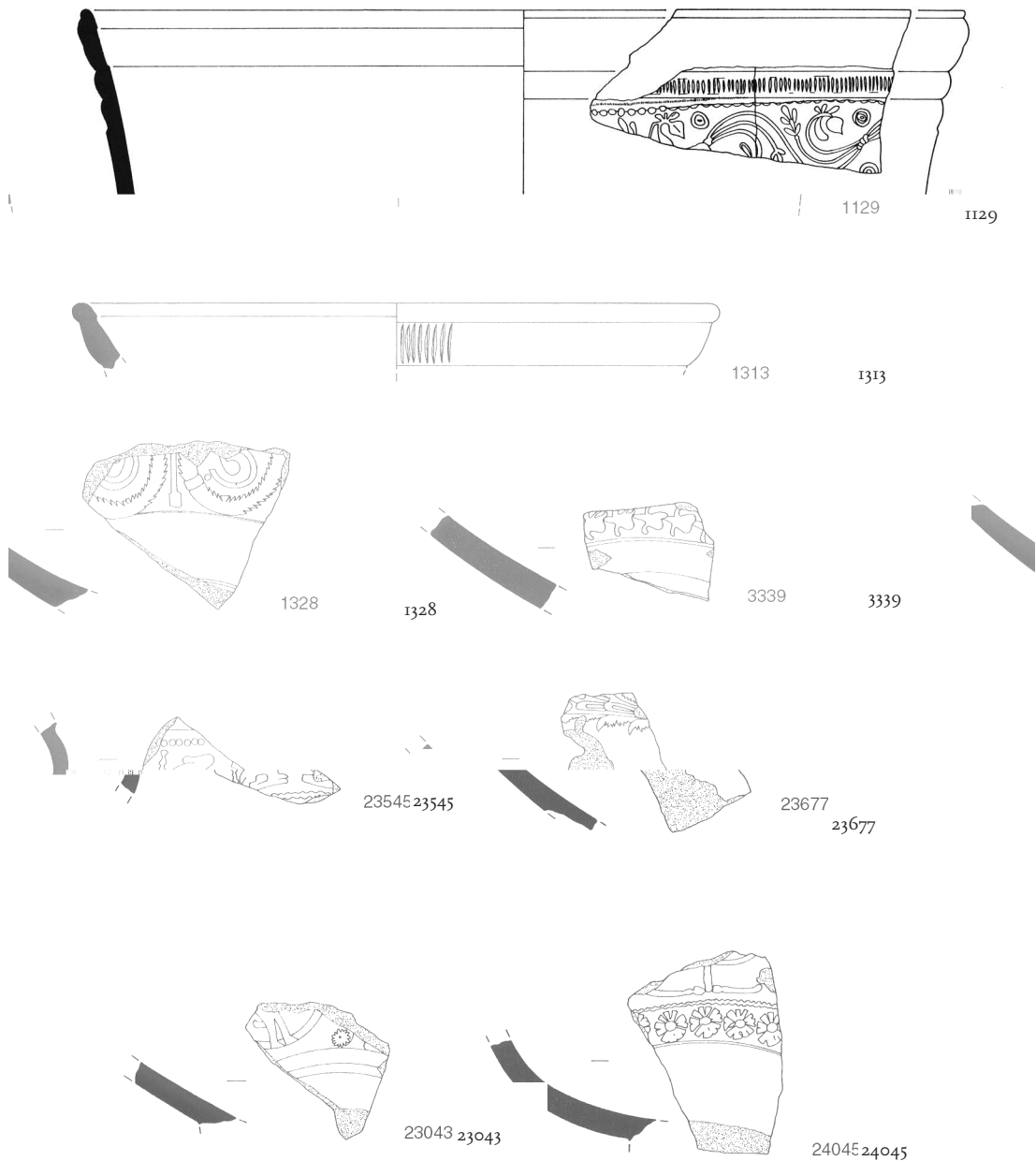
Outros cinco exemplares (1328, 3339, 23677, 24043, 24045) pertencem à forma Drag. 29 (eventualmente também à Drag. 37), sem que se possa saber-se qual a sua variante, pois constituem a parte inferior da parede das taças, junto ao fundo (respectivamente, Est. 2, n.º 8, n.º 6, n.º 5, n.º 7 e n.º 9). Em alguns casos, trata-se de grinaldas que fazem parte do limite inferior da composição, como é o caso da grinalda trifoliada da peça 23677, que pode enquadrar-se no tipo 36 (250) (Hermet, 1934, est. 46) (Est. 2, n.º 5). Não estando ilustrada por Hermet, nenhuma grinalda formada por folhas cordiformes como a da taça 3339. Estas grinaldas podem pertencer já ao período de decadência, pois servem de bordadura para a decoração principal (Hermet, 1934, p. 54).

Outro fragmento da parte inferior da parede de uma taça hemisférica (24045) ostenta o limite de uma composição decorativa formada por uma série de motivos difíceis de determinar, rematada por uma linha horizontal ondulada e uma faixa de rosetas (Est. 2, n.º 9). Os motivos não estão bem desenhados e, na parte inferior das rosetas, as pétalas não estão separadas. Existe uma faixa idêntica na peça atribuída a OF L COS VIRIL (Knorr, 1912, p. 40, est. XXIII, n.º 3).

O esquema decorativo dos medalhões é raro em vasos hemisféricos/carenados, mas está presente num exemplar de Santarém (24043) (Est. 2, n.º 7). Embora apenas se tenha conservado parte do medalhão propriamente dito, nota-se que ele é simples e no seu interior são visíveis os membros inferiores de um personagem. O motivo do medalhão figurado tem algumas semelhanças com os exemplares ilustrados por Oswald, provenientes de *Margidunum* e datados de Vespasiano, atribuídos a MOMMO (Oswald, 1948, p. 34, est. XII), embora os medalhões de Santarém sejam de menores dimensões, não devendo por isso fazer parte da composição decorativa principal deste vaso. Não podem esquecer-se que se situam no limite inferior da área decorada.

Os motivos visíveis na peça 1328 podem corresponder a uma composição de festões ou fazer parte de uma composição de medalhões (Hermet, 1934, n.º 15, est. 31) (Est. 2, n.º 8). Apenas se conservou a metade inferior do motivo que possui, no seu interior, dois círculos concêntricos. Estes motivos circulares (medalhões ou festões) são intercalados com colunetas.

Em Conímbriga, esta forma é a mais abundante concentrando-se as importações destas peças entre os meados e o terceiro quartel do século I, sendo escassos os exemplares mais antigos (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 73). Em Belo, apenas existem exemplares da variante desta taça carenada Drag. 29 B, não sendo das formas decoradas mais frequentes. Destaca-se o período de “esplendor” e de “transição” como sendo o que concentra um maior número de exemplares (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 115).



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM			PASTA		ENGOBE					
N.º Inv.	Ano Sect.	Quad.	EU	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Decoração	
1129	84 e 85	—	F 15 e F 16	3	Drag. 29 A	4	bordo/ parede	250	47	4	2.5YR 6-5/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	ornato de folhagens da oficina de PONTIUS
1313	87	C 4	I 14	2	Drag. 29 B	1	bordo	180	22,5	5,7	10R 4/8	10R 4/6	mate	fino	homogéneo	A parte decorada não se conservou. Ostenta apenas faixa de guilhocé sob o bordo
1328	83	B	—	3	Drag. 29	1	parede/ fundo	—	7,5	—	10R 5/6	10YR 4/6	mate	espesso	homogéneo	Decor. de faixa de medalhões ou festões, intercalados por bastões com a extremidade espessada

Quadro descritivo [cont.]

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM			PASTA	ENGOBE						
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	EU	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Decoração
3339	87	C 4	—	—	Drag. 29	1	parede	—	—	7,4	2,5YR 6/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Engobe estalado. Decor. de linha horizontal formada por motivos cordiformes c/ pequenas folhas laterais.
23545	99	I	C	95	Drag. 29 B	1	carena	—	20	4	2,5YR 6/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Decor de linha de pérolas, seguida de faixa c/ motivo de coelhos separados por linhas onduladas verticais
23677	99	I	B	43	Drag. 29	1	parede	—	—	5,2	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	mate	espesso	homogéneo	grinalda de folhas na parte inferior da parede, junto ao fundo
23725	99	I	A	439	Drag. 29 B	1	carena	—	15,2	4	—	—	—	—	—	com decoração muito destruída. Frag. diminuto e queimado
24043	99	I	C	160	Drag. 29	2	parede/ fundo	—	—	7	2,5YR 7/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	não homogéneo	pasta c/ vácuolos alongados. Engobe a estalar em algumas áreas. Decor. da faixa inferior antes do fundo, com medalhões preenchidos com figuras antropomórficas de difícil determinação alternando com motivos formados por linhas onduladas.
24045	99	I	C	160	Drag. 29	2	parede/ fundo	—	—	5,8	2,5YR 5-4/8	2,5YR 4/8	mate	espesso	não homogéneo	Decor. do limite inferior da peça formada por uma faixa de motivos difíceis de det, seguida de uma linha horizontal ondulada, e faixa de rosetas.

3.4.2.20. A forma Drag. 30

Esta taça de perfil cilíndrico constitui uma das mais comuns formas decoradas.

Em Santarém, existem três exemplares com este perfil e um fragmento mais reduzido, que coloca algumas reservas quanto à sua classificação nesta categoria. A peça em melhor estado de conservação (2575) apresenta uma linha de pérolas que quase se sobrepõe à faixa de óvulos simples com lingueta sem qualquer decoração na sua parte terminal do tipo 2 (Hermet, 1934, est. 35bis) (Est. 2, n.º 2). Da parede do vaso, apenas resta parte, com decoração vegetal constituída por uma folha de videira do tipo 18 (Hermet, 1934, est. 8). Desconhece-se o tipo de ornatos de folhagem em que este elemento estaria inserido.

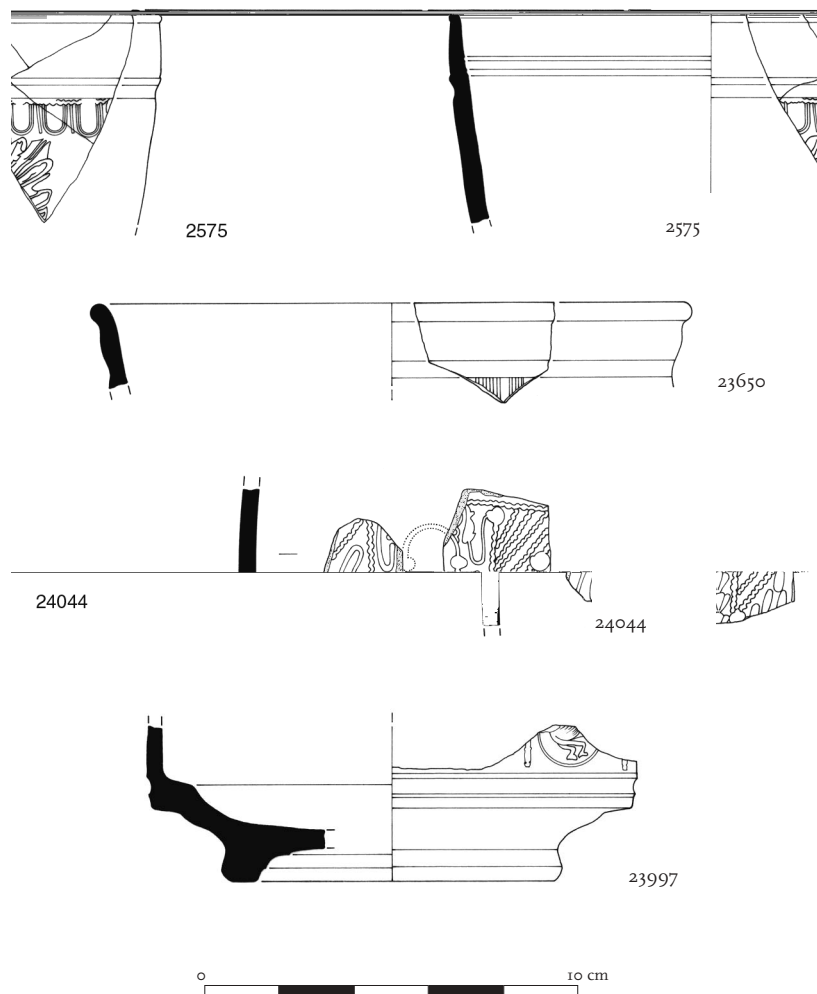
Da taça decorada 23508, apenas resta a faixa de óvulos de nervura dupla com lingueta de extremidade trilobada, do tipo 27, o que indica um período de transição ou de decadência da produção sudgálica (Hermet, 1934, p. 73, est. 35 bis, O). Da restante decoração parece poder observar-se a composição de cruces de Sto. André.

Em Santarém, existe uma peça com a composição decorativa designada por arcadas (24044) com colunetas onduladas do tipo 4 (Hermet, 1934, est. 34, p. 60) que alternam com um triângulo preenchido com losangos (Est. 1, n.º 16). Esta composição parece assemelhar-se aos painéis e arcadas cortados do tipo 10 e 11 (Hermet, 1934, est. 124), que são característicos do período de transição.

Existem ainda três outras peças (23650, 3333 e 1332) que apenas conservam parte da faixa de óvulos. Um deles apresenta faixa de óvulos duplos com lingueta de extremidade espessada e trilobada do tipo 25 (Hermet, 1934, p. 73, est. 35 bis, O) que, como já foi mencionado, é indicador do período de transição ou decadência de La Graufesenque.

Uma das peças, 23997, de que apenas resta a parte inferior do vaso cilíndrico apresenta a composição dos medalhões. Trata-se de uma versão de medalhão duplo que inclui no seu interior, o desenho de um pato, alternando com bastões e que não deve corresponder à composição principal. Se assim fosse os medalhões deveriam ser de maiores dimensões para ocuparem toda a altura do vaso (Hermet, 1934, p. 121). Encontramos semelhanças com o vaso de Santarém na peça atribuída a PASSENI (Knorr, 1952, est. 48 B).

Esta forma é escassa em Conímbriga e a época de eleição para a chegada destas peças é idêntica à apresentada para a forma decorada Drag. 29. (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 73). Em Belo, a forma Drag. 30 é a mais frequente, logo seguida da forma Drag. 37. “On constatera donc à nouveaux que l’apogée des importations de vases cylindriques à Belo coïncide avec la période où ils sont les plus beaux et soignés (73,8% entre 40 et 70)” (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 119).



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM			PASTA		ENGOBE					
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	EU	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Decoração
1332	87	C 4	I 14	2 c	Drag. 30 ?	1	parede	—	21	4,8	2.5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	não homogéneo	linha de óvulos duplos c/ lingueta de extremidade espessada e trilobada
2575	85	F 15	3 b		Drag. 30	4	bordo/ parede	140	54,8	4,5	2.5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	linha vegetal de pérolas/faixa de óvulos simples e decor
3333		C 4	I 14	2 b	Drag. 30 ?	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	Frag. diminuto. linha de óvulos
23508	99	I	B	30	Drag. 30 ?	1	parede	—	24,9	5	2.5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	mate	espesso	homogéneo	linha de óvulos de nervura dupla com lingueta de extremidade trilobada
23650	99	I	B	89	Drag. 30 ?	1	bordo/ parede	160	26	4,5	2.5YR 6/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	decoração muito destruída, linha de óvulos ?
23997	99	I	B	176	Drag. 30	1	parede/ fundo e pé	—	41,8	4	2.5YR 6/8	10R 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Parte inferior da decor. formada por círculos que incluem motivos zoomórficos (pato?) separados por bastões verticais
24044	99	I	C	160	Drag. 30	2	parede	—	35,5		2.5YR 4/8	2.5YR 4/8	brilhante mate	espesso	homogéneo	decoração de arcadas com colunetas tremidas...

3.4.2.21. As formas Hermet 7 ou Hermet 15 b

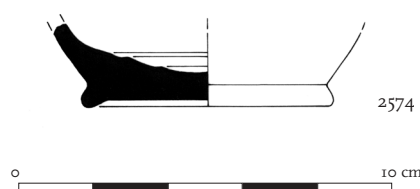
Dado a *sigillata* ser objecto de troca, em relações comerciais de longa distância, as formas fechadas são sempre bastante raras ou mesmo inexistentes, por serem mais frágeis e de transporte mais difícil.

A forma Hermet 7 corresponde a um vaso de colo reduzido e largo, de perfil bitroncónico, com duas asas e a Hermet 15 b a uma garrafa de colo alto e corpo globular de apenas uma asa. Ambas são decoradas e a sua cronologia situa-se entre 30 e o final do século I.

Existem, em Santarém, dois fragmentos de vasos de forma fechada. Um deles é um fundo que pode corresponder indistintamente às formas Herm. 7 ou 15 b. Pouco se pode dizer a respeito de um outro exemplar de uma forma fechada, do qual apenas resta um fragmento da parede, cujo exterior está revestido de engobe marmoreado. Nenhuma conserva a parte decorada.

Em Conímbriga, apenas existe um exemplar de um vaso sudgálico fechado de forma indeterminada (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 74, est. XXI, n.º 100).

As formas fechadas são também de difícil atribuição tipológica em Belo incluindo-se num conjunto de formas Cláudio-Neronianas, pouco frequentes nesta cidade da Bética (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 113).



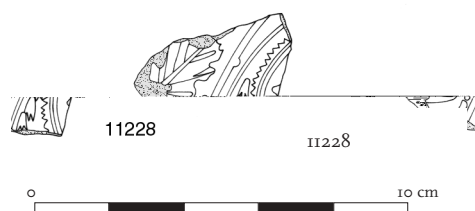
Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA				TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM			PASTA		ENGOBE			
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	EU	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Decoração
1341	83	B	3	—	Herm. 7 ou 15 b	1	parede	—	38	4,5	2,5YR 6/6 2,5YR 5-4/8	10R 6/6	brilhante	espesso	homogéneo	forma fechada de difícil classificação Marmoreada
2574	84		G 17	siló	Herm. 7 ou 15 b	1	fundo	f. 60	20	4	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	mate	espesso	homogéneo	forma fechada de difícil classificação

3.4.2.22. Fragmentos decorados de forma indeterminada

Existe, na Alcáçova de Santarém, um conjunto de quatro fragmentos decorados, que, pelo seu estado de conservação, não permite nem uma atribuição morfo-tipológica, nem conhecer qual o tipo de composição decorativa presente (2781, 23725, 2968 e 23723). Parece poder observar-se uma folha do tipo 31 (Hermet, 1934, est. 10) na peça 23723 e outro elemento vegetal no 2968.

Os medalhões parecem estar igualmente representados nesta série (11228) numa composição onde é também visível uma folha do tipo C14 (Hermet, 1934, est. 10) (Est. 2, n.º 10). Neste caso, parece que os medalhões, formados por uma linha simples e outra com dentes de serra, fazem parte de uma composição de ornatos de folhagem, idêntica ao que se observa em Hermet para vasos carenados (Hermet, 1934, est. 55, n.º 16). Não pode saber-se qual o motivo que o medalhão inclui. Pelo seu perfil, esta peça só pode pertencer ou a uma taça hemisférica, Drag. 37, ou carenada, Drag. 29.



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM			PASTA		ENGOBE						
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	EU	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Decoração	
1320	86	C 3	—	3	Indet.	1	parede	—	45	6,5	10R 4/1	10R 3/4	brilhante	espesso	homogéneo	Queimada da cozedura ou pós-deposicional. Decor. faixa de óvulos com lingueta de extremidade trilobada e linha horizontal ondulada. Não é possível que motivos se desenvolve no campo. Toda a decoração está muito mal moldada.	
2781	94/ 95	—	Q 12 bq E	6	Indet.	—	parede	—	—	4,5	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto. motivos e forma s/ determinação
2925	83	A	—	6	Indet.	1	parede	—	d.d.	5,8	10R 5/8	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Decor. c/ motivos e composição difíceis de det.	
3393	87	—	I 14	2	Indet.	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Frag. diminuto. Decor. indet.
3410	87	—	J 14	5	Indet.	1	parede	—	25,9	4,1	2.5YR 6/6	2.5YR 4/8	mate	espesso	homogéneo	Decoração de faixa de óvulos com flecha de extremidade espessada e linha ondulada. Não é possível ver a restante composição que está toda muito mal moldada.	
3416	85	—	F 15	1	Indet.	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	—	sob o pavimento de opus. Frag. diminuto. Decor. cruz de Sto André.
23725	99	I	A	439	Drag. 29 b ²	1	carena	—	15,2	4	—	—	—	—	—	—	com decoração muito destruída. Frag. diminuto e queimado
2968	94/ 95	—	Q 12 bq E	4	Indet.	1	parede	—	—	4,4	2.5YR 5/6	2.5YR 5-4/8	mate	espesso	homogéneo	motivos vegetais – difícil interpretação	
11228	98	—	troço 9	5	Indet.	1	parede	—	40	4,9	10R 4/8	10YR 5/6	brilhante	espesso	homogéneo	Decoração cuja composição é difícil de determinar .mas onde vemos, linhas simples, pontas de flecha e folhas de carvalho. É ainda visível parte de um círculo com dentes de serra que inclui motivo impossível de det.	
23723	99	I	A	439	Indet.	1	parede	—	—	5,3	2.5YR 7/6	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	motivo vegetal	
24683	99	I	C	159	Indet.	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Frag. diminuto. Decor. indet.

3.4.3. Marcas e grafitos

Recolheu-se, em Santarém, um conjunto significativo de marcas de oleiro de *sigillata* sudgálica o que contribui para o conhecimento da distribuição dos diferentes oleiros, e a penetração/difusão das diferentes oficinas no território peninsular. Todas as marcas são provenientes do centro produtor de La Graufesenque e como se dispõe de informações sobre o período de laboração de grande parte dos oleiros, estas constituem um bom indicador cronológico (Est. 5).

Existem, em Santarém, vinte e duas marcas, apresentando-se leitura para quinze. Não é possível saber, na quase totalidade dos casos, qual a forma do vaso que tinha marca, sabendo-se apenas que, na maioria das vezes, se trata de taças. O período de laboração dos oleiros que assinaram as peças de Santarém indica as balizas cronológicas em que decorreram as importações de La Graufesenque para Santarém, que se situa entre o período de Cláudio e Trajano. As cronologias que adoptei são as propostas por Oswald no *Index of Potter Stamps* (Oswald, 1964b), conjugadas com os dados mais recentes obtidos nas “fossas 78, 79 e 80”. Trata-se de depósitos formados por restos de peças dos fornos de La Graufesenque num determinado momento e que permitem precisar as cronologias do período de labo-

ração de alguns oleiros. Além destes dados, os naufrágios “La Nautique” e “Culip IV” constituem igualmente importantes elementos de cronologia para as marcas de *terra sigillata* sudgálica e todos eles foram sintetizados por A. Bourgeois para Belo (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 140-143). A famosa caixa de Pompeia, que continha uma série de taças de *sigillata* sudgálica com marcas de oleiro, sepultada pelas lavas do Vesúvio em 79, constitui outro elemento cronológico importante (Atkinson, 1914, p. 27-64).

A descrição detalhada das marcas inicia-se pelos oleiros cuja produção foi em maior escala seguindo-se os que, a julgar pela difusão dos seus produtos, não tiveram uma produção tão elevada.

Em Santarém, existem duas marcas pertencentes ao oleiro **IVCVNDVS**, que produziu, em La Graufesenque, no período compreendido entre o reinado de Cláudio e Vespasiano (Oswald, 1964b, p. 148). Se não parecem existir dúvidas quanto ao exemplar n.º 2918, onde pode ver-se apenas parte do V e NDI, encontrando-se o N e o D em nexa, o n.º 2914, coloca mais problemas quanto à sua leitura e interpretação. Apesar de completa, esta marca está mal impressa, podendo ler-se OF ICVNI, estando o V e o N em nexa. O oleiro IVCVNDVS foi muito activo, com cerca de 250 marcas registadas no *Index of Potter Stamps* (Ibid.), e além da exportação para diversos sítios europeus, os seus produtos estão bem representados na Península Ibérica com marcas em cerca de trinta sítios (Beltrán, 1990, p. 93). Em Portugal, existe em Conímbriga (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 116, n.ºs 273-275; Diogo, 1980 a, n.ºs 100-102), Torre de Palma (Ferreira, 1969, p. 169; Diogo, 1980 a, n.º 99), Miróbriga (Dias, 1977, p. 387, n.º 106, est IX, 4; Diogo, 1980 a, n.º 103) e Briteiros (Ferreira, 1969, p. 169; Diogo, 1980 a, n.º 97). Em Marrocos, é também um dos oleiros melhor representados, com onze marcas. Na Argélia, conhecem-se oito assinaturas e na Tunísia duas (Laubenheimer, 1979, p. 128).

Em Santarém, existe uma marca do oleiro **SABINVS** de La Graufesenque, que produziu entre o período de Nero e de Domiciano (Oswald, 1964b, p. 272 e 273). A assinatura de *Scallabis* tem a parte inicial da sigla OF truncada, só restando parte do F, seguido de SABINI (2912), em caracteres bem legíveis, num caixilho rectangular com os ângulos arredondados. Este oleiro é bem conhecido em Espanha (Beltrán, 1990, p. 94), e em Portugal existem, igualmente, diversos exemplares em Braga (Delgado e Santos, 1984, p. 58 e 59, n.º 14), um na Citânia de Briteiros (Serpa Pinto, 1929, p. 41, n.ºs 20-22; Oleiro, 1951, p. 24, n.º 45; Diogo, 1980 a, n.º 233), cinco em Conímbriga (Oleiro, p. 24, n.º 45; Diogo, 1980 a, n.º 234; Delgado, Mayet e Alarcão, p. 125, n.ºs 332-334; Diogo, 1980 a, n.ºs 237-239), um em Miróbriga (Almeida, 1974, p. 63 e 64, fig. 17, n.º 8; Dias, 1978, p. 391-392, n.ºs 120-121; Diogo, 1980 a, n.º 236, 241 e 241), um em Santo André (S. Cacém) (Diogo, 1980 a, n.º 240) e um com proveniência genérica do Algarve (Comfort, 1959, n.º 32; Diogo, 1980 a, n.º 243).

Outro dos grandes oleiros de La Graufesenque, **SECVNDVS**, está presente em Santarém, numa marca que, apesar de incompleta, detem uma das siglas mais comuns nesta assinatura: OFSECVN(...) (24567) (Oswald, 1964b, p. 287-288). Este oleiro, que produziu em La Graufesenque e Lezoux, possui 364 assinaturas registadas no *Index of Potter Stamps*, e a sua produção situa-se no período compreendido entre o reinado de Cláudio e o de Nero. Os dados cronológicos recentes apontam para que esta oficina tenha produzido desde 30/40 até aos inícios do século II, como o prova a presença de marcas deste oleiro na “fossa 80” e na “fossa 79” de La Graufesenque (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 145). Na Península Ibérica, conhecem-se marcas suas em diversos locais (Beltrán, 1990, p. 95), estando igualmente presente em inúmeros sítios do território hoje português, como Braga, (Delgado e Santos, 1985, p. 59, n.º 15), Monte Mozinho (Carvalho, 1998, p. 147, n.º 2126, est. LXIII); Conímbriga (Oleiro, 1951, p. 25, n.º 48; Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 126, n.ºs 338-342;

Diogo, 1980 a, n.º 249 e 257-261); Cardílio (Torres Novas) (Alarcão, 1966/67, p. 295 e 296, est. IV, n.º 13; Diogo, 1980 a, n.º 262), Tróia (Comfort, 1959, n.º 25), Aljustrel (Ferreira, 1964, p. 320, n.º 14, fig. 15; Diogo, 1980 a, n.º 254), Represas (Ribeiro, 1959, p. 84, est. VI, n.ºs 59 a 61; Diogo, 1980 a, n.ºs 251-253; Lopes, 1994, n.ºs 1170, 1171, 1920, 4243,) e Milreu (Oleiro, 1951, p. 25, n.º 48; Diogo, 1980 a, n.º 250). As marcas marroquinas são, não só da oficina de La Graufesenque, datadas entre Cláudio e Vespasiano, mas também de Lezoux, sob os Flávios (Laubenheimer, 1979, p. 164).

Sendo dos oleiros mais importantes em La Graufesenque, **SEVERVS** está atestado por 400 marcas (Oswald, 1964b, p. 296). A marca de Santarém (**24493**) está completa e pela dimensão do caixilho, que é rectangular com os ângulos arredondados, parece existir espaço para mais uma letra que não é possível identificar-se. As restantes letras são claras: OF SEVE, em que V e E estão em nexos. A sua produção, que terá decorrido, segundo Oswald (Oswald, 1964b), entre Nero e Vespasiano poderá ser alargada até ao período de Trajano, pois está presente na “fossa 79” de La Graufesenque (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 146). A sua cerâmica foi exportada não só para a Península Ibérica (Beltrán, 1990, p. 95), mas também para o Norte de África (Laubenheimer, 1979, p. 167). Em Portugal, está representada nas colecções de materiais provenientes de Briteiros (Oleiro, 1951, p. 26, n.º 52; Diogo, 1980 a, n.º 268), Conímbriga (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 126, n.ºs 343 e 344; Diogo, 1980 a, n.ºs 272 e 273), Represas (Ribeiro, 1958, p. 85, est. VI, n.º 63; Diogo, 1980 a, n.º 269; Lopes, 1994, n.º 4323) e Manuel Galo (Mértola) (Maia, 1974; Diogo, 1980 a, n.º 271) e Tróia (Maia, 1971, p. 149; Diogo, 1980 a, n.º 270).

A revisão da leitura das marcas apresentadas por Dias Diogo (Diogo, 1984), levou-me a propor que uma das marcas que anteriormente tinha sido classificada como Hispânica, se trate, na verdade de um produto de um oleiro do Sul da Gália. Trata-se da marca de **SEVERVS** (Diogo, 1984, p. 120, est. II, n.º 15) que se inscreve no fundo de um prato do tipo Drag. 15/17. A impossibilidade de observação directa desta peça leva-me de apresentar esta nova interpretação com bastantes reservas.

O oleiro **PONTIVS** ou **PONTVS** é bastante frequente em La Graufesenque, somando 146 marcas na obra de Oswald e, apesar de se conhecer um oleiro homónimo em Tricio, não há dúvida que a marca escalabitana teve origem no Sul da Gália (Oswald, 1964b, p. 243). A assinatura de Santarém OF PONT (**2915**) encontra-se em caixilho rectangular, com os ângulos arredondados. Trata-se de um oleiro que terá produzido entre Vespasiano e Trajano e na Península Ibérica, conhece-se apenas um exemplar proveniente de Braga (Delgado e Santos, 1984, p. 57-58, n.º 12), e outro de Represas (Beja) (Ribeiro, 1958, p. 82, n.º 49, est. V; Diogo, 1980 a, n.º 205; Lopes, 1994, n.º 6286) o que reflecte a sua raridade no Ocidente peninsular. Está atestada na Argélia (Guéry, 1979, p. 71, n.º 157), mas é desconhecida em Marrocos.

Entre os oleiros cuja produção não conheceu uma difusão tão vasta, está **CAPITO**, com apenas 43 marcas registadas no *Index of Potter Stamps* (Oswald, 1964b, p. 59). A sua produção centra-se no período entre Cláudio e Nero, e a marca de Santarém está incompleta, encontrando-se ausente a letra C, sendo os restantes caracteres bem legíveis: (...)APITO (**24309**). Na Hispânia, apenas se conhecem mais quatro exemplos em Ampúrias, Tarragona, Celsa e Vaiamonte (Beltrán, 1990, p. 92). Em Portugal, esta marca encontra-se em Vipasca (Ferreira e Andrade, 1964, p. 318, fig. 6; Diogo, 1980 a, n.º 47), Conímbriga (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 112, n.ºs 249 e 250; Diogo, 1980 a, n.ºs 48 e 49), Vaiamonte (Ferreira, 1969, p. 168; Diogo, 1980 a, n.º 50). A sua produção atingiu igualmente o Norte de África, conhecendo-se esta assinatura no território hoje argelino (Guéry, 1979, p. 47, n.º 22).

Uma das marcas mais duvidosas de Santarém é o exemplar n.º 1503, na qual apenas se lê (...) NIO. Apesar de só restar a parte final da sigla, julgo estar na presença do oleiro **LABIO**, que surge habitualmente com a fórmula **LABIONIS** ou **ABIONIO** (Oswald, 1964, p.157). Trata-se de uma interpretação algo arriscada, que por isso mesmo, deve ser tratada com alguma cautela. Apesar de ser apenas conhecido por 54 estampilhas, e com uma produção que decorreu entre Cláudio e Nero, esta oficina conheceu uma expansão relativamente ampla, existindo marcas suas documentadas em Espanha, em Ampúrias, Tarragona, Sagunto, Valeria, Mérida (Beltrán, 1990, p. 93), e, no território nacional, em Conímbriga (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 117, n.ºs 280-282; Diogo, 1980 a, n.ºs 111-113), Paredes (Alenquer) (Pereira, 1970, p. 55, n.º 4, est. II; Diogo, 1980 a, n.º 110) Lobeira Grande (Diogo, 1980 a, n.º 109), Represas (Ribeiro, 1959, p. 80, n.º 36, est. IV; Diogo, 1980 a, n.º 110; Lopes, 1994, n.º 3362) e Miróbriga (Dias, 1978, p. 387, n.º 107, est. IX, 5; Diogo, 1980 a, n.º 114). Exportou igualmente para o Norte de África, concretamente para Marrocos (Guéry, 1979, p. 58, n.ºs 78-82) e para a Argélia (Laubenheimer, 1979, p. 132-133).

A assinatura do oleiro **PAVLLVS** (14431), que produziu no período entre Vespasiano e Domiciano, existente em Santarém, teve origem em La Graufesenque (Oswald, 1964b, p. 235-236) e é em tudo idêntica à marca encontrada em Marrocos com as letras PAVLLVS bem desenhadas (Laubenheimer, 1979, p. 153, n.º 174, fig. 10 e 11). Além da marca marroquina, este oleiro não conheceu grande difusão para o norte de África, sendo conhecido na Península Ibérica em Ampúrias, Tarragona, El Pallao (Alcañiz), em Espanha (Beltrán, 1990, p. 94). Em Portugal, existem exemplares seus na Lobeira Grande e Represas (Ribeiro, 1959) e Sto. André (Nolen e Dias, 1981, p. 47, est. XV, D2.1.4).

Outro dos oleiros com produção que se considera de importância média é **RVFINVS**, com meia centena de exemplares no *Index of Potter Stamps* e que produziu em La Graufesenque e em Banassac no período compreendido entre Nero e Domiciano (Oswald, 1964b, p.268). A presença desta assinatura na “fossa 79” de La Graufesenque prolonga o período de laboração desta oficina até à primeira década do século II (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 145). A marca existente em Santarém está completa e apresenta a sigla OF.RVFINI em caixilho rectangular com os ângulos arredondados (23544). Este oleiro exportou por diversas vezes para Espanha: Tarragona, Lérida, Ampúrias, Elda, Culip IV (Gerona), Valeria e Churriana (Málaga) (Beltrán, 1990, p. 94); e para Portugal: para Represas (Ribeiro, 1958, n.ºs 117 e 118, p. 118, est. III; Diogo, 1980 a, n.ºs 224 e 225; Lopes, 1994, n.ºs 6062 e 6286), Lisboa (Moita, 1968, p. 65, n.º 10; Diogo, 1980 a, n.º 226) e Miróbriga (Dias, 1978, p. 391, n.º 119; Diogo, 1980 a, n.º 227). No Norte de África, os seus produtos tiveram ampla difusão, na Argélia e em Marrocos (Guéry, 1979, n.º 165 e 166, p. 74 e Laubenheimer, 1979, p. 157).

C. SILVIVS é um oleiro de La Graufesenque, com produção testemunhada por apenas 19 marcas registadas no *Index of Potters Stamps* e uma cronologia flaviana (Oswald, 1964b, p. 303). A marca de Santarém está completa e possui a sigla C. SILVI com caixilho rectangular de ângulos arredondados (24310). Esta assinatura, que não se deve confundir com a do oleiro **SILVIVS**, está atestada em vários locais na Península Ibérica (Beltrán, 1990, p. 95). Em Portugal identificou-se em Choças e Alcarias no Algarve (Diogo, 1980 a, n.º 282) e no Azinhal (Oleiro, 1951, p. 27, n.º 53; Diogo, 1980 a, n.º 283), conhecendo-se apenas um exemplar no Norte de África, em Marrocos (Laubenheimer, 1979, p. 132-133).

Julgo poder considerar a parte final da marca (...) **NTRVS** (3344) como pertencendo à oficina de **SENTRVS**, oleiro de dimensão média que produziu, em La Graufesenque, entre

Cláudio e Vespasiano (Oswald, 1964b, p. 294). Esta oficina está amplamente documentada em território espanhol, em sítios como Ampúrias, Tarragona, Vareia, Mérida, Málaga (Beltrán, 1990, p. 95). Em Portugal, surgiu em Coimbra (Alarcão, 1971, p. 51, n.º 13, est. I; Diogo, 1980 a, n.º 226) e Manuel Galo (Mértola) (Maia, 1974, p. 164, n.º 4, est. III; Diogo, 1980 a, n.º 267). No Norte de África, esta marca foi recolhida apenas na Argélia (Guéry, 1979, p. 77-79, n.ºs 193, 194 e 195)

Existem ainda em Santarém uma série de outras marcas que, dado o estado de conservação, colocam algumas questões relativamente à sua leitura e correcta atribuição. Refiro-me à marca que apenas permite a leitura de INR (...) (24308), para a qual não consegui encontrar qualquer menção nas obras de referência.

Não encontrei também paralelos, na bibliografia de referência ou em estudos regionais para uma outra marca, da qual apenas se conserva o final da sigla e para a qual proponho a leitura de (...) RIE (2916).

Quanto à marca OFM(...) (24307), poderá, eventualmente, relacionar-se com a grande oficina de MOMMO, de La Graufesenque, que produziu no período Cláudio-Vespasiano (Oswald, 1964b, p. 208). Das letras presentes, o primeiro O é pouco visível, o F tem os braços muito reduzidos, quase inexistentes, o M está bem desenhado e não coloca dúvidas, deixando espaço, no interior do caixilho, para a existência de uma outra letra que não se consegue ler, e que me parece deverá ser um outro O. Como refere Laubenheimer, trata-se de um oleiro tipicamente pré-flaviano, dos mais representados na Tingitania, juntamente com Vitalis (Laubenheimer, 1979, p. 143) e está bem representado na Argélia (Guéry, 1979, p. 65-68, n.ºs 123-134). Na Península Ibérica, este oleiro está igualmente entre os que maior número de marcas registam, quer em território espanhol quer português. Existem marcas deste oleiro em Braga (Delgado e Santos, 1984, p. 57, n.º 12), na citânia de Briteiros (Pinto, 1929, p. 39, n.º 12; Oleiro, 1951, p. 21, n.º 38; Diogo, 1980 a, n.º 153), na citânia de Sanfins, (Oleiro, 1951, p. 21, n.º 38; Diogo, 1980 a, n.º 154), cinco exemplares em Conímbriga (Oleiro, p. 21, n.º 38; Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 120, n.ºs 298-301; Diogo, 1980 a, n.ºs 155 e 158-159), no sítio de Represas (Ribeiro, 1958, p. 81, n.ºs 41 e 42, est. V; Diogo, 1980 a; Lopes, 1994, n.º 1931); em Miróbriga, (Pereira, 1971, p. 436, est. I, 5; Diogo, 1980 a, n.º 160), Egitânia, Torre de Palma e Vaiamonte, (Ferreira, 1969, p. 171; Diogo, 1980 a, n.ºs 161-163).

Parece possível a atribuição da marca cujos únicos caracteres visíveis são CENN (...) (24877) ao oleiro CENNATVS, que produziu em La Graufesenque entre Cláudio e Vespasiano, embora o segundo N se encontre bastante danificado (Oswald, 1964b, p. 72). Trata-se de um oleiro do qual apenas se conhecem 20 estampilhas no *Index of Potter Stamps*. Em Espanha, está presente nas coleções de Ampúrias e Valência (Beltrán, 1990, p. 92) e também na Argélia (Guéry, 1979, p. 50, n.º 34) e em Portugal encontram-se duas marcas desta oficina em Monte Mozinho (Carvalho, 1998, p. 147, n.ºs 277 e 1611, fig. LXIII) e uma em Represas (Ribeiro, 1958, p. 114, n.º 95, est. I; Lopes, 1994).

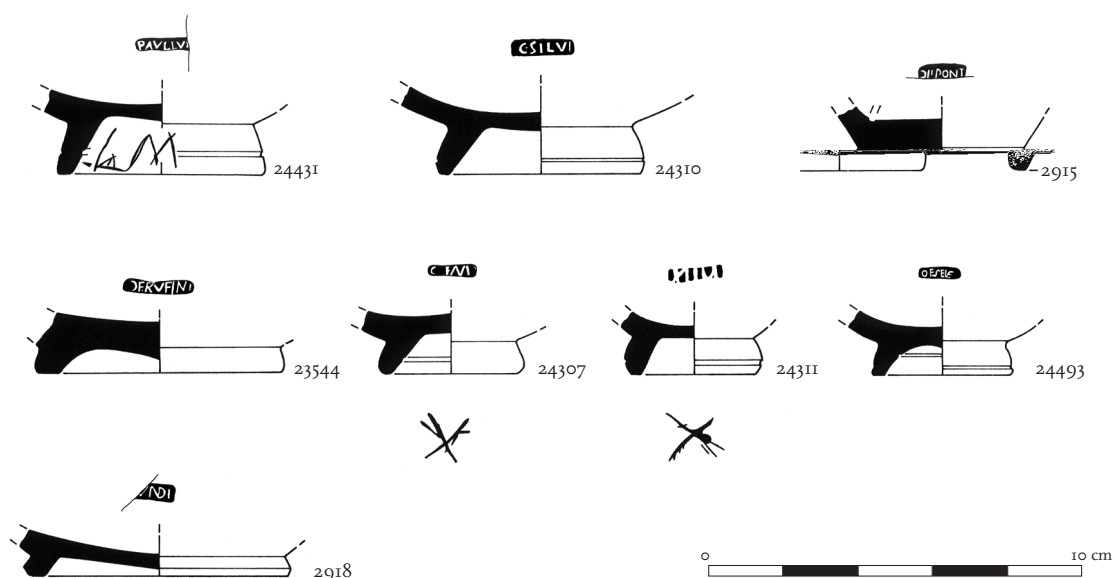
A marca 24156 é a única que se encontra numa forma identificável, Drag. 27, mas, dado o seu estado de conservação, é difícil a sua leitura. Proponho V(I)C(...) que poderá relacionar-se com o oleiro VICTOR de La Graufesenque e de Lezoux do período compreendido entre Domiciano e Adriano (Oswald, 1964b, p. 334). Trata-se de um oleiro médio, com noventa assinaturas, cuja presença em Portugal está atestada em *Cetóbriga*, Lobeira Grande (Ferreira, 1968, p. 176; Diogo, 1980a) e Represas (Ribeiro, 1958, p. 86, n.º 71, est. VI; Diogo, 1980 a, n.º 294, Lopes, 1994, n.º 1173).

Quadro dos oleiros sudgálicos representados em Santarém em comparação com Conímbriga, Alcácer do Sal, Represas e Miróbriga

Oleiros	Santarém	Conímbriga	Alcácer do Sal	Represas	Miróbriga
CAPITO	x	x		x	
CENNATVS	x				
IVCVNDVS	2 x	x	2 x	x	x
LABIO (?)	x	x	x	x	x
MOMO (?)	x	x		2 x	
PAVLLVS	x			x	
PONTIVS	x				
RVFINVS	x			2 x	x
SABINVS	x	x		x	2 x
SECVNDVS	x	x		5 x	
SENTRVS	x				
SEVERVS	x	x			
C.SILVIVS	x				
VICTOR (?)	x			x	

Em síntese, existem em *Scallabis* marcas das grandes oficinas de maior difusão para a Península Ibérica, como de IVCVNDVS, SECVNDVS, SEVERVS, C. SILVIVS e PONTIVS ou PONTIVS, registando-se igualmente outras de dimensão média, já documentadas, mas que não conheceram grande número de exemplares em sítios da Hispânica, como CAPITO, LABIO e LVCIVS S. SABINVS, RVFINVS e SENTRVS. Do ponto de vista cronológico e integrando os dados mais recentes dos depósitos de restos de fornos de La Graufesenque, verifica-se que as marcas testemunham um período de importações que se inicia, com regularidade, na época de Cláudio e que cessa já nos inícios do século II. Das treze marcas para as quais se propõe leitura quase metade concentra-se no período compreendido entre Cláudio e Vespasiano, pertencendo, portanto, à chamada fase de “esplendor” e de “transição” de La Graufesenque.



Por fim, registre-se ainda a presença de dois grafitos em X, no fundo externo de peças, cujas marcas não possibilitaram qualquer leitura dado o seu estado de conservação, ou que a permitiram, mas com reservas.






Quadro descritivo das marcas de *terra sigillata* sudgálica

N.º Inv.	Proveniência Ano/Sector/Q/UE	Oleiro	Leitura	Forma	Caixilho	Referência Oswald, 1964 b	Cronologia	Observações	Desenho (escala 1/1)
24309	99, 1C, [160]	CAPITO	[...] APITO	Taça	Rectangular ângulos arredondados	Oswald, 1964b, p. 59	Cláudio- Nero	La Graufesenque	
24877	99, 1, [sup]	CENNATVS (?)	CENN [...]	Taça	Elipse	Oswald, 1964b, p. 72	Cláudio- -Vespasiano	La Graufesenque Atribuição com reservas	
2914	90, c.IX, 1, 12	IVCVNDVS	OFICVN	Taça	Rectangular ângulos arredondados	Oswald, 1964b, p. 148	Cláudio-Flávios	La Graufesenque	
2918	89, c. 7, 4	IVCVNDVS	[...] VNDI	Taça	Rectangular ângulos arredondados	Oswald, 1964b, p. 148	Cláudio- Flávios	La Graufesenque	
1503	89, c.7, 4	LABIO (?)	[...] NIO	Taça	Rectangular ângulos arredondados	Oswald, 1964b, p. 157	Cláudio-Nero	Leitura da fórmula LABIONIO La Graufesenque	
24307	99, 1C, [159]	MOMMO (?)	OFMO	Taça	Rectangular ângulos arredondados	Oswald, 1964b, p. 208	Cláudio- -Vespasiano	Tem grafito X no fundo externo La Graufesenque Atribuição com reservas	
24431	99, 1C, [172]	PAVLLVS	PAVLLVS	Taça	Rectangular ângulos arredondados	Oswald, 1964b, p. 236	Vespasiano- -Domiciano	La Graufesenque	
2915	..., c.7, 4	PONTIVS ou PONTVS	OF.PONT	Taça	Rectangular	Oswald, 1964b, p. 243	Vespasiano- -Trajano	La Graufesenque	
23544	99, 1C, [88]	RVFIVS	OF.RVFINI	Taça	Rectangular ângulos arredondados	Oswald, 1964b, p. 268	Nero-Domiciano	La Graufesenque e Banassac	
2912	94/95, Q 2, 3	SABINVS	[...] F SABINI	Taça	Rectangular ângulos arredondados	Oswald, 1964b, p. 272 e 273	Nero-Domiciano	La Graufesenque	
24567	99, 1C, [160]	SECVNDVS	OF SECVN[...]	Indet.	Rectangular	Oswald, 1964b, p. 287 e 288	Cláudio- -Vespasiano	La Graufesenque	
3344	c.2,] 14, 5	SENTRVS	[...] NTRVS	Indet.	Rectangular (?)	Oswald, 1964b, p. 294	Cláudio- -Vespasiano	La Graufesenque	
24493	99, 1C, [159]	SEVERVS	OF SEVE [...]	Taça	Rectangular	Oswald, 1964b, p. 296	Nero-Vespasiano	La Graufesenque	
24310	99, 1C, [159]	C.SILVIVS	C.SILVI	Taça	Rectangular	Oswald, 1964b, p. 303	Flávios	La Graufesenque	
24156	99, 1C, [142]	VICTOR (?)	V[...][C][...]	Drag. 27	Rectangular ângulos arredondados	Oswald, 1964b, p. 334	Domiciano - -Adriano	La Graufesenque (leitura com reservas)	
24308	99, 1C, [160]	(?)	INR [...]	Taça	Rectangular	—	—	—	

Quadro descritivo das marcas de *terra sigillata* sudgálica ilegíveis

N.º Inv.	Proveniência Ano/Sector/ Q/UE	Oleiro	Leitura	Forma	Caixilho	Referência Oswald, 1964 b	Cronologia	Observações	Desenho (escala 1/1)
24311	99, 1C, [159]	ilegível	—	Taça	Rectangular ?	—	—	Tem grafito X no fundo externo	
2573	94/95, Q 14/ 17 W, 4	ilegível	—	Drag. 27	Rectangular ângulos arredondados	—	—	—	
2916	83, B, 3	ilegível	[...] E.	Taça	Rectangular	—	—	Tem grafito X no fundo externo	—
24492	99, 1C, [159]	ilegível	OFN (?)	Taça	Elipse	—	—	—	—
2780	97, Q 1, 1	ilegível	—	Taça	Rectangular	—	—	—	—
24768	99, 1C, [172]	ilegível	—	Taça	—	—	—	—	—

Quadro descritivo dos grafitos de *terra sigillata* sudgálica

N.º Inv.	Proveniência	Leitura	Forma	Local na peça	Observações	Desenho (escala 1/1)
2916	83, B, [3]	X	Taça	Fundo externo	Marca ilegível	
24311	99, 1C, [159]	X	Taça	Fundo externo	Marca ilegível	
24307	99, 1C, [159]	X	Taça	Fundo externo	Marca de MOMMO (leitura c/reservas)	
24431	99, 1C, [172]	LM [...]	Taça	Pé interno	Marca de PAVLLVS	

Descrição do fabrico das marcas sudgálica

PROVENIÊNCIA				TIPO			FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM				PASTA		ENGOBE		
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.P.	L.M.	C.M.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homogeneidade	
1503	89	C 7		4	taça	1	fundo	—	24	29	4,3	2,5YR 6/8	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	
2573	94/95	—	Q 14/ 17 O	4	Drag. 27	4	bordo/ parede/pé	35,7	—	—	4,9	10R 5/8	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	não homogéneo	
2777	87	—	I 10	4	taça	2	fundo	55	34	49	4,4	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	não homogéneo	
2778	85	—	F 15	3b	indet.	1	fundo	—	21	24	4,9	2,5YR 6-5/6	2,5YR 5-4/8	mate	espesso	homogéneo	
2780	97	—	Q 2	1	taça	1	fundo	35	12	34	2	10R 5/6	2,5YR 5-4/8	mate	espesso	homogéneo	
2912	94/95	—	Q 2	3	taça	1	fundo	—	22	38,6	4,4	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	
2914	90	C IX	1	12	taça	1	fundo	—	18	18	6	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	
2915		C 7		4	taça	1	fundo	45	29	48	4,9	2,5YR 6/6	10R 3/6 e 3/4	mate	fino	não homogéneo	
2918	89	C 7	—	4	taça	1	fundo	70	34	42	5	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	
2916	83	B	—	3	taça	1	fundo	35	21	29	3	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	não homogéneo	
3344	—	—	J 14	5	indet.	1	fundo	—	14	16	2,5	10R 5/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	
24431	99	1	C	172	taça	3	fundo/pé	50	43,4	47,4	4,5	2YR 6/6	2,5YR 5/8	brilhante	espesso	homogéneo	
24307	99	1	C	159	taça	7	fundo/pé	40	35	49	—	2,5YR 6-5/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	
24308	99	1	C	160	TAÇA	1	FUNDO	—	28	30	5	2,5YR 6/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	
24309	99	1	C	160	taça	1	fundo	15	16	2,6	2,5YR 5/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo		

Descrição do fabrico das marcas sudgálica [cont.]

PROVENIÊNCIA				TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM				PASTA		ENGOBE		
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.P.	L.M.	C.M.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homogeneidade
24310	99	1	C	159	taça	3	fundo/pé	55	34	55	4,5	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	mate	espesso	homogéneo
24311	99	1	C	159	taça	1	fundo	37	36	36	—	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo
24492	99	1	C	159	taça	1	fundo	—	11	15	2,5	2,5YR 5/8	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo
24493	99	1	C	159	taça	1	fundo/pé	36	34	40	—	2,5YR 5/6	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	não homogéneo/ a estalar
23544	99	1	C	88	taça	1	fundo	65	65	65	—	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo
24156	99	1	C	142	Drag. 27	28	bordo/parede/ fundo	—	—	—	—	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo
24567	99	1	C	160	indet.	1	fundo	—	14	21	6,5	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	—	—	não homogéneo
24768	99	1	C	172	taça	1	fundo	—	11	12	2,6	10R 5/8	2,5YR 5/8	brilhante	—	homogéneo
24877	98	—	—	sup	taça	1	fundo	—	13	18	3	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo

3.4.4. A sigillata sudgálica de Santarém no quadro das importações para o território actualmente português e para a Lusitânia

Embora em quantidades reduzidas, a primeira *sigillata* sudgálica deve ter chegado a Santarém, em torno ao início da década de 20 d.C. quando as produções de tipo itálico ainda dominavam o mercado, como o documenta a presença de formas como a Drag. 17 b.

O *terminus* das importações terá sido anterior ao final do século I, pois as formas dos serviços ditos flavianos, como as Drag. 35/36 e Curle 15, existem em número muito reduzido. Mais elucidativos que os dados das formas lisas, cujos tipos dominantes ocorrem num período relativamente longo, é a análise das marcas de oleiro que permite uma maior precisão cronológica, pois conhecem-se bem os períodos de laboração dos vários oleiros presentes na cidade escalabitana. Deste modo, verifica-se que as importações ocorreram num período entre Tibério e o final século I, com o auge entre Cláudio e Vespasiano.

A análise das formas decoradas mostra um quadro cronológico idêntico com o predomínio das composições que fazem parte dos repertórios utilizados nos períodos de esplendor e de transição do centro produtor de La Graufesenque, portanto entre 40 e 80 d.C.

De uma maneira geral, Santarém seguiu o padrão de importações de produtos do Sul da Gália para o território mais ocidental da Hispânia, que tinha já sido definido para a cidade de Conímbriga. Efectivamente, o grosso das importações para aquele sítio concentra-se no início do segundo quartel do século I e, não atingindo os seus finais, tem o seu auge no período de Cláudio a Vespasiano (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975 p. 69). Apesar de estarem presentes diversas outras formas, são as mais comuns que dominam o conjunto, com a taça Drag. 27 em primeiro lugar, logo seguida do prato Drag. 18/31, da taça Drag. 24/25 e do prato Drag. 15/17.

Santarém abasteceu-se exclusivamente nos mercados de La Graufesenque, e em termos proporcionais, tem o mesmo peso quantitativo, face aos restantes fabricos de *sigillata*, que Conímbriga e Belo. Efectivamente, em Santarém e Conímbriga a percentagem deste fabrico é de 30%, sendo ligeiramente inferior em Belo (24%). Os sítios de Represas e do Pessegueiro ultrapassam um pouco estes valores, com cerca de 31% e 36% respectivamente, e, pelo contrário, Tróia e S. Cucufate receberam, proporcionalmente, quantidades relativamente menores de cerâmicas com origem no Sul da Gália registando 12,18% e 5,12%, respectivamente.

Em Mérida, o quadro das importações de *sigillata* sudgálica traçado por F. Mayet, aponta para o seu início no período de Tibério, registando-se o *floruit* com Cláudio e Nero (Mayet, 1978, p. 87). Verifica-se nesta cidade, como aliás em outros sítios, que é sob os Flá-

vios que se inicia a quebra repentina das importações, facto que está relacionado com o crescente domínio dos mercados por parte dos produtos hispânicos (Mayet, 1978, p. 92). Os dados cronológicos são obtidos sobretudo através da análise do período de laboração dos oleiros que abasteceram Mérida, devendo notar-se que em 55 marcas, 37 pertencem a oleiros que começaram a trabalhar no período claudiano. No conjunto das formas, Mérida não recebe, exclusivamente, as quatro formas mais comuns (Drag. 18, Drag. 24/25, Drag. 27 e Drag. 15/17) demonstrando alguma diversidade no leque de tipos importados. Entre as formas decoradas, é a forma Drag. 29 que domina, perante o número igualmente significativo das formas Drag. 37 e 30 (Mayet, 1978, fig. 2).

Como já verificámos ao longo do estudo que desenvolvemos das formas lisas e decoradas, a panorâmica proposta por A. Bourgeois e F. Mayet para a cidade bética de Belo não se afasta muito do quadro que se tem vindo a expor (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 167-169). Na observação do ritmo das importações desta cidade, verifica-se que, apesar do longo período de consumo das *sigillatas* com origem no Sul da Gália (desde antes de 40 até 120) mais de 80% dos materiais com cronologia segura situam-se entre 40 e 80 d.C. (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 168).

Não volto a chamar aqui a atenção para a natureza diversa dos materiais provenientes de sítios no território português, que nos servem para comparação com as informações de Santarém. O recenseamento dos locais que importaram *sigillata* da Gália interessa sobretudo para confirmar ou não o quadro cronológico genericamente aceite para a difusão dos produtos rutenos no território nacional, bem como para procurar determinar a presença de eventuais padrões na importação deste tipo de produtos.

A *terra sigillata* sudgálica de Monte Mozinho constitui 26% do total, e não tem origem unicamente em La Graufesenque, tendo sido igualmente identificados exemplares com origem no centro produtor, também sudgálico, de Montans (Carvalho, 1998, p. 40). A autora chama a atenção para a ausência de peças decoradas e para a monotonia do repertório das formas lisas, onde apenas se identificaram os tipos mais comuns como as taças Drag. 24/25 e Drag. 27, e os pratos Drag. 18/31 e Drag. 15/17. Além destas, existem umas escasas cinco peças que se distribuem pelas formas Drag. 35/36, Drag. 16 e Drag. 17 a (Carvalho, 1998, p. 39). No conjunto, confirma-se que o período de maior fluxo destes materiais ocorreu durante os reinados de Cláudio e Nero.

Na falta de dados sobre as quantidades de *terra sigillata* encontrada em *Bracara Augusta*, apenas se pode atender à quantidade de marcas, que poderá indicar uma percentagem de *terra sigillata* sudgálica com um volume significativo (Delgado e Santos, 1984, p. 49-70 e Delgado 1985, p. 9-40). Já foi assinalado oportunamente, o conjunto de oleiros cujas assinaturas também encontramos em Santarém.

Das recolhas antigas efectuadas na cidade de Coimbra, concretamente do pátio da Universidade, conhece-se apenas uma Drag. 15/17 com marca de Albanus, oleiro da Graufesenque activo no período compreendido entre Cláudio e os Flávios e uma peça Drag. 37 decorada, com datação proposta do período de transição (Alarcão, 1971, p. 50-52, est. I, n.º 12 e est. II, n.º 14).

Como já tive oportunidade de referir anteriormente, conhece-se actualmente a *sigillata* proveniente dos níveis arqueológicos anteriores à construção do criptopórtico de *Aeminium* (Carvalho, 1998, p. 63-72). De facto, e na ausência de *sigillata* com origem hispânica, é a *sigillata* sudgálica que funciona como elemento cronológico para se atribuir a datação deste conjunto monumental ao reinado de Cláudio. No conjunto, P. Carvalho assinala a presença maioritária de peças das formas lisas mais comuns (Drag. 15/17, Drag. 24/25, Drag. 18 e Drag. 27) e também das típicas decoradas Drag. 29 e 30, adquirindo particular significado a ausência dos chamados serviços flavianos (Carvalho, 1998, p. 66).

A *sigillata* sudgálica é quase inexistente na *villa* de S. Pedro de Caldelas (Tomar), estando apenas documentadas duas peças das formas Drag. 15/17 e Drag. 18 (Ponte et al., 1988, p. 72)

São escassas as peças em *sigillata* sudgálica provenientes da *Villa* de Povos (Vila Franca de Xira), e, além das formas mais comuns, apenas há a referir a existência de duas marcas de oleiros de La Graufesenque (CARBO e MACARVS) (Dias, 1998, p. 16)

No sítio da Azeitada (Almeirim), possível *villa* da margem esquerda do Tejo, o conjunto de *terra sigillata* sudgálica, proveniente de recolhas superficiais, é composto por sessenta e um fragmentos com forma identificada e por uma série de sete fragmentos decorados de forma indeterminada. Novamente se regista a presença, quase massiva, das formas mais típicas, registando-se apenas uma forma Drag. 33 e outra Drag. 35, além das formas decoradas Drag. 30 e 37 (Quinteira, 1998, p. 162). O conjunto das formas lisas não merece nenhum comentário especial. Pelo contrário, a série de peças decoradas é bastante rica. Com base na documentação das estampas, verifico a presença de vários tipos de composições como as grinaldas (Quinteira, 1998, est. II, n.º 10 e est. III, n.º 6 e também possivelmente o n.º 7 da est. II, pelo menos no friso inferior); as arcadas com temas figurados, neste caso mitológicos (est. III, n.º 1) sendo impossível determinar que motivos incluem (Quinteira, 1998, est. II, n.º 9); o n.º 11 da est. II parece pertencer à composição das cruzes de Santo André. Se nos basearmos exclusivamente nas informações das seis marcas, que infelizmente não se encontram ilustradas, o conjunto apresenta uma cronologia centrada entre 40 e 80 d.C. (Quinteira, 1998, p. 165-167). Julgo, no entanto, bastante difícil manter que a marca XANTI pertence ao oleiro sudgálico, pois esta assinatura deve pertencer ao oleiro itálico, trabalhador de CN.ATEIVS.

Na impossibilidade de se dispor de dados sobre a ocupação romana da cidade de Lisboa, e sobre a importação de cerâmicas do Sul da Gália, pode no entanto recorrer-se aos materiais do Alto da Cidreira, *villa* romana situada a norte de Cascais (Nolen, 1988, 61-140). A escassez de exemplares de *sigillata* sudgálica e a ausência de formas decoradas mostra uma ocupação que se inicia, ainda que timidamente, no século I (Nolen, 1988, p. 73).

Em Tróia, a *terra sigillata* sudgálica corresponde a 12,18% do total, e constitui o elemento datante do início das fábricas de preparados piscícolas, apontado para meados do século I (Étienne, Makaroun e Mayet, 1994, p. 30). Apesar do leque de formas ser bastante variado, são novamente as quatro formas mais típicas as dominantes e regista-se a presença de formas decoradas pré-flavianas “(...) ce qui donne une chronologie assez haute de ces importations Claude-Néron essentiellement” (Étienne, Makaroun e Mayet, 1994, p. 33).

Ainda no estuário do Sado, é a presença de alguns fragmentos indeterminados de *sigillata* sudgálica que marca o começo da laboração dos fornos de ânforas identificados no Largo da Misericórdia, em Setúbal, que terá ocorrido no período de Tibério-Cláudio (Silva, 1996, p. 45). Pode mesmo considerar-se que, tal como sucedeu em Tróia, as *sigillatas* itálicas encontradas em Setúbal, devem ter atingido esta cidade ao mesmo tempo que surgiam as primeiras importações sudgálicas.

Não estando ainda disponível o estudo dos materiais provenientes das recentes escavações levadas a cabo no Castelo de Alcácer do Sal, conhecem-se as publicações das marcas de *sigillata* do final dos anos setenta e oitenta. O conjunto de marcas sudgálica é bastante reduzido se comparado com a abundante série de marcas itálicas. Efectivamente, de um conjunto de noventa e sete marcas publicadas, sessenta e sete são itálicas. Apenas dezoito têm origem no Sul da Gália e doze em Trício (Dias, 1978, p. 145-153; Faria Ferreira e Diogo, 1987, p. 61-76 e Silva et al., 1981, p. 189-190). Este dado aponta, como já foi mencionado *supra*, para um decréscimo significativo das importações para esta cidade, que, tal como apontou Dias Diogo, se deve situar no final do período de Augusto (Diogo, 1985, p. 142).

Tal como sucede em outros locais, da grande variedade de formas que foram produzidas no Sul da Gália, apenas chegaram à Tourega (Évora) as quatro formas mais características, juntamente com alguns exemplares das formas Drag. 35 /36 (Pinto, Dias e Viegas, no prelo). A maioria dos produtos têm origem em La Graufesenque, mas também existem testemunhos dos oleiros de Montans. Apenas se recolheu um fragmento decorado.

Conforme já mencionámos *supra*, tal como em Conímbriga e Santarém, Represas detém uma proporção de *sigillata* sudgálica idêntica à destes sítios, situando-se em torno dos 31% (Lopes, 1994, p. 37). Além das produções de La Graufesenque, este sítio recebeu também, embora com carácter claramente minoritário, *sigillata* de Montans. Além do peso sempre dominante das quatro formas já habituais, sobressai o facto de o conjunto ser bastante diversificado, apesar de algumas formas estarem apenas representadas por escassos exemplares. O início das importações é apontado ainda para o período de Tibério, o que está documentado não só pela presença de determinadas formas como a Drag. 16 e 17 B, mas também pela presença de exemplares antigos da forma Drag. 27, de perfil itálico ainda com a decoração de guilhoché e bordo de lábio demarcado (Lopes, 1994, p. 39). As formas fechadas, sempre muito raras fora dos centros produtores, existem em Represas, quer nas formas lisas quer nas decoradas. Entre estas últimas, são as decorações e perfis flavianos que dominam, dada a abundância da forma Drag. 37 (Lopes, 1994, p. 40). Significativo é o amplo conjunto de marcas provenientes deste sítio. Muitas foram publicadas por Nunes Ribeiro, (Ribeiro, 1959, p. 71-121), e permitem verificar que apesar do período das importações sudgálicas ter ocorrido entre o reinado de Tibério e, pelo menos, até ao de Trajano, uma parte significativa das marcas pertencem a oleiros que produziram entre a época de Cláudio e Vespasiano (Lopes, 1994, quadro II).

A evolução do poder de compra dos habitantes da *villa* de S. Cucufate, lê-se no acréscimo das aquisições de *sigillata* apenas a partir dos finais do século II. A *sigillata* sudgálica constitui, portanto, uma percentagem reduzida no conjunto (apenas 5%) (Alarcão, Étienne e Mayet, 1990). Este dado é perfeitamente consonante com a evolução do sítio, já que a construção da *villa* II está datada de 120/130, sendo no Baixo Império que a *villa* adquire características verdadeiramente monumentais. Além da possibilidade, que é deixada em aberto de existir *sigillata* de Montans também em S. Cucufate, não se conhecem mais dados sobre as formas aí representadas (Alarcão, Étienne e Mayet, 1990, p. 249)

De Miróbriga, a *terra sigillata* existente no Museu de Santiago de Cacém corresponde a um conjunto de quase setecentos fragmentos, dos quais mais de metade são de *sigillata* sudgálica (Dias, 1978, p. 361-401). Nas formas lisas, além das habituais, estão documentados os tipos Ritt. 1, 5 e 8 que apenas registam um exemplar cada, e taça Drag. 33. As formas do serviço flaviano Drag. 35 e 36 são escassas. Os tipos decorados dominantes são as formas Drag. 30 e 37 e, em menor número, a Drag. 29, com composições de grinaldas, cruces de Sto André, métopas simples e compartimentadas e arcadas, combinando múltiplos motivos das oficinas rutenas (Dias, 1978, p. 369-387). A cronologia das dezoito marcas aponta para o período áureo das importações entre Cláudio/Nero e Vespasiano.

Com a mesma cronologia, estão documentados, no extremo sul da Lusitânia, algumas peças de *sigillata* sudgálica provenientes do sítio da Lezíria (Arruda e Dias, 1985, p. 111-124).

Da antiga *Balsa* (Torre d'Ares – Tavira), o conjunto de *terra sigillata* sudgálica apresenta uma cronologia em que se as formas lisas são essencialmente anteriores aos Flávios, e as decoradas, pelo contrário correspondem a um período algo posterior (Nolen, 1994, p. 71).

Trabalhos arqueológicos de emergência, levados a efeito no sítio designado por Quinta do Marim, permitiram recuperar não só estruturas relacionadas com a preparação de preparados piscícola, como também uma sequência estratigráfica significativa (Silva, Soares e

Coelho-Soares, 1992, p. 335-374). A *terra sigillata* sudgálica recuperada documenta um momento de ocupação deste sítio datado da segunda metade do século I e do século II, para o qual não foram encontradas as respectivas estruturas, pois a fábrica de salga terá sido construída em finais do século II, inícios do século III (Silva, Soares e Coelho-Soares, 1992, p. 343). Não obstante, a *terra sigillata* com origem no Sul da Gália corresponde a 25% da *sigillata* recuperada, com predomínio das formas lisas, e, entre estas, são as formas habituais (Drag. 15/17, Drag. 18, Drag. 24/25 e Drag. 27) as mais frequentes (Silva, Soares e Coelho-Soares, 1992, p. 345)

Se se procurar, em Santarém, outros testemunhos do comércio com a Gália, verifica-se que, além da *sigillata*, está apenas documentado um tipo específico de paredes finas produzido nesta região. O comércio de produtos da Gália para o extremo ocidental da Península Ibérica centrou-se essencialmente nas cerâmicas finas de mesa. Embora existam alguns testemunhos de importação de produtos alimentares com origem na Gália, presentes no registo arqueológico através dos exemplares das ânforas Gaulesas, estes são muito escassos. Este facto não é de estranhar pois sabe-se que (...)“G 4 amphoras were widely distributed in Gaul, the Rhineland and Britain, and were also exported to Italy and elsewhere around the Mediterranean- including some in the east. The Rhône - Rhine axis seems to have been the principal route to the north (...)” (Tyers, 1996, p. 95).

De uma maneira geral, foi sobretudo a *sigillata* com origem em La Graufesenque que abasteceu os mercados da Península Ibérica e o território português não é excepção. Apesar de serem sempre minoritários, a mancha de dispersão dos produtos de Montans tem tido uma expansão considerável nos últimos anos, à medida que novos materiais são publicados. Além destes locais de produção, chegam ao território nacional os produtos de Lezoux e Banassac, como já referi *supra*.

Se relativamente à *sigillata* de tipo itálico, Santarém se destaca claramente dos modelos de abastecimento habitualmente propostos para o território português, tipificados no sítio de Conímbriga, o mesmo não se pode dizer quanto à *sigillata* sudgálica. De facto, o quadro do aprovisionamento é idêntico ao estabelecido para os centros urbanos que nos serviram de comparação, como Conímbriga, Mérida e Belo. É de mencionar, uma vez mais, que são as mesmas formas, as mesmas decorações e as mesmas cronologias que estão genericamente presentes nestes sítios.

A substituição das *sigillatas* itálicas pelas sudgálicas está documentada na estratigrafia de Belo numa data em torno de 45 d.C. (Beltrán, 1990, p. 97). Em Portugal, não existem dados estratigrafados que permitam uma observação semelhante. No entanto, se atendermos exclusivamente aos dados cronológicos estabelecidos pelas tipologias de referência, constata-se que, no final do período de Tibério e Cláudio, começavam a introduzir-se no mercado os produtos do Sul da Gália, num momento em que os produtos de tipo itálico ainda eram comercializados.

Se analisarmos também o momento final das importações de *sigillata* sudgálica em Santarém, ele reveste-se de um significado particular. Julgo que o momento final deste comércio deve ter-se dado em torno ao final do século I, ou mesmo nos inícios do século II, numa altura em que o ritmo das importações de *sigillata* sudgálica estava já a decair. Ora este declínio, que é um dado que se repete genericamente do mesmo modo nos restantes sítios analisados, tem, como já referi, um significado particular em Santarém porque marca exactamente o declínio da própria cidade, ou, pelo menos, do núcleo da Alcáçova. De facto, verifica-se que o volume de importações anteriormente registado não voltará a ser atingido e que a *sigillata* hispânica e os produtos africanos tardios, *sigillata* hispânica tardia e focense tardia são, proporcionalmente, muito pouco relevantes.

3.5. A *sigillata* hispânica

3.5.1. Caracterização dos fabricos de Andújar e Tricio, origem e difusão

A partir do século I, diversas áreas da Península Ibérica iniciaram o fabrico de *terra sigillata*, imitando as formas sudgálicas e de tipo itálico. Tal como para os restantes fabricos, o início da produção está ainda envolto em inúmeras dúvidas, questionando-se o papel de alguns agentes isolados como difusores desta tecnologia.

Entre a *sigillata* hispânica distingue-se actualmente, a produzida durante o século I-II, que agora se descreve, e a produção tardia dos séculos III a V que se reserva para um outro ponto deste trabalho (3.7.). Na verdade, mesmo entre as cerâmicas hispânicas alto imperiais, devem separar-se os materiais provenientes não só dos grandes centros produtores (Tricio e Andújar), mas também os dos conjuntos de oficinas mais reduzidas que continuam a ser identificados no território actualmente espanhol. Interessa-me particularmente a produção dos dois primeiros, porque foi a que atingiu, mais facilmente, o território hoje português, e porque a questão da difusão dos seus produtos continua a ser uma problemática actual, como o expressa a bibliografia mais recente sobre o tema (Roca e Fernández Coords., 1999). Não pode, no entanto, esquecer-se a importância dos resultados obtidos através de análises químicas em Monte Mozinho, que revelaram a presença, além da *sigillata* de Tricio, de um outro fabrico seu contemporâneo de origem hispânica, cuja proveniência exacta é ainda desconhecida (Carvalho, 1998, p. 75-77). Efectivamente, estes dados permitem uma leitura mais clara sobre a difusão da *terra sigillata* hispânica, sobretudo para o noroeste peninsular, portanto para uma área geográfica muito afastada da que aqui se trata.

A área de produção de maior importância da Hispânia foi, sem dúvida, Tricio (antiga *Tritium Magallum*), conhecida na bibliografia por centro produtor de La Rioja ou oficinas do Vale do Ebro. Inclui não só as estruturas de produção de Tricio, mas também de outras na mesma região, como Bezares, Arenzana de Arriba e Nájera (Mezquíriz, 1985, p. 114). Condições geográficas favoráveis na obtenção de matérias primas e combustível, assim como a existência de uma densa rede viária terrestre e fluvial (rio Ebro), foram factores certamente importantes na implantação das oficinas neste local. A distribuição dos produtos fez-se, ao que tudo indica, utilizando grandes cidades como *Caesaraugusta* e Mérida, como centros redistribuidores para a Tarraconense e para a Lusitania, respectivamente (Sáenz e Sáenz, 1999, p. 70).

Infelizmente, são ainda os dados da estratigrafia de Pamplona que servem para conhecer a evolução das formas de *terra sigillata* hispânica, desde meados do século I até aos inícios do século V (Mezquíriz, 1985, p. 110). Por enquanto, estes dados são ainda os utilizados, apesar de estar de acordo com Pilar e Carlos Saénz Preciado quando referem que é urgente estabelecer estudos apoiados em estratigrafias seguras, pois não pode continuar-se a aceitar, sem reservas, os “... dados tipológicos que los trabajos clásicos han establecido casi como dogmas de fe” (Saénz e Saénz, 1999, p. 65). O apogeu destes fabricos ocorreu no período entre a segunda metade do século I e a primeira metade da centúria seguinte.

Não é fácil encontrar descrições claras para este fabrico. Mayet associa-o à série A descrita por Boube para os materiais hispânicos descobertos na Mauritânia Tingitânia e refere “Comme dans toute production céramique, il est difficile de donner des caractéristiques générales de couleur de pâte et de vernis. Toutefois, en prenant un tessou de bonne qualité, représentatif de la sigillée hispanique du Haut-Empire, provenant de Tricio, nous pouvons dire que la pâte est plus tendre que la pâte de la sigillée gauloise, avec une couleur variant autour de Munsell 2.5YR 6/6 et 6/5, avec des vacuoles et des grains jaunâtres. La

fracture, moins nette que dans les sigillées gauloises, est cependant plus régulière que dans les produits d'Andújar. (...) La couleur la plus fréquente du vernis tourne autour de Munsell 2.5YR 4/6 e 4/8, sans jamais leur correspondre réellement. Dans les descriptions simplifiées, le vernis est presque toujours orangé, plus ou moins brillant et adhérent; la surface est légèrement grenue, comme une peau d'orange, caractéristique que nous n'avons pas constaté sur les produits d'Andújar." (Mayet, 1984, p. 66)

A difusão deste fabrico fez-se sobretudo no seio da Península Ibérica, embora tenha alcançado a região do sudeste francês, Grã Bretanha, Ostia e o Norte de África. Neste último caso, estão presentes não só os produtos de Tricio, mas também os de Andújar.

O centro produtor de Andújar, também conhecido na bibliografia por Los Villares (Jaén) ou oficinas da bética, situa-se junto ao Guadalquivir e foi identificado em 1971 por M. Sottomayor. Apesar de existirem vestígios de outras oficinas no Sul, na região de Málaga e Granada, Andújar constituiu o local de produção de maior importância. Trata-se de um sítio com tradição oleira anterior e que durante o período de laboração dos fornos de *terra sigillata*, produziu igualmente cerâmica comum, cerâmica ibérica pintada, paredes finas e lucernas (Sottomayor, Roca e Fernández, 1999, p. 21). Se é pacífica a cronologia apontada para o início da produção, época de Tibério-Cláudio, os autores têm dificuldade em saber qual a data do seu *terminus*, mas tudo aponta para que as últimas fornadas tenham tido lugar em meados do século II (Sottomayor, Roca e Fernández, 1999, p. 32).

Se é difícil a caracterização física dos produtos de Tricio, para os de Andújar o caso é ainda mais complicado. Mayet considera que este fabrico corresponde à série B que Boube identificou em Marrocos em 1968 (Mayet, 1984, p. 41), enquanto Mezquíriz considera que as séries A e B de Boube são ambas de Andújar, correspondendo aos dois fabricos descritos por M. Roca para este centro produtor (Mezquíriz, 1985, p. 115). Pode reter-se então a descrição de Roca "En general domina el tipo de pasta oscura, de la gama de los sienas, com cantidad abundante de partículas amarillentas arcilloso-calcáreas, vacuolas en general bastante grandes, alargadas; en algunos casos , granos de cuarzo; poco dura y fractura de aspecto más o menos exfoliable. El barniz oscila entre el color tierra de siena tostada oscuro y el rojo inglés; poco brillante, en muchos casos mate, espeso, bastante homogéneo y adherente; características todas ellas presentes en la serie B de Boube.

Pero una parte de la piezas, en proporción sensiblemente menor, aparece una pasta rosada-amarillenta, más clara que la anterior, de la gama de los ocre; igualmente com partículas amarillentas, vacuolas pequeñas, más clara en general que la anterior y com fractura de aspecto granuloso. El color del barniz es también ocre, más o menos rojizo y de calidad más o menos brillante; a veces ligeramente granuloso al tacto, poco espeso pero muy homogéneo y adherente; descripción que coincide en líneas generales com la serie A de Boube". (Roca, 1976, p. 28).

Em 1982, Serrano indicava uma peça de Mérida como o exemplo da mais setentrional distribuição destes produtos, que tinham a Andaluzia como área preferencial de consumo (Serrano, 1983, p. 151-157). A difusão das produções de Andújar tem vindo a ser alargada à medida que novos resultados são divulgados e deve hoje ser redimensionada à luz desses dados. O transporte dos produtos tinha como linha de escoamento a importante via fluvial que constituiu o Guadalquivir, conhecendo-se exportação para a *Mauritania Tingitania*. (Sotomayor, Roca, Fernández, 1999, p. 34)

É extenso o repertório de formas de *terra sigillata* hispânica, distinguindo-se os tipos que seguem os modelos sudgálicos e os que foram desenvolvidos pelos oleiros hispânicos. Apesar disso, existe um conjunto relativamente reduzido de tipos que surgem sempre, e como é natural, com maior abundância nos sítios que forneceram este tipo de materiais.

Trata-se dos pratos Drag. 15/17, das taças Drag. 27, Drag. 24/25, Drag. 35/36 ou das formas Hispânicas 4 e 5.

Enquanto não se dispõe de dados mais seguros, mantém-se a classificação dos diferentes estilos decorativos e a respectiva cronologia, tal como é proposta pela bibliografia de referência. Também neste caso, existem formas decoradas mais comuns, como a Drag. 29, Drag. 30 e Drag. 37 A e B, todas de raiz gálica. Nas produções iniciais do século I, a gramática decorativa tem a mesma fonte de inspiração e o primeiro estilo é constituído por composições de grinaldas, arcarias, galões e cruces de Sto André. Ainda contemporâneo deste estilo, ou a partir do século II, assiste-se ao desenvolvimento de um segundo estilo decorativo caracterizado pela presença de motivos de tradição gálica (animal, vegetal, humano) e hispânica (círculos), que surgem em composições separadas por métopas (linhas verticais onduladas, de chevrons, etc.). A partir do século II, são os motivos circulares os mais comuns, que podem, no entanto, alternar com outros como as aras, motivos cruciformes, rosetas, entre outros. (Mezquíriz, 1983, p. 136). Além desta decoração produzida a molde, mantém-se a presença da decoração de barbotina, por exemplo de folhas de água no bordo das formas Drag. 35/36, e de *guilhoché*.

Na produção de Andújar, está atestado um tipo de decoração roletada (*guilhoché*) nas paredes exteriores dos vasos (“decoración de ruedecilla”), que constitui uma característica das produções iniciais deste centro oleiro, aspecto que se relaciona com a influência da produção de vasos de paredes finas (Roca, 1976, p. 77).

As marcas de oleiro são mais frequentes nas formas lisas que nas decoradas e são particularmente abundantes nos pratos Drag. 15/17 e nas taças Drag. 27, sendo conhecido o elenco dos oleiros que produziram *terra sigillata* hispânica de Tricio e de Andújar (Roca e Fernández, Coords., 1999, p. 291-296).

A recente investigação tem vindo a analisar a evolução do mercado de produtos hispânicos e as suas consequências na organização das estruturas produtivas. No entender de Pilar e Carlos Saénz, o fenómeno de propagação das oficinas de pequena escala, sobretudo nos finais do século I, está relacionado com a necessidade de aumentar a produção, reagindo a uma forte pressão da procura deste tipo de cerâmica de mesa (Saénz e Saénz, 1999, p. 74-77). Estas pequenas oficinas podem ter nascido na órbita dos grandes centros produtores, embora este facto seja difícil de provar, através da evidência arqueológica, já que as composições decorativas são muito homogêneas.

A análise da difusão que os dois fabricos hispânicos registaram é uma constante entre as questões levantadas por este tipo de cerâmicas. Sendo indiscutível a supremacia dos fabricos riojanos, julgo que não deve continuar a afirmar-se que a difusão das produções de Andújar se circunscreveram à província da actual Andaluzia, como afirmaram recentemente Sotomayor, Roca e Fernández (Sotomayor, Roca e Fernández, 1999, p. 34). Esta temática será novamente explorada *infra*, quando analisar o contributo dos materiais de Santarém para esta problemática.

3.5.2. A sigillata hispânica da Alcáçova de Santarém

3.5.2.1. Introdução

Na Alcáçova de Santarém, existem 103 peças de *terra sigillata* hispânica, o que totaliza 12,83% da *sigillata* com forma identificada, estando representados os dois principais centros produtores peninsulares, Tricio e Andújar. Como já mencionei *supra*, não foi simples a dis-

tinção de peças destes dois fabricos, sobretudo quando se tratava de fragmentos de boa qualidade de Andújar ou de pastas de textura média ou grosseira de Tricio. Apesar de todas as dúvidas, é clara a forte presença de Andújar no conjunto dos materiais de Santarém, o que por si só constitui um facto significativo.

Distribuição das formas identificadas de *terra sigillata* hispânica (TSH)

TSH		N.º Frag.	NMI
Formas lisas	Ritt. 8	2	1
	Drag. 15/17	40	22
	Drag. 24/25	4	4
	Drag. 27	25	17
	Drag. 35/36	7	6
	Drag. 44	1	1
	Ludowici Tb	1	1
	Forma 51	1	1
	Hisp. 4	5	2
Formas decor.	Drag. 29	1	1
	Drag. 30	2	2
	Drag. 29/37	4	4
	Drag. 37 A e B	14	8
	Decor. indet.	31	31
Marcas	Marcas	2	2

Foram identificadas nove formas lisas das quais sobressai, pela sua abundância, o prato Drag. 15/17. As taça Drag. 27 e Drag. 24/25 e a forma Drag. 35/36 são as restantes formas que reuniram um maior número de exemplares, contrariando um pouco a tendência presente nos restantes sítios onde estes materiais ocorrem, onde se regista, normalmente, uma clara preponderância da associação do prato Drag. 15/17 e da taça Drag. 27. Das formas características da produção hispânica, apenas o tipo Hispânica 4, um dos mais comuns, atingiu Santarém.

As produções decoradas de Tricio e Andújar estão representada pelas suas formas mais comuns, Drag. 29 e 37, e podem considerar-se muito abundantes, mesmo sabendo que a proporção de formas decoradas hispânicas é superior em relação aos restantes fabricos (tipo itálico e sugálico). A título de exemplo refira-se que em Conímbriga a proporção de formas lisas para decoradas é de um para três, sendo em Santarém cinquenta e cinco lisas e quarenta e seis decoradas (MNI).

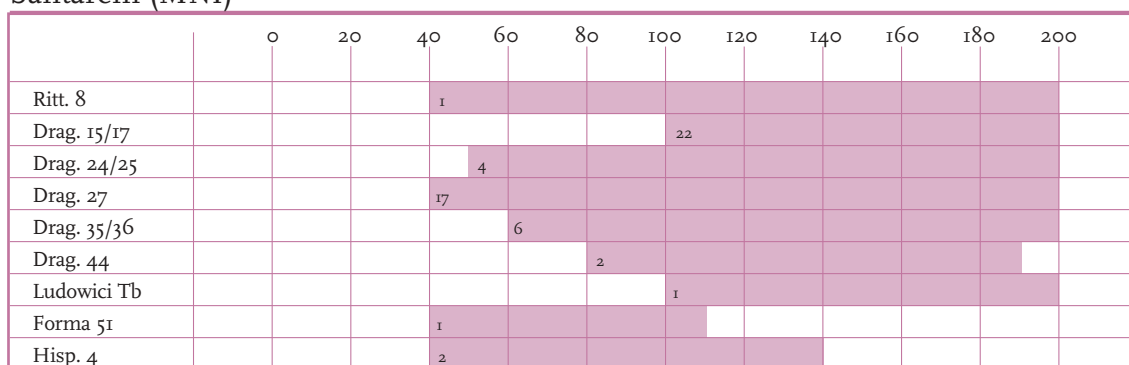
Com base nas cronologias propostas pelos autores que têm estudado as produções hispânicas, tudo indica que a Alcáçova de Santarém tenha recebido a maior parte das suas importações entre os finais do século I e a primeira metade do século II. Este *terminus* baseia-se na escassez de formas cuja produção se inicia já no século II, como Drag. 35/36 e Ludowici Tb. Nas formas decoradas, não estão presentes os estilos mais antigos de filiação gálica, dominando claramente as séries de círculos, que constituem os motivos mais característicos da produção hispânica e que se inicia no último quartel do século I, dominando durante o século II.

O conjunto de *sigillata* hispânica de Santarém completa-se com quatro marcas, duas das quais tinham sido publicadas por Dias Diogo aquando da apresentação do material romano da campanha de escavações da Alcáçova em 1979 (Diogo, 1984b, p. III-141).

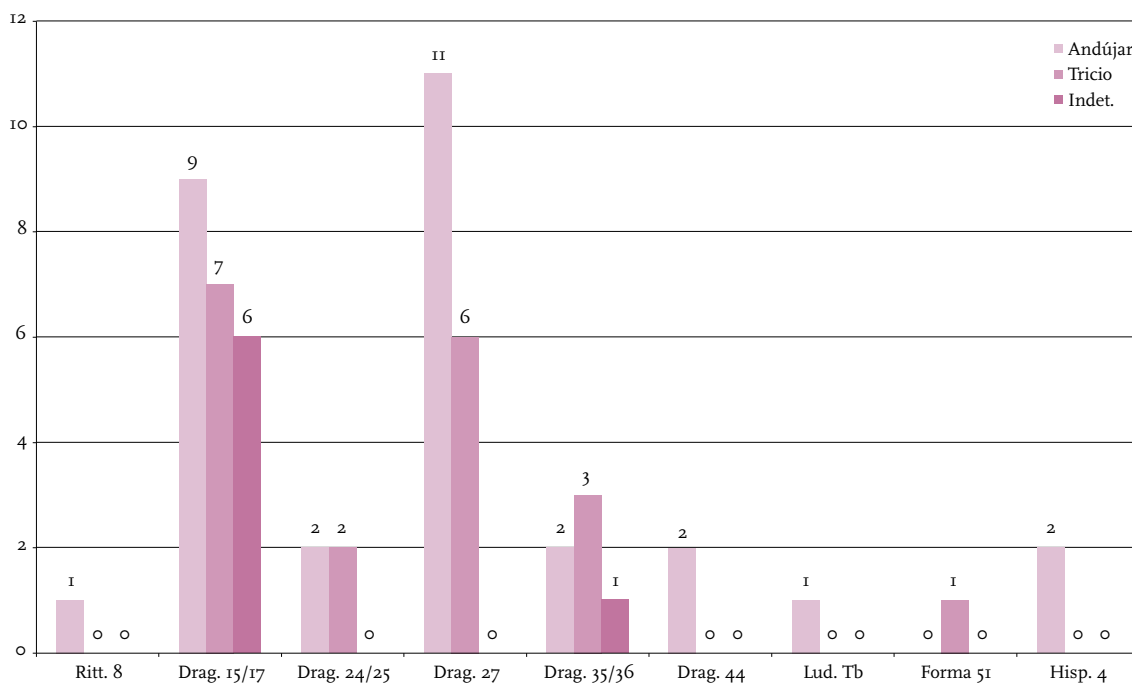
A relativamente baixa proporção de *sigillata* hispânica em relação aos restantes fabricos é um dado significativo que marca o que julgo ser o início da quebra de importações deste tipo de cerâmicas que não voltarão a ter a importância que atingiam em períodos anteriores, nomeadamente na primeira metade do século I.

Tal como já foi referido em 3.1.3, além do fabrico de Tricio, foram identificados dois fabricos de Andújar, que apresentam características bastante diferenciadas. Verifiquei que o fabrico mais frequente, **Andújar 1**, apresentava uma pasta de textura média ou grosseira, de tonalidade alaranjada, apresentando engobes normalmente brilhantes, espessos e homogêneos de cor vermelha alaranjada. Quanto ao fabrico **Andújar 2**, a sua pasta é de textura grosseira, macia, com inúmeras partículas argilo-calcárias amarelo claras, sendo o engobe espesso e brilhante de tons acastanhados. O fabrico **Andújar 3** apenas está representado por um fragmento decorado. Apresenta pasta de textura média, laranja acastanhada e o engobe, pouco espesso, é baço e de tonalidade igualmente acastanhada.

Distribuição e cronologia das formas de *sigillata* Hispânica (Tricio e Andújar) em Santarém (MNI)



Distribuição das formas de *sigillata* Hispânica (Andújar, Tricio e indeterminadas)



3.5.2.2. Formas lisas

3.5.2.3. A forma Ritt. 8

Esta taça hemisférica de filiação directa nas produções do sul da Gália foi fabricada nos dois grandes centros produtores da Península, sendo, com base das escavações de Pamplona, apontada uma cronologia do século I ao IV (Mezquíriz, 1985, p. 146).

Na Alcáçova de Santarém, esta forma ocorre apenas uma vez, tratando-se de um exemplar que pertence ao fabrico de Tricio, com pasta de textura fina e engobe de boa qualidade.

Em Conímbriga, esta forma é rara distinguindo-se dois grupos formais com cronologias mais antigas, do período flaviano e trajânico, ou mais recentes, integráveis na *sigillata* hispânica tardia (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 183).

Em Belo, existem exemplares desta taça, quer de Tricio quer de Andújar, mas em quantidade muito reduzida (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 198).



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM				PASTA		ENGOBE							
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Textura	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Observações	Cronol.
IIIQ	88	C3	J14	4	Ritt. 8?	2	bordo/ parede	160	24	4	2,5YR 6/5	fina	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Tricio		40-200

3.5.2.3. A forma Drag. 15/17

Este prato surge com duas variantes nas produções hispânicas. Uma delas, a mais antiga, segue o protótipo sudgálico, apresentando a parede ainda com moldurações externas. A segunda variante é a mais comum e caracteriza-se pela parede lisa e aberta, apresentando uma cronologia posterior à segunda metade do século I (Mezquíriz, 1985, p. 148). Nos exemplares mais tardios de Andújar a tendência é para a meia cana se alargar e se tornar mais plana (Mayet, 1984, p. 45). Trata-se, sem dúvida de uma das formas de *sigillata* hispânica que maior sucesso tiveram, surgindo no topo dos principais conjuntos estudados, juntamente com a forma Drag. 27. De assinalar ainda que esta forma é a que mais vezes recebeu marca de oleiro.

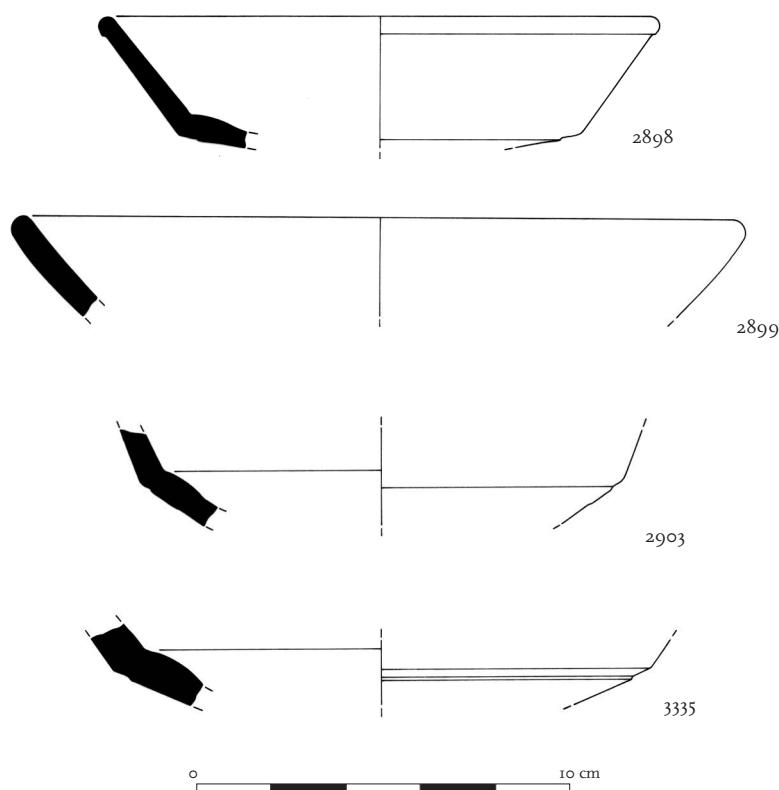
Em Santarém regista-se uma quantidade apreciável deste prato, na sua versão de paredes lisas mais tardia, que situamos no início do século II, contabilizando um total de vinte e dois exemplares, tendo-se atribuído nove peças ao fabrico de Andújar e sete a Tricio. Em seis fragmentos, tive dificuldade em diferenciar a origem não só por se tratarem de fragmentos reduzidos, mas também porque as suas características de pasta e engobe não eram totalmente esclarecedoras. De referir ainda que além destes vinte e dois exemplares (a contagem foi feita pela meia-cana) existem outros nove fragmentos de bordos com proveniência da Bética e dois de Tricio, que podem corresponder a outros tantos indivíduos, o que reforça, claramente, a presença do fabrico de Andújar em Santarém, nesta forma. Foi também neste grupo de materiais que ficaram evidenciados os dois fabricos de Andújar.

O fabrico de melhor qualidade designado por **Andújar 1** é maioritário, embora esteja igualmente representado o fabrico mais grosseiro de engobe acastanhado – **Andújar 2**.

Relativamente ao diâmetro de abertura dos bordos, este situa-se sobretudo entre os 190 e os 210 mm, e apenas num caso poderá atingir os 250 mm, embora com algumas reservas.

Em Conímbriga, este prato é das formas lisas mais abundantes, apenas seguida da taça Drag. 27. O perfil mais comum é o que segue o modelo sudgálico, embora existam igualmente peças com paredes lisas e mesmo um terceiro grupo com diâmetros de abertura superiores “son vernis très orangé et brillant, et donc tardif (fin IIIe-IVe siècle)” (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 184).

Como na Alcáçova de Santarém, não se encontraram exemplos da fase mais antiga desta forma nos exemplares de Belo, apesar de ser o prato mais frequente quer entre as produções do Vale do Ebro, quer da Bética (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 198).



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO			FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM				PASTA		ENGOBE				Fabrico	Observações	Cronol.
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Textura	Cor	Brilho	Espess.	Homog.			
1144	87	C 4	K 13	3	Drag. 15/17	1	bordo/parede	d.d.	20,1	5	2,5YR 6/6	grosseira	2,5YR 5-4/8	mate	espesso	homogéneo	Andújar 1	—	100-200
2899	97		Q 3	3	Drag. 15/17	1	bordo/parede	200	20,6	5	2,5YR 7/6	grosseira	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Andújar 1	Desgaste do engobe na parte sup. do bordo	100-200
2906	97		Q 3	3	Drag. 15/17	1	bordo/parede	210	16,7	5	2,5YR 7/6	grosseira	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Andújar 1	Desgaste do engobe na parte sup. do bordo	100-200
2910	97		Q 1	5	Drag. 15/17	1	parede/meia cana	—	—	4,5	5YR 6/6	grosseira	2,5YR 4/8	mate	espesso	homogéneo	Andújar 2	—	100-200
2911	85	C 1	E 16	2	Drag. 15/17	1	meia cana	—	—	—	—	média/grosseira	—	—	—	—	Andújar 1	Frag. diminuto	100-200
3024	97		Q 3	4	Drag. 15/17	1	bordo/parede	250 ?	d.d.	5,9	—	grosseira	—	—	—	—	Andújar 2	—	100-200
3027	85		F 15	3	Drag. 15/17	1	bordo/parede	190	19,5	4	5YR 6/6	grosseira	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Andújar 2	—	100-200

Quadro descritivo [cont.]

PROVENIÊNCIA					TIPO	FRAGMENTO			DIMENSÕES/ MM				PASTA		ENGOBE				
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Textura	Cor	Brilho	Espesso	Homog.	Fabrico	Observações	Cronol.
3335	87	C 4	I 11	3	Drag. 15/17	1	parede/ meia cana/ fundo	—	—	—	2.5YR 5/6	grosseira	2.5YR 3/6	brilhante	espesso	homogéneo	Andújar 2	—	100-200
3372	87		K 13	3	Drag. 15/17	1	bordo/ parede	d.d.	16.4	4.6	2.5YR 5/6	média/ grosseira	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Andújar 2	—	100-200
3375	87		I 14	2 b	Drag. 15/17	1	meia cana/ fundo				2.5YR 6/8	média/ grosseira	2.5YR 5-4/8	mate	espesso	homogéneo	Andújar 1	—	100-200
3828					Drag. 15/17	1	bordo/ parede	d.d.	13.3	6	2.5YR 6/4-6	grosseira	2.5YR 4/6	mate	espesso	não homogéneo	Andújar 2	Desgaste do engobe na sup. exterior do bordo	100-200
20017	99				Drag. 15/17	1	meia cana	—	—	—	—	média	—	—	—	—	Andújar 2	Frag. diminuto	100-200
22149	99	I	B	17	Drag. 15/17	1	bordo	200 ?	14.3	4	2.5YR 6/6	média	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Andújar 1	—	100-200
23008	99	I	B	210	Drag. 15/17	1	meia cana/ fundo	—	—	—	5YR 6/6	grosseira	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Andújar 2	—	100-200
23488	99	I	C	53 ?	Drag. 15/17	1	meia cana	—	—	—	—	grosseira	—	—	—	—	Andújar 1	Frag. diminuto	100-200
23681	99	I	B	26	Drag. 15/17	1	parede/ meia cana/ fundo	—	—	5.7	5YR 7/8	grosseira	2.5YR 4/8	mate	espesso	homogéneo	Andújar 2	—	100-200
23948	99	I	B	90	Drag. 15/17	1	bordo/ parede	280 ?	—	5.8	2.5YR 6/6	média	10YR 5/8	brilhante	fino	homogéneo	Andújar 1	Engobe muito destruído	100-200
23993	99	I	B	—	Drag. 15/17	1	meia cana/ fundo	—	—	—	2.5YR 6/8	média	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Andújar 1	—	100-200
1216	94/ 95	—	Q 2	3	Drag. 15/17	1	parede/ meia cana / fundo	—	—	—	—	média	—	—	—	—	Trício	Frag. diminuto	100-200
2901	—	—	I 14	4	Drag. 15/17	1	meia cana	—	—	—	—	fina	—	—	—	—	Trício	Frag. diminuto	100-200
2904	97	—	Q 1	1	Drag. 15/17	1	meia cana	—	—	—	2.5YR 6-5/6	média	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Trício	—	100-200
2908	94/ 95	—	Q 12 bq E	3	Drag. 15/17	1	meia cana	—	—	—	—	fina/ média	—	—	—	—	Trício	Frag. diminuto	100-200
3013	87	C 3	—	—	Drag. 15/17	1	bordo/ parede	240	23.6	5	2.5YR 6/6	média	10YR 5/8	mate	fino	não homogéneo	Trício	Engobe muito destruído	100-200
3020	—	C 3	—	—	Drag. 15/17	1	meia cana / fundo	—	—	—	—	média	—	—	—	—	Trício	Frag. diminuto	100-200
3028	—	—	I 14	—	Drag. 15/17	2	parede	—	—	—	—	fina	—	—	—	—	Trício	Frag. diminuto	100-200
23529	99	I	C	73	Drag. 15/17	1	meia cana	—	—	—	—	média	—	—	—	—	Trício	Frag. diminuto	100-200
23680	99	I	B	43	Drag. 15/17	1	parede/ meia cana	—	—	—	2.5YR 6/6	média	2.5YR 5/8	brilhante	espesso	homogéneo	Trício	—	100-200
1216	89	C 6	—	9	Drag. 15/17	1	bordo/ parede	d.d.	21.7	3.5	2.5YR 6/6	média	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Trício ou Andújar	—	100-200
1441	83	B	—	2	Drag. 15/17	1	parede/ meia cana	—	—	—	—	fina	—	—	—	—	Trício ou Andújar	Frag. diminuto	100-200
2898	83	B	—	2	Drag. 15/17	10	bordo/ parede/ meia cana/ fundo	150	37.6	4.6	10R 6/6	média	10R 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Trício ou Andújar	—	100-200
2903	86	C 3	D 18	2	Drag. 15/17	1	parede/ meia cana/ fundo	—	—	4.7	2.5YR 6/6-8	média	2.5YR 5-4/6	brilhante	espesso	homogéneo	Trício ou Andújar	Engobe acastanhado	100-200
2905	87	C 3	—	—	Drag. 15/17	1	meia cana/ fundo	—	—	—	2.5YR 6/6	média	2.5YR 5/8	mate	espesso	homogéneo	Trício ou Andújar	—	100-200
3038	87	C 3	—	—	Drag. 15/17	1	parede/ meia cana/ fundo	—	—	—	2.5YR 6/6	grosseira	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Trício ou Andújar	Desgaste do engobe no ext. do fundo	100-200
23447	99	I	C	63	Drag. 15/17	1	meia cana	—	—	—	—	média	—	—	—	—	Trício ou Andújar	Frag. diminuto	100-200

3.5.2.4. A forma Drag. 24/25

Esta taça segue o perfil dos protótipos do sul da Gália, encontrando-se, na estratigrafia de Pamplona, em níveis antigos da primeira metade do século I. Atendendo aos dados recolhidos em Itálica é possível afirmar que atinge quase os meados do século seguinte (Mezquíriz, 1985, p. 149) ou mesmo até ao século III (Roca e Fernández, Coords., 1999). Na sua evolução, os perfis desta taça afastam-se do protótipo sudgálico tendo tendência ou para se apresentar com formas mais reduzidas, mais largas que altas e com as paredes espessas, ou para ostentar paredes mais finas, com moldura externa, de perfil simplificado quase a meio da parede (Mayet, 1984, p. 45). O *guilhoché* tende a perder-se nos exemplares mais tardios.

Em Santarém, existem quatro peças desta forma, das quais duas pertencem ao centro produtor da bética, podendo ainda juntar-se mais um fragmento. A atribuição a Tricio das restantes peças não se fez sem dúvidas, quer pela sua dimensão, quer pelas características que apresentavam. As peças descritas possuem pastas de textura média e engobes brilhantes espessos e homogêneos. O único diâmetro calculado tem 90 mm que o integra na série de menores dimensões. Ao contrário do que é transmitido pela bibliografia de referência, que aponta para a raridade de exemplares com decoração de *guilhoché*, os bordos das taças de *Scallabis* têm quase todos esta particularidade, o que poderá relacionar-se com o início da produção. Trata-se, no entanto, de fragmentos muito reduzidos para se poderem ilustrar.

Em Conímbriga, esta forma surge nos níveis Trajânicos e é também considerada rara (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 184). Em Belo surge com proporções idênticas à da forma Drag. 18 (Bourgeois e Mayet, 1975, p. 198-199 e 207).

Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO			FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM				PASTA		ENGOBE					Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Textura	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico		Observações
3331	87	C 4	I 14	—	Drag. 24/25	1	bordo/ carena	d.d.	16,5	5,7	2,5YR 6/8	média	2,5YR 5,4/8	brilhante	espesso	homogêneo	Andújar 1	Guilhoché médio. Engobe a estalar sob a carena	50-200
23896	99	I	B	132	Drag. 24/25	1	bordo/ carena	d.d.	16,6	4,5	2,5YR 7/8	média	2,5YR 5,4/8	brilhante	espesso	homogêneo	Andújar 1	Guilhoché fino	50-200
24540	99	I	C	159	Drag. 24/25	1	parede/ carena	s.d.	23,2	5,7	2,5YR 6/6	média	2,5YR 5,4/8	brilhante	espesso	homogêneo	Andújar 1	—	50-200
2953	—	—	I 14	4	Drag. 24/25	1	bordo	90	—	—	—	—	—	—	—	—	Tricio(?)	Guilhoché fino. Frag. diminuto	50-200
2995	85	—	—	2	Drag. 24/25	1	bordo/ carena	s.d.	—	—	—	—	—	—	—	—	Tricio(?)	Guilhoché fino. Frag. diminuto	50-200

3.5.2.5. A forma Drag. 27

Esta taça é das mais comuns na produção hispânica e surge com muita a abundância nos sítios de referência, normalmente em associação com o prato Drag. 15/17 e recebendo, também frequentemente, marca do oleiro. De uma maneira geral, esta forma mantém-se fiel ao modelo sudgálico, embora nas peças mais tardias os dois quartos de círculo tendam a apresentar dimensões idênticas e se perca o lábio do bordo (Mayet, 1984, p. 46). Apesar desta forma perdurar por um período longo (século I a IV) na estratigrafia de Pamplona (Mesquíriz, 1985, p. 152), Mayet assinala as dificuldades no estabelecimento de um final tão tardio para a produção, dada a ausência de dados estratigráficos seguros do século II e III (Mayet, 1984, p. 73).

Em Santarém, contaram-se dezassete peças, número que pode ser aumentado se se contabilizarem também os bordos que podem ou não pertencer a estes fragmentos de parede. Os materiais com origem no centro produtor da bética são os mais abundantes, dominando o fabrico **Andújar 1**, embora esteja também presente o fabrico **Andújar 2** em fragmentos muito reduzidos. Quanto às dimensões do diâmetro encontram-se dois valores base: um em torno de 70/90 mm, o que corresponde a peças mais reduzidas; outro cerca de 120 mm para as maiores.

Em Conímbriga, esta forma está bem representada, distinguindo-se vários grupos formais com significado cronológico, numa série que vai desde meados do século I até meados do século II para os produtos alto imperiais. Nos exemplares tardios, assiste-se à alteração das características de pasta e engobe (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 184-185). Tal como em Conímbriga, em Belo esta forma é das mais abundantes e está claramente associada ao prato Drag. 15/17. Verifica-se uma evolução da forma no sentido da simplificação do perfil e aumento da sua dimensão, concretamente nos vasos com proveniência em Andújar (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 199 e 207).

Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM				PASTA		ENGOBE					Observações	Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Textura	Cor	Brilho	Espess.	Homog.			Fabrico
1142	89	C 7	—	3	Drag. 27	1	bordo/ parede	100	28	4	2.5YR 5/6	grosseira	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Andújar 2	—	40-200
1196	—	C IX	1	13	Drag. 27	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Andújar 2	Frag. diminuto	40-200
1275	—	C IX	1	13	Drag. 27	1	bordo	90	16,8	4,3	2.5YR 6/6	grosseira	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Andújar 1	—	40-200
1392	—	C VIII 8	—	17	Drag. 27	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Andújar 1	—	40-200
1407	85	C 3	—	—	Drag. 27	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Andújar 1	—	40-200
2890	94/ 95	—	Q 11	2	Drag. 27	1	bordo	130	30	4,2	2.5YR 6/6	média	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Andújar 1	—	40-200
7241	85	C 1	E 16	2	Drag. 27	1	bordo/ parede	120	20	4	2.5YR 6/8	média	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Andújar 1 (?)	—	40-200
23555	99	1	C	95	Drag. 27	1	parede	1	—	—	—	—	—	—	—	—	Andújar	Frag. diminuto	40-200
24012	99	1	C	91	Drag. 27	1	bordo/ parede	95	27	4,6	10R 6/6	média	2.5YR 5/8	brilhante	espesso	homogéneo	Andújar	—	40-200
24360	99	1	C	159	Drag. 27	1	parede	1	—	—	—	—	—	—	—	—	Andújar	—	40-200
24369	99	1	C	159	Drag. 27	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Andújar	—	40-200
2896	83	—	—	sup	Drag. 27	1	bordo/ parede	130	30	4,5	10R 5/6	média	10R 4/8	mate	espesso	homogéneo	Tricio	—	40-200
22991	99	1	B	253	Drag. 27	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Tricio	—	40-200
23363	99	1	B	Sup	Drag. 27	1	bordo/ parede	75	22	3	10R 6-5/8	fina	10R 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Tricio	—	40-200
23617	99	1	B	1	Drag. 27	1	bordo/ parede	120	18,6	3,5	2.5YR 6/8	fina	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Tricio	—	40-200
24546	99	1	C	159	Drag. 27	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Tricio	—	40-200
24739	99	1	C	159	Drag. 27	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Tricio	—	40-200

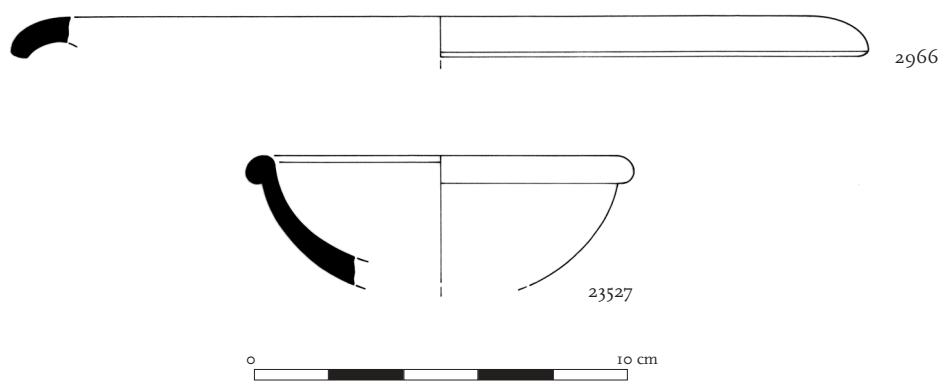
3.5.2.6. A forma Drag. 35/36

Esta forma corresponde ao prato Drag. 36 e à taça Drag. 35 e segue os perfis das peças produzidas em época flaviana em La Graufesenque. Juntam-se estas formas sob a designação genérica de Drag. 35/36 porque dada a dimensão dos fragmentos, é difícil optar por uma ou por outra. A forma Drag. 35 foi produzida nas oficinas da Hispânia desde a segunda metade do século I até meados ou final do século II, prolongando-se a forma Drag. 36 até ao século IV (Mezquíriz, 1985, p. 154-155).

Em Santarém, existem seis peças desta forma, duas de Andújar, três de Tricio e uma indeterminada. Poderá juntar-se ainda ao grupo de Andújar dois fragmentos de parede com o início do bordo em aba, que não contabilizei, dada a opção de contagem dos materiais segundo o Protocolo de Beauvray (1998). Na peça mais completa, com origem na Bética (23527), destaca-se a presença de linhas de alisamento produzidas por um instrumento. Este exemplar, pelo seu diâmetro (85 mm), corresponde à taça Drag. 35. Nos materiais originários do Vale do Ebro, assinala-se a presença, em várias peças, de decoração de barbotina com folhas de água. A peça 23473 corresponde ao prato Drag. 36 e tem 160 mm de diâmetro de bordo. Este prato tem ainda a particularidade de ter o engobe estalado na parte inferior do bordo e de se encontrar queimado, facto que pode estar relacionado ou com a sua cozedura ou com qualquer fenómeno pós-deposicional.

Em Conímbriga, estas formas são muito abundantes, ocupando o terceiro lugar dos fabricos lisos. Entre os grupos morfológicos que aí se constituíram, destaco o primeiro, que se caracteriza por ter um bordo dobrado sobre si mesmo/enrolado tendo paralelos na peça mais completa de Santarém. De uma maneira geral, a estratigrafia de Conímbriga concorda com a cronologia flaviana e trajânica.

Comparado com Conímbriga o número de exemplares desta forma registado em Belo é consideravelmente menor, facto que foi explicado pela chegada dos produtos africanos, como a *sigillata* clara A, e consequente abrandamento das importações hispânicas (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 199).



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM				PASTA		ENGOBE				Cronol.			
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Textura	Cor	Brilho	Espess.		Homog.	Fabrico	Observações
2966	—	—	—	o	Drag. 35/36	1	bordo	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	60/70-200
1350	—	—	—	o	Drag. 35/36	1	bordo	d.d.	—	—	10R 5/6	Média	10R 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Andújar 1	—	60/70-200
23527	99	1	B	81	Drag. 35	2	bordo/paredo	100	32,8	5,8	10R 5/8	Média	10R 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Andújar 1	Linhas de alisamento no exterior	60/70-200

Quadro descritivo [cont.]

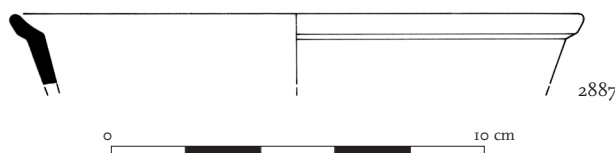
PROVENIÊNCIA				TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM				PASTA		ENGOBE				Observações	Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Textura	Cor	Brilho	Espess.	Homog.			Fabrico
1350	83	B		3	Drag. 35/36	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Andújar 1	não descritos	60/70-200
1380		C VIII	8	17	Drag. 35/36	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Andújar 1	não descritos	60/70-200
3209	97		Q 1	1	Drag. 35/36	1	bordo	d.d.	—	—	10R 5/6	Fina	10R 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Tricio	decoreção de barbotina de folha d'água	60/70-200
23448	99	1	C	63	Drag. 35/36	1	bordo	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Tricio	Decoreção de barbotina, embora pouco reste da folha d'água. Frag. diminuto	60/70-200
23473	99	1	B	78	Drag. 35/36	1	bordo	160	—	—	10R 5/6	Fina	10R 4/6	brilhante	espesso	homogéneo	Tricio	engobe estalado na parte inferior do bordo. Queimado da cozedura ou pós-deposicional ?	60/70-200

3.5.2.7. A forma Drag. 44

Esta forma corresponde a uma taça de paredes curvas, bordo vertical encurvado e com ressalto na face interna. Possui moldura externa, sensivelmente a meio da parede. Este perfil deriva de formas idênticas produzidas na Gália, e a cronologia da produção hispânica situa-se no século II (Mayet, 1984, p. 75), embora Mezquíriz indique o início da produção ainda em finais do século I (Mezquíriz, 1985, p. 157).

Em Santarém, existe uma peça com esta forma, havendo igualmente um outro fragmento que corresponde à moldura exterior e à parede encurvada. O diâmetro da abertura é de 150 mm e esta peça. Integra-se no fabrico **Andújar 2**.

Em Conímbriga, não foi encontrado qualquer exemplar desta forma e em Belo é bastante rara quer no fabrico de Tricio, quer de Andújar (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 199 e 208).



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA				TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM				PASTA		ENGOBE				Observações	Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Textura	Cor	Brilho	Espess.	Homog.			Fabrico
2887	94/95		Q 1	2	Drag. 44	1	bordo	150	21,7	3,8	2,5YR 5/6	média	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Andújar 2	Muitas partículas calcárias	80-200
24074	99	1	C	161	Drag. 44?	1	parede/carena	—	21	4	2,5YR 6/8	média	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Andújar 2	—	80-200

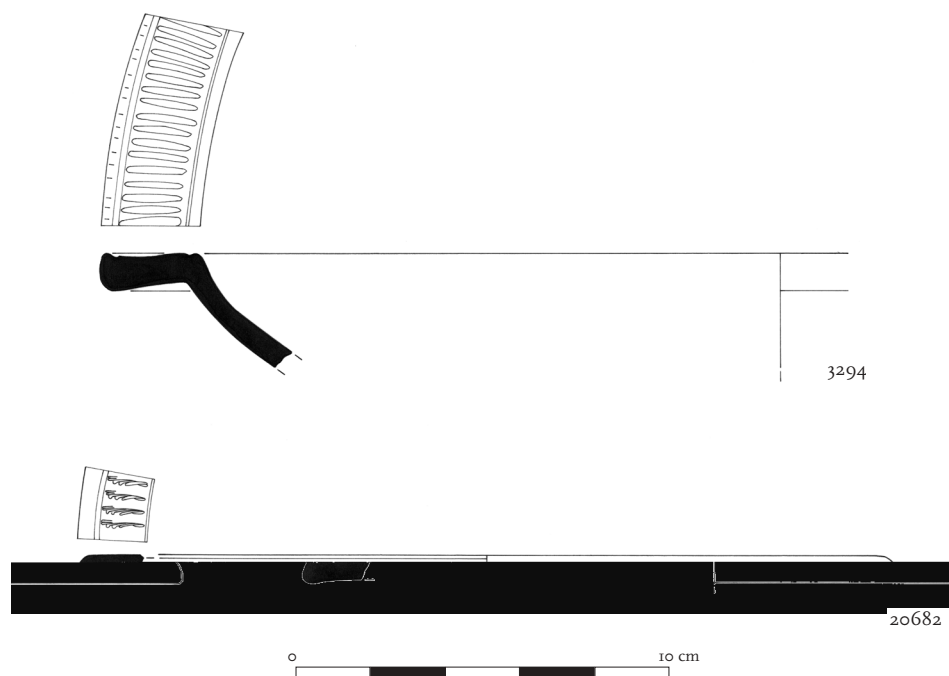
3.5.2.8. A forma Ludowici Tb

Esta taça caracteriza-se pelo seu bordo em aba inclinado e parede oblíqua e rectilínea. Tem como protótipo a forma sudgálica Drag. 46, que constitui a taça do serviço B definido por Vernhet para La Graufesenque (Vernhet, 1976). A produção sudgálica inicia-se em época flaviana, datando a hispânica de inícios do século II e III (Mezquíriz, 1985, p. 157).

Na Alcáçova de Santarém, existe apenas um exemplar desta forma que foi produzida no fabrico **Andújar 2**, não tendo sido possível obter o diâmetro da sua abertura.

Em Santarém, existem dois pratos desta forma com *guilhocé* no bordo produzidos no fabrico **Andújar 1**, detendo diâmetros de bordo bastante díspares. Num caso atingem os 180 e no outro 110 mm.

Em Conímbriga, todos os fragmentos desta forma pertencem à época trajânica e ao século II (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 185) e em Belo é também das mais frequentes entre as formas tipicamente hispânicas (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 200 e 208).



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM				PASTA		ENGOBE				Fabrico	Observações	Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Textura	Cor	Brilho	Espess.				Homog.
3294	87	C 4	I 14	3	Hisp. 4	4	bordo/ parede	180	29,8	5,6	2,5YR 6/6	média	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Andújar 1	Engobe pouco aderente. Guilhocé na parte sup. do bordo	40-140
20682	99	I	B	sup	Hisp. 4	1	bordo	110	—	—	2,5YR 6-5/6	média	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Andújar 1		40-140

3.5.2.11. As formas decoradas

3.5.2.12. A forma Drag. 29

Entre as formas decoradas das produções hispânicas, a taça Drag. 29 é das mais comuns nos sítios peninsulares e distingue-se por um bordo mais aberto e moldurado que o da forma Drag. 37. Foi produzida num período relativamente curto, de meados do século I até 60/70 (Mezquíriz, 1985, p. 168), ou mesmo 80, altura em que é substituída pela forma Drag. 37 (Roca e Fernández, Coords., 1999, p. 288).

Esta taça decorada ocorre apenas uma vez em Santarém. Trata-se de um fragmento, do qual apenas resta o bordo, não se tendo conservado a parte decorada. Deve ter origem em Tricio.

Em Conímbriga, não atinge os valores da Drag. 37, estando presentes os estilos decorativos mais antigos, de imitação (grinaldas), estilo de métopas, ou combinações de elementos de ambos (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 158).

Também em Belo, esta forma ocupa a segunda posição nas peças com origem em Tricio. É significativo que não existam quaisquer exemplares dos estilos iniciais, sendo frequentes os decorados com o estilo de métopas e bastante comuns os dos motivos circulares.

Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM				PASTA		ENGOBE				Cronol.			
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	EU	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Textura	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Observações	Cronol.
23649	99	I	B	28	Drag. 29	1	bordo/parede	210 ?	30	4,6	2,5YR 5/8	média	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Tricio	Não se conservou a parte decorada.	50-60/70

3.5.2.13. A forma Drag. 30

Este vaso de perfil cilíndrico e base plana pode ter bordo mais ou menos voltado para o exterior, e está datado da segunda metade do século I (Sotomayor, Roca e Fernández, 1999, p. 27).

Infelizmente as duas peças existentes na Alcáçova de Santarém não conservaram a área decorada.

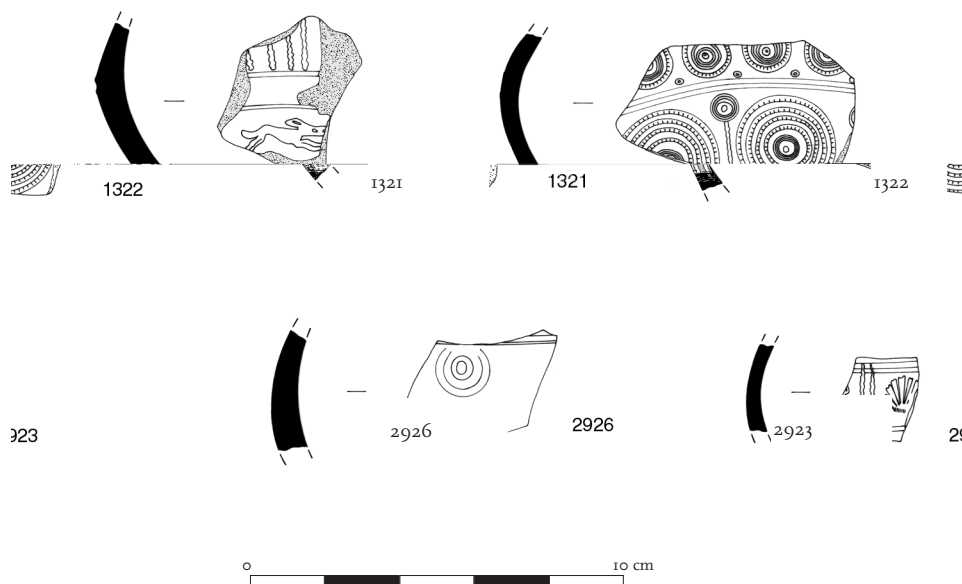
Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM				PASTA		ENGOBE				Cronol.			
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	EU	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Textura	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Observações	Cronol.
1115		C IX	17	3	Drag. 30	1	bordo	170	22,2	5	10R 5/6	média	10R 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Andújar	Não se conservou a parte decorada	50-100
2909	87		H 18	4	Drag. 30	1	parede/carena	—	25,3	5	2,5YR 6/6	média	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Andújar	Com o engobe a sair na ligação da parede à carena. Não se conservou a parte decorada	50-100
3352	86		D 18	3	Drag. 30	1	Bordo	170 ?	28,9	5,4	2,5YR 6/6	média	10R 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Andújar	Não se conservou a superfície decorada	50-100

3.5.2.14. A forma Drag. 29/37

Incluimos nesta categoria uma série de fragmentos de parede de vasos com perfil hemisférico e carenas mais ou menos acentuadas, que podem pertencer quer à forma Drag. 37 quer à Drag. 29. Do ponto de vista cronológico, a sua produção situa-se entre a segunda metade do século I e o século II (Mezquíriz, 1985, p. 168-169).

Todas as peças com esta forma, da Alcáçova de Santarém, pertencem ao centro produtor do Vale do Ebro. Dois dos objectos apresentam decoração metopada, um dos quais (1321) alterna punções de animais (coelhos) com outros motivos impossíveis de determinar, pois não se conservaram (Est. 3, n.º 2), ou utilizando a concha como motivo de preenchimento do espaço entre métopas (2923, Est. 3, n.º 4). A peça que ostenta decoração de faixas de círculos concêntricos, segmentados de maiores dimensões que alternam com outros menores (1322), destaca-se pela qualidade da definição dos motivos, o que raramente se observa nos restantes casos presentes na Alcáçova (Est. 2, n.º 13). Exemplo disso mesmo é o último exemplar desta série (2926), constituído por séries de círculos concêntricos simples, moldados de forma muito deficiente. Quanto ao fabrico, apresentam pastas de textura fina e média e engobes geralmente brilhantes espessos e homogéneos, salvo no caso do exemplar de pior qualidade, cujo engobe é mate.



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM				PASTA		ENGOBE							
N.º Inv.	Ano Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Textura	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Descrição	
1321	84	—	H 17	2	Drag.	1	parede/ carena	—	42	6,5	2.5YR 5/6	finha	2.5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Tricio	Decor de métopas c/ série de 4 linhas verticais onduladas, seguida por dupla canelura na carena e faixa de coelhos
1322	83	B	—	3	Drag.	1	parede/ carena	—	37,7	4,5	10R 6/6	média	10R 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Tricio	Decor de linhas de círc. concêntricos segmentados e simples, c/ outros menores nos intervalos. Duas caneluras horiz. marcam a carena, seguida de decor. de círculos conc. maiores segmentados, que alternam com linhas onduladas colocadas na vertical
2923	89	C 8	—	7	Drag.	1	parede	—	22	3,2	2.5YR 5/6	finha	2.5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Tricio	Decor. de métopas formada por linhas verticais onduladas, alternando conchas e outro motivo indet.
2926	94/ 95	—	Q 9	4	Drag.	1	parede/ carena	—	29	5,8	10R 5/6	média	10R 4/8	mate	espesso	homogéneo	Tricio	Decor em 2 faixas, constituída por círc. simples que alternam c/ motivos que não podemos precisar. Motivos muito mal moldados

3.5.2.15. A forma Drag. 37 A e B

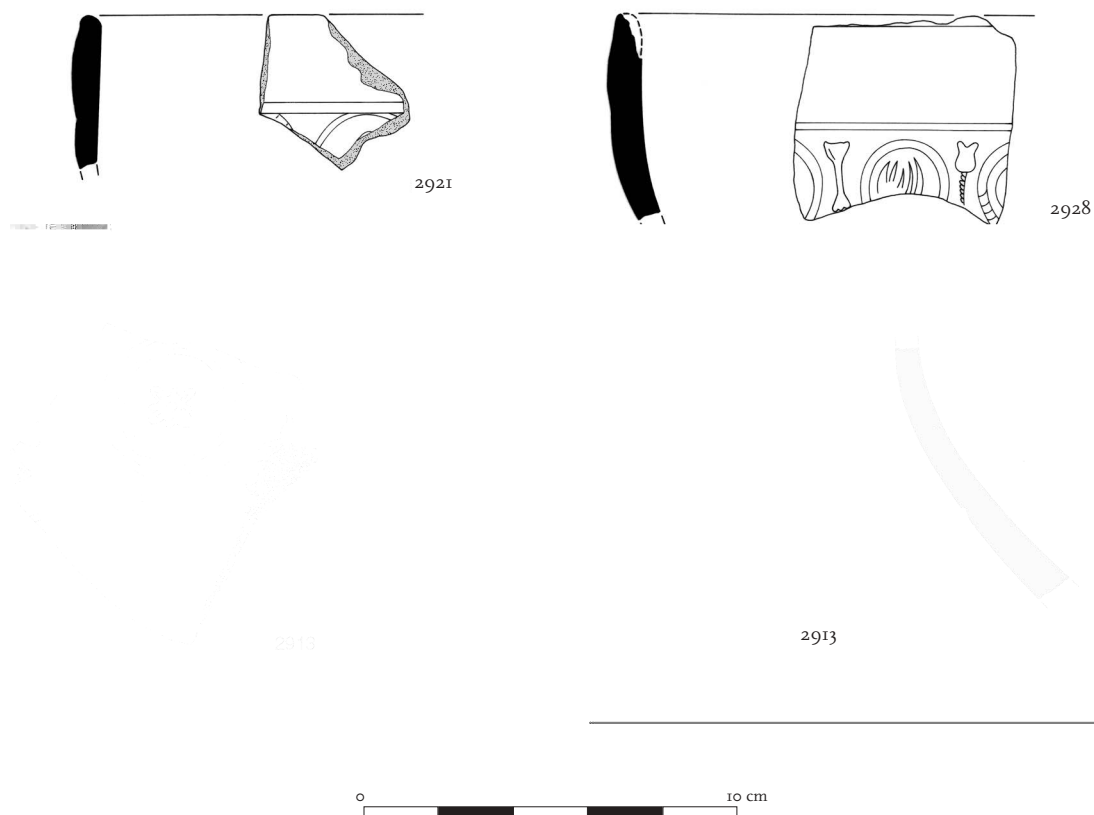
Esta taça hemisférica constitui a forma decorada mais frequente nas produções hispânicas. Distinguem-se duas variantes: a Drag. 37 A, com diâmetro de abertura menor (110-200 mm) com cronologia de finais do século I e do século II, a Drag. 37 B, de maiores dimensões (250-300 mm de diâmetro de abertura) e com a particularidade de ter o bordo de perfil amendoado. Esta última teve um período de produção curto, que se situa nas últimas três décadas do século I (Mezquíriz, 1985, p. 169 e 170; Roca e Fernández, Coord., 1999, p. 288).

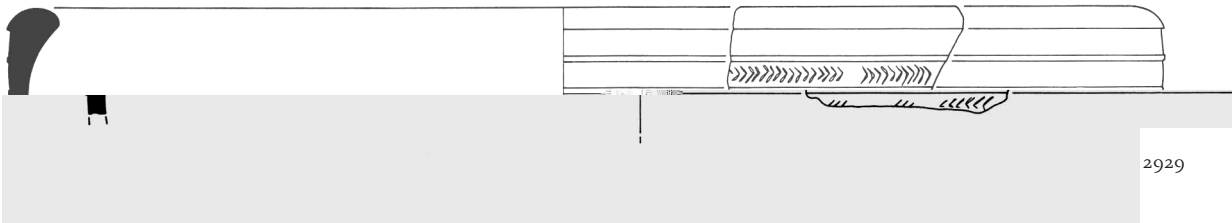
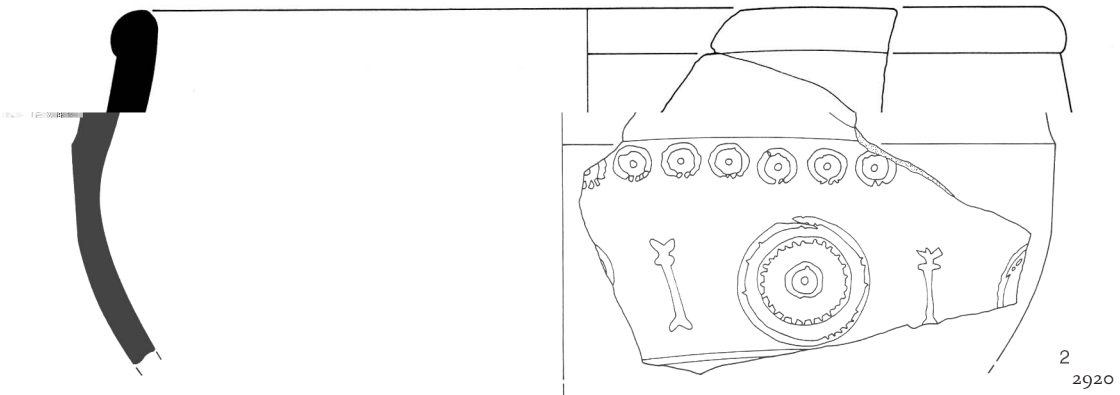
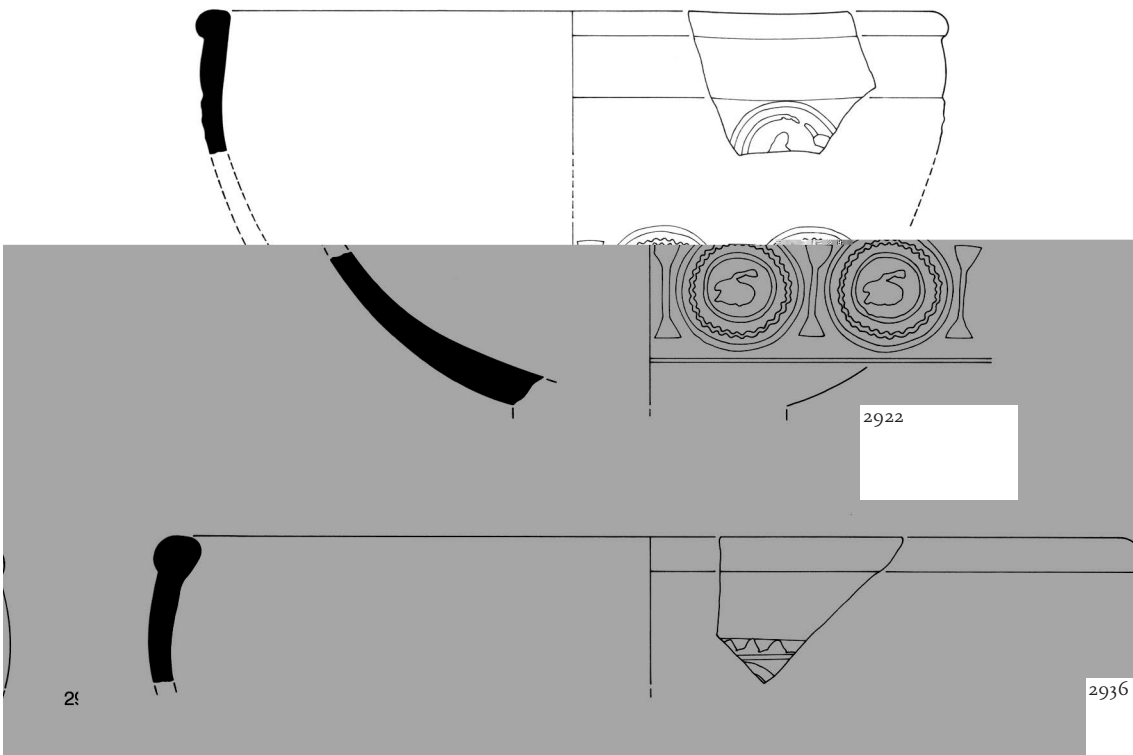
Na Alcáçova de Santarém, esta taça encontra-se no topo da lista das formas decoradas com oito exemplares, tratando-se, na sua maior parte, de fragmentos, cuja dimensão permite analisar uma parte significativa da sua decoração. Distribuem-se pelas duas

variantes, apesar do ligeiro domínio da forma Drag. 37 B. As produções de Andújar estão em clara vantagem. A quase totalidade das peças exibe decoração de círculos com utilização variada desta temática. Por vezes, a faixa decorada apresenta uma primeira linha de círculos concêntricos pequenos, seguida de outra linha que alterna círculos concêntricos maiores (segmentados e denteados) com arcos (2920, Est. 3, n.º 3). Noutros casos, conservou-se a parte inferior da decoração, onde os círculos concêntricos, que podem incluir lebres, alternam com bastões (2922, Est. 3, n.º 8) ou incluem rosetas e alternam com motivos cruciformes (?) (2913, Est. 3, n.º 7). É importante referir-se que, em todos os casos, os motivos se encontram moldados de forma algo grosseira, apresentando, no entanto, pastas de textura média ou mesmo fina e engobes geralmente brilhantes, espessos e homogêneos.

Um dos exemplares de Andújar (2929, Est. 3, n.º 1) apresenta uma sucessão de caneluras e linhas horizontais de *chevrons*/ângulos, na faixa imediatamente sob o bordo que habitualmente não é preenchida com motivos decorativos. A peça 2920 possui ainda a particularidade de serem visíveis, na parede interna e no bordo, finas linhas horizontais que são os sinais do instrumento que produziu o alisamento antes de ter sido revestida pelo engobe.

A relativa abundância da forma Drag. 37 B, e a presença quase exclusiva da decoração de círculos testemunha bem que o período de maior importação de *sigillata* hispânica em Santarém se situa sensivelmente entre o último quartel do século I e o século II.



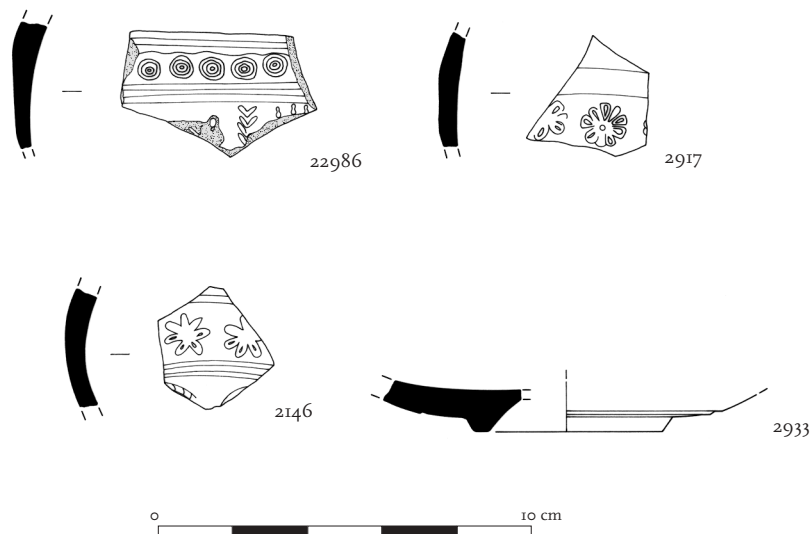


Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM				PASTA		ENGOBE				Fabrico	Descrição	Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Textura	Cor	Brilho	Espess.				Homog.
2921	—	—	—	0	Drag. 37a	1	bordo/ parede	170	41,6	6,6	2,5YR 5/6	fina	2,5YR 4/8	mate	espesso	homogéneo	Tricio ou Andújar	Pouco se conservou da decor. de círculos.	80-200
2928	94/ 95	—	Q 1	17	Drag. 37a	2	bordo/ parede	200	51,2	7,5	10R 4/6	fina	10R 4/8	mate	espesso	homogéneo	Tricio	Canelura horizontal e decor. De faixa de círculos simples e segmentados muito mal moldados.	80-200
3426	92/ 93	S. SMA	—	15I	Drag. 37a	1	bordo/ parede	170	31	7,4	10R 6/6	média	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Tricio	Faixa decorada muito destruída.	80-200
2913	97	—	Q 3	4 II	Drag. 37b	1	parede/ fundo	—	—	7	2,5YR 6/6	média	2,5YR 5-4/8	mate	espesso	não homogéneo	Andújar	Parte inf. c/ decor. de faixa circ. concêntricos c/ roseta no seu int. alternado com motivos cruciformes (?).	70-100
2920	97	—	Q 3	4	Drag. 37b	4	bordo/ parede	250	90	9,8	2,5YR 6/6	média	2,5YR 5/8	brilhante	espesso	não homogéneo	Andújar	Decor. c/ faixa de círculos conc. pequenos seguida de faixa que alterna círculos concêntricos maiores (segmentados e denteados) c/ aras. Sinais do instrumento que produziu o alisamento no interior da parede e bordo.	70-100
2929	94/ 95	—	Q 2	9	Drag. 37b	1	bordo/ parede	30	28,6	8	2,5YR 6/8	média	2,5YR 5-4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Andújar	Decoração com caneluras e linhas horizontais de chevrons/ ângulos. Bordo amendoado.	70-100
2922	97	—	Q 3 e Q 2	4 e 3	Drag. 37b	4	bordo/ parede	200	37,1	4,7	2,5YR 5/6	média	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Andújar	Decor. de círculos concêntricos, na faixa junto ao bordo e limite inferior da composição c/ faixa de círculos concêntricos simples e denteado c/ lebes no int., alternando c/ aras. Inclui o n.º 8762 [4-1]	70-100
2936	97	—	Q 3	4	Drag. 37b	1	bordo/ parede	260	4,1	7	2,5YR 6/6	média	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Andújar	Película esbranq. entre a pasta e o engobe. Linha de folhas, seguida de canelura horiz. e possível faixa de circ. destruída. Bordo amendoado.	70-100

3.5.2.16. Os fragmentos decorados indeterminados

A série de peças decoradas de produção hispânica termina com um conjunto de reduzidos fragmentos, cuja dimensão não permite a sua integração em nenhuma forma. Mantém-se o domínio dos fabricos de Andújar e, quanto aos estilos decorativos, são novamente os círculos que dominam, apesar de existirem alguns fragmentos (muito reduzidos) que ostentam decoração metopada. Nesta situação, encontram-se oito exemplares em que apenas se pode observar as linhas verticais ou onduladas ou de *chevrons*. Num deles **22986** (Est. 3, n.º 5), a decoração metopada é precedida por uma linha de pequenos círculos, o que é uma solução também comum, nesta produção. Quatro fragmentos apresentam decoração vegetal, como as rosetas, que surgem em versões bastante diferentes como nas peças **2917** e **2146** (respectivamente Est. 2, n.º 2 e Est. 3, n.º 6), existindo ainda um motivo vegetal difícil de determinar. Como já referi, dominam os motivos circulares, reunindo catorze exemplares, sendo significativa a ausência de fragmentos com motivos que se possam relacionar com as produções mais antigas.



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM				PASTA		ENGOBE			Fabrico	Descrição			
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Textura	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico	Descrição
2930	—	—	I 14	4	Indet.	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Trício	Frag. diminuto. Decor. de métopas c/ linhas onduladas.
2932	—	C VIII	8	19	Indet.	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Trício	Frag. diminuto. Decor. círculos.
24345	99	1	C	160	Indet.	1	bordo/ parede	150	25	4,5	10R 5/8	Fina	10R 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Trício	Não se conservou a parte decorada
24682	99	1	C	159	Indet.	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Trício	Frag. diminuto. Decor. indeter.
24684	99	1	C	159	Indet.	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Trício	Frag. diminuto. Decor. de métopas.
24687	99	1	C	159	Indet.	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Trício	Frag. diminuto. Decor. vegetal ?
24698	99	1	C	172	Indet.	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Trício	Frag. diminuto. Decor. círculos.
1165	89	1	—	13	Indet.	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Andújar	Frag. diminuto. Decor. círculos.
1261	90	C VIII	8	8	Indet.	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Andújar	Frag. diminuto. Decor. círculos.
1330	84	—	J 8	3	Indet.	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Andújar	Frag. diminuto. Decor. de métopas com linhas verticais onduladas e de chevrons/ângulos.
1331	—	—	—	—	Indet.	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Andújar	Frag. diminuto. Decor. círculos concêntricos.
1333	84	—	J 8	3	Indet.	1	parede	—	29,5	4,8	2,5YR 6-5/6	média	2,5YR 4/8	brilhante	fino	homogéneo	Andújar	Desgaste do engobe na decor. de métopas.
2146	85	—	G 16 bq O	3	Indet.	1	parede/ carena	—	30,7	5	2,5YR 6/6	média	2,5YR 4/8	mate	espesso	homogéneo	Andújar	Decor c/ linha de rosetas, duas caneluras horiz. e linha de círculos concêntrico na base.
2150	85	—	G 16 bq O	3	Indet.	1	bordo	d.d.	—	—	—	—	—	—	—	—	Andújar	Frag. diminuto
2917	94/ 95	—	Q 14/ 17	17	Indet.	1	parede	—	30,8	3,5	2,5YR 6/6	média	10R 5/6	baço	fino	não homogéneo	Andújar 3	Decor. de faixa de rosetas. Pasta com inúmeras partículas de micas
2933	89	C 8	—	9	Indet.	1	fundo/ pé	pé-45	17	8	2,5YR 6/6	média	10R 5-4/8	mate	espesso	não homogéneo	Andújar	Limite inferior da área decor.
2935	95	Mur silo gde	—	—	Indet.	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Andújar	Frag. diminuto. Decor. círculos.
8777	99	1	C	160	Indet.	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Andújar	Frag. diminuto. Decor. roseta
9734	95	Mur Tr	2	—	Indet.	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Andújar	Frag. diminuto. Decor. círculo e florzinha.
20027	99	1	—	—	Indet.	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Andújar	Frag. diminuto. Decor. de métopas linhas onduladas.

Quadro descritivo [cont.]

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM				PASTA		ENGOBE				Fabrico	Descrição	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Textura	Cor	Brilho	Espess.			Homog.
20962	99	I	B	16	Indet.	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Andújar	Frag. diminuto. Decor. círculos.
22086	99	I	B	210	Indet.	1	parede	—	31,2	5	2,5YR 6/6	grosseira	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Andújar	Linha de círculos concêntricos que delimita área com decoração de métopas formadas por linhas verticais de chevron/ ângulos, alternado motivo circular com séries de linhas tremidas verticais.
23578	99	I	B	42	Indet.	1	parede	—	17,8	4,9	2,5YR 6-5/6	grosseira	2,5YR 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Andújar	Decor. c/ linha de círculos concêntricos pequenos.
23920	99	I	B	196	Indet.	1	indet.	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Andújar 2	Frag. diminuto. Decor. indet.
23939	99	I	B	115	Indet.	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Andújar	Frag. diminuto. Decor. de círculos.
24052	99	I	C	141	Indet.	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Andújar	Frag. diminuto. Decor. de métopas.
24078	99	I	C	161	Indet.	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Andújar	Frag. diminuto. Decor. círculos.
24186	99	I	C	140	Indet.	1	parede/ fundo	—	—	6	2,5YR 5/6	média	2,5YR 4/8	mate	espesso	homogéneo	Andújar	Decor. de linha de circ. concêntricos e 2 caneluras paralelas horizontais na base.
24686	99	I	C	159	Indet.	1	parede	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Andújar	Frag. diminuto. decor. de métopas de linhas verticais onduladas e chevrons

3.5.3. Marcas e grafitos

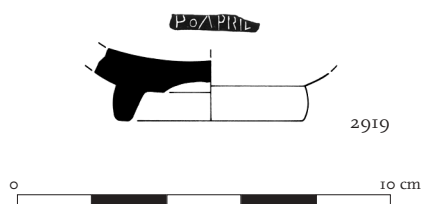
Existem quatro marcas em Santarém (Est. 5, n.ºs **1318** e **2919**), duas das quais tinham já sido objecto de publicação por Dias Diogo (Diogo, 1984, p. 120, est. II, n.ºs 14 e 15).

O oleiro **LAPILLIVS**, que produziu em Tricio na segunda metade do século I, está representado por dois exemplares, um deles inédito. Este oleiro é muito frequente em Espanha em sítios como Tarragona, Astorga, Los Villares (Valderas), Iruña, Cabriana, Navatajera (Léon), Hontalba (Toledo), Villaverde (Madrid), *Lancia*, Valência, Cerro de los Castillones (Málaga), Córdoba, Belo, Italica, Villafranca de los Barros, Mérida, Ibiza, Complutum, Valeria, S. Juan de Tabagón, (El Rosal, Pontevedra) e Herrera de Pisuerga (Beltrán, 1990, p. 114). A sua presença dominante em Mérida constitui um bom exemplo da forma como estas cerâmicas atingiram o território da Lusitânia e como os seus produtos se propagaram. Este oleiro conheceu uma difusão considerável da sua produção também em território português. São vários os exemplares de Conímbriga (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 206, n.ºs 383-386, est. LIX), existindo também a assinatura deste oleiro em Bracara Augusta (Delgado e Soares, 1984, p. 63, n.º 24), Monte Mozinho (Carvalho, 1993-94) Aramenha, Torre de Palma (Mayet, 1973). Infelizmente, não é possível, dado o estado de conservação do exemplar *Scallabitano*, enquadrar esta peça na tipologia apresentada por Mayet (Mayet, 1973, p. 26-34).

Integramos nesta série igualmente a problemática marca de **SEVERVS**, que Diogo classifica como sendo de produção hispânica (Diogo, 1984b, p. 120, est. II, n.º15). Quanto ao fabrico, o autor integra este fundo nas produções tardias do século III e IV que não parece terem recebido marca com base nos grupos definidos por Mayet para Conímbriga. Efectivamente, não se conhecem quaisquer exemplos deste oleiro, mesmo nos inventários mais recentes sobre as produções hispânicas. Pelo contrário, esta assinatura está atestada em inúmeros locais da Gália, além de La Graufesenque, Avocourt, Lavoye, Lezoux, Montans, Les

Martres-de-Veyre e Vichy. Mesmo não tendo sido possível observar esta marca, não foi possível integrá-la no conjunto de marcas sudgálicas.

A última marca, inédita, coloca muitos problemas de leitura, pois não encontrei, nos *corpora* publicados, qualquer oleiro com o nome de **POAPRIL**. Pela canelura no fundo externo, não parece existirem dúvidas acerca da origem hispânica deste objecto que pelas suas características morfológicas se deve colocar como uma produção de Tricio. No entanto, o seu fabrico é bastante diferente dos que habitualmente considerámos como sendo desta origem, mais se assemelhando às produções de *sigillata* hispânica tardia. A pasta é de textura média e o engobe é pouco espesso e homogéneo e mate.



Quadro descritivo das marcas de *terra sigillata* hispânica

N.º Inv.	Proveniência Ano/Sector/ Q/UE	Oleiro	Leitura	Forma	Caixilho	Bibliografia	Fabrico	Observações	Desenho (escala 1/1)
1318	G 16, silo	LAPILLIVS	[...] ILLI	Indet.	Rectangular	Roca e Fernández, 1999, p. 293; Saénz e Saénz, 1999, p. 106 e 107	Tricio	—	
2919	CVIII, 8, [14]	?	POAPRIL	Taça	Rectangular ângulos arredondados	—	Tricio	—	
—	1979	LAPILLIVS	LAPILI	Taça	Rectangular ângulos arredondados	Diogo, 1984, p. 120, est. II, n.º 14	Tricio	Pasta esponjosa rosada, com muita calcite.	

Descrição do fabrico das marcas hispânicas

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM				PASTA		ENGOBE			Fabrico		
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.P.	L.M.	C.M.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Fabrico
2919		C VIII	8	14	taça	1	fundo	50	41	52	5	2,5YR 7/6	10R 5/8	mate	fino	não homogéneo	Tricio
1318		G 16		silo	Indet.	1	fundo	..	17	35	4	10R 5/8	10R 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	Tricio

3.5.4. A *sigillata* Hispânica de Tricio e Andújar de Santarém no quadro das importações para o território actualmente português e para a Lusitânia.

A *sigillata* hispânica de Santarém é escassa, e, como já foi referido, a sua presença marca o princípio da quebra das importações para a capital do *conventus scallabitanus*, e o início do declínio da própria cidade. Efectivamente, este fabrico constitui apenas 12,83% do total de *sigillata* recebida nesta cidade, enquanto que em sítios como Conímbriga e São Cucufate a percentagem é bastante mais elevada, 27 e 30% respectivamente, e ainda maior em Represas e Pessegueiro: respectivamente 34,5 e 33%.

Se a percentagem é menor na cidade da Bética, isso ficou a dever-se não a um decréscimo da importância económica desta cidade, mas sim à pressão dos produtos africanos, sobretudo da *sigillata* clara A, que rapidamente dominam o mercado anteriormente ocupado com os produtos hispânicos (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 212). Ora, não é este fenómeno que se observa em Santarém, pois as importações africanas tardias são, também elas escassas, apesar de demonstrarem que a cidade continua integrada na rede comercial que tem por base a bacia do Mediterrâneo.

Um dos aspectos a analisar na comparação da *sigillata* hispânica de Santarém com a de outros sítios da Península Ibérica, além do padrão das importações, o seu ritmo e a sua cronologia, diz respeito ao peso das produções de Tricio e de Andújar. Grande parte dos conjuntos de *sigillata* hispânica estudados na Península Ibérica correspondem a locais onde os fabricos de Tricio ou dominam ou são mesmo exclusivos. Encontram-se nesta situação, por exemplo Conímbriga, Numância, Pamplona e Mérida, locais com elevadas proporções de *sigillata* hispânica que não constituem, por isso, modelos para a importação dos produtos hispânicos.

Destaca-se, na *sigillata* hispânica de Santarém, a maior incidência de peças com origem no centro produtor da Bética, em Andújar, comparativamente com os provenientes da vertente setentrional, do Vale do Ebro. É comum que, entre o leque de formas conhecidas destes centros produtores, sejam realmente apenas escolhidas para o consumo um número reduzido de formas lisas e decoradas. Habitualmente, entre as formas lisas, destaca-se o prato Drag. 15/17 e a taça Drag. 27 e entre as decoradas dominam a Drag. 29 e 37. Ora em Santarém existe uma grande quantidade de pratos da forma Drag. 15/17, repartindo-se as taças pelas formas Drag. 27 e 24/25. Como é habitual, entre as formas decoradas as mais frequentes são as Drag. 29 e 37. Estão ausentes os estilos decorativos mais antigos, de filiação gálica (grinaldas, festões, etc.), sendo abundantes as peças com decoração metopada e séries de círculos, característicos do século II.

Com uma percentagem idêntica à observada em Conímbriga ou S. Cucufate, o conjunto da *sigillata* hispânica de Monte Mozinho inclui, para além das produções do vale do Ebro, de um outro fabrico contemporâneo do de Tricio, cuja origem exacta não é ainda conhecida (Carvalho, 1998, p. 66-67). A cronologia apontada para este conjunto centra-se no período de Nero e Vespasiano, embora existam testemunhos da ocupação do sítio em época posterior, mas em outras áreas (Carvalho, 1998, p. 89). Além dos dados das formas lisas, esta cronologia é confirmada pelos estilos decorativos, pois estão representados sobretudo as decorações metopadas, sendo raros os frisos com motivos circulares (Carvalho, 1998, p. 87). Os dados relativos às marcas de *sigillata* hispânica de *Bracara Augusta* parecem indicar que aquela teve também uma importância significativa, mesmo superior à da *sigillata* sudgálica (Delgado e Santos, 1984, p. 49-70 e Delgado 1985, p. 9-40).

Do depósito do Museu Machado de Castro, originário de recolhas antigas junto da Universidade e das Galerias romanas do Museu, conhece-se um conjunto de peças com marca de diversos oleiros, onde estão representadas as formas Drag. 27, além de uma série de peças decoradas com métopas que incluem motivos vegetais e animais e decoradas com frisos de círculos (Alarcão, 1971, p. 52-78).

Conímbriga importou exclusivamente produtos com origem no Vale do Ebro, e, como já se observou anteriormente, estão presentes os estilos decorativos de imitação com grinaldas e festões, estilo das métopas e de transição, da segunda metade do século I, o que aponta para um início das importações anterior ao que se regista em Santarém. Outro dado a favor desta observação é a presença, em Conímbriga, de exemplares da forma Drag. 15/17, de parede ainda bastante moldurada, tal como sucede nas suas antecessoras sudgálicas. Tal como Santarém, este sítio recebeu, além dos produtos alto imperiais, a chamada *sigillata* hispânica tardia. A difusão dos produtos de *Tritium Magalum* para Conímbriga foi mais intensa entre a época Flaviana e o reinado de Trajano (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 339).

É escassa a *sigillata* hispânica de Cardílio (Torres Novas) apresentando alguns exemplares das formas mais comuns (Alarcão e Alarcão, 1967).

S. Pedro de Caldelas (Tomar) não foge ao padrão habitual das importações, com número significativo das formas Drag. 27 e Drag. 15/17 e algumas formas decoradas Drag. 29/30 e 37 (Ponte et al., 1988, p. 73, fig. 43).

Ainda no Vale do Tejo, a *villa* romana de Povos (Vila Franca de Xira) recebeu uma maior quantidade de *sigillata* hispânica com origem em Trício (54 frag.), não deixando de ser significativo o número de fragmentos atribuídos a Andújar (26) (Dias, 1997, p. 16 e 17). No conjunto dos dois fabricos, entre as formas lisas encontram-se as taças Drag. 27 e Drag. 35/36. Nas decoradas os tipos mais comuns são também os aí presentes. Não se encontra o chamado estilo de imitação, sendo dominantes as métopas e a combinação entre métopas e círculos, o que pode indicar, do ponto de vista cronológico, um início das importações em finais do século I e o seu *terminus* em meados do século II, momento em que se começa a impor no mercado a *sigillata* africana (Dias, 1997, p. 17)

Na *villa* do Alto da Cidreira, são os vários fabricos de *sigillata* tardia africana os mais abundantes. A *sigillata* hispânica existente provém, maioritariamente, de Andújar (17 frag.), estando presentes também as cerâmicas de Trício (4 frag.) (Nolen, 1988, p. 75-78).

Surpreende que a *sigillata* hispânica de Tróia apenas constitua 4,80% do total dos fabricos aí recolhidos. Este fenómeno é explicado pela natureza da amostra utilizada no estudo que foi efectuado. Trata-se, como apontam os autores, de materiais provenientes dos últimos trabalhos arqueológicos, em que se escavaram sobretudo níveis de abandono, sendo reduzidas as áreas de escavação em profundidade (Étienne, Makaroun e Mayet, 1994, p. 25). De acordo com os padrões de consumo que se tem vindo a analisar, julgo que seria de esperar um conjunto significativo deste tipo de materiais, com uma forte percentagem de *sigillata* hispânica com origem na Bética. O que também se estranha é que a reduzida ocorrência de *sigillata* hispânica não seja compensada por uma percentagem mais significativa de *sigillata* africana. Se assim fosse, a reduzida quantidade de *sigillata* hispânica seria explicada, pelo menos em parte, pela concorrência do comércio com o Norte de África. Em Tróia, a *sigillata* tardia domina, de facto, mas apenas a partir da divulgação da *sigillata* clara C, e sobretudo, com a clara D (Étienne, Makaroun e Mayet, 1994, p. 28).

São escassas as marcas de oleiro de *sigillata* hispânica provenientes de Alcácer do Sal, o que constitui, aparentemente, um indício do declínio desta cidade a partir dos finais do principado de Augusto, já que também não abundam as produções sudgálicas (Diogo, 1985, p. 142). Para confirmar estes dados, e para se conhecer o peso das importações de Trício e Andújar neste sítio será necessário aguardar pelos resultados das intervenções mais recentes.

O importante entreposto comercial que, em época romana, constituiu a ilha do Pessegueiro apresenta um conjunto de *sigillata* hispânica que representa 33% do total da *sigillata* aí recolhida (Tavares da Silva e Soares, 1993, p. 97). A maior parte destas cerâmicas, que surgem nas fases II A e B, teve origem no centro produtor do vale do *Betis* (52%), sendo 28% de Trício e 20% indeterminadas. Quanto às formas, reduzem-se aos tipos mais comuns, com o predomínio para a taça Drag. 27 e o prato Drag. 15/17, sendo igualmente abundantes a taça Drag. 24/25, e escassos os exemplares das formas Drag. 18 e Drag. 35/36 e Drag. 37 (Tavares da Silva e Soares, 1993, p. 93, fig. 40). No Pessegueiro (...) a *sigillata* hispânica predomina sobre a Clara A nos níveis dos primeiros dois terços do século II e torna-se meramente vestigial na primeira metade do século III (Tavares da Silva e Soares, 1993, p. 103).

O conjunto de *sigillata* hispânica recolhido nas termas da *villa* romana da Tourega (Évora) é, maioritariamente, constituído por cerâmicas com origem no centro produtor do Vale do Ebro. Efectivamente, a percentagem de *sigillata* hispânica de Trício atinge os cerca

de 80%, o que corresponde a um padrão de importação que está claramente mais voltado para um abastecimento através das vias terrestres e que terá tido como base o grande centro redistribuidor de Mérida (Pinto, Dias e Viegas, no prelo). É curioso verificar que este panorama é significativamente diferente do do sítio de S. Cucufate. Relativamente às formas, existe um domínio quase exclusivo do habitual prato Drag. 15/17 e da taça Drag. 27, sendo bastante numeroso o conjunto de fragmentos decorados. Tudo indica que os estilos decorativos mais antigos, de filiação gálica, não tenham chegado à Tourega, pois apenas estão presentes as decorações metopadas e em séries de círculos, características já do século II.

No sítio das Represas, a *sigillata* hispânica constitui 34,59% do total da *sigillata* aí recolhidas. No conjunto, 76,3% pertencem às oficinas de Tricio e a maior frequência de formas regista-se, como habitualmente, com o prato Drag. 15/17 e a taça Drag. 27 (Lopes, 1994, p. 54). Entre as formas decoradas, é a Drag. 37 que domina esta colecção, estando também presentes as Drag. 29 e Drag. 30. Estão representados os estilos decorativos iniciais, de imitação, de métopas e de motivos circulares, embora não seja indicada a sua frequência (Lopes, 1994, p. 55). Importa ainda referir que, tal como se verifica em outros sítios, a proporção de peças decoradas é superior neste fabrico em relação aos restantes, o que constitui uma característica das produções hispânicas. Na impossibilidade de se estabelecer uma cronologia das importações para Represas, devido à ausência de estratigrafia, pode apontar-se, genericamente, um início que coincide com os começos da produção e o seu final, em meados do século II. Dado não terem existido escavações no local, é também difícil de interpretar a escassez de importações africanas. O que parece um facto inegável é que a partir do final das importações de *sigillata* hispânica, este sítio não volta nunca mais a ter o poder aquisitivo que anteriormente demonstrara.

Apesar de muito próximo, do ponto de vista geográfico, o panorama dos produtos hispânicos em São Cucufate, é bastante diferente. Aqui, a *sigillata* hispânica corresponde a 30% do total da *sigillata*, e pertence ao período que marca o início da fase de maior riqueza da *villa*, facto que é demonstrado, não só pelos amplos programas construtivos que os sucessivos proprietários romanos aí operaram, mas também pela abundância das produções africanas. A oposição relativamente ao panorama das importações hispânicas de Represas é igualmente marcada pelas proporções idênticas dos fabricos do vale do Ebro e do Vale do Guadalquivir (Alarcão, Étienne e Mayet, 1990, p. 250).

Os dados sobre algumas cerâmicas das escavações antigas de Miróbriga foram recentemente compilados, concretamente os que se referem às produções hispânicas, norte africanas e orientais tardias (Quaresma, 1999b, p. 197, quadro 3). Este estudo, que teve por base materiais inéditos e outros já publicados (Dias, 1977; Maia, 1971), veio demonstrar que o fabrico com origem na Bética, centro produtor de Andújar, é mais abundante (28 ex.) que o de Tricio (20 ex.). Apesar da taça Drag. 27 dominar claramente esta colecção, nota-se alguma diversidade de formas, embora sempre em quantidades muito reduzidas. São as formas mais comuns as que se encontram decoradas, mas a dimensão dos fragmentos não permite saber qual o estilo decorativo presente (Quaresma, 1999b, p. 155 e 159, est. V). Este conjunto apresenta alguns materiais do início das produções hispânicas, como um prato Drag. 15/17 com a parede moldurada.

No Algarve, importa analisar o material de Torre d'Ares (*Balsa*), mas este não deve ser tomado como representativo da cidade romana, pois estranha-se a existência de apenas nove fragmentos deste fabrico (Nolen, 1994, p. 91-92).

Na Quinta do Marim, a *sigillata* hispânica existente, que corresponde a 74 fragmentos, pertence, tal como a sudgálica, à Fase II, da qual não se conservaram quaisquer estruturas. Verifica-se que 58% desta cerâmica teve origem nos centros produtores do nordeste da Península (Silva, Soares e Coelho-Soares, 1992, p. 346), no que constitui mais um indício da força

destes produtos em mercados do sul do território nacional. As formas presentes indicam que o conjunto tem uma cronologia a partir de meados do século I, iniciando-se imediatamente em meados do século II ou século III as importações de produtos norte africanos.

Por tudo o que tem vindo a referir-se julgo que não podem manter-se as afirmações realizadas a propósito de S. Cucufate, quando se afirma que as importações com origem na Bética se limitam à Lusitânia Meridional (Alarcão, Étienne e Mayet, 1990, p. 250).

A análise da difusão dos produtos da Bética e de Tricio permite compreender os sistemas de aprovisionamento dos diversos locais de consumo, que podem privilegiar as relações comerciais por via marítima e/ou fluviais, no caso da preferência pelos produtos do vale do Guadalquivir, ou o abastecimento através do grande centro urbano com importantes funções redistribuidoras, que foi Mérida.

É indiscutível o domínio das produções de Tricio na Península Ibérica. A sua difusão para a Lusitânia fez-se sobretudo através da sua capital e nos sítios do sul do território peninsular, pode testemunhar-se a pressão dos produtos do vale do Ebro sobre os da Bética. No entanto, parece um pouco abusivo falar-se de “(...) reparto de mercados previamente estabelecidos. En apoyo a esta hipótesis encontramos un hecho perfectamente claro y es la ausencia, salvo excepciones anecdóticas, de producciones de Andújar fuera de la Bética” (Saénz e Saénz, 1999, p. 70).

Conforme já foi mencionado *supra*, a difusão das produções de Andújar tem vindo a ser alargada à medida que novos resultados são divulgados. Se é certo que a presença de produtos de Tricio em Represas é bastante elevada (76,3%) (Lopes, 1994, p. 54), verifica-se, por outro lado, que são significativos os produtos de Andújar por exemplo em S. Cucufate, onde reúnem cerca de 50% dos achados de *sigillata* hispânica (Alarcão, Étienne e Mayet, 1990, p. 250). A *sigillata* de Andújar está representada em Mérida, embora em menor número que a *sigillata* de Tricio, como o afirma Vázquez de la Cueva que se debruçou, recentemente, sobre as produções tardias africanas (Vázquez de la Cueva, 1985, p. 89) e ao contrário do que continua ser afirmado (Alarcão, Étienne e Mayet, 1990, p. 250 e Mayet, 1990, p. 210). As produções béticas são minoritárias, mas existem também em Torre de Palma, como se pôde verificar em trabalho recente levado a cabo no contexto do estudo dos mosaicos daquele sítio (Alarcão et al., 2000, p. 79-82). Regista ainda uma forte presença na ilha do Pessegueiro (Sines) (Silva e Soares, 1993) e é também maioritária no Alto da Cidreira (Cascais) (Nolen, 1988) e em Miróbriga (Quaresma, 1999b).

A problemática em torno da presença de produtos da Bética em território nacional, deve ser equacionada igualmente à luz dos restantes produtos com origem naquela região, nomeadamente as ânforas. Existe em Santarém um amplo conjunto de ânforas vinárias com origem naquela província romana, que documentam relações comerciais intensas que se desenrolaram a partir de meados do século I a.C. (Arruda e Almeida, 2000). Estas importações, que incluíram igualmente produtos oleícolas e preparados piscícolas, acentuaram-se em finais do século I a.C., entrando em decréscimo a partir dos finais do século I d.C. (Arruda e Almeida, 2000).

Relativamente à difusão do azeite da Bética na Lusitânia, Carlos Fabião constatou que, e ao contrário do que costuma ser afirmado, este produto tem uma presença significativa no mercado desta província (Fabião, 1994a, p. 219-245). As ânforas de *Bracara Augusta*, da Zona das Carvalheiras, documentam igualmente esta intensa actividade comercial. (...)” A conquista da *Britannia*, no ano de 43, parece representar, por sua vez, um outro momento na sedimentação da via de circulação atlântica, gerando uma maior procura de produtos provenientes da Bética (...)” (Morais, 1998, p. 81). Nesta cidade do noroeste, são sobretudo as produções vinárias, testemunhadas pelas ânforas Haltern 70, as dominantes, registando-

-se igualmente a ocorrência de contentores para preparados piscícolas, sendo praticamente ausentes as importações de azeite envasado nas ânforas Dressel 20 (Morais, 1998)

Efectivamente, verifica-se que tal como para as ânforas, também no que diz respeito à *sigillata* hispânica, Conímbriga não constitui modelo das importações daquela região para a Lusitânia.

Se se considerar o conjunto dos fabricos de *terra sigillata* verifica-se que a importação de *sigillata* hispânica em Santarém se faz num momento em que a cidade já perdeu grande parte do seu poder económico, poder que, aliás, não voltará a retomar, pelo menos na Antiguidade. Este é outro aspecto que distingue Santarém dos restantes sítios que se analisaram, pois na maior parte dos casos a presença dos produtos hispânicos é forte e marca o desenvolvimento destes locais a partir dos finais do século I e, sobretudo, no século II.

3.6. As produções africanas

3.6.1. Caracterização dos fabricos, origem e difusão

A *sigillata* clara A, que corresponde à fase inicial das produções norte Africanas, foi caracterizada por Hayes em 1972, na sequência de trabalhos de investigadores anteriores como Lamboglia e Waagé. A tipologia das suas formas foi retomada e completada por Carandini que, baseando-se em grande medida nas descrições anteriores, diferencia, no interior da produção A, três fabricos distintos (A1, A1/2 e A2) aos quais atribui cronologias específicas com base, sobretudo no tipo de engobe que cobre as peças (Carandini, 1981). Se procurarmos descrever a *sigillata* clara A, pode afirmar-se que se trata de peças de cor laranja avermelhado, com pastas de textura esponjosa, na qual são visíveis pequenas partículas de quartzo, micas e calcário. Os engobes são de boa qualidade, por vezes mesmo lustrosos, apresentando a mesma coloração que a pasta, e tendendo a cobrir a superfície interna e externa das peças.

A produção de *sigillata* clara A terá tido o seu início no final do século I e início do século II, sendo as primeiras formas herdeiras directas das oficinas sudgálicas, embora também se desenvolvam peças que seguem uma evolução morfológica de tradição local. Em termos gerais, considera-se que foi neste período inicial que as cerâmicas atingiram um fabrico de maior qualidade (A1), embora tenha sido em meados do século II e durante o século III que atingiram o auge da sua difusão, conservando no entanto as suas características essenciais, quer quanto à pasta quer quanto ao engobe (A1/2).

A *sigillata* clara C apresenta um fabrico de qualidade bastante depurada, quer quanto à pasta quer quanto aos engobes que se apresentam finos e mais macios ao toque que a *sigillata* clara A. A produção iniciou-se no começo do século III (C1), mas será já no decurso deste século que se irá registar o ponto alto da sua exportação que irá dominar os mercados do Mediterrâneo oriental durante o século III (C2). Carandini segue a descrição de Hayes para se referir ao fabrico C3 e C4, que apresentaria um engobe mais espesso, passando apenas a cobrir a superfície interna das peças e a parte superior do bordo. Do ponto de vista cronológico, esta última série atingiria todo o século IV e a primeira metade do século V. É a partir deste período que se passam a utilizar recipientes para o serviço de mesa de maiores dimensões, facto que se tem relacionado com transformações importantes nos hábitos alimentares (Carandini, 1981, p. 15)

A *sigillata* Clara D retoma a produção anterior do fabrico A e caracteriza-se por apresentar pastas de textura granular fina ou com tendência para o mais comum. O engobe é de espes-

sura variável, pouco lustroso, por vezes mesmo baço e rugoso/borbulhento. Tortorella, com base nas indicações fornecidas por Hayes aponta para a existência de vários tipos de produção com faseamentos e características diferenciadas. Produzida na região de Cartago, este fabrico tem uma duração de inícios do século IV a meados do século VII, distinguindo Hayes diversas fases na produção, a que correspondem diferentes características de engobe e pasta. Na sucessão directa do fabrico A, o D distingue-se pelo facto do engobe já não cobrir a totalidade da superfície externa. O fabrico D1, cuja primeira fase se situa entre os séculos IV e V, apresenta pasta de textura granulosa e um engobe que tende a ser cada vez menos lustroso. Numa 2ª fase (do fim do século V a meados do século VII) o engobe muito fino e a superfície mais rugosa (“pimpley”) (Carandini et al., 1981, p. 78; Hayes, 1972, p. 291 e 292).

De um modo geral pode considerar-se que o fabrico D2 se distingue do anterior sobretudo por apresentar um engobe mais espesso e brilhante. Numa primeira fase (de finais do século IV a inícios do século VI) o engobe é espesso e brilhante pelo forte polimento que recebe, característica que se esbate na segunda fase (fim do século V a meados do século VII) uma vez que o fabrico se torna mais grosseiro (Hayes, 1972).

A decoração estampada constitui uma importante característica da produção de *sigillata* no território norte africano desde o século IV ao século VI. O facto de se conhecerem bem as formas em que a maior parte dos motivos foram aplicados, tornou este tipo de decoração num indicador cronológico bastante preciso. Ela surge sobretudo nos amplos fundos internos de pratos e tigelas.

Hayes aponta três fases principais na evolução da decoração, que se inicia com toda uma série de diferentes motivos florais e geométricos que se combinam em várias composições radiais ou outras em que os motivos ocupam bandas em torno do fundo. Nesta fase inicial distingue-se o estilo A (i), o estilo A (ii) e o A (iii), com início nas primeiras décadas do século IV até ao último quartel do século V; o estilo B, de meados do século IV ao primeiro quartel do século V; e o estilo C dos finais do século IV até pouco antes de meados do século V (Hayes, 1972, p. 217, 218). Numa segunda fase, os animais (sobretudo pássaros) e os símbolos cristãos, especialmente as cruces (“cross monogram”) passam a fazer parte do repertório dos motivos empregues nas estampilhas. Correspondem ao estilo D (Hayes, 1972, p. 220) com datação de meados do século V ao início do século VI. A terceira fase (estilo E) introduz as figuras humanas e outras espécies de animais com cronologias do primeiro quartel do século VI ao início do século VII.

A decoração em relevo, produzida com molde, é bastante menos comum encontrando-se disposta no bordo de grandes travessas e pratos, situando-se a sua cronologia entre os meados/finais do século IV e o início do século V (Hayes, 1972, p. 84).

Mais comum que a decoração em relevo é a decoração aplicada que foi utilizada sobretudo nos séculos III, IV e nos inícios do V. São consideradas duas séries distintas. A mais antiga (dos inícios ao terceiro quartel do século III) caracteriza-se pela dispersão dos motivos por todo o corpo ou fundo do vaso, sendo preferidos os motivos relacionados com os espectáculos com feras e as cenas de caça (“*venationes*”). A segunda série, que abarca o período desde a segunda metade do século IV ao primeiro quartel do século V, inclui um leque de motivos variados, entre feras, peixes, cenas mitológicas e bíblicas, que se dispõem normalmente em torno da aba da tigela ou prato que decoram, encontrando-se também na terra *sigillata* clara C (Hayes, 1972, p. 211-217).

Além da decoração estampada, em relevo e aplicada, a *sigillata* clara norte africana conheceu ainda outras formas de decoração. Referimo-nos às simples caneluras, o *guilhoché*, a decoração de folhas de água (barbotina), os gomos, os entalhes, os orifícios e os padrões brunidos e enegrecidos. Muitas destas formas derivam directamente das baixelas

de prata, e podem fornecer igualmente bons indicadores cronológicos, como é o caso dos entalhes e dos orifícios que podem datar dos finais do século IV a inícios do século V. As folhas de água aplicadas segundo a técnica da barbotina são herdeiras directas da *terra sigillata* sudgálica, estando presentes nas primeiras formas africanas datadas desde os Flávios a meados do século II. A decoração de *guilhoché* pode ocorrer numa simples linha ou faixa, sendo difícil obter-se uma cronologia precisa, ou pode surgir em duas bandas separadas por uma canelura com traços oblíquos que correm em direcções opostas, registando-se o seu *flo-ruit* de fins do século V a inícios do século VI. O *guilhoché* designado por “feather-rouletting” difundiu-se sobretudo desde os finais do século IV a inícios do século VI.

A produção e exportação da *sigillata* clara é mais um exemplo do desenvolvimento económico que a África Proconsular, Bizacena e Tripolitana atingem a partir sobretudo do século II, e que está bem patente não só na exportação de outras cerâmicas como as de cozinha e as lucernas, mas também na exportação de alguns produtos alimentares como o azeite e o *garum*. Estes produtos tendem a partilhar não só os mesmos mercados, mas também as mesmas rotas, baseadas no comércio marítimo de longa distância. Como nos refere Carandini, relacionado com este fenómeno encontramos ainda associado o florescimento da literatura e arte musiva, entre outras.

3.6.2.1. Introdução

Relativamente ao conjunto da *sigillata* presente na Alcáçova, o conjunto das produções tardias é escasso somando, juntamente com a *sigillata* hispânica tardia e com a *sigillata* foceense tardia, apenas 18,69% em relação ao total.

Entre a *sigillata* tardia, a produção africana é maioritária, e no seio desta é a *sigillata* Clara D a mais abundante, 9,34%. A cerâmica correspondente ao início da produção africana, de meados do século II, está presente com cerca de 4,86% do conjunto, sendo a *sigillata* clara C a mais escassa, 1,87%.

Distribuição das formas identificadas de *sigillata* Clara A, C e D

		N.º FRAG.	NMI
TSCIA	Hayes 7 B	1	1
	Hayes 14/17	32	29
	Hayes 27	11	9
TSCIC	Hayes 45	5	5
	Hayes 50	11	10
TSCID	Hayes 58	10	10
	Hayes 59	12	12
	Hayes 61	17	17
	Hayes 63	1	1
	Hayes 67	8	8
	Hayes 76	13	12
	Hayes 71	2	2
	Hayes 87	1	1
	Atlante XLVI, 7	1	1
	Waagé 1948	1	1
	Hayes 91	3	3
	Hayes 99	1	1
	Hayes 110	1	1
Decor.	Decor. indet.	6	5

No seu todo, o conjunto da *sigillata* clara de Santarém cobre um amplo período cronológico, exactamente desde o início desta produção, em meados do século II, até aos inícios do século VI. A leitura comparada da distribuição das formas africanas presentes em Santarém, juntamente com as suas cronologias permite constatar que o maior volume das importações se localiza entre os meados do século IV e os meados/ finais do século V.

Distribuição e cronologia das formas de *sigillata* Clara A, C e D em Santarém

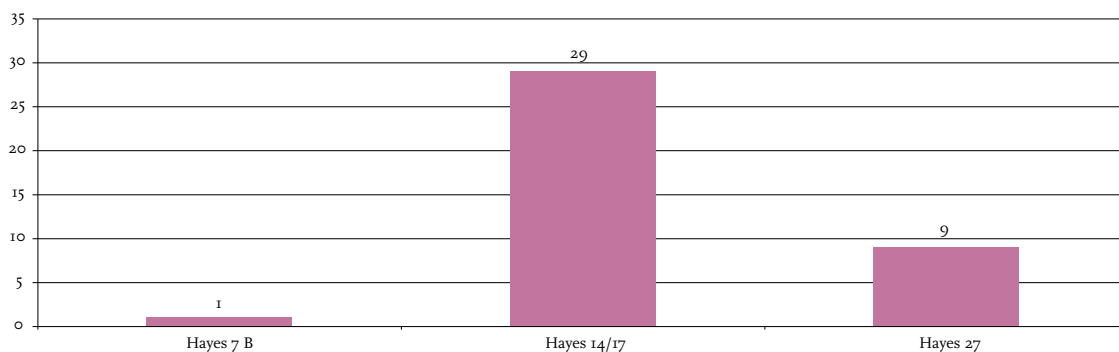
		100	150	200	250	300	350	400	450	500	550	600	650
TSCIA	Hayes 7 B		1										
	Hayes 14/17		29										
	Hayes 27		9										
TSCIC	Hayes 45A				5								
	Hayes 50				10								
TSCID	Hayes 58					10							
	Hayes 59						12						
	Hayes 61 A						14						
	Hayes 61 B								3				
	Hayes 63							1					
	Hayes 67							8					
	Hayes 76								12				
	Hayes 71							2					
	Hayes 87 A									1			
	Hayes 91 B									3			
	Waagé 1948								1				
	Atl. XLVI, 7										1		
	Hayes 99										1		
	Hayes 110												1

3.6.2.2. Terra sigillata Clara A

3.6.2.2.1. Introdução

Em Santarém, registam-se apenas quarenta e quatro fragmentos deste fabrico, para os quais apenas se pode identificar a forma de trinta e nove, que se distribuem por três formas (Hayes 7, 14 a 17 e 27). Mais de metade das peças identificadas correspondem ao conjunto de formas que designamos por Hayes 14 a 17, com uma cronologia entre a segunda metade do século II e a primeira metade do século III. A forma Hayes 27 regista quatro fragmentos, estando a forma Hayes 7 representada por um único fragmento.

Distribuição das formas de *sigillata* clara A



3.6.2.2.2. A Forma Hayes 7

Esta forma corresponde a uma tigela de paredes hemisféricas, com bordo espessado e pé baixo. Na parede exterior, apresenta duas ou três áreas com decoração de *guilhoché*, separadas por um sulco localizado a meio da parede. Nesta forma Hayes diferencia duas variantes, uma (A), mais fina, que se destaca pela presença de dois sulcos na parede interna, e outra (B) com a parede interna lisa e o *guilhoché* menos fino, tendendo o bordo a ser mais espessado e a parede mais angular. A estas variantes corresponderiam cronologias dos finais do século I e inícios do século II, para a variante A e de meados a finais do século II para a variante B (Hayes, 1972, p. 31-33).

Na Alcáçova de Santarém, encontra-se um fragmento de parede que apresenta decoração de *guilhoché* na superfície exterior que pode incluir-se na variante B por ser mais grosseira, isto apesar de não dispor senão de um reduzido fragmento da parede. Neste contexto, o fragmento de Santarém poderá datar-se de meados a finais do século II.

Em Conímbriga, não se conhecem cerâmicas com esta forma, que também se encontra muito escassamente representada em Belo, com apenas dez exemplares, num total de cerca de 1776.

Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA				TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA	ENGOBE			Observações	Fabrico	Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Espess.				Brilho
3411	87	C 4	J 14	—	Hayes 7 B	1	parede	s.d.	—	5	2,5YR 5/8	2,5YR 5/8	fino	lustroso	com decoração de <i>guilhoché</i> na parede exterior	A 1	m.-finais séc. II

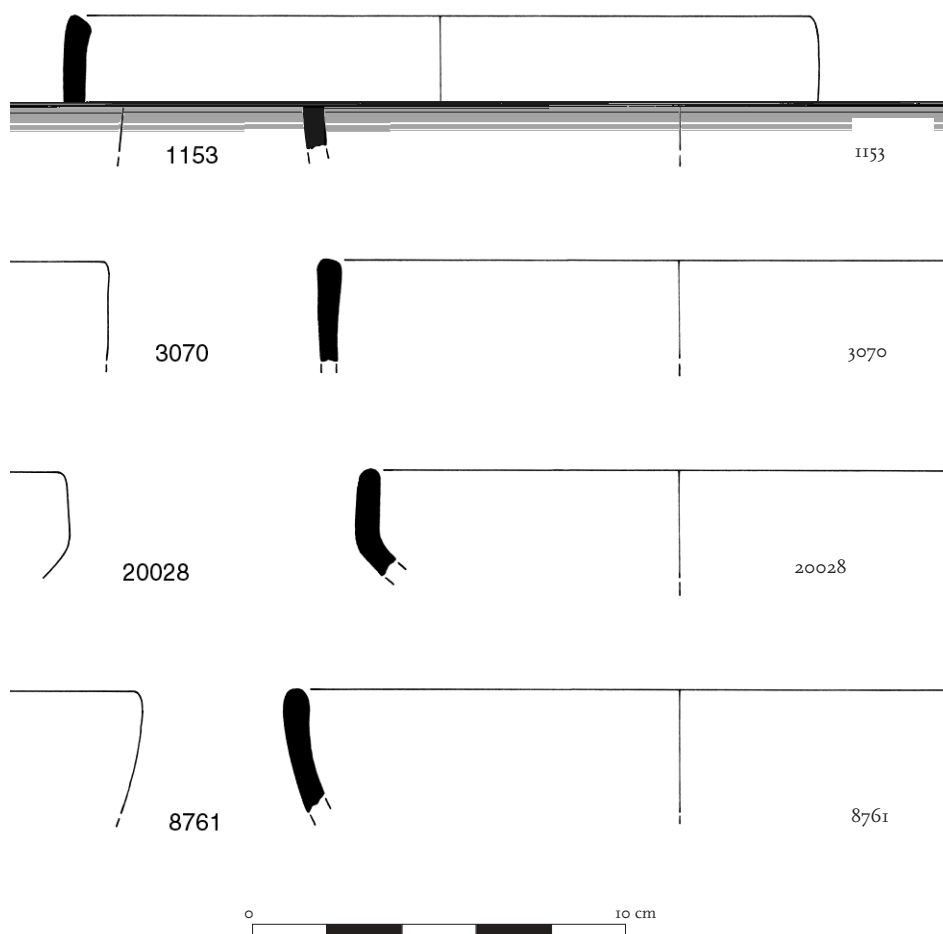
3.6.2.2.3. As Formas Hayes 14 a 17

Tal como outros autores têm vindo a efectuar, agruparam-se as formas da 14 à 17, pois representam, genericamente, tigelas com bordo indiferenciado, cuja parede se pode apresentar vertical, ligeiramente esvertida ou voltada para o interior, carenadas ou não e com um pequeno pé. A cronologia proposta por Hayes situa a produção destes materiais entre meados do século II e o século III (Hayes, 1972, p. 39-43).

Na Alcáçova de Santarém, existem vinte e nove peças que genericamente se podem enquadrar neste conjunto de formas, mas cuja dimensão dos fragmentos não permite uma distinção entre tipos específicos.

Os engobes cobrem ambas as superfícies das peças, são finos e lustrosos. Em alguns casos, a superfície exterior das peças é ligeiramente rugosa, ou apresenta linhas finas do polimento. Na superfície exterior de uma das peças, o engobe destaca-se em pequenas lascas/escamas (“flaking”). As pastas, cor de tijolo, são de texturas esponjosas, com fractura granular. Em dois exemplares, uma cozedura mais prolongada produziu uma pasta com o núcleo cinzento. Os diâmetros que foi possível determinar centram-se entre os 160 e os 210 mm, o que está de acordo com o que parece ter sido mais comum, sobretudo para a forma Hayes 14.

Não se encontra qualquer exemplar de *sigillata* clara A com esta forma em Conímbriga, sendo, pelo contrário, bastante abundante em Belo. Na cidade bética, estas formas constituem 19,2% da *sigillata* clara A aí recuperada, num conjunto que é datado da fase final da produção deste fabrico, da segunda metade do século II, até meados do século III (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 239 e 240).



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO			FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE		Observações	Fabrico	Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Espess.				Brilho
1153	90	C VIII	8	17	Hayes 14/17	1	bordo/parede	190	34	6	2.5YR 6/8	2.5YR 5/8	fino	lustroso	—	A 2	150-250
1495	—	C VIII	9	6	Hayes 14/17	1	bordo/parede	200 ?	25,8	5	2.5YR 6-5/8	2.5YR 6-5/8	fino	baço	—	A 2	150-250
1498	—	C VIII	9	6	Hayes 14/17	1	bordo	d.d.	21,7	5	2.5YR 6/8	2.5YR 6/8	fino	baço	—	A 2	150-250
3070	95	Mur	—	2 b	Hayes 14/17	1	bordo/parede	190	26,9	5,3	int. 5YR 5/1 ext. 2.5YR 5/8	2.5YR 5/8	fino	mate	interior da pasta cinzento	A 2	150-250
3093	87	C 3	—	—	Hayes 14/17	1	bordo	170 ?	19	4,6	2.5YR 6/6	2.5YR 6/8	fino	mate	—	A 2	150-250
3111	95	Mur	—	3 b	Hayes 14/17	1	bordo/parede	d.d.	25	5,8	2.5YR 6/8	2.5YR 5/8	fino	mate	—	A 2	150-250
3316	85	C 1	F 15	4	Hayes 14/17	1	bordo/parede	d.d.	23	4	2.5YR 6/8	2.5YR 6/8	fino	mate	sup. int. muito lisa	C 1/ 2	150-250
3350	87	—	J 14	4 a	Hayes 14/17	1	bordo/parede	d.d.	23	4,5	2.5YR 5/8	2.5YR 5/8	fino	mate	—	A 2	150-250
3354	—	C IX	17	3	Hayes 14/17	1	bordo/parede	170 ?	28,5	5,4	2.5YR 6/6	2.5YR 6/6	fino	mate	—	A 2	150-250
3374	87	—	I 14	2 b	Hayes 14/17	1	bordo	d.d.	17,5	6	2.5YR 6/8	10R 4/8	fino	mate	sup. int. muito alisada	C 1/2	150-250
3417	—	C IX	17	—	Hayes 14/17	1	bordo/parede	d.d.	26,7	4	int. 7.5YR 5/2 ext. 2.5YR 5/6	10R 5/6	fino	baço	interior da pasta cinzento	A 2	150-250
4183	89	C VIII	3	6	Hayes 14/17	1	bordo	d.d.	—	—	—	—	—	—	Frag. diminuto	A 2	150-250
8761	97	—	Q 6	0	Hayes 14/17	1	bordo/parede	210	32,1	5,8	2.5YR 6/8	10R 5/8	fino	mate	—	A 2	150-250

Quadro descritivo [cont.]

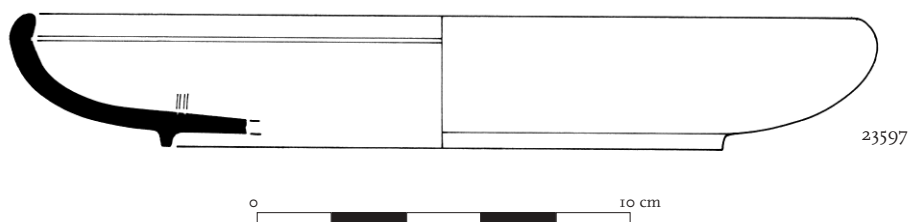
PROVENIÊNCIA					TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA	ENGOBE			Observações	Fabrico	Cronol.
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Espess.	Brilho			
12045	99	I	Q 3	o	Hayes 14/17	1	bordo/parede	160	3,1	5	2,5YR 6/8	2,5YR 5/8	fino	mate	sinais de alisamento no interior	A 2	150-250
20028	99	I	—	sup	Hayes 14/17	1	bordo/parede	160	26,6	5,7	2,5YR 6/6	10R 5/8	fino	mate	—	A 2	150-250
20059	99	—	—	—	Hayes 14/17	1	bordo	d.d.	22,7	5,4	2,5YR 6/8	10R 5/8	fino	mate	—	A 2	150-250
20687	99	—	—	sup	Hayes 14/17	1	bordo	d.d.	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	A 2	150-250
22875	99	I	B	216	Hayes 14/17	1	bordo	d.d.	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	A 2	150-250
23336	99	I	B	125	Hayes 14/17	1	bordo/parede	170	24,5	5	2,5YR 6/8	2,5YR 5/8	fino	mate	—	A 2	150-250
23347	99	I	C	116	Hayes 14/17	2	bordo/parede	d.d.	35,4	5	2,5YR 6/8	2,5YR 6/8	fino	baço	—	A 2	150-250
23426	99	I	B	185	Hayes 14/17	1	bordo/parede	190 ?	23,9	5,5	2,5YR 6/8	2,5YR 6/8	fino	mate	com sinais de polimento ext.	A 2	150-250
23452	99	I	B	76	Hayes 14/17	1	bordo	d.d.	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	A 2	150-250
23615	99	I	B	72	Hayes 14/17	1	bordo/parede	200	26,4	5,3	2,5YR 6/8	2,5YR 6/8	fino	mate	—	A 2	150-250
23642	99	I	B	42	Hayes 14/17	1	bordo	d.d.	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	A 2	150-250
23842	99	I	A	304	Hayes 14/17	1	bordo	d.d.	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	A 2	150-250
23991	99	I	A	133	Hayes 14/17	1	bordo	150	15	4	2,5YR 6/8	2,5YR 5/8	fino	mate	—	A 2	150-250
24017	99	I	C	142	Hayes 14/17		bordo	d.d.	31	6,5	2,5YR 6/8	2,5YR 5/8	fino	mate	—	A 2	150-250
24137	99	I	B	193	Hayes 14/17	1	bordo	d.d.	42	6	2,5YR 6/6	2,5YR 6/6	fino	mate	engobe int e exterior – rosado	A	150-250
24174	99	I	B	110	Hayes 14/17	1	bordo	d.d.	—	—	—	—	—	—	Frag. diminuto	A 2	150-250

3.6.2.2.4. A Forma Hayes 27

Esta forma corresponde a um prato de grandes dimensões, paredes convexas e bordo de secção semi circular, com pé baixo ou ausente. Possui normalmente na superfície interna um ligeiro sulco. Segundo Hayes, (1972, p. 49-51), esta forma é bastante comum e está datada de meados do século II até à primeira metade do século III, iniciando uma série de pratos com amplas bases, que irão tornar-se comuns a partir do século III.

Na Alcáçova de Santarém, foram detectadas apenas nove fragmentos de bordos desta forma, que não se afastam da caracterização geral que se atribui a este fabrico. Os engobes detêm a mesma coloração que as pastas, e as superfícies têm uma aparência cuidada e ligeiramente lustrosa. Os diâmetros, apenas calculados para dois exemplares, situam-se entre os 240 e os 260 mm, portanto dentro da normalidade.

Ausente do conjunto de cerâmicas recuperadas em Conímbriga, esta forma constitui 14,4% da *sigillata* Clara A de Belo, com uma datação situada entre a segunda metade do século II e a primeira metade do século III. Dada quantidade de peças ali recolhida, foi possível afinar a cronologia destes materiais através da diferenciação dos tipos de fabricos (A 1, A 1/2 ou A 2). Assim se verificou que a maioria dos exemplares de Belo, cerca de 34,5%, se situam na segunda metade do século III (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 237 e 238).



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA					TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE			Observações	Fabrico	Cronol.
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Espess.	Brilho				
1373	83	A	—	5	Hayes 27	1	bordo	d.d.	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	—	150-250	
3069	—	C.8	—	12	Hayes 27	1	bordo/ parede	260 ?	33	5,8	10R 5/6	2.5YR 5/8	fino	mate	pasta rosada	A 1/2	150-250	
20039	99	1	B	1	Hayes 27	1	bordo/ parede	240	24,8	5,2	2.5YR 5/8	2.5YR 5/8	fino	lustroso	—	A 1/2	150-250	
20695	99	1	B	19	Hayes 27	1	bordo	d.d.	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	—	150-250	
23597	99	1	C	1 e 121	Hayes 27	3	bordo/ parede/ fundo	250	31,2	4,8	2.5YR 6/8	2.5YR 5/8	fino	lustroso	sinais de polimento no exterior	A 1/2	150-250	
23646	99	1	B	19	Hayes 27	1	bordo/ parede	240 ?	27,5	5,3	2.5YR 6/8	2.5YR 6/8	espesso	mate	engobe a sair aos flocos	A 1/2	150-250	
23670	99	1	B	227	Hayes 27	1	bordo	d.d.	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	—	150-250	
23712	99	1	A	449	Hayes 27	1	bordo	d.d.	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	—	150-250	
23735	99	1	A	451	Hayes 27	1	bordo/ parede	d.d.	20	5,5	2.5YR 6-5/6	2.5YR 6/8	fino	lustroso	engobe de boa qualidade	A 1/2	150-250	

3.6.2.3. Terra sigillata Clara C

3.6.2.3.1. Introdução

Este fabrico é o menos representado no conjunto das *sigillatas* africanas presentes em Santarém (1,84%). Dos escassos fragmentos, apenas quinze peças permitem uma identificação tipológica e repartem-se apenas por duas formas (Hayes 45 e 50). Esta tigela e grande prato tiveram uma difusão bastante ampla no território actualmente português e a sua cronologia situa-se, de acordo com Hayes entre 230/40 e 325 (Hayes, 1972, p. 65 e 73).

Distribuição das formas de *sigillata* clara C



3.6.2.3.2. Forma Hayes 45 A

Esta forma é uma grande tigela com bordo em aba bastante larga e parede hemisférica, podendo receber, nas suas variantes, decoração de *guilhoché* no bordo ou na base. Hayes apresenta três variantes e propõe uma datação que poderá situar-se entre os inícios do século III a meados do século IV (Hayes, 1972, p. 65).

Em Santarém, foram encontrados três fragmentos desta forma, na sua variante A, caracterizados por um engobe fino e homogêneo e pasta de textura média, apresentando o único bordo de que se dispõe, uma faixa de *guilhoché* na aba. Os outros fragmentos pertencem a dois fundos e apresentam igualmente uma faixa de *guilhoché*. Hayes considera esta variante mais antiga, situando a sua produção de 230/40-320. A pasta destes exemplares é bastante fina e os engobes são laranja acastanhados e de textura suave. O único bordo desta série tem 360 mm, o que concorda com alguns dos exemplos dados por Hayes (Hayes, 1972, p. 62).

Em Conímbriga, é significativo o conjunto de cerâmicas deste fabrico, sendo a forma Hayes 45 das mais abundantes. Em Belo, está bastante bem representada, sendo apenas superada pela forma Hayes 50, sobretudo na sua variante A (com decoração de *guilhoché*) (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 272).



Quadro descritivo

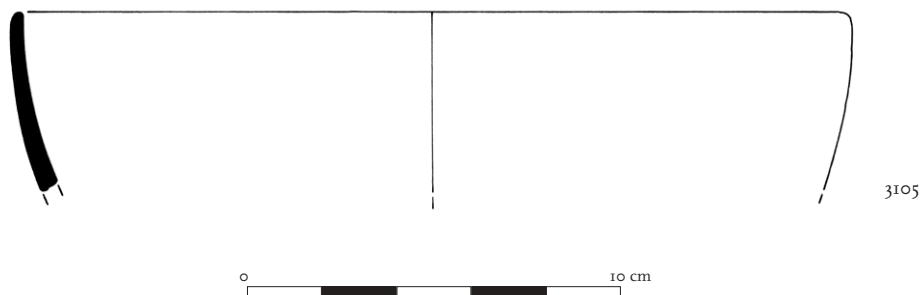
PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE			Observações	Fabrico	Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Espess.				Brilho
3056	—	C IX	17	2a	Hayes 45 A	1	bordo em aba	360	—	4,5	2,5YR 5/6	2,5YR 5/8	fino	mate	guilhoché a meio da aba	C 2	230/40-320
3081	89	C VIII	3	9	Hayes 45 A	1	fundo	s.d.	—	5	10R 4/6	10R 4/6	—	mate	engobe não se distingue da pasta	C 4	230/40-320
22999	99	1	B	210	Hayes 45 A	1	aba	s.d.	—	4	2,5YR 5/8	2,5YR 4/8	fino	mate	frag. diminuto	C 2	230/40-320
23503	99	1	B	42	Hayes 45	1	bordo em aba	d.d.	—	3,6	2,5YR 5/8	2,5YR 5/8	fino	lustroso	sinais de alisamento sob a aba	C 2	230/40-320
23849	99	1	C	247	Hayes 45	1	bordo/ parede	d.d.	23,5	4	2,5YR 5/8	2,5YR 5/8	fino	lustroso	com vestígios de alisamento sob a aba	C 2	230/40-

3.6.2.3.3. A forma Hayes 50

Esta forma corresponde a um prato de dimensões variáveis, com parede esvasada rectilínea e bordo de lábio semi circular ou ligeiramente biselado. Hayes distingue essencialmente duas variantes, consoante a maior ou menor abertura das paredes e sua inclinação, às quais corresponde uma cronologia que pode situar-se entre 230/40-325, para os exemplares mais antigos da variante A, e c. 350-400 para a variante B. Esta forma é a que regista maior difusão do fabrico C, em toda a bacia do Mediterrâneo (Hayes, 1972 p. 69-73).

Os dez exemplares da Alcáçova de Santarém parecem enquadrar-se na variante A, com datação proposta entre 230/40-325. São peças com engobes finos e superfícies bem alisadas e pastas de textura bastante compacta. Apenas um dos fragmentos permite o cálculo do diâmetro.

Em Conímbriga, esta forma é também dos tipos de *sigillata* clara C mais representados, com 91 exemplares (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 256, est. LXV). Na cidade de Belo, esta forma é, de longe, a mais abundante, com 824 exemplares, o que resulta em 73,76% do total da *sigillata* clara C aí identificada (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 274).



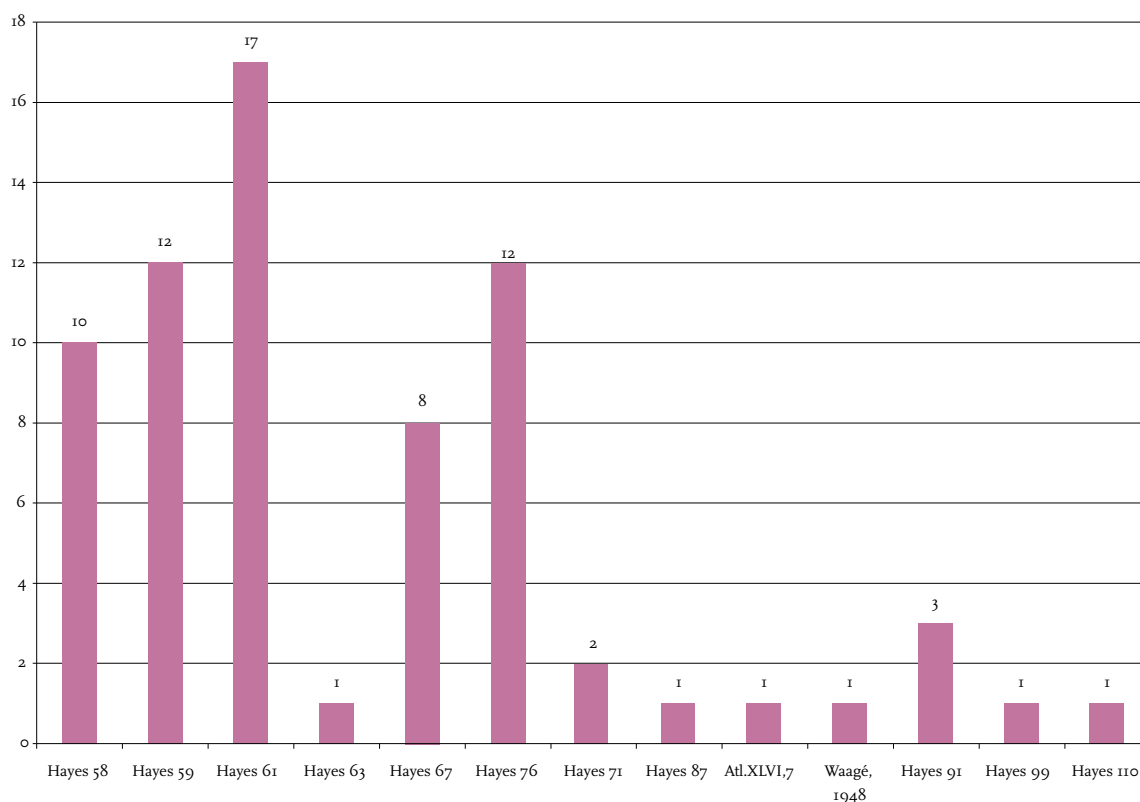
Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA				TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE		Observações	Fabrico	Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Espess.				Brilho
3086	87	C 4	J 14	—	Hayes 50	1	bordo	d.d.	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	—	230/40-325
3105	89	C VI	—	3	Hayes 50	1	bordo/parede	240 ?	43	3,3	2,5YR 5/8	2,5YR 5/8	fino	mate	com mancha mais escura	C 1	230/40-325
21401	99	1	B	6	Hayes 50	1	bordo/parede	d.d.	36	4,8	2,5YR 5/8	2,5YR 5/8	fino	lustroso	—	C 2	230/40-325
22990	99	1	B	206	Hayes 50	1	bordo/parede	d.d.	24	4	2,5YR 5/8	2,5YR 5/8	fino	lustroso	—	C 1	230/40-325
23513	99	1	B	25	Hayes 50	—	bordo	d.d.	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	—	230/40-325
23530	99	1	C	73	Hayes 50	1	bordo	d.d.	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	—	230/40-325
23550	99	1	C	95	Hayes 50	1	bordo/parede	210 ?	20	3,5	2,5YR 5/8	2,5YR 5/8	fino	mate	—	C 1	230/40-325
23608	99	1	B/C	89 e 95	Hayes 50	2	bordo	d.d.	28	4,1	2,5YR 5/8	2,5YR 5/8	fino	mate	—	C 2	230/40-325
23785	99	1	C	287	Hayes 50	1	bordo/parede	d.d.	33	4,9	2,5YR 6/8	2,5YR 4/8	espesso	mate	engobe a sair	C 3	230/40-325
24060	99	1	B	195	Hayes 50	1	bordo	d.d.	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	—	230/40-325

3.6.2.4. Terra sigillata Clara D

3.6.2.4.1. Introdução

Este fabrico domina o conjunto de *sigillata* de origem Norte Africana da Alcáçova de Santarém, tendo sido possível identificar em setenta e sete fragmentos, treze formas, com cronologias desde os início do século IV (formas Hayes 58 e 59) até ao início do século VII (forma Hayes 110 e Atlante XLVI, 7). No entanto, é de assinalar que a maior parte das importações africanas se concentram sobretudo no período entre meados do século IV e os meados/ finais do século V. Este fabrico recebeu decoração estampada, o que sucede em Santarém apenas em dois fragmentos com cronologias de meados do século IV a inícios do século VI.

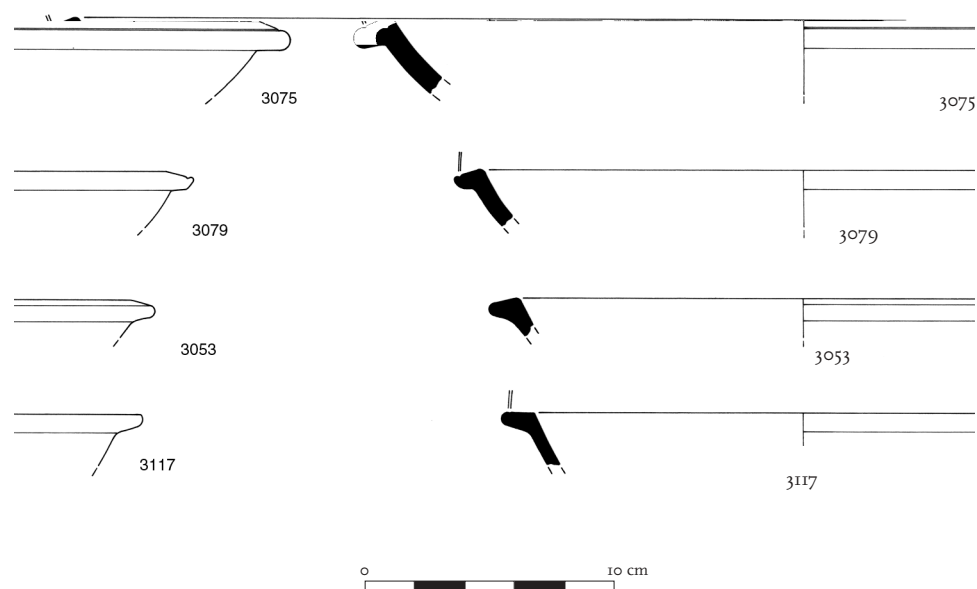


3.6.2.4.2. Forma Hayes 58

Esta forma corresponde a um prato com paredes esvasadas e bordo de aba, ligeiramente descaído, que pode receber algumas caneluras, nomeadamente na ligação da parede ao fundo. Hayes distingue duas variantes de acordo com os tipos de fabrico em que esta forma foi produzida e nas distintas inclinações do bordo. A cronologia da sua produção centrar-se-ia entre os finais do século III/inícios do IV e o terceiro quartel do século IV, correspondendo a variante A, a uma produção mais fina que teria surgido na sequência dos fabricos finais da forma Hayes 45. Por seu lado, a variante B, apresentava um fabrico mais grosseiro (1972, p. 93).

Na Alcáçova de Santarém, identificámos dez fragmentos com esta forma, que parecem corresponder às duas variantes descritas por Hayes. Os dois exemplares da variante B de Santarém apresentam pasta de cor alaranjada, de textura granulosa, mais grosseira, com engobe laranja avermelhado de boa qualidade, mate, que cobre toda a superfície interna da peça e a parte superior do bordo. Na parte exterior do bordo, podem observar-se, por vezes, sinais da espátula que produziu o alisamento da peça. Também registamos outros cinco fragmentos da variante A, com uma pasta de textura bastante mais fina em que a própria parede é igualmente menos espessa. Os diâmetros também reflectem estas diferenças, sendo os de maiores dimensões relativos aos fragmentos da variante B: 280 e 360 mm. Os restantes, da variante A, situam-se entre os 240 ou 280 mm.

Esta é a segunda forma mais comum em Conímbriga, constituindo um bom exemplo das primeiras produções da *sigillata* clara D (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 262). Em Belo, encontra-se presente sobretudo na variante B, sendo também a segunda forma mais abundante neste sítio (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 294).



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE			Observações	Fabrico	Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Espess.				Brilho
3053	88	B	—	7	Hayes 58 A	1	bordo/	250	15	5,8	—	—	—	—	frag. diminuto	D 1	290/ 300-375
3075	97	—	Q 2	2	Hayes 58 B	1	bordo/ parede	360	34	7,8	2.5YR 6/8	2.5YR 6/8	fino	lustroso	—	D 1	290/ 300-375
3079	97	—	Q 1	7	Hayes 58 B	1	bordo/ parede	280	23	6,3	2.5YR 6/8	2.5YR 5/8	fino	mate	desgaste do engobe no int. do bordo	D 1	290/ 300-375
3117	97	—	Q 1	6	Hayes 58 A	1	bordo/ parede	240	21	4,8	2.5YR 6/8	2.5YR 6/8	fino	mate	sup. algo rugosa como o fabrico A	D 1 ?	290/ 300-375
8775	97	—	Q 2	2	Hayes 58 A	1	bordo	260	11	5	—	—	—	—	frag. diminuto	D 1	290/ 300-375
20720	99	1	B	35	Hayes 58 A	1	bordo/ parede	280	30	5,5	2.5YR 6/6	2.5YR 5/8	fino	mate	com manchas escuras marmoreadas engobe no int.	D 1	290/ 300-375
21557	99	1	B	sup	Hayes 58 A	1	bordo/ parede	240	26	6	2.5YR 6/6	10R 5/8	fino	lustroso	engobe int e ext	D 1	290/ 300-375
23575	99	1	B	20	Hayes 58	1	bordo	240 ?	13	5,5	—	—	—	—	frag. diminuto	D 1	290/ 300-375
23582	99	1	C	88	Hayes 58	1	bordo	d.d.	15	7,5	—	—	—	—	frag. diminuto	D 1	290/ 300-375
23583	99	1	B	81	Hayes 58	1	bordo/ parede	310	27	5,5	2.5YR 6/6	2.5YR 6/8	fino	lustroso	engobe no int e ext. polido	—	290/ 300-375

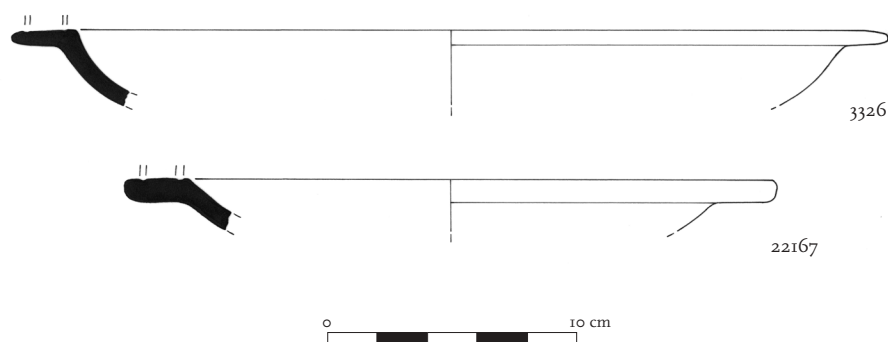
3.6.2.4.3. A forma Hayes 59

Esta forma corresponde a um prato de paredes recurvadas relativamente baixas, com bordo de aba larga, onde podem surgir caneluras. Apresenta fundo plano ou ligeiramente côncavo, no qual podem encontrar-se impressos diferentes motivos decorativos geométricos ou vegetais, e detém o pé reduzido. Hayes distingue os exemplares que apresentam depressões ou entalhes verticais na parede exterior (variante A), com cronologia proposta entre os inícios do século IV e o início do século V. A variante B teria a parede lisa e a sua cronologia parece prolongar-se até quase ao primeiro quartel do século V (Hayes, 1972, p. 96 e 100).

Não é possível, na totalidade dos doze exemplares da Alcáçova, diferenciar qual a variante, pois apenas em cinco dos casos existe parte do bordo em aba. O exemplar da

variante A é constituído por um fragmento da parede com decoração de entalhes verticais. No exemplar que possui um perfil mais completo, a parede é lisa o que se enquadrará na variante B, ligeiramente mais tardia. De uma maneira geral, as pastas dos fragmentos disponíveis apresentam uma textura bastante grosseira, variando a sua cor do alaranjado para o mais acastanhado. Quanto aos engobes, eles são de boa qualidade, normalmente alaranjados, embora num dos fragmentos se apresente quase acastanhado (3042). A peça desenhada (3326) apresenta o engobe a escamar. Dada a dimensão dos fragmentos, apenas dois permitem o cálculo do diâmetro, entre os 350 e os 380 mm.

Em Conímbriga, esta forma ocupa o terceiro lugar do quadro das formas mais abundantes e a sua variante A constitui um dos bons exemplos das primeiras fases da produção de *sigillata* clara D. É igualmente no fundo destes pratos que se conhecem motivos reticulados estampados (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 263). Em Belo, esta forma representa cerca de 10% dos materiais de *sigillata* clara D, sendo o traço mais característico desta forma a tripla repartição do bordo em aba, em ligeiros ressaltos ou através de caneluras. Os exemplares mais frequentes apresentam a parede externa lisa, embora se registem também exemplares da variante A (Bourgeios e Mayet, p. 294-295).



Quadro descritivo

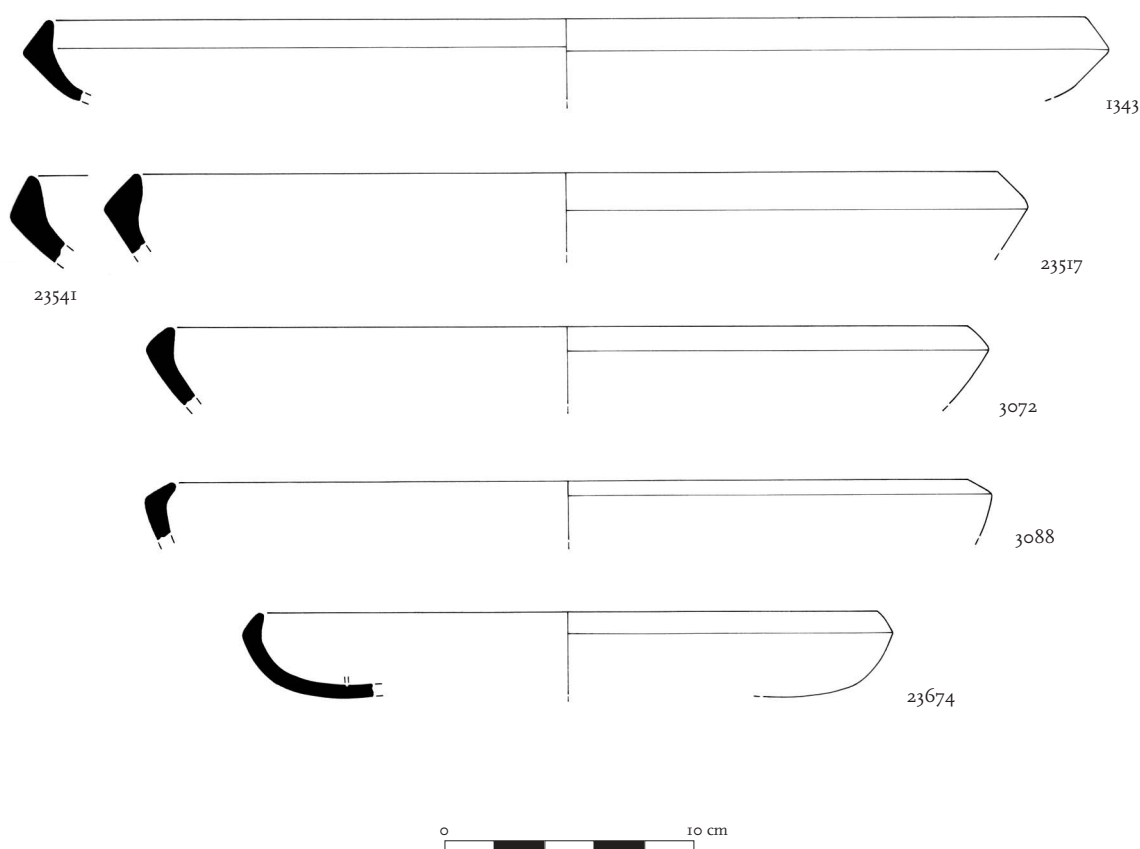
PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE		Observações	Fabrico	Cronol.		
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor				Espess.	Brilho
1349	84	—	H 18	2	Hayes 59	1	bordo em aba	d.d.	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	D 1	320/400-420
1508	90	C VIII	8	14	Hayes 59	1	bordo em aba	340 ?	—	8,4	2,5YR 7/8	2,5YR 6/8	espesso	lustroso	—	D 1	320/400-420
3042	89	C 5	—	3a	Hayes 59	1	bordo em aba	d.d.	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	D 1	320/400-420
3326	87	C 4	J 13	5	Hayes 59	1	bordo em aba/ parede	350	31	7,5	2,5YR 7/6	2,5YR 6/8	espesso	mate	engobe a sair aos flocos, sobret. no exterior	D 1	320-420
7249	86	3	C 18	—	Hayes 59	1	bordo em aba	d.d.	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	D 1	320/400-420
20616	99	1	B	10	Hayes 59	1	bordo em aba/ parede	380	11	8,2	2,5YR 6/6	2,5YR 5/8	espesso	mate	—	D 1	320/400-420
20619	99	1	B	10	Hayes 59	1	bordo em aba	d.d.	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	—	320/400-420
20952	99	1	B	16	Hayes 59 A	1	parede	s.d.	28	7,8	2,5YR 6-5/6	2,5YR 6/8	fino	lustroso	com entalhe na parede exterior	D 1	320/380-400
22167	99	1	B	17	Hayes 59	1	bordo em aba/ parede	250	21	7,2	2,5YR 6/6	2,5YR 5/6 e 2,5YR 3/1	fino	mate	queimado da cozedura ou pós-deposicional	D 1	320/400-420
23586	99	1	C	1	Hayes 59	1	bordo em aba	d.d.	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	—	320/400-420
23652	99	1	B	18	Hayes 59	1	bordo em aba	d.d.	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	—	320/400-420
24007	99	1	C	91	Hayes 59	1	bordo em aba	320	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	—	320/400-420

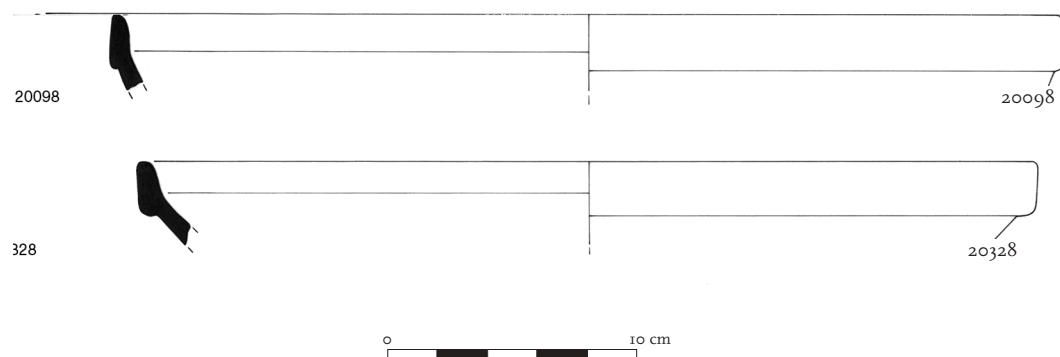
3.6.2.4.4. A forma Hayes 61

Esta forma de prato é das mais comuns nos sítios romanos da bacia do Mediterrâneo, e apresenta a parede encurvada, baixa, sendo o bordo voltado para o interior, ou aplanado no exterior, com perfil triangular. Os fundos, amplos e planos, constituem um campo privilegiado para a disposição de elementos decorativos, tal como sucede na forma Hayes 59. As variantes apresentadas por Hayes distinguem os bordos encurvados ou verticais (variante A), com aresta na ligação do bordo à parede, apontando-se uma cronologia entre o primeiro quartel do século IV e as primeiras décadas do século V (1972, p. 100). A variante B apresenta bordo vertical, com tendência para o esvertido e as paredes são mais altas, situando-se cronologicamente entre os inícios e os meados do século V.

Em Santarém, recuperaram-se dezassete exemplares desta forma, catorze deles pertencentes à variante A. Genericamente, as suas pastas são de textura algo grosseira, de cor alaranjada e apresentam grande uniformidade quanto aos engobes, igualmente alaranjados que cobrem a superfície interna e parte do exterior da peça. Em um dos exemplares (3088), o engobe apresenta mesmo um ligeiro brilho lustroso, enquanto que em outro tende a escamar. Os dois fragmentos de bordo da variante B, tem as mesmas características de engobe e pasta que as restantes peças. Os diâmetros situam-se entre os 280 e os 400 mm, o que se insere dentro da normalidade.

Em Conímbriga, esta forma está documentada como a mais comum em *sigillata* clara D, com III exemplares, por vezes com decoração estampilhada no fundo interno. Em Belo, é igualmente comum, sendo também a variante A a que conta com maior número de presenças.





Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO			FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE					
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Espess.	Brilho	Observações	Fabrico	Cronol.
1212		C VIII	3	5	Hayes 61 A	1	bordo/parede	d.d.	28	6,4	2,5YR 6/8	2,5YR 6/8	espesso	lustroso	—	D 2	325-400/420
1343	88	C 6	110	—	Hayes 61 A	1	bordo/parede	400	28	4	2,5YR 6/8	2,5YR 5/8	espesso	mate	—	D 2	325-400/420
3063	89	C 8	—	9	Hayes 61 A	1	bordo/parede	280 ?	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	D 2	325-400/420
3072	94/95	—	Q 1	8	Hayes 61 A	1	bordo/parede	320	25	5,2	2,5YR 6/8	2,5YR 5/8	espesso	mate	engobe a sair em flocos	D 2	325-400/420
3088	87	C 4	19	silos	Hayes 61 A	1	bordo/parede	380	23	6	2,5YR 6/8	2,5YR 6/8	espesso	lustroso	—	D 2	325-400/420
20098	99	—	—	—	Hayes 61 B	1	bordo/parede	400	29	6,4	2,5YR 5/2	2,5YR 5/2 e 2,5YR 5/6	fino	mate	com manchas da cozedura	D 1	400-450
20328	99	1	B	1	Hayes 61 B	1	bordo/parede	360	33	6,4	2,5YR 6/6	2,5YR 5-4/8	espesso	mate	—	D 2	400-450
23457	99	1	B	76	Hayes 61 A	1	bordo	d.d.	18	6	—	—	—	—	frag. diminuto	D 2 ?	325-400/420
23517	99	1	C	63	Hayes 61 B	1	bordo/parede	390	27	6	2,5YR 6/8	2,5YR 6/8	fino	mate	com furo de gato ?	D 1	400-450
23541	99	1	C	73	Hayes 61 A	1	bordo/parede	d.d.	36	8,6	2,5YR 7/8	2,5YR 5/8	espesso	mate	parede muito espessa - contraste da cor do engobe e da pasta mais clara	D 2	325-400/420
23543	99	1	C	95	Hayes 61 A	1	bordo/parede	290	26	6,4	2,5YR 7/8	2,5YR 5/8	espesso	mate	—	D 2	325-400/420
23576	99	1	C	80	Hayes 61 A	1	bordo e parede	310	28	5,2	2,5YR 6/6	2,5YR 6/6	fino	mate	—	D 1	325-400/420
23585	99	1	C	88	Hayes 61 A	1	bordo/parede	340 ?	24	—	—	—	—	—	frag. diminuto	D 2	325-400/420
23674	99	1	C	67	Hayes 61 A	1	bordo/parede/fundo	240	34	5,5	2,5YR 5/8	2,5YR 5/8	fino	mate	engobe no exterior até meio da parede	D 1	325-400/420
23675	99	1	C	sup	Hayes 61 A	1	bordo/parede	320	27	6	2,5YR 7/8	10R 5-4/8	espesso	mate	—	D 2	325-400/420
23676	99	1	C	??	Hayes 61 A	1	bordo/parede	300	28	6	2,5YR 6/8	10R 5/8	espesso	mate	—	D 2	325-400/420
23691	99	1	B	29	Hayes 61 A	1	bordo/parede	d.d.	22	6,4	2,5YR 6/8	2,5YR 6/8	fino	lustroso	—	D 2	325-400/420

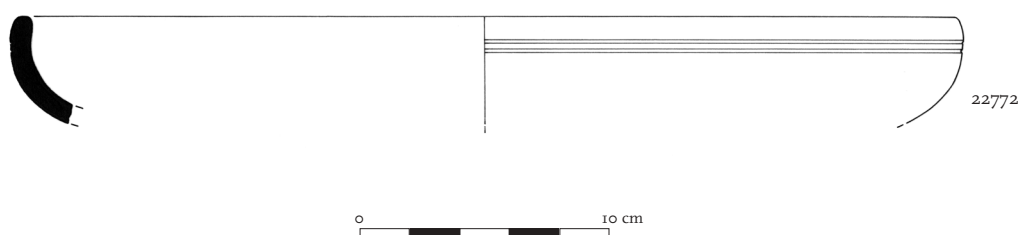
3.6.2.4.5. Forma Hayes 63

Esta forma corresponde a um prato de grandes dimensões de parede vertical, encurvando para atingir um amplo fundo plano, que pode receber ou não decoração impressa. Pode ostentar ainda dois sulcos na parede exterior que diferenciam o bordo da parede, e decoração de séries de três entalhes e três pontos/orifícios triangulares. Segundo Hayes, esta forma, pouco comum, apresenta fabrico semelhante ao que se documenta para as formas Hayes 59/61 e a sua cronologia, baseada na decoração com estampilhas, ronda o último

quartel do século IV (1972, p. 109). Tortorella, com base em dados inéditos da Missão Italiana em Cartago, amplia ligeiramente estes marcos cronológicos, que podem, pois, passar a 360-440 (Carandini et al., 1981, p. 86).

É apenas um, o fragmento que se recuperou na Alcáçova de Santarém. Apresenta uma pasta bastante grosseira, sendo a própria parede, igualmente espessa (cerca de 8,5 mm). O engobe é espesso e cobre uniformemente a superfície interna, apenas revestindo a parte superior do exterior da parede, onde são visíveis dois sulcos. No interior são visíveis as linhas da espátula que produziu o alisamento final da superfície. O topo do bordo apresenta um entalhe, o que sucede igualmente com um exemplar presente em Belo, em que a uma série de entalhes produzidos no topo do bordo se sucedem áreas sem qualquer decoração (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 297, est. LXXIV, n.º 110). O exemplar escalabitano possui 380 mm de diâmetro.

Quer em Belo quer em Conímbriga, esta forma está entre as que menor representação têm, apenas com onze e quinze exemplares, respectivamente (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 297; Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 264).



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA				TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE		Observações	Fabrico	Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad. UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Espess.	Brilho				
22772	99	1	—	sup	Hayes 63	1	bordo e parede	380	40	8	2.5YR 7/8	10R 5/8	espesso	mate	com sulcos no exterior do bordo e entalhes na sua parte sup.	D 2	375-400

3.6.2.4.6. Forma Hayes 67

Esta forma é de uma tigela de grandes dimensões (os diâmetros podem atingir os 450 mm), com paredes encurvadas. Apesar da grande variedade formal, de uma maneira geral pode afirmar-se que este tipo se distingue pelo seu bordo largo, com dois desníveis e o espessamento em forma de amêndoa da sua extremidade. Apresenta sulcos no topo do bordo, junto à sua extremidade. O fundo é plano e com sulcos que habitualmente podem enquadrar decoração estampilhada. É a análise da decoração associada a esta forma que permite observar algumas linhas de evolução deste tipo.

Em Santarém, recuperaram-se oito peças desta forma, embora apenas uma delas apresente o bordo com a aba completa. As restantes, são de atribuição algo duvidosa, apesar de, em minha opinião, ser esta a forma na qual se poderão enquadrar. O exemplar mais completo apresenta a particularidade de ter uma tonalidade alaranjada escura, quer na pasta quer no engobe, fazendo lembrar a tonalidade da *sigillata* clara C. Este último, é espesso e cobre superfície interna do vaso e a parte exterior do bordo. Além do engobe, produziu-se igualmente um alisamento que é bem visível em toda a superfície interna e na parte superior do exterior do espessamento do bordo. O diâmetro do fragmento mais completo é de 310 mm e os restantes que permitem o cálculo, situam-se entre os 260 e os 310 mm.

Tal como sucede em grande parte dos sítios da bacia do Mediterrâneo, também em Conímbriga esta forma é das mais frequentes (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 264). Não se estranha, portanto, que esta grande tigela seja igualmente das mais abundantes em Belo (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 297-298).



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO				FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE			Fabrico	Cronol.
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Espess.	Brilho	Observações		
3052	87	C 3	—	—	Hayes 67	1	bordo em aba	d.d.	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	D 2	c.360-470
1347	—	C IX	1	II	Hayes 67	1	bordo em aba/parede	320	24	6,1	10R 5/6	10R 5-4/8	espesso	mate	engobe rosa escuro. sup. ligeiramente rugosa	C 4	c.360-470
21384	99	1	B	6	Hayes 67	1	bordo em aba	300	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	D 2	c.360-470
22525	99	1	B	1	Hayes 67	1	bordo em aba	280	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	D 2	c.360-470
20536	99	1	B	8	Hayes 67	1	bordo em aba	260	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	D 1	c.360-470
23362	99	1	B	sup	Hayes 67	1	bordo em aba	d.d.	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	D 2	c.360-470
23518	99	1	B	25	Hayes 67	1	bordo em aba/parede	400 ?	18	6,5	2,5YR 6/8	2,5YR 5/8	espesso	mate	—	D 2	c.360-470
23618	99	1	B	76	Hayes 67	1	bordo em aba	d.d.	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	—	c.360-470

3.6.2.4.7. As formas Hayes 71 e 76

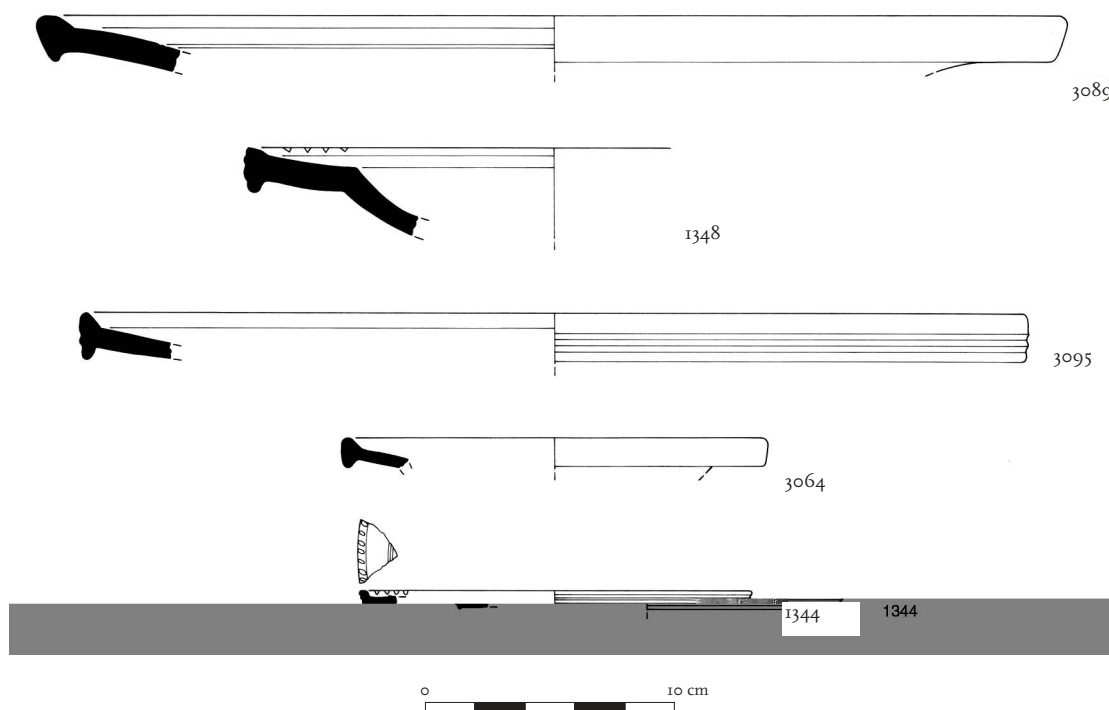
Considerarei conjuntamente estas formas pois trata-se de um prato de grande dimensões, com um amplo bordo em aba, cuja extremidade possui um espessamento que pode ter a forma de amêndoa ou triangular. A parede é relativamente baixa e encurvada e o fundo é plano. Pode receber decoração de caneluras na face exterior do bordo, assim como de entalhes na parte superior da extremidade da aba. A forma 71 de Hayes é de menores dimensões e a sua cronologia prolonga-se de 375 às primeiras décadas do século V (Hayes, 1972, p. 119-120). Quanto à forma Hayes 76, a cronologia proposta por Hayes aponta para uma produção posterior, já do segundo e terceiro quartéis do século V (Hayes, 1972, p. 124-125).

Na Alcáçova de Santarém esta forma é bastante abundante. Existem apenas dois exemplares da forma Hayes 71 e doze da forma Hayes 76. Duas peças ostentam entalhes na extremidade do bordo e caneluras na face externa do mesmo (1348, 1344). Uma delas apresenta caneluras na parte superior do bordo (3089), enquanto outro exemplar apresenta estas mesmas caneluras na face exterior do bordo (3095). De um modo geral, as pastas são de cores entre o alaranjado e o rosado e de textura pouco esponjosa na maior parte das peças, sendo as restantes de tonalidades mais alaranjadas (3064) ou mesmo acastanhadas (3329). O engobe é baço e cobre a face interna dos pratos e a parte superior dos bordos, apresentando a mesma coloração alaranjada/rosada que as pastas, embora seja bastante lustroso num dos fragmentos (3064), e acastanhado noutro (3329). Os diâmetros destas peças são variados e situam-se entre os 150 e os 500 mm. Se atendermos às duas ordens de dimen-

são de diâmetros propostas em Atlante (Carandini et al., 1981, p. 89), temos quatro peças que se enquadram no primeiro grupo (240-360 mm de abertura) e 3 do grupo de maiores dimensões (420-500 mm), registando-se dois exemplares com diâmetros inferiores às medidas menores (150 e 170 mm).

Em Conímbriga, a forma 76 não é abundante e apresenta um fabrico semelhante ao da forma 67, embora mais grosseiro. Destaca-se um destes exemplares de dimensões mais reduzidas, da forma Hayes 71 (com diâmetro de 150 mm), cujo melhor paralelo se pode encontrar em Conímbriga, no n.º 92 da estampa LXXII (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 265).

Em Belo, esta forma é rara, apenas representada por umas dezenas de fragmentos, todos eles pertencentes a tigelas de grandes dimensões (Hayes 76) (Bourgeois e Mayet, p. 300). Ao contrário, do que parece poder constatar-se para Belo e para outros sítios da Península Ibérica, verifica-se efectivamente que em Santarém, esta forma é bastante comum.



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO			FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE		Observações	Fabrico	Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Espess.				Brilho
1346	88	C 2	J 10	sil 1	Hayes 76	1	bordo em aba	d.d.	—	7,3	2,5YR 6/8	2,5YR 6/8	fino	mate	—	D 1	425-475
1348	87	C 4	J 13	3	Hayes 76	2	bordo em aba/ parede	450	25	7,9	2,5YR 6/8	2,5YR 6/8	fino	mate	engobe c/ ligeiras manchas mais escuras. Entalhes no bordo	D 1	425-475
3050	94/95	—	Q 10	A 2	Hayes 76	1	bordo em aba	220	—	6,5	2,5YR 6/8	2,5YR 6/8	fino	mate	—	D 1	425-475
3089	97	—	Q 18	8	Hayes 76	1	bordo em aba	420	—	10	2,5YR 6/8	2,5YR 6/8	fino	mate	—	D 1	425-475
3091	97	—	Q 2	1	Hayes 76	1	bordo em aba	d.d.	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	—	425-475
3095	89	C 8	—	10	Hayes 76	1	bordo em aba	380	—	8	2,5YR 6/8	2,5YR 6/8	fino	mate	—	D 1	425-475
3116	97	—	Q 2	2	Hayes 76	1	bordo em aba	290	—	6,3	2,5YR 6/8	2,5YR 5/8	espesso	mate	—	D 1	425-475

Quadro descritivo [cont.]

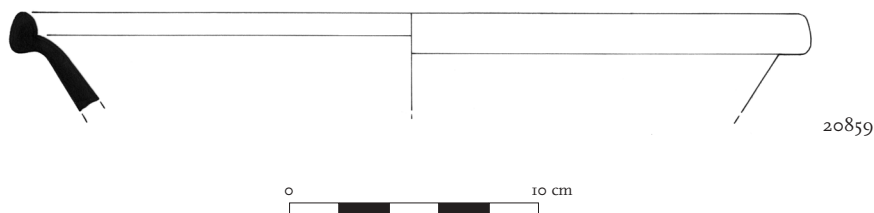
PROVENIÊNCIA					TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE			Observações	Fabrico	Cronol.
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Espess.	Brilho				
3329	87	C 4	1 14	2 b	Hayes 76	1	bordo em aba	d.d.							frag. diminuto	D 1	425-475	
20144	99	—	—	—	Hayes 76	1	bordo em aba	24 0	—	5	2,5YR 6/8	2,5YR 6/8	fino	mate	—	D 1	425-475	
23334	99	1	B	110	Hayes 76	1	bordo em aba	d.d.	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	D 1	425-475	
23551	99	1	C	95	Hayes 76	1	bordo em aba	d.d.	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	D 1	425-475	
23814	99	1	C	271	Hayes 76	1	bordo em aba	d.d.	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	D 1	425-475	
1344	83	1 B	—	4	Hayes 71	1	bordo em aba	150	—	—	—	—	—	—	frag. diminuto	D 1	375-420	
3064	85	C 2	siló 3	1	Hayes 71	1	bordo em aba	170	—	5	2,5YR 6/8	2,5YR 5/8	fino	lustroso	engobe bem polido na parte sup. do bordo	D 1	375-420	

3.6.2.4.8 Forma Hayes 87

Esta é a forma de um prato não muito profundo com bordo de lábio semicircular espessado e voltado para o exterior. Segundo Hayes, as variações que pode apresentar (A, B ou C), relacionam-se com a forma que o bordo pode tomar, bem como o tipo de decoração estampada que o fundo amplo e plano pode receber (1972, p. 135). A cronologia que se aponta para a sua produção pode ir desde a segunda metade do século V, para a variante A, até ao início do século VI, para as versões mais tardias (B e C).

Recolheu-se em Santarém, um único fragmento desta forma, considerada pouco comum por Hayes, e que apresenta um fabrico característico: pasta de textura bastante granulosa e grosseira, de cor alaranjada e verniz espesso e uniforme, da mesma cor que a pasta, que se distribui pela superfície interna e pela parte exterior do bordo. O engobe possui um brilho mate e na superfície interna são visíveis as linhas do instrumento que produziu o seu alisamento. O diâmetro da abertura é de 320 mm.

Entre as formas da última fase do fabrico de *sigillata* Clara D, não foram identificados em Conímbriga, quaisquer exemplares deste tipo. Pelo contrário, em Belo, o prato Hayes 87 encontra-se na oitava posição do gráfico das formas mais representadas em *sigillata* Clara D (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 301), possibilitando novas achegas quanto à interpretação das suas variantes e das formas intermédias Hayes 61B/87.



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA					TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE			Observações	Fabrico	Cronol.
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Espess.	Brilho				
20859	99	1	B	8	Hayes 87 A	1	bordo/parede	320	38	7,6	2,5YR 6/8	2,5YR 6/8	espesso	lustroso	espatulado horizontal no interior	D 2	450-500	

3.6.2.4.9. Forma Atlante est. XLVI, fig. 7

Na tipologia de Hayes esta forma não está representada. Trata-se de um prato de bordo de lábio espessado, semicircular que detém na parte interna uma dupla ranhura. Na recente sistematização efectuada por Tortorella (Carandini et al., 1981, p. 100), ela surge na estampa XLVI, n.º 7. Apresenta um único tipo que se encontra atestado em Cartago “in un contesto inedito in cui le forme più tarde di D sono databili dalla fine del V – inizi VI secolo al 580/600” (Carandini et al., 1981).

Apesar da dimensão do fragmento tudo parece indicar que na Alcáçova de Santarém, exista uma peça deste tipo, com decoração de duas ranhuras internas. Apresenta-se no fabrico definido como D2 (2ª fase): engobe semi lustroso que cobre a superfície interna e externa. Nas pastas são visíveis abundantes partículas de calcário, embora o nosso fragmento apresente uma grande quantidade de elementos não plásticos rolados de coloração vermelha alaranjada, que parece trata-se de cerâmica moída. O diâmetro da abertura é de 320 mm.

Em Conímbriga, não existem quaisquer materiais com esta forma. Em Belo, parecem existir formas próximas deste tipo Atlante XLVI, n.ºs 8-10, embora não sejam idênticas às de Santarém (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 304-305).



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA					TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE			Fabrico	Cronol.
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Espess.	Brilho	Observações			
8773	97	—	Q 7	3?	Atlante XLVI, 7	1	bordo/parede	320	13	6,5	2,5YR 7/8	2,5YR 6,5/8	espesso	mate	—	D 2	fim 400/500-600	

3.6.2.4.10. Forma Waagé 1948, est. IX, n.ºs 858 e 851 a, f. Hayes 93A, n.º 3.

Esta tigela de bordo plano, ligeiramente inclinado para baixo, paredes curvas e altura variável, parece ser a forma que mais se assemelha com a peça recuperada em Santarém. Não se encontra, na tipologia de Hayes nenhuma forma com as características exactas desta tigela, cujo paralelo mais próximo parece ser a forma Waagé 1948, est. IX, n.ºs 858 e 851a, f. (Carandini et al., 1981, p. 102, est. XLVII n.º 5 e 6.) e que foi produzida no fabrico D1, entre os inícios e meados do século V até meados do século VI.

O exemplar escalabitano possui uma pasta bastante grosseira e esponjosa de cor claramente alaranjada, onde se notam facilmente as partículas de calcite e micas que caracterizam as produções norte africanas. O engobe cobre quer a parede interna quer a externa, e é sensivelmente mais avermelhado que a pasta, apresentando manchas. Encontra-se em bastante mau estado (a “escamar”). A dimensão do diâmetro da abertura desta pequena tigela situa-se normalmente entre os 250 e os 290 mm, tendo o exemplar de Santarém 260 mm de diâmetro de abertura.

Não encontramos, na bibliografia consultada para o território português, paralelos para esta forma que é considerada pouco comum e que está documentada em sítios do território egípcio, sírio e tunisino (Carandini et al., 1981).



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA					TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE			Observações	Fabrico	Cronol.
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Espess.	Brilho					
6869	89	C VIII	3	1	Waagé 1948, est. IX, n.º 838 e 851 a, f	1	bordo e parede	260	45	6,5	2,5YR 6/8	2,5YR 5/8	espesso	lustroso	engobe a sair aos flocos. Hayes 93A, n.º 3	D 1	400-450		

3.6.2.4.11. Forma Hayes 91

Esta forma é de uma tigela quase hemisférica, com bordo de secção semicircular. Imediatamente sob o bordo, possui uma aba horizontal, larga, com a extremidade voltada para baixo. Pode apresentar decoração roletada no fundo interno. Parece-nos correcta a tendência actual para se reunir as variantes A e B num mesmo grupo, na sequência das observação efectuada por F. Mayet, relativamente a Belo, retomando as propostas de M.G. Fulford e P. Reynolds (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 302). De facto, quando estamos perante fragmentos de reduzida dimensão, provenientes de escavações, torna-se quase impossível estabelecer a distinção proposta por Hayes. A cronologia inicial destas variantes, estabelecida por Hayes para meados do século V (Hayes, 1972, p. 144), foi ligeiramente recuada com base na estratigrafia de Cartago (Carandini et al., 1981, p. 106), podendo remontar a meados do século IV. A produção deve ter cessado nas primeiras décadas do século VI. A este respeito, não devem igualmente esquecer-se, os resultados das escavações de Conímbriga na contribuição para o afinar da cronologia desta forma cerâmica (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 270-271).

Quanto à variante C, não coloca tantos problemas na identificação, pois caracteriza-se por possuir um bordo mais alto e a aba é de menor dimensão, tendo sido a cronologia fixada desde os inícios do século VI ao VII. A variante D, de menor dimensão, apresenta cronologias ainda mais avançadas que podem atingir os meados do século VII.

Identifiquei três fragmentos da forma Hayes 91 B, na Alcáçova de Santarém. De uma maneira geral as pastas dos exemplares escalabitanos são bastante homogéneas, variando na sua coloração consoante o processo de cozedura, e nas características dos respectivos engobes. Um dos fragmentos possui uma pasta mais acastanhada (3043), com o núcleo cinzento, a que corresponde um engobe fino, com algum brilho do seu alisamento, e que cobre a parte interna da tigela e o exterior do bordo. Um outro exemplar possui tonalidades rosadas, quer na pasta quer no engobe fino e mate que a reveste (22983). O último exemplo é alaranjado, quer na pasta quer no engobe espesso, uniforme e algo brilhante, que reveste a parte interna e a parte superior da parede (20729). Os diâmetros variam dos 220 aos 280 mm.

Em Conímbriga, esta forma Hayes 91 é a mais comum, estando presentes exemplos das diferentes variantes (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 266). É também bastante abundante em Belo, quer na sua variante A/B, quer na C, sendo menos frequente a D.



Quadro descritivo

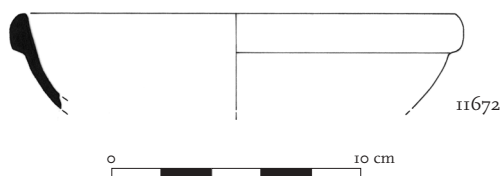
PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE		Observações	Fabrico	Cronol.		
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor				Espess.	Brilho
3043	86	C 2	K 8	—	Hayes 91 B	1	bordo em aba/parede	280	30	5,4	2.5YR 5/1 e 2.5YR 5/6	2.5YR 5/6 e manchas	espesso	mate	int. pasta acinz. e engobe manchado acastanhado	D 2	350c. 450-530
20725	99	1	B	1	Hayes 91 B	1	bordo em aba/parede	220	32	5,7	2.5YR 5/8	2.5YR 5/8	espesso	lustroso	engobe visível no exterior do bordo e parte sup. da parede	D 2	350c. 450-530
22083	99	1	B	213	Hayes 91 B	1	bordo em aba/parede	265	18	5,8	2.5YR 6/6	2.5YR 6/6	fino	mate	visíveis finas linhas do alisamento	D 2	350c. 450-530

3.6. 2.4.12. A forma Hayes 99

Esta forma corresponde a uma tigela quase hemisférica com bordo arredondado e espessado. Possui três variantes, A, B e C, consoante a maior ou menor profundidade, e, sobretudo, a dimensão da base. Está datada dos inícios do século VI até às primeiras décadas do século VII (Hayes, 1972, p. 152-155).

Em Santarém existe uma tigela desta forma, de fabrico bastante cuidado. Não foi possível distinguir a variante a que pertence, pois o fragmento corresponde ao bordo e a parte da parede, não sendo possível conhecer-se a configuração e dimensão do fundo.

Em Conímbriga, esta forma está igualmente presente (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 267, est. LXXIII, n.ºs III-III4) embora também não se tenha podido verificar a variante. Em Belo, a tigela Hayes 99 é a que maior número de exemplares apresenta, seguida de perto, como já se observou, das formas Hayes 58, 59 e 61 (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 306).



Quadro descritivo

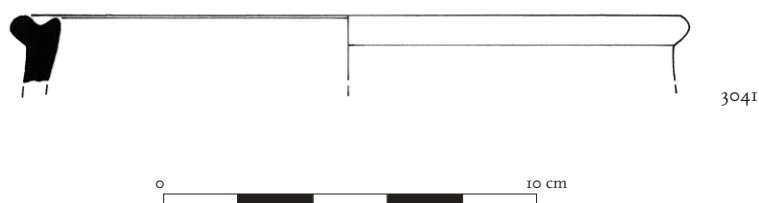
PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE		Observações	Fabrico	Cronol.		
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor				Espess.	Brilho
11672	98	—	Q 8	3	Hayes 99	1	bordo e parede	180	34	4,5	2.5YR 5/8	2.5YR 5/8	fino	lustroso	de muito boa qualidade	D 2	510-540

3.6.2.4.13. A forma Hayes 110

Mais uma vez, para esta forma seguimos exclusivamente a informação contida no Atlante (Carandini et al., 1981, p. 114-115), pois Hayes não ilustra este tipo, apesar de se referir a ele datando-o de meados do século VI a meados do século VII (Hayes 1972, p. 172 ver 1980). Trata-se de uma taça de paredes encurvadas com bordo esvertido, detendo no interior uma reentrância para receber uma tampa. O exterior do bordo pode apresentar-se com um ou mais sulcos. A parede pode encontrar-se ou lisa ou decorada com uma faixa de sulcos verticais. Quanto à cronologia, Tortorella apresenta dados inéditos da Missão Italiana em Cartago que apontam para a presença desta forma em contextos onde se encontram igualmente formas do fabrico D, datáveis dos finais do século V e inícios do VI (Carandini et al., 1981, p. 114-115).

Em Santarém, existe apenas um fragmento de reduzidas dimensões, que apresenta um sulco na separação entre o bordo e a parede, não se registando qualquer outra forma de decoração. O engobe é espesso, de boa qualidade e apresenta um ligeiro brilho. Cobre o interior e a face externa, encontrando-se a escamar na superfície interna, junto ao bordo. A pasta é característica deste fabrico, pouco esponjosa e da mesma cor que a superfície.

Em Conímbriga, esta forma está presente com alguns exemplares pertencentes à última fase da produção da *sigillata* Clara D (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 268-9).



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA					TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE			Observações	Fabrico	Cronol.
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Espess.	Brilho					
24014	—	—	—	—	Hayes 110	1	bordo	200	17	6,8	2,5YR 5/8	2,5YR 5/8	espesso	lustroso	—	D 2	fmV/ in.VI- m.VI+		

3.6.2.4.14. Fragmentos decorados

Um dos fragmentos com motivos estampados (3092) (Est. 4, n.º 2) apresenta a seguinte leitura, (do centro para a periferia do fundo interno): a parte central seria preenchida com uma alternância de motivos de 3 círculos concêntricos (Hayes, 1972, tipo 26, fig. 40 e-f, p. 235), com folhas de palma com dupla lingueta central do tipo 2 (Hayes, 1972, fig.38 d, p. 229) a que se seguem duas ranhuras e uma série de grelhas quadradas tipo 67 (Hayes, 1972, fig. 42 A, p. 241). Trata-se de uma combinação bastante comum, que, segundo Hayes, faz parte do estilo A (ii) com cronologia de meados a finais do século IV (tipo 2) e estilo A (ii)-(iii), B e D com datação de meados do século IV a meados do século V (para o tipo 67). A dimensão do fragmento de que dispomos não permite saber qual a forma exacta a que pertenceria este fundo, que poderá, no entanto, corresponder a Hayes 59, 61 ou 67 ou ainda 62, 68 ou 83.

O fragmento de Santarém apresenta uma pasta pouco esponjosa e engobe de cor laranja acastanhado, de boa qualidade, que reveste a superfície interna.

A decoração com palmetas e círculos concêntricos associados é bastante comum em Conímbriga, embora não se encontre nenhum fragmento que registre também os quadrados reticulados (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 269).

Igualmente presente nos escassos exemplos decorados de Santarém, é a estampilha com o motivo dos quatro círculos concêntricos, o último dos quais denteado, do tipo 37 (Hayes, fig. 40 w, p. 237). A dimensão do fragmento (1323) (Est. 4, n.º 4) não permite saber se o motivo estaria isolado, ou se faria parte de um conjunto decorativo, nem qual a forma a que pertenceria este fundo. Esta decoração pertence ao estilo A (iii) e a datação proposta por Hayes situa-se em torno dos meados do século V.

Este fragmento estampilhado apresenta as características típicas do fabrico D1 e o motivo dos círculos concêntricos com o último denteado está presente em Conímbriga (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 269, est. LXXV, n.º 149), mas ausente da colecção de *sigillata* de Belo.

A peça 23577 corresponde à estampilha tipo 1c com ramos de palma do estilo A (i)-(ii) datada do segundo e terceiro quartel do século IV (Hayes, 1972, fig. 38 c, p. 229) o nosso exemplar é mais alongado e não tem a forma losangular característica (Est. 4, n.º 1). Possui três círculos concêntricos do tipo 26 (Hayes, 1972, fig. 40 e, p. 235), estilo A (ii)-(iii) usado normalmente com os motivos das folhas de palma – em vasos com a forma Hayes 59, 61, 68, 62 e 67. Nesta combinação, também a folha de palma incompleta no exemplar de Santarém, se assemelha ao tipo 5 (Hayes, 1972, fig. 38 l, p. 231) estilo A (iii) datada em torno do segundo e terceiro quartel do século V.

O exemplar 24014 apresenta igualmente a estampilha tipo 1c com ramos de palma do estilo A (i)-(ii) datado do segundo e terceiro quartel do século IV (Hayes, 1972, fig. 38 c, p. 229).

Entre os fragmento decorados dignos de nota, destaca-se um que apresenta um tipo de decoração constituído por um duplo *guilhoché* aplicado em direcções opostas, de um lado e do outro de uma ranhura (3048) (Est. 4, n.º 3). Trata-se da “*double rouletted band*” de Hayes que conheceu o maior apogeu da sua difusão nos finais do século IV e inícios do século V (1972, p. 282), podendo enquadrar decoração estampada do estilo A.

O fragmento de *Scallabis* apresenta o fabrico característico da *sigillata* clara D1, com engobe alaranjado, que cobre apenas a superfície interna. Apresenta uma perfuração que poderá ter sido produzida para reparar a peça quando fragmentada.

Em *Conimbriga* o único exemplar que tem alguma semelhança com o nosso é o n.º 152 (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, est. LXXV) que corresponde a um duplo *guilhoché* de direcções contrárias separados por diversos sulcos que servem para enquadrar um motivo estampado, impossível de precisar.

O reduzido número de fragmentos decorados não permite que se retirem grandes conclusões. Verifica-se que a decoração estampada utiliza exclusivamente motivos geométricos e vegetais com uma cronologia geral que se centra nos finais do século IV e meados do século V, estando ausentes os motivos mais tardios. Este panorama não se afasta da maior parte dos sítos do actual território português que receberam este tipo de cerâmicas.



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA					TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA	ENGOBE			Observações	Fabrico	Cronol.
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Espess.	Brilho			
1323	—	C IX	17	3	Hayes t.33	2	fundo	—	—	5	2,5YR 5/8	2,5YR 5/8	fino	mate	decorado	D 1	m.séc.V
3048	97	—	Q 2	2	Indet.	1	fundo	—	—	6,8	2,5YR 6/6	2,5YR 6/6	fino	mate	decorado com duplo guilhocé. com furo de gato	D 1	fins IV- inícios V
3092	97	—	Q 3	0	Hayes t.2, 26 e 67	1	fundo	—	—	5,2	7,5YR 6/6 e 10R 4/6	10R 4/6	fino	mate	decorado estilo A seria D. pasta e engobe cozidos demais	D 2	350-450
23422	99	1	B	limp.	Hayes t. ?	1	fundo	—	—	6	2,5YR 6/6	2,5YR 6/6	fino	lustroso	decorado	D 1	
23577	99	1	B/C	89	Hayes t. 1, 5 e 26	1	indet.	—	—	6	2,5YR 6/6	2,5YR 6/6	fino	mate	decorado	D 1	450-475
24014	99	1	C	91	Hayes t.1 ?	1	fundo	—	—	3,6	2,5YR 6/6	2,5YR 6/6	fino	lustroso	decorado	D 1	

3.6.3. A sigillata africana de Santarém no quadro das importações para o ocidente peninsular

A importação de *sigillata* de origem norte africana para a Alcáçova de Santarém teve lugar durante um período superior a três séculos. De facto, conhece-se *sigillata* clara neste local desde sensivelmente a segunda metade do século II (forma Hayes 14/17 em *sigillata* clara A), tendo ficado evidenciado que as importações se prolongam até inícios do século VII, embora de forma vestigial (forma Hayes 110). O ritmo das importações não foi uniforme verificando-se um primeiro fluxo com algum peso, entre a segunda metade do século II e meados do século III. O auge das exportações africanas para a Alcáçova de Santarém ocorreu entre os meados do século IV e o terceiro quartel do século V.

O fabrico mais antigo de *sigillata* Norte Africana (clara A) é conhecido em Santarém, correspondendo a 4,80% do total destas produções, embora as formas mais antigas não estejam representadas. O período situado entre meados do século III e inícios do século IV, regista a chegada de escassos materiais produzidos em *sigillata* clara C sendo, a partir dos inícios do século IV e até ao terceiro quartel do século V, que as importações ganham maior peso. O comércio com o Norte de África só cessará já em inícios do século VII, embora, neste período, o volume de trocas efectuadas seja vestigial.

Em Conímbriga, são extremamente escassos os exemplares de *sigillata* clara A, apenas 22 exemplares, que terão atingido esta cidade a partir de meados do século II e inícios do século III. O motivo da fraca presença deste fabrico deve-se à presença, ainda significativa, da *sigillata* originária do território peninsular. Tal como em Conímbriga, o fabrico A, é muito escasso em Santarém podendo a explicação para este facto residir, entre diversos factores, na concorrência que a *sigillata* africana teve de enfrentar face aos produtos hispânicos.

A partir de meados do século III, a importação de *sigillata* clara C surge já em quantidades apreciáveis, sendo os tipo mais comuns as formas Hayes 45 e 50, tal como sucede em inúmeros outros sítios da bacia do Mediterrâneo. De assinalar que, em Mérida, mais de 50% das importações ocorre exactamente entre o primeiro quartel do século III e os inícios do século IV, verificando-se igualmente uma presença bastante significativa da formas Hayes 45 e 50. Comparativamente, este é o período em que Santarém recebeu menor número de *sigillata* africana.

Quer em Conímbriga quer em Mérida, a *sigillata* clara D é a mais numerosa, atingindo cerca de 70 % do total das produções de origem africana. No conjunto das formas identificadas em Conímbriga (680 exemplares) dominam as que são comuns nos inícios do

século IV e V. Estão presentes, ainda em número considerável, exemplares datáveis desde o primeiro quartel do século V a meados do século VII, tendo um carácter vestigial as peças posteriores.

Em Mérida, tal como em *Scallabis*, o maior número de peças importadas deste fabrico chegou entre meados do século IV e meados do século V. Este ressurgimento estaria relacionado, segundo Vasquez la Cueva (1989, p. 93) com a reactivação económica da cidade capital da Lusitânia. A cidade ganhará, após as reformas administrativas de Diocleciano, um novo fôlego enquanto sede de diocese. Em Mérida, as importações cessaram em meados do século V não se registando qualquer presença de *sigillata* tardia de proveniência oriental, como a *sigillata* foceense tardia ou a cipriota.

Em Valência, Paul Reynolds analisou o conjunto de *sigillata* africana reunida no Museu local, sem contexto estratigráfico, constituído por materiais que datam, genericamente, desde a segunda metade do século II até ao último período de exportação destes produtos (1984, p. 475). O fabrico C está bem representado, sobretudo no seu período clássico (C2), estando presentes as restantes variantes deste fabrico, C3 e C4. As formas mais tardias (C5), normalmente raras na Península, estão bem representadas em Valência. Quanto à *sigillata*

diferentes dimensões dos conjuntos. Contudo, procurarei analisar, por um lado, o início das importações que está inevitavelmente relacionado com a quebra das produções hispânicas e, por outro, o seu *terminus* que poderá estar ligado, à presença dos fabricos com origem no Mediterrâneo Oriental. Procurar-se-á também compreender os ritmos do abastecimento de *sigillata* africana nos diferentes locais.

Escavações recentes efectuadas em Montinho das Laranjeiras, sítio que já era conhecido desde os finais do século XIX, revelaram a existência de um conjunto de cerâmicas, cujo padrão de distribuição se afasta dos anteriormente analisados. Diversos factores, entre os quais não será estranha a sua localização junto à margem direita do Guadiana, contribuíram para que a presença humana naquele local tenha sido contínua desde o século I até ao período pós-islâmico (Maciel, 1993, p. 31-38)

Nas campanhas de escavação de 1990 e 1991, exumou-se um conjunto de cerca de duas centenas de fragmentos de *terra sigillata* clara, recentemente estudados por Helder Coutinho (1997). Deste, mais de metade (71%) foram atribuídas ao fabrico da *sigillata* clara A que veio a dominar o mercado anteriormente detido por Andújar. Na distribuição quantitativa e cronológica das formas, verifica-se que foi durante a segunda metade do século II que a importação deste tipo de material adquiriu maior importância, predominando as formas Hayes 6, 9 e 14 (Coutinho, 1997, p. 24). Igualmente presentes estão os fabricos A/D, tendo sido registado um único exemplar, além da *sigillata* clara C, C/E, D e E, juntamente com alguma cerâmica de cozinha. Quanto à *sigillata* clara C, que reúne apenas 7,50% do total da *sigillata* clara, a forma Hayes 50 é a mais frequente, o que não se estranha. O fabrico transitório C/E, tem uma presença bastante escassa, constituindo apenas 1% do conjunto, assim como é insignificante a *sigillata* clara E, que apresenta apenas 2 exemplares. A *sigillata* clara D representa 12% do total, com destaque para as formas Hayes 61A e 67 (Coutinho, 1997, p. 41). A exportação para o Montinho das Laranjeiras terá cessado no segundo quartel do século V, justificando-se tal facto com o clima de instabilidade provocado pelas invasões bárbaras.

Apesar do sítio de Montinho das Laranjeiras não ter sido reescavado na totalidade, considera-se que as cerâmicas recuperadas permitem retirar alguns dados interessantes sobre o comércio das produções cerâmicas norte africanas. No entanto, e tal como refere o próprio autor, para se obter um quadro mais completo do comércio nesta área geográfica, torna-se fundamental o estudo da realidade observada em Mértola. Efectivamente, os escassos dados disponíveis sobre as cerâmicas tardias de Mértola (Delgado, 1991) indicam que este núcleo urbano terá recebido produtos cerâmicos com origem no Próximo Oriente, nomeadamente *sigillata* focense e cipriota tardia, com cronologias que se situam entre os meados do século V e os meados do século VI (Delgado, 1991, p. 132). Neste contexto, penso que se torna difícil argumentar com uma suposta quebra no comércio do Guadiana no século V justificada pela escassez de *sigillata* do Oriente, quando elas atingem Mértola, pela mesma via, até meados do século VI, pelo menos. Os problemas causados pelas invasões vândalas nos próprios centros produtores norte Africanos terão aberto novas perspectivas para a comercialização dos produtos com origem no Mediterrâneo Oriental.

Os dados relativos à *terra sigillata* clara proveniente de Represas constituem um bom exemplo da dificuldade da investigação destas cerâmicas, por se tratar de material cuja proveniência exacta é desconhecida, e por ser escassa a informação relativa ao sítio. Situada no território da cidade de *Pax Iulia*, esta estação poderá, juntamente com os dados sobre as *villae* romanas de S. Cucufate, ajudar a compreender qual terá sido a forma de aprovisionamento da *sigillata* norte africanas para a área desta antiga cidade. Num conjunto de mais de 6500 fragmentos de *terra sigillata* (itálica, hispânica, sudgálica, clara, etc.), ape-

nas 1260 fragmentos foram atribuídos aos vários fabricos de *sigillata* clara (Lopes, 1994, p. 71 e ss.). No conjunto das produções norte africanas, a *sigillata* clara A tem um peso significativo (44,7%), sendo mais habituais as formas Hayes 9, 14/17, seguidas da forma Hayes 8 e 20. A *sigillata* clara C está pouco representada no conjunto da cerâmica Africana, com 15,1% do total, maioritariamente constituída pela forma Hayes 50. Este facto não se de estranha e sucede igualmente em Santarém, Conímbriga e Belo, onde aquela forma anda por vezes associada à forma Hayes 45.

A *sigillata* clara D tem também um peso assinalável, com 40,2% do total das cerâmicas africanas de Represas. Ao contrário do que sucede em Montinho das Laranjeiras onde este fabrico é já minoritário, no sítio do território de *Pax Iulia*, as formas Hayes 59, 61, 91, 67 e 58 são as mais abundantes.

O fim das importações Africanas de Represas situa-se em meados do século V, o que marcará eventualmente o abandono deste sítio cujas características e funcionalidade se desconhece, tal como sucede com inúmeras *villae* do Sul do território actualmente português (Lopes, 1994, p. 84).

Este *terminus* para as importações de produtos africanos é, aliás, comum a inúmeras outras *villae* do sul da Península Ibérica. Entre elas destaca-se a de S. Cucufate, com um vasto conjunto de *sigillata* tardia, onde as produções africanas são claramente maioritárias. Os ritmos do abastecimento de *sigillata* a S. Cucufate, indicam que a relativamente menor quantidade de *sigillata* Clara A (comparando com Conímbriga) está relacionada com a presença, ainda forte, da *sigillata* hispânica (Alarcão, Étienne e Mayet, 1990, p. 250). O período de maiores transformações da *villa* – fase final da *villa* II e início da *villa* III e abandono desta última – justificam a maior quantidade da *sigillata* Clara C e D (correspondente a meados do século IV). Apenas se apresentam dados para a distribuição das formas da *sigillata* clara D, notando-se que o padrão de importação não se afasta dos já expostos, com predomínio da forma Hayes 61, 59, 91 e 58, que somam 80% do total das *sigillatas* claras importadas (Alarcão, Étienne e Mayet, 1990, p. 48). É escassa a presença da *sigillata* foceense tardia (apenas dois fragmentos), um deles pertencente à forma 3 de Hayes, de meados do século V, não sendo raras as formas de *sigillata* clara D de meados do século V, o que demonstra que o final das importações deve ter ocorrido em torno desta data (Alarcão, Étienne e Mayet, 1990).

Quanto aos materiais de Miróbriga, os dados recentemente publicados dizem respeito a uma intervenção que colocou a descoberto um conjunto de estruturas (Quaresma, 1999, p. 74). Trata-se apenas de 26 fragmentos de *sigillata* clara D, das formas mais comuns, e *sigillata* foceense tardia (forma 3 de Hayes) que obrigam a prolongar a ocupação desta cidade até à segunda metade do século V ou inícios do século VI (Quaresma, 1999, p. 75). Anteriormente, Maria Maia apresentara dois fragmentos de *sigillata* clara A e um de clara D (Pereira, 1971, p. 439-40) a título de amostragem que seria representativa dos materiais de escavações anteriores, sem contexto definido.

Na Ilha do Pessegueiro, sítio de vocação comercial e industrial cuja principal actividade económica se relacionou com a produção de preparados piscícolas, o início das importações de cerâmicas africanas integra-se na fase II B. As formas documentadas demonstram que o abastecimento de *sigillatas* hispânicas à ilha começou a diminuir a partir da segunda metade do século II, estando os primeiros produtos africanos a atingir a ilha documentados pela forma Hayes 23, datada da primeira metade do século II (Silva e Soares, 1993, p. 102). Durante os séculos III e IV, continua a receber produtos africanos, neste caso os fabricos C e D (Silva e Soares, 1993, p. 113). No conjunto da *sigillata* presente na Ilha do Pessegueiro, a *sigillata* africana constitui cerca de um terço do total e, ao contrário do que sucede nos outros sítios, é a *sigillata* clara A a mais abundante. Estão presentes as

formas Hayes 23 B, 14 e 27. As formas típicas da *sigillata* clara C (Hayes 45 e 50) são as conhecidas no Pessegueiro, estando a *sigillata* clara D representada pelas formas Hayes 59, 61 e 91, o que, juntamente com a presença de ânforas Almagro 50 e 51 C, e de cerâmica de cozinha africana, marca o final da produção industrial, em finais do século IV/inícios do século V (Silva e Soares, 1993, p. 112).

Em Tróia, a publicação do conjunto da *sigillata* contempla os materiais provenientes de escavações antigas, recolhidos no Museu Nacional de Arqueologia (Étienne, Makaroun e Mayet, 1994). Trata-se de um conjunto maioritariamente constituído por produções africanas. Alguns dados relativos aos diferentes fabricos africanos, orientais e do Sul da Gália, tinham já sido objecto de estudo por parte de Maria Maia (1974, 1976, 1977 e 1978). A quantidade mais significativa de *sigillata* africana em Tróia diz respeito sobretudo ao fabrico D, encontrando-se igualmente representado o fabrico C. São escassas as importações iniciais, e o grosso das importações realiza-se entre os inícios do século IV, sendo praticamente inexistentes as relações comerciais com o exterior a partir da segunda metade do século V (Étienne, Makaroun e Mayet, 1994, p. 44). As formas mais frequentes de clara D são (por ordem decrescente) o tipo Hayes 67 e Hayes 67/71 (396 ex.), o tipo Hayes 61 (266 ex.), Hayes 59 (260 ex.) e Hayes 58 (129 ex.). São já raras as formas produzidas na segunda metade do século V, estando este período representado por algumas peças que correspondem a produções foceenses tardias (forma 3 de Hayes) e gálicas tardias (Étienne, Makaroun e Mayet, 1994, p. 47-48).

Os restantes dados de que se dispõe para o sul do território actualmente português foram reunidos ainda no final dos anos 60, por Manuela Delgado, que foi, sem dúvida, a investigadora que mais estudou a *sigillata* tardia, sejam africanas ou orientais, pois foi ela quem se debruçou igualmente sobre o conjunto de Conímbriga. No seu trabalho, baseado em colecções presentes em Museus do Alentejo e Algarve, destaca-se a maior quantidade de *sigillata* clara A (datada entre finais do século I até inícios do século III), relativamente ao que se detectara em Conímbriga. Este fabrico só raramente atingiria os mercados do centro e sul do nosso território, concorrendo com a presença forte, nestes locais, dos produtos hispânicos (Delgado, 1968, p. 42). A partir da segunda metade do século III e até fins do século IV a difusão dos fabricos C e D ter-se-ia expandido por todo o território.

Do Algarve, são igualmente provenientes alguns dados avulsos, nomeadamente a presença de três vasos, de formas fechadas muito pouco usuais, do sítio de Torre d'Ares (Tavira) (Nolen, 1994, p. 97). Como tive oportunidade de verificar, na exportação para o ocidente peninsular, da *sigillata* africana, são as formas abertas, facilmente empilhadas nos navios, que chegam em maior número. Em *Balsa*, foram identificadas as formas Hayes 134, 161 e 157, incluídas nas produções mais antigas da *sigillata* clara A (genericamente de inícios do século I a inícios do século II). Ainda neste fabrico inclui-se um biberão e um candil, embora sejam mais tardios. No conjunto de materiais recuperados neste sítio, encontram-se igualmente as formas abertas de *sigillata* Clara A, apesar de aqui não se detectar, a mesma frequência de formas que normalmente se conhecem para outros locais.

O fabrico C está muito mal representado em *Balsa*. Quanto à *sigillata* Clara D encontram-se as formas mais habituais, Hayes 67 e 76, sendo o final das importações marcado pela forma Hayes 104 A, datada de 530-580. Identificaram-se ainda três fragmentos de *sigillata* clara luzente e dois de *sigillata* foceense tardia da forma Hayes 3C ficando assim provado que o comércio do Mediterrâneo Oriental com o Algarve se manteve ainda activo no século V (Nolen, 1994, p. 102).

Para áreas geograficamente mais próximas de *Scallabis*, no vale do Tejo, seria de extrema utilidade dispor de dados referentes à cidade de Lisboa, porto marítimo essencial à com-

preensão desta região. Os trabalhos levados a efeito na Rua dos Correeiros, puseram a descoberto parte de uma fábrica de salga de época romana cujo abandono é datado pelos fragmentos de *sigillata* africana D que entulhavam um dos tanques de Salga (12), estão publicados alguns dados (Amaro, Bugalhão e Sabrosa, 1996, p. 205; Bugalhão, 2001). Este contexto, bem delimitado, associava um fragmento de *sigillata* clara C da forma Hayes 53 B, a um conjunto de ânforas de produção lusitana (Almagro 50 e 51 C) e diversas formas de cerâmica comum, o que prova que a fábrica terá cessado a sua produção em meados do século V. Proveniente de outros contextos, estão ainda expostas na exposição do Núcleo Museológico do BCP, outras peças de *sigillata* clara D (Hayes 61 A e 91 A), mas esta deve constituir uma reduzida amostra do espólio que esta escavação deve ter fornecido (AAVV, 1995, p. 36).

Recentemente, Dias Diogo e Laura Trindade deram a conhecer o material tardio proveniente de escavações antigas (1966/67) realizadas no teatro romano de Lisboa, embora não se conheça a sua proveniência exacta (Diogo e Trindade, 1999, p. 84). São apenas doze fragmentos de *sigillata* clara, com a presença de formas mais antigas, como a Hayes 14 A e 18 (de meados do século II e III), estando também representadas as formas Hayes 91, 73 e 67 com mais do que um exemplar, e as restantes apenas com um exemplar (formas 14 A, 18 e 50 A), o que indica que o abastecimento destes materiais a Lisboa poderá ter-se efectuado até aos meados do século VI. Completam-se ainda os mapas de distribuição da *sigillata* focense tardia e cipriotas com base nos dados reunidos por Manuela Delgado (1988 e 1991). Mantém-se, assim, o domínio quase absoluto da forma Hayes 3 também observado no território espanhol (Niето Prieto, 1984, p. 540-48), com uma cronologia entre meados do século V e meados do século VI. Em Lisboa, além da forma Hayes 3, está igualmente presente a forma Hayes 5, enquanto que, além de Mértola, só Santarém detém um fragmento do tipo Hayes 8, para além da mais comum forma Hayes 3. Diogo e Trindade indicam ainda a presença de *sigillata* cipriota tardia em Lisboa bem como uma série de ânforas com cronologias contemporâneas das cerâmicas africanas e orientais tardias (1999, p. 86).

No que diz respeito aos sítios da margem esquerda do Tejo, apenas se possuem dados recentes sobre a presença de duas taças com decoração de relevo aplicada, do fabrico C e da forma Hayes 52b com cronologia de finais do século III e inícios do século IV (Raposo e Duarte, 1999, p. 75-86). A importância da *sigillata* clara como elemento datante dos *terminus post quem* da produção de unidades industriais, está também presente no Forno 2 do Porto dos Cacos, onde se regista a presença de fragmentos do fabrico D, datados de meados do século V (Duarte e Raposo, 1996, p. 251).

Tal como em Lisboa, em Setúbal também é a *sigillata* clara que esclarece sobre o final da produção da fábrica de salga da Travessa Frei Gaspar. Estão presentes as formas Hayes 61 B e 73 A da primeira metade do século V (Silva, Coelho-Soares e Soares, 1986, p. 157).

Neste quadro que pretendi traçar existem alguns aspectos gerais, caracterizadores das exportações de *sigillata* africana para o ocidente Peninsular, a que gostaria ainda de aludir. O início das importações do fabrico A parece estar directamente relacionado com a presença das últimas exportações hispânicas e, normalmente, começa a ganhar algum peso a partir de meados do século II. Quanto ao fabrico C, de uma maneira geral verifica-se que as formas mais difundidas são os tipos Hayes 45 e 50. A última série de cerâmicas produzida no Norte de África, (fabrico D) está normalmente presente nos sítios estudados, com um peso mais significativo entre meados do século IV a meados do século V. De assinalar que é exactamente este tipo de cerâmicas que tem servido para datar as fases de abandono das unidades industriais de preparados piscícolas e de ânforas presentes no estuário do Tejo e do Sado. É também esta *sigillata* clara D que fornece a cronologia do final de ocupação de inú-

meras *villae* do Sul do território português. As formas mais habituais, dentro do fabrico D, são os tipos 58, 59, 61 e 91 que estão presentes na maioria dos sítios tratados.

O final das importações tem sido objecto de alguma discussão, considerando-se que os motivos que levaram à quebra de importações em meados do século V podem estar relacionados não só com factores internos, imputáveis à instabilidade provocada pela presença visigoda, mas também com problemas na própria produção (Nieto Prieto, 1984). Efectivamente, esta teria registado uma importante diminuição neste período, responsabilizando-se os bizantinos por este facto. Concordamos com as observações de Reynolds para Valência (1984, p. 481), pois no caso das áreas urbanas, deve estar-se atento às transformações que estas vão sofrer, concretamente na modificação do seu papel.

3.7. A *Sigillata* hispânica Tardia

3.7.1. Caracterização do fabrico, origem e difusão

Dentro da produção de *terra sigillata* hispânica distingue-se habitualmente dois momentos essenciais: os fabricos do século I e II e os do Baixo Império - do século III a inícios do século V. Esta *sigillata* hispânica tardia foi produzida apenas na área do Vale do Douro e Ebro e na meseta Norte, pois apesar de ainda hoje ser difícil marcar um final definitivo para as produções de Andújar, ele deve situar-se em meados do século II (Mezquíriz, 1981, p. 115). As dificuldades no estabelecimento de cronologias precisas para as diferentes formas relacionam-se com a escassez de trabalhos que assentem em estratigrafias seguras. Apesar disso, não existem dúvidas quanto à rarificação destas cerâmicas entre finais do século II e o século III, tal como afirma Mayet (1984).

Se atendermos aos materiais de Conímbriga, as produções tardias podem ter características idênticas aos grupos “E1 - pâte orange clair, pas très dure, avec dégraissant visible; “verniss” très orangé, léger et peu brillant, avec de larges taches brunâtres. E 2 - pâte orange foncé, fine et dure, présentant souvent un aspect feuilleté; “verniss” orange vif, brillant et de bonne qualité, avec parfois de larges taches brunes prenant des reflets métalliques.” (A propos, 1976, p. 47).

Beltrán aponta as seguintes características para as produções de La Rioja: “La pasta es de color rojo claro o anaranjado, de aspecto granuloso y porosa, com barnices brillantes o densos, de color oscuro y sin brillo o naranjas” (Beltrán, 1990, p. 118).

Entre as formas lisas, dominam os pratos de grandes dimensões, onde se nota um cruzar de influências da tradição hispânica a que se juntam elementos de outras produções tardias suas contemporâneas, como é o caso das cerâmicas africanas (Mayet, 1984, p. 272). Menos frequentes, as taças também estão representadas nesta produção, com uma variedade assinalável de perfis, como assinala Mayet (1984, p. 253).

Entre as formas decoradas, a que maior sucesso atingiu foi a taça Drag. 37 tardia. As peças decoradas podem pertencer ao chamado primeiro estilo que consiste na representação de pequenos motivos decorativos, separados por frisos. O segundo estilo, que é constituído por grandes círculos sob diferentes disposições, e que se situa, do ponto de vista cronológico, na segunda metade do século IV até ao século V, é dos mais característicos na *sigillata* hispânica tardia (Beltrán, 1990, p. 119). É também frequente a utilização de decoração de *guilhoché* ou estampada.

Estranha-se que na actualização recentemente efectuada por Mezquíriz a respeito da *sigillata* hispânica, a autora continue a considerar a existência de oficinas de época tardia na Lusitânia (Mezquíriz, 1981, p. 116). De facto, na publicação das *Fouilles de Conimbriga*, Manuela Del-

gado chamara a atenção para a existência de exemplares integráveis numa produção de *sigillata* que designou de “*sigillée tardive régionale*”, que distinguiu das produções hispânicas tardias (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975). Sucede que na mesa redonda realizada na sequência da publicação dos dados de Conímbriga, P. de Palol destacou a semelhança entre a *sigillata* tardia regional e a *sigillata* hispânica tardia e apontou mesmo, com base nos achados de Clunia e da região de Palencia, concretamente da *Villa* romana de La Olmeda (Pedrosa de la Vega), uma cronologia que se situa entre a época Constantiniana até aos meados do século V (A propos, 1976, p. 54). Este autor considera mesmo que a expressão mais correcta a utilizar é a de *sigillata* hispânica tardia “terminologie à la fois géographique et chronologique “ (A propos, 1976, p. 56). Com a publicação, em 1984, da sua obra sobre a *sigillata* hispânica, Françoise Mayet colocara também, e definitivamente, um ponto final nesta questão (Mayet, 1984, p. 251)

A difusão destes materiais fez-se, preferencialmente, nos “mercados correspondientes a las cuencas de los ríos Duero y Ebro en primer plano y de forma secundaria el área del Tajo” (Beltrán, 1990, p. 118). A este facto não é alheia a forte presença, a partir de meados do século II, das produções africanas, que dominam o mercado dos centros urbanos costeiros, com uma ampla difusão, também para sítios rurais do interior.

3.7.2. A sigillata hispânica tardia da Alcáçova de Santarém

3.7.3. Introdução

A *sigillata* hispânica tardia constitui 1,37% do conjunto de *sigillata* da Alcáçova de Santarém. As formas lisas são as mais abundantes, estando representados diversos tipos por apenas um exemplar. Nas formas decoradas, é a forma Drag. 37 que ocorre com maior frequência, com decoração do chamado segundo estilo (com motivos circulares) e a utilização de faixas de *guilhoché*. O conjunto é constituído, em grande medida, por fragmentos de reduzida dimensão o que dificulta, naturalmente, a sua correcta interpretação tipológica.

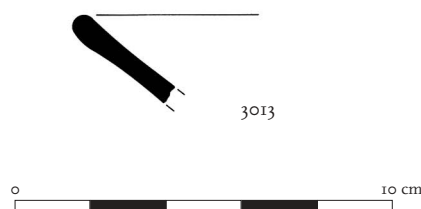
Distribuição das formas identificadas na sigillata Hispânica tardia (TSHT)

TSHT		N.º Frag.	NMI
Formas Lisas	Drag. 15/17	1	1
	Hisp. 5	3	2
	Hisp. 73	1	1
Formas Decor.	Drag. 37 t	4	3
	Decor. indet.	7	4

3.7.3.1. Formas lisas

3.7.3.2. A forma Drag. 15/17 tardia

Este prato de parede aberta, bastante característico da série hispânica do Alto Império, está representado, em Santarém, por um único exemplar de *sigillata* hispânica tardia. Esta peça não apresenta as características mais comuns desta produção, encontrando algumas semelhanças quanto à pasta e ao engobe, que podem fazer lembrar as produções hispânicas alto imperiais. O engobe encontra-se bastante destruído, mostrando má aderência à superfície da peça.



Quadro descritivo

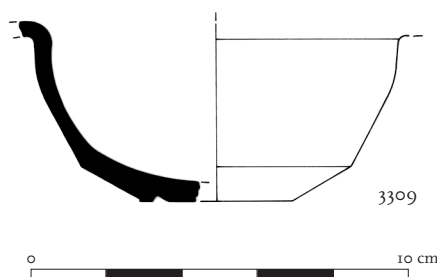
PROVENIÊNCIA				TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE			Observações	Cronol.
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad. UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homogeneidade		
3013	87	C 3		Drag. 15/17 tardia	1	bordo/parede	2,40	23,6	5	2,5YR 6/6	10YR 5/8	mate	fino	—	Engobe muito destruído	Séc. III-IV ?

3.7.3.3. A forma Hispânica 5 tardia

Esta forma, na sua versão tardia, pouco se afasta do seu original alto imperial.

Em Santarém, existem dois exemplares desta forma. Num deles (3309) são visíveis, no interior, as linhas produzidas pelo instrumento de alisamento. Verifica-se, igualmente, que o fundo interno já não possui qualquer revestimento. No bordo, apesar de bastante destruído, é visível um *guilhoché* grosseiro, no que resta da aba. Do outro exemplar, apenas resta parte do bordo em aba (23784), encontrando-se o engobe a escamar, em praticamente toda a superfície conservada.

As produções hispânicas tardias estão totalmente ausentes de Belo. Em Conímbriga esta forma não se encontra entre os exemplares de *sigillata* hispânica tardia.



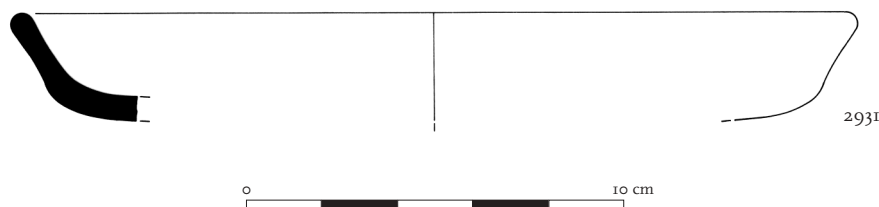
Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA				TIPO	FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE			Observações	Cronol.
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad. UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homogeneidade		
3309	87	C 4	I 14	Hisp. 5 tardia	2	bordo/parede/fundo	d.i. 80 ?	45,5	3,1	2,5YR 6/8	2,5YR 5/8	brilhante	espesso	não homogéneo	Guilhoché na aba, sinais de alisamento no int. e fundo int. sem engobe	—
23784	99	I	B	297	Hisp. 5 tardia	1	aba do bordo inc.	120		2,5YR 6/8	2,5YR 5/8	brilhante	fino	não homogéneo	engobe desapareceu quase total/. Superfície a escamar	—

3.7.3.4. A forma Hispânica 73

Julgo que a peça 2931 se poderá enquadrar nesta forma hispânica, que corresponde a um prato profundo com a parede vertical. Mezquíriz, com base nos materiais de Pamplona, indica uma cronologia a partir do século III (Mezquíriz, 1981, p. 164).

O exemplar escalabitano apresenta um diâmetro de 220 mm e já quase não conserva o engobe na superfície interna.



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO			FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE			Observações	Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.			Homogeneidade
2931	87	C.4	I.14	002 c	Forma	1	bordo/ parede	220	35,7	6	5YR 7/6-8	2,5YR 6-5/8	brilhante	fino	não homogéneo	Engobe desgastado na face interna	Séc. III

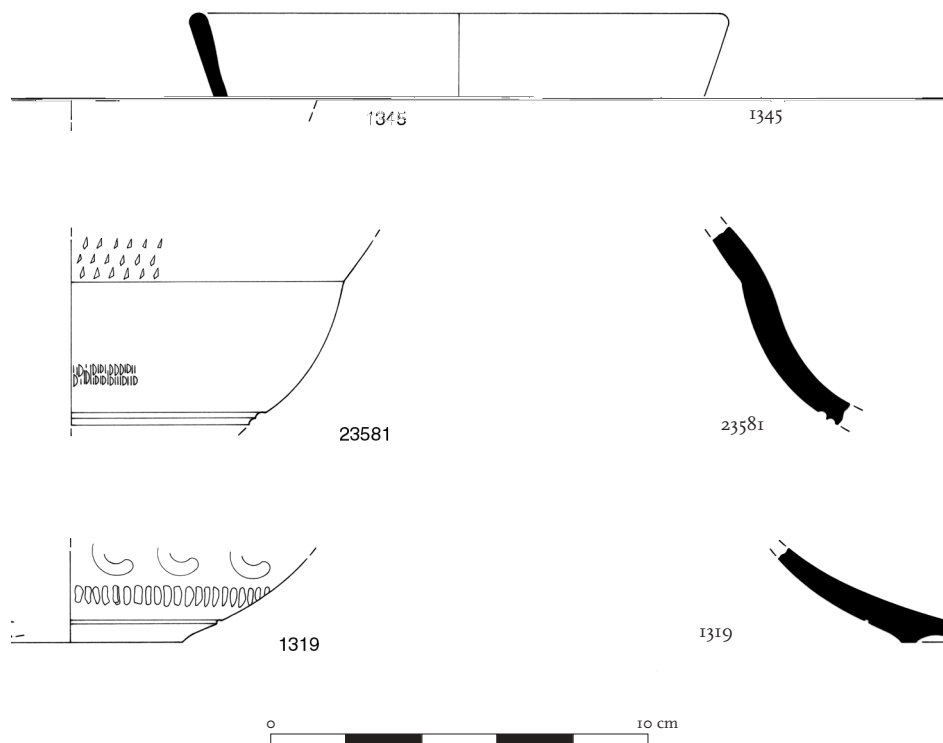
3.7.3.5. Formas decoradas

3.7.3.6. A forma Drag. 37 tardia

Esta forma, “tipicamente hispanica”, como refere Mezquíriz, é das mais comuns entre as produções tardias decoradas. Existem duas variantes, distinguindo-se a Drag. 37 tardia A da variante B, através da parte superior do bordo que é vertical na primeira versão, e tende a voltar-se sobre o exterior na segunda (Mezquíriz, 1981, p. 170). Estas diferenças têm significado cronológico, tendo a variante A uma cronologia do período entre o século III e os inícios do século IV, e a B, bastante mais tardia, do século IV a inícios do século seguinte (Mezquíriz, 1981, p. 170).

Em Santarém, existe um exemplar da forma Drag. 37 tardia B (23581) (Est. 4, n.º 8) e outros dois que nos oferecem algumas reservas quanto a uma correcta integração neste tipo e nas suas variantes (1319 e 1345). No primeiro caso (1319), trata-se de uma peça que apresenta duas faixas de decoração de *guilhoché*, uma sensivelmente a meio da parede hemisférica e outra no bordo, cuja parte superior tende a abrir (Est. 4, n.º 7). Apenas dispomos do limite inferior do bordo e por este motivo desconhece-se se aqui a decoração estaria ou não presente na totalidade da sua superfície exterior. Outro aspecto que merece menção são as linhas de alisamento visíveis na superfície interior da parede e junto ao fundo no interior e exterior. Esta peça apresenta uma mancha considerável de concreções calcárias, no seu interior. Segundo Mezquíriz, este tipo de decoração não é o mais habitual, embora esteja documentado em Clunia e Pedrosa (Mezquíriz, 1981, p. 170).

O fragmento de bordo 1345 pode pertencer igualmente a uma taça Drag. 37 tardia B, embora a sua atribuição se faça com reservas, ostentando igualmente decoração de *guilhoché* grosseiro, e apresentando um diâmetro da abertura de 150 mm.



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM			PASTA		ENGOBE			DECORAÇÃO		Cronol.	
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.		Descrição
1319	87	C 4	I 14	006 e 009	Drag. 37	2	fundo/parede	s.d.	31,7	6,5	2,5YR 6/4	10R 5-4/8	mate	fino	não homogéneo	Decoração formada por uma faixa de guiloché e uma linha de motivos circulares	Séc. III-V
23581	99	I	B	87	Drag. 37 tardia b	1	bordo/parede	s.d.	56,5	7,2	5YR 6/6	2,5YR 5/8	brilhante	fino	homogéneo	Faixa de guiloché a meio da parede hemisférica e nova faixa de guiloché no exterior do bordo	Séc. IV e inícios do V
1345	88	C 4	J 14 bq O	005	Drag. 37?	1	bordo	150	27,5	3,6	5YR 7-6/8	2,5YR 6-5/8	brilhante e mate	fino	não homogéneo	Engobe quase inexist. no ext. Sinais de guiloché grosseiro	Séc. III-V

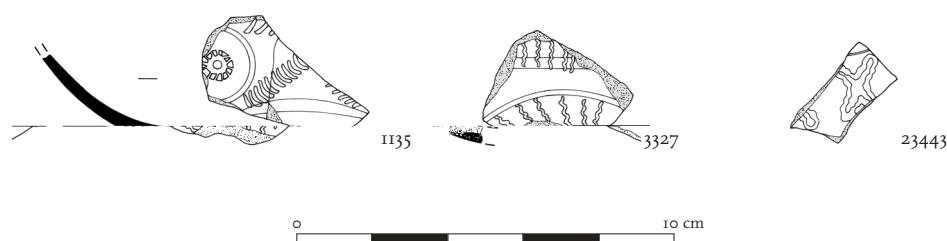
3.7.3.7. Outros fragmentos decorados

O conjunto de *sigillata* hispânica tardia de Santarém completa-se com uma série de fragmentos que pertenceram a quatro taças decoradas. A sua reduzida dimensão, além de não possibilitar qualquer integração nas tipologias de referência, dificulta igualmente a compreensão relativamente à sua decoração.

A peça 1135 (Est. 4, n.º 6) pode pertencer à forma decorada Drag. 37, mas a dimensão do fragmento não permite sabê-lo. Este é um exemplar bem representativo do segundo estilo decorativo das produções hispânicas tardias que corresponde à representação de motivos circulares. Trata-se de uma composição de círculos simples que incluem outros menores, segmentados, e que parecem alternar com cruces de Sto André, formadas por lúnulas. Pela reduzida dimensão que julgo esta peça teria, a decoração pode ter-se circunscrito a esta faixa decorada que ocupa a metade inferior da parede da taça, delimitada, em cima e em baixo,

por uma linha horizontal formada por uma canelura. O engobe desta peça é pouco espesso e mate, sendo irregular na sua aplicação quer na superfície externa quer na interna.

Os motivos circulares combinados com linhas onduladas estão presentes (3327, 23588) (Est. 4, n.º 5), assim como outros cruciformes (23443) e indeterminados (23704). Apesar de saber que uma das características desta produção é a existência de manchas acastanhadas, julgo que os sinais de exposição ao fogo (manchas negras) da peça 3327, podem ter origem em qualquer fenómeno pós-deposicional.



Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/ MM			PASTA	ENGOBE			DECORAÇÃO		Cronol.		
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Brilho	Espess.	Homog.	Descrição	Cronol.
1135	89	C 8		10	Drag. 37 (?)	2	parede	s.d.	26	3,5	2.5YR 6/6-8	2.5YR 6-5/8	mate	espesso	homogéneo	Decor de círculos simples que incluem outros segmentados alternando com cruces de Sto André formada por lúmulas (?)	Séc. III-V
3327		C 4	J 13	5	Taça	1	parede	s.d.	—	5			brilhante	fino	não homogéneo	Decor de motivos circulares e linhas onduladas verticais. Manchas negras na superfície. Sinais de alisamento na superfície interna	—
23443	99	1	C	?	Indet.	1	indet.	s.d.	—	4			mate	espesso	homogéneo	Motivo cruciforme	—
23588	99	1	C	79	Taça	2	parede	s.d.	—	6			mate	fino	homogéneo	Engobe quase totalmente inexist. Motivos circulares.	—
23704	99	1	B	26	Indet.	1	parede	s.d.	—	4			mate	espesso	não homogéneo	fragmento diminuto. Motivos indeterminados	—

3.7.4. A sigillata hispânica tardia de Santarém no quadro das importações para o território actualmente português e para a Lusitânia.

Apesar da escassa representação de sigillata hispânica, apenas 1,37%, a sua presença em Santarém é bastante significativa. A representação maioritária da forma Drag. 37 tardia B, decorada com motivos circulares e guilhoché é um dos aspectos a reter deste conjunto. Estão ainda presentes alguns fragmentos pertencentes a formas lisas.

Se é um facto que a presença dos produtos de Tricio foi importante nos finais do século I e século II, embora não tenha sido maioritária, a presença de sigillata hispânica tardia na Alcaçova mostra que as trocas comerciais baseadas em circuitos terrestres se mantêm activas durante o Baixo Império. Além das trocas com origem no comércio marítimo entre Santarém e o Norte de África ou o extremo Oriental do Mediterrâneo (Fócea), entre os séculos III e VI, (apesar de toda a instabilidade política e militar que normalmente se associa a este período), as ligações terrestres ao Vale do Douro e Ebro parecem ter-se

também mantido. Mayet salientara já que a difusão da *sigillata* hispânica tardia se faz preferencialmente na área setentrional da Península Ibérica, com concentração junto aos vales do Douro e do Ebro, de onde são originárias (Mayet, 1984, p. 274, fig. 10).

A *sigillata* hispânica tardia está totalmente ausente de Belo, num período em que são dominantes as produções africanas. De facto, além destas encontra-se também nesta cidade da Bética a *terra sigillata* luzente, estampada cinzenta, e os fabricos tardios orientais (*sigillata* focense e cipriota) (Bourgeois e Mayet, 1991).

Em Conímbriga, pelo contrário, a *sigillata* hispânica tardia constitui 8,33% do total da *sigillata* deste sítio. O conjunto reparte-se, como já foi mencionado *supra*, entre a *sigillata* hispânica e a chamada *sigillata* tardia regional (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975).

Sempre em percentagens muito reduzidas, esta *sigillata* encontra-se em Tróia, estando representada por escassos 0,36%. Mais uma vez, também neste sítio são as produções tardias africanas e orientais que registam proporções superiores, além da cerâmica estampada cinzenta (Étienne, Makaroun e Mayet, 1994, p. 27, 47 e 48).

As cerâmicas hispânicas tardias de São Cucufate constituem apenas 3,36% do total das produções de *sigillata* deste sítio. Os autores referem que a presença destes materiais é certamente devida ao papel dos *negotiatores* ligados a Mérida (Alarcão, Étienne e Mayet, 1990, 251). Em Represas, a percentagem de *sigillata* hispânica tardia é idêntica à registada em Santarém, mas, neste caso, a ausência de elementos sobre as características deste sítio comprometem uma melhor interpretação. Estes sítios, que se situam no território de *Pax Iulia*, constituem, até ao momento, o ponto mais meridional de difusão da *sigillata* hispânica tardia, em território nacional (Lopes, 1994, p. 93).

3.8. A *sigillata* focense Tardia

3.8.1. Caracterização do fabrico, origem e difusão

Deve-se a Waagé a identificação e definição do fabrico da cerâmica focense tardia, por ele designada *Late Roman C*. Posteriormente, Hayes incluiu este fabrico na sistematização que produziu para as cerâmicas romanas tardias, sendo apresentado como “The main competitor to the African wares in the East, from the fourth centuries onwards (...)” (Hayes, 1972, p. 323). Só mais recentemente, e graças a uma descoberta fortuita seguida de análises químicas levadas a efeito pelo Laboratório de Ceramologia de Lyon (Mayet e Picon, 1986, p. 129) foi possível identificar a sua área de produção na Fócea (costa ocidental da Turquia). Efectivamente, já em 1980 Hayes propusera, para este fabrico, a designação de *Phocean red-slip ware*, com base nas informações dos autores franceses e é ainda a sua tipologia que se utiliza habitualmente (Hayes, 1972, p. 323-370).

A tipologia proposta por Hayes abarca um conjunto de dez formas, entre tigelas e pratos, que se apresentam, normalmente, sem qualquer decoração. Quando decoradas, é empregue simplesmente o *guilhoché*, na superfície exterior do bordo ou no fundo interno das formas Hayes 3 e Hayes 5, ou é utilizada a decoração estampada. Esta é normalmente aplicada nos fundos internos dos grandes pratos ou tigelas e reparte-se em diversos grupos. Inicialmente os esquemas decorativos seguem a tradição da *sigillata* clara D norte africana (Hayes, 1972, p. 346). Trata-se de um conjunto relativamente reduzido de motivos aplicados que se combinam em padrões radiais. O Grupo II definido por Hayes é composto por pequenos motivos animais e florais e motivos cruciformes, ainda com semelhanças com os fabricos africanos. A disposição dos motivos pode ser concêntrica alternando ou com uma

ou mais faixas decoradas com *guilhoché*, ou apenas com séries de sulcos. A colocação do motivo isolado é menos comum neste grupo, generalizando-se no chamado Grupo III de Hayes, dominando, neste caso, os motivos cruciformes (Hayes, 1972, p. 346). Genericamente, a produção está datada entre século IV e o século VI.

Esta cerâmica caracteriza-se pela sua pasta laranja avermelhada, de textura fina, onde podem observar-se pequenas partículas esbranquiçadas de calcite e por um engobe muito fino, que tende a confundir-se com a própria pasta. Este cobre a totalidade da superfície da peça e apresenta a mesma cor que a pasta ou pode adquirir tonalidades mais escuras (vermelho escuro ou vermelho acastanhado). São também visíveis os sinais de alisamento das peças. Continua a designar-se este tipo de cerâmica como *sigillata*, mas, na verdade, esta expressão não será a mais correcta, pois o engobe já nada se assemelha ao das produções imperiais. De facto, o revestimento da cerâmica foceense tardia é pouco espesso e não tem a composição dos restantes fabricos de *sigillata*, e, por isso, mesmo tendo sido sujeito a temperaturas muito elevadas não passou pelo processo de sinterização.

A difusão deste fabrico no Ocidente atingiu Itália e França, alcançando igualmente a Grã-Bretanha, numa rota comercial atlântica que contorna a Península Ibérica (Mayet e Picon, 1986, p. 130). Em Espanha, foi Nieto Prieto que mostrou a difusão, essencialmente costeira, deste fabrico, cujo auge da produção ocorreu entre meados do século V e meados do século VI, momento em que as exportações para a Península atingiram igualmente o seu auge (Nieto Prieto, 1984, p. 544). Dada a conhecer pela primeira vez em Portugal por Maria Maia (Maia, 1974, p. 333-341), os estudos de síntese sobre esta produção devem-se a Manuela Delgado (Delgado, 1984, p. 35-49), tendo-se continuado, sucessivamente, a actualizar o mapa de distribuição destes produtos.

3.8.2. A *sigillata foceense tardia* da Alcáçova de Santarém

3.8.3. Introdução

O conjunto de cerâmica foceense tardia da Alcáçova de Santarém é reduzido, constituindo apenas 1, 25% do total da *sigillata* desta cidade. A quase totalidade dos exemplares recolhidos englobam-se na forma Hayes 3 (sete), e apenas um exemplar pertence ao tipo Hayes 8. A série de cerâmicas tardias completa-se com os fundos de dois pratos de forma indeterminada que apresentam decoração estampada. Pode datar-se genericamente de meados do século V a meados do século VI.

Distribuição das formas identificadas na *sigillata foceense tardia* (TSfoc)

TSFOC		N.º Frag.	NMI
Formas Lisas	Hayes 3	7	7
	Hayes 8	1	1
Formas Decor.	Decor. indet.	2	2

3.8.3.1. A forma Hayes 3

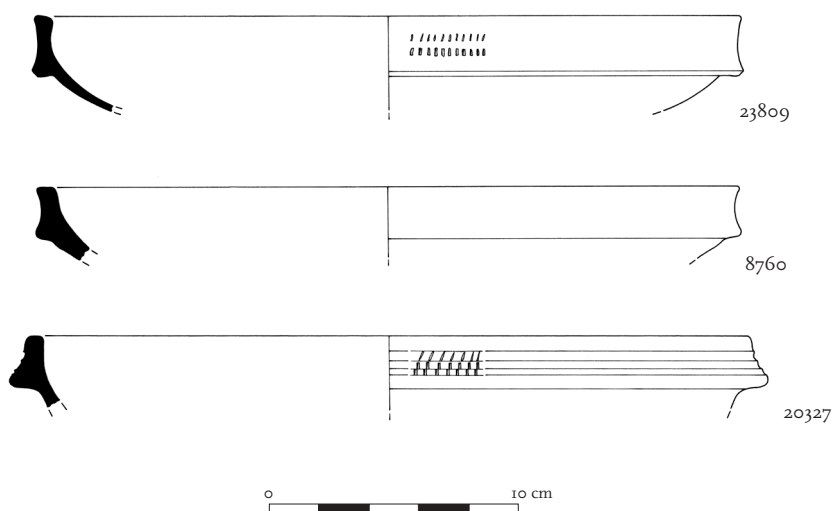
Esta forma corresponde a um prato ou tigela de bordo vertical com moldura. A parede pode ser mais ou menos encurvada ou rectilínea, produzindo vasos de maior ou menor profundidade. Hayes segue Waagé na definição da evolução da forma (...) “which consists

mainly in a progressive shortening and thickening of the rim, with the corresponding increase in the overhang at the bottom (...)" (Hayes, 1972, p. 329). O fundo apresenta normalmente um pé baixo. Quando se dispõe apenas de reduzidos fragmentos de bordo, nem sempre é possível identificar e distinguir as variantes apresentadas por Hayes.

Em Santarém, existem sete peças desta forma, que julgo pertencerem às variantes C e E, datadas por Hayes entre os meados do século V e os inícios do século VI (Hayes, 1972). A maior parte das peças apresenta *guilhoché* na superfície exterior do bordo, e em alguns dos casos esta superfície encontra tonalidades acastanhadas devido à cozedura. No exemplar melhor conservado desta série, são visíveis os traços do alisamento da parede externa. De uma maneira geral, os diâmetros rondam os 260-280 mm.

Em Conímbriga, encontraram-se quarenta exemplares desta forma, com claro domínio da variante B e C, sendo igualmente abundante a variante E (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 287). Do ponto de vista cronológico, verifica-se que os níveis em que foram encontradas as peças das variantes B e C, datados de 460-475, (data da destruição provocada pela invasão sueva) o que levou a propor-se uma cronologia para o início da produção, se não antes, pelo menos em meados do século V (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 287).

Em Belo, estão presentes as variantes C, D e F da forma Hayes 3, sendo datadas do período compreendido entre meados do século V e meados do século VI (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 375).



Quadro descritivo

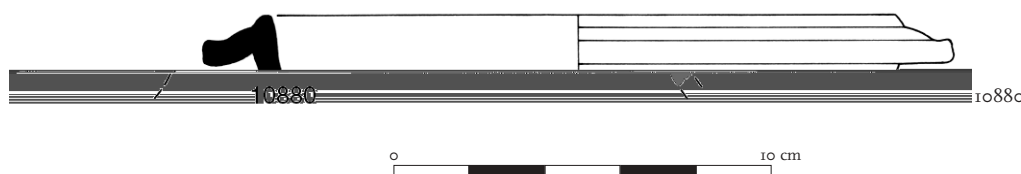
PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE		Observações	Cronol.		
N.º Inv.	Ano	Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor			Espess.	Brilho
8760	97		Q 7	2	Hayes 3	1	bordo/ parede	280	28,8	6,4	2,5YR 6/8	2,5YR 6/8 e 10R 5/8	fino	mate	ligeiro guilhoché no ext. do bordo, também mais escuro	m.séc.V- m.séc.VI
10418	97		Q 18	3	Hayes 3	1	bordo	260	21,5	7	2,5YR 6/8	2,5YR 6/8	fino	baço	—	m.séc.V- m.séc.VI
20327	99	1	B	1	Hayes 3	1	bordo/ parede	290	27	5	2,5YR 5/6	2,5YR 4/3	fino	mate	guilhoché no ext. do bordo que é acastanh.	m.séc.V- m.séc.VI
22150	99	1	B	17	Hayes 3	1	bordo	d.d.	14	—	2,5YR 6/6	2,5YR 5/4-6	fino	mate	frag. diminuto	m.séc.V- m.séc.VI
23418	99	1	B	265	Hayes 3	1	bordo/ parede	d.d.	24	4,8	2,5YR 6/8	10R 4/4	fino	mate	guilhoché no ext. do bordo que é acastanh.	m.séc.V- m.séc.VI
23809	99	1	B	306	Hayes 3	1	bordo/ parede	280	38,3	4	2,5YR 6/8	2,5YR 6/8 e 2,5YR 4/1	fino	mate	guilhoché no ext. do bordo que é acastanh. no seu limite inf. Sinais de alisamento na parede ext	m.séc.V- m.séc.VI
23344	99	1	C	161	Hayes 3	1	bordo/ parede	260?	23,5	4,3	2,5YR 6/8	2,5YR 6/8	fino	mate	engobe quase total/ destruído. Ligeiro guilhoché no ext. do bordo	m.séc.V- m.séc.VI

3.8.3.2. A forma Hayes 8

Esta forma corresponde a uma tigela, cujo traço morfológico mais relevante é a presença de um bordo em aba, côncavo e moldurado, estando datado por Hayes da segunda metade do século V ou posteriormente (Hayes, 1972, p. 342).

Em Santarém, existe apenas uma peça com esta forma que possui as características genericamente apontadas para este fabrico e mede de diâmetro de abertura cerca de 200 mm.

Em Conímbriga, esta forma não foi identificada, mas está representada em Belo por dois exemplares de reduzida dimensão (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 375).



Quadro descritivo

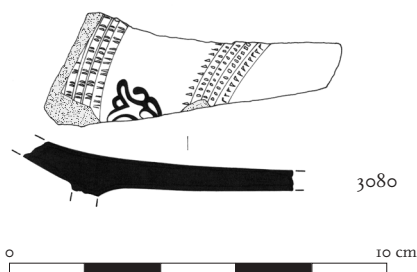
PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE			Observações	Cronol.
N.º Inv.	Ano Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Espess.	Brilho		
10880	97	Q 11	2 A	Hayes 8	1	bordo/ parede	200	16	5,5	2,5YR 6/8	2,5YR 5/8	fino	baço	—	m.séc.V- m.séc.VI

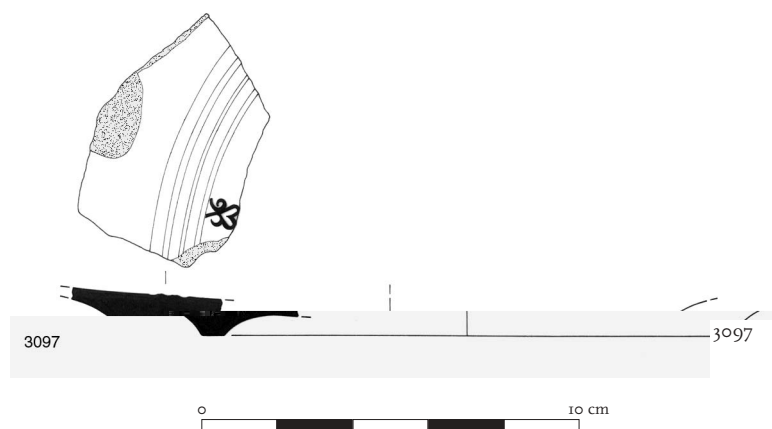
3.8.3.3. Fragmentos decorados

Como já se referiu *supra*, Hayes individualizou, nesta produção, uma série de conjuntos decorativos, agrupados não só de acordo com os motivos, mas também pela disposição em que são aplicados no fundo de grandes pratos e tigelas.

Encontraram-se em Santarém apenas dois fragmentos de fundo com duas estampilhas atribuíveis às oficinas foiceenses. Um dos exemplares, (3097) (Est. 4, n.º 10) apresenta decoração estampada, decoração essa que corresponde a um motivo de palmeira estilizada com volutas do tipo 8 de Hayes, integrável no “*palm-branch style*” cuja cronologia pode remontar a 360 (Hayes 1972, p. 351, n.º 8, fig. 73 e e f e p. 347). Neste caso, o motivo devia repetir-se em torno da parte central do fundo, estando enquadrado por uma série de sulcos concêntricos.

A outra peça decorada é o exemplar 3080 que ostenta decoração com o motivo do *cantharus* bastante estilizado (Est. 4, n.º 9). Na sua versão mais tardia, datada do início do século VI, este motivo encontra o topo e a parte inferior separadas o que não sucede com o exemplar escalabitano (Hayes, 1972, p. 363, n.º 60, fig. 79 d). Apesar disso, no conjunto de *canthari* repertoriado por Hayes, este é o motivo que mais se assemelha ao de Santarém, já que os exemplos em que a parte superior e inferior estão ligadas têm formas bastante diferentes da peça da Alcáçova. Este motivo está enquadrado por duas faixas de *guilhoché*.





Quadro descritivo

PROVENIÊNCIA		TIPO		FRAGMENTO		DIMENSÕES/MM			PASTA		ENGOBE			Cronol.	
N.º Inv.	Ano Sect.	Quad.	UE	Forma	N.º Frag.	Frag.	D.B.	Alt.	E.P.	Cor	Cor	Espess.	Brilho		Observações
3097	94/ 95	Q 14/ 17E	15	Prato	1	fundo	2.5YR 6/8		2.5YR 5/8	fino		mate		Palmeta tipo 8 de Hayes, p. 351, fig. 73 e. f.	360-490
3080	97	Q 1	2	Prato	1	fundo	2.5YR 6/6		2.5YR 6/6	fino		mate		Cantharus tipo 60 de Hayes, p. 363, fig. 78 d	início. séc.VI

3.8.4. A sigillata *Foceense Tardia* de Santarém no quadro das importações para o território actualmente Português e para a Lusitânia

A *sigillata* foceense tardia é escassa em Santarém e corresponde apenas a 1,25% do conjunto da *sigillata*, mas apesar disso a sua presença não é menos significativa. Esta proporção é idêntica em sítios como Conímbriga, Belo e Miróbriga, respectivamente 1,7%, 1,31% e 1,2%, sendo superior à de outras estações arqueológicas do período romano como S. Cucufate, Represas e Tróia (com 0,058%, 0,06% e 0,28%). Efectivamente, sabemos que o quadro das importações de *sigillata* para a Alcáçova aponta para um decréscimo significativo a partir dos finais do século I ou inícios do século II, mas a cidade não permaneceu fechada sobre si mesma, continuando a beneficiar das relações comerciais que se mantinham tendo por base a bacia do Mediterrâneo. Ora é neste contexto que devemos analisar a presença da *sigillata* tardia com origem no Mediterrâneo Oriental, pois constitui uma prova cabal da permanência de relações baseadas no comércio marítimo até, pelo menos, aos meados do século VI. Apesar de Hayes organizar a sua tipologia com base em dez formas diferentes, em Santarém, e tal como sucedeu nos restantes sítios do território hoje português, a forma Hayes 3 é a mais representada, estando também presente a forma Hayes 8, que regista apenas uma aparição no nosso território, em Mértola (Delgado, 1988, p. 45).

No conjunto, o período de maior afluência destes materiais a Santarém parece coincidir com a época de maior produção, que se situa entre meados do século V e meados do século VI.

Em *Conímbriga*, regista-se a presença massiva da forma Hayes 3 encontrando-se igualmente representada a forma Hayes 5. Estão ainda presentes diversos fundos com decoração estampada que podem, ou não, corresponder a outras formas (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 286 e 287). Em Belo, além da habitual preponderância da forma Hayes 3, estão presentes exemplares da forma Hayes 8 e 10, além de uma peça que as autoras identificaram como de uma variante inédita da forma Hayes 6 (Bourgeois e Mayet, 1991, p. 374 e 375).

O estudo das cerâmicas africanas tardias emeritenses, levado a cabo por Vázquez de la Cueva, colocou em evidência que “En Mérida, de momento, hay que constatar la total ausencia de Late Roman C, cerámica de origen oriental que en las primeras décadas de ocupación vándala del Norte de África, había sustituido a la cerámica africana en los mercados occidentales, hasta que los productos africanos vuelven a difundir-se a raíz de la conquista bizantina “ (Vázquez de la Cueva, 1985, p. 96). Deste modo, a importação de *sigillata* cessou com a chegada dos últimos produtos norte africanos em meados do século V.

Em Espanha, o estudo da presença da cerâmica focense tardia permitiu estabelecer o quadro das importações, em que sobressai a difusão, sobretudo, da forma Hayes 3, em quantidades reduzidas (Nieto Prieto, 1984, p. 540-548). Cronologicamente, este comércio com o sector oriental do Mediterrâneo centra-se entre meados do século V e meados do século VI e, segundo Nieto Prieto, a fase final destas relações comerciais ficou a dever-se à instabilidade crescente provocada pela presença Bizantina (Nieto Prieto, 1984, p. 547).

A existência de colónias de comerciantes orientais nos séculos V-VII na Península Ibérica, já há muito havia sido apontada por Garcia Moreno com base nas fontes disponíveis, tendo observado a sua distribuição sobretudo na faixa costeira e junto a importantes vias fluviais (Garcia Moreno, 1973, p. 127-154). Na área da antiga Lusitânia, são os núcleos do vale do Guadiana e da área de *Olisipo* os assinalados por este autor.

No território português tem sido M. Delgado quem tem sistematizado a informação disponível sobre a cerâmica focense tardia (Delgado, 1984, 35-49), integrando dados anteriormente recolhidos por Maria Maia sobre o espólio de Tróia (Maia, 1974). Apesar de existirem dez formas, apenas se encontram em território nacional os tipos Hayes 2, 3, 5 e 8, e entre estes, nota-se uma clara preponderância da forma Hayes 3 já que terá sido a forma mais produzida entre meados do século V e meados do século VI (Delgado, 1984, p. 40). Da leitura dos quadros e mapas distributivos, sobressai a grande quantidade de sítios apenas com um exemplar. Santarém poderá integrar-se na série de sítios cujo número de exemplares ronda a dezena ou dezena e meia, como é o caso de Braga, de Tróia e Mértola, o que é bastante significativo. Refira-se que o número de peças de Santarém se eleva a dez se incluirmos o exemplar de *sigillata* focense tardia da Alcáçova de Santarém anteriormente publicado por Dias Diogo (Diogo, 1984, p. 123, n.º 22, est. III). Se é arriscado falar-se de um ressurgimento da cidade apenas com base na relativa abundância destas cerâmicas, o que é facto é que existem outros dados que se podem associar relativamente ao percurso da cidade nos momentos iniciais da expansão do Cristianismo. É tentador relacionar os dados arqueológicos com o bispo nascido em Santarém, João Biclarense, que teve ligações documentadas com o Oriente, nomeadamente com Constantinopla. Em Mértola, além dos inúmeros testemunhos arqueológicos deste período, as cerâmicas focenses tardias atingem esta cidade juntamente com um exemplar de *sigillata* cipriota da forma mais comum desta produção, datados de meados do século V (Delgado, 1992, p. 125-133).

De uma maneira geral, verifica-se que o quadro das importações deste tipo de *sigillata* para o território português, apresentado por M. Delgado se mantém actual, acrescentando-se recentemente os dados divulgados por Dias Diogo e L. Trindade em que se inclui o exemplar anteriormente identificado em Santarém, os materiais de Lisboa e da Comenda (Setúbal) (Diogo, Trindade, 1999, p. 83-95).